

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-graduação em História**

Franciely Carolina Dos Santos

**UM POLONÊS ENTRE OS VITORIANOS:**

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE BRONISLAW MALINOWSKI**

Belo Horizonte

2023

FRANCIELY CAROLINA DOS SANTOS

**UM POLONÊS ENTRE OS VITORIANOS:  
A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE BRONISLAW MALINOWSKI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Lúcio Leitão Condé

Belo Horizonte

2023

907.2 Santos, Franciely Carolina dos.  
S237p Um polonês entre os vitorianos [manuscrito] : a  
2023 trajetória intelectual de Bronislaw Malinowski /  
Franciely Carolina dos Santos. - 2023.  
185 f.  
Orientador: Mauro Lúcio Leitão Condé.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Antropologia - História - Teses.  
3. Malinowski, Bronislaw, 1884-1942. I. Condé, Mauro Lúcio Leitão . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**"Um polonês entre os vitorianos: a trajetória intelectual de Bronislaw Malinowski"**

**Franciely Carolina dos Santos**

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Mauro Lúcio Leitão Condé - Orientador  
UFMG

Prof. Dr. Levindo da Costa Pereira Junior  
Egresso da UFMG

Profa. Dra. Marina Silva Duarte  
UFMG

Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Levindo da Costa Pereira Júnior, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mauro Lucio Leitão Conde, Professor do Magistério Superior**, em 19/12/2023, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Silva Duarte, Professor(a)**, em 22/02/2024, às 22:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2828236** e o código CRC **AB927382**.

---

**Referência:** Processo nº 23072.271650/2023-94

SEI nº 2828236

Dedico esta dissertação ao meu pai, Emerson, que sempre me incentivou a estudar, e à minha primeira orientadora e amiga, Angela Paiva, a quem eu serei eternamente grata.

## **AGRADECIMENTOS**

Acredito que tudo o que propomos a fazer ou realizar na vida, contamos e precisamos da ajuda e do apoio de algumas pessoas. Na trajetória acadêmica, principalmente, não é diferente. O caminho é longo e, em cada fase (graduação, mestrado ou doutorado), conhecemos pessoas que colaboram com o nosso trabalho e transformam nossa maneira de enxergar o mundo. Essas pessoas seguram nossas mãos quando as coisas ficam difíceis (e só quem vive sabe o quanto é difícil) e nos conforta para não desistirmos. Por isso, eu acredito que, a cada sonho que realizamos, nele, existe um pedacinho de pessoas queridas que acreditaram e investiram um pouco do tempo delas em você, isto é: tecendo críticas construtivas sobre seu projeto; oferecendo apoio emocional; vibrando por nossas conquistas; e entre infinitas coisas boas que eu poderia ficar escrevendo por horas. Por causa disso, por meio dos meus sentimentos mais sinceros, gostaria de expressar alguns agradecimentos para as pessoas que facilitaram a minha jornada até aqui. A ordem de descrição não representa a importância. Todos são especiais para mim.

À Capes, agradeço pela concessão da bolsa que me permitiu investir grande parte do meu tempo na minha pesquisa e obter um resultado satisfatório.

Ao meu querido orientador, Dr. Mauro Lúcio Condé, uma das pessoas mais admiráveis que tive a oportunidade de conviver nesses dois anos, agradeço por iluminar os dias sombrios com seu carisma, a sua sensibilidade e, principalmente, a sua energia tranquila. E, também, por acreditar na minha pesquisa. Após os nossos encontros, eu me sentia capaz de realizar qualquer coisa. Por isso, ter tido a oportunidade de ser orientada por você, significou muito. Logo, eu já me considero uma “condeniana”.

À professora Dra. Marina e ao Dr. Levindo, agradeço por terem aceitado participar da banca de qualificação e defesa, e, também, pelas observações pertinentes em relação ao meu trabalho.

À minha primeira orientadora, Ma. Angela Paiva, agradeço por ter acreditado no meu potencial e por ter segurado na minha mão dizendo sempre: “vai dar tudo certo”. Além disso, sou eternamente grata por me apresentar e

ensinar tanto sobre antropologia. E, também, por me confortar com suas palavras de sabedoria e seu olhar sensível nos momentos que mais precisei. Conhecer você e ser incentivada a ler Mariza Peirano foi a virada de chave que eu precisava para entender a minha vontade de estudar outras culturas e também para despertar o interesse de conhecer a maneira dos antropólogos de enxergarem o mundo.

Ao grupo de Historiografia da Ciência e Epistemologia, agradeço por todo acolhimento e carinho que tiveram comigo e com o meu objeto de pesquisa. Graças a vocês, pela primeira vez, eu me senti parte de algo importante na minha jornada acadêmica. Gostaria de ressaltar que admiro o trabalho individual de cada um (Andréa, David, Thiago, Fernanda, Luana, Elizabeth Rouwe, Evelim, Thiago Araújo, Katiana).

À minha professora da graduação, Dra.Vanda Praxedes, agradeço por todo carinho que recebi e, principalmente, pelas palavras de conforto e incentivo no período que eu estava aplicando para o mestrado. Sempre que estou ansiosa e acabo questionando o meu lugar na carreira científica, lembro-me da conversa que tivemos por áudio e você me confortando, como: “vai ficar tudo bem”, “processos seletivos são cansativos mesmo”, “você vai conseguir”, “mantenha a calma”, porque, na sua perspectiva, eu não podia desistir, uma vez que, nas suas palavras: “o meio acadêmico precisava de mais pessoas como você”. Confesso que foi surreal escutar de Vandinha Praxedes, uma das pesquisadoras mais importante que já conheci, que eu era alguém para agregar.

Ao meu querido amigo, Gabriel Moura, agradeço por todo apoio e incentivo à minha carreira acadêmica. Você foi um exemplo nobre de veterano de curso, apesar de considerá-lo mais que um veterano, você foi o irmão mais velho que eu sempre quis ter.

À minha professora de escrita acadêmica e revisora, Késsia, agradeço por todas as dicas sobre regras gramaticais. Meu Deus! Eu não sei o que seria de mim sem você. Essa convivência nos levou para vários momentos incríveis, desde assuntos complexos sobre política e sociedade até sessões de terapia e fofocas do cotidiano. Mas, o melhor ficava para o final de cada conversa sincera sobre esses assuntos, a nossa célebre frase: “Quem somos nós para julgar?”. Hoje, eu te considero uma amiga e sei que é recíproco. Espero que



você tenha aprendido um pouco sobre o papel do historiador, porque eu aprendi muito com você (gramática), mais do que todos os anos juntos da minha trajetória escolar.

Ao meu pai, Emerson, agradeço por toda a educação que me deu. Apesar das diversas dificuldades e adversidades da vida, você fez o melhor que podia e conseguiu obter bons resultados. Hoje, consigo entender a minha sede pelo conhecimento. Decerto, eu fui incentivada por você que sempre me dizia na infância que eu tinha que estudar. Até hoje, escuto sua voz na minha cabeça. E o que mais me marcou do seu incentivo foi a lembrança de escutar você comentando sobre a importância dos estudos. Nos seus olhos, havia sempre um brilho intenso de emoção e aventura, como se estudar fosse algo mágico que eu precisava, definitivamente, experimentar. E você tinha razão, ter e produzir conhecimento das coisas é uma sensação mágica. Por isso, sinto muito orgulho de ter você como pai. Além disso, sou eternamente grata pelo senhor ter andado, a pé, por horas, para que, dessa forma, meu irmão e eu fôssemos, confortavelmente, a cavalo, às seis da manhã, para pegar o ônibus e termos a chance, que você não teve, de estudar.

À minha mãe, Elizângela, agradeço por ter cultivado, inconscientemente, a minha curiosidade e necessidade de conhecer outras culturas e, conseqüentemente, direcionado-me para o caminho da História e da Antropologia. Desde criança, eu já sabia que queria conhecer outras culturas e conectar-me a elas. No entanto, até assistir as aulas de Antropologia na graduação, eu não entendia como havia surgido esses interesses que ultrapassavam as fronteiras do Brasil. Logo após estudar sobre o conceito de cultura e entender um pouco o seu processo, lembrei-me da minha infância e de conteúdos que você, mãe, consumia. Cresci em um ambiente no qual era permitido assistir apenas novelas mexicanas. Os desenhos, em sua maioria, eram produções japonesas. As músicas transitavam desde artistas americanos (Cyndi Lauper, Bryan Adams, Rod Stewart, Céline Dion, Madonna, Guns N' Roses, Bon Jovi, entre outros) até as cantoras latinas (Thalía e Shakira) e também a artista italiana Laura Pausini. Os filmes, em sua maioria, eram produções estadunidense. Então, após perceber o ambiente que eu havia crescido, possuindo todo o incentivo artístico da minha mãe, penso que o meu

interesse pela Antropologia não seria diferente e o meu fascínio por essa área acabaria acontecendo em algum momento da minha vida.

Ao meu marido, Luan, agradeço pela família que somos e por tudo que você faz por mim. Com você ao meu lado, sei que posso alcançar o que eu quiser. Nós já conseguimos tanto, e Deus sabe o quanto sou grata por ter você todos os dias comigo. Obrigada por ser o meu primeiro aluno de história da antropologia e ficar animado quando conto as fofocas dos bastidores da vida de Malinowski. Os momentos que tomamos café juntos e conversamos sobre política, questões sociais, ciência, filmes e jogos são os instantes mais preciosos do meu dia. Desejo para todas as pessoas do mundo que elas possam ter a oportunidade de conhecer e conviver com uma pessoa como você. Sobretudo, por você ser uma pessoa tão inteligente e incrível, e que, na minha perspectiva, Deus precisava repetir a fórmula com outros seres humanos.

Aos meus gatos, Atena e Júpiter, agradeço por serem minha companhia diária e por serem meu porto seguro de beijos e abraços.

À minha amiga e afilhada, Naiara, agradeço por todas as vezes que mencionei, no ensino médio, que eu me tornaria pesquisadora e estudaria em Havard, e você vibrou pelo meu sonho, mesmo estando distante. Além disso, você sempre dizia que podia ver isso acontecendo. A sua crença e confiança, que continuam inabaláveis sobre os meus objetivos, trazem a mim a confirmação de que estou seguindo o caminho certo.

À minha prima e amiga, Daniela, agradeço por ser uma inspiração e por todo carinho, incentivo, conselhos e acolhimento que recebi nessa jornada. O seu apoio me deu forças nos momentos que mais precisei.

## RESUMO

A presente pesquisa busca analisar e compreender, por meio de uma biografia intelectual, as tensões da dualidade na trajetória intelectual do etnógrafo Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) que corroboraram para a mudança no método etnográfico. Na história de constituição e consolidação da antropologia, enquanto um campo autônomo do conhecimento científico das ciências sociais, é possível identificar alguns momentos de transformação e de rupturas teórico-metodológicas e epistemológicas. No final do século XIX e início do século XX, demarcando uma posição crítica em relação ao conhecimento, de certa forma, fundamentado em relatos e dados coletados por viajantes, missionários e administradores de distritos colonizados, a “observação participante direta”, realizada por pesquisadores com “rigoroso treinamento científico”, é apresentada e defendida pela antropologia moderna como método adequado à elaboração do conhecimento sobre a cultura e o ser humano. Temos, então, o primeiro momento a partir do qual entende-se que a etnografia científica é a especificidade do fazer antropológico. Alguns antropólogos têm relevante contribuição e reconhecimento por seus pares como referência nesse processo. Por isso, o recorte analítico, aqui proposto, deu-se considerando, por um lado, as elaborações de um antropólogo que pode ser localizado como partícipe da “antropologia moderna positivista”, a saber: Bronislaw Malinowski, uma das principais expressões da antropologia social britânica e do paradigma estrutural-funcionalista. Diante de tal perspectiva, argumentamos que é imprescindível uma reflexão histórico-social que nos permita apreender o contexto no qual esse antropólogo elaborou suas concepções acerca da etnografia e do “objeto” de estudo antropológico, assim como suas concepções sobre o ser humano, sobre o mundo e de como ocorreu a elaboração de conhecimento acerca das interações socioculturais estabelecida. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que tais concepções não resultam de uma elaboração individual e descolada do contexto histórico-político-econômico-cultural no qual o pesquisador, simultaneamente, é constituído e se constitui numa trajetória acadêmico-intelectual e profissional. Logo, um olhar para a obra etnográfica de Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* ([1922] 1986), e o seu diário pessoal, *Um diário no Sentido estrito do termo* ([1967] 1997), fez-se necessário como fonte, a partir do qual nos propomos a apreender tais transformações e rupturas, e, ainda, uma revisão bibliográfica que nos permita um diálogo com autores que abordem a história da formação do campo teórico-metodológico e epistemológico da antropologia.

**Palavras-Chave:** História da antropologia; Antropologia moderna; Paradigma estrutural funcionalista; Malinowski; Etnografia.

## **ABSTRACT**

This research seeks to analyze and understand, through an intellectual biography, the tensions of duality in the intellectual trajectory of the ethnographer Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) that corroborated the change in the ethnographic method. In the history of the constitution and consolidation of anthropology as an autonomous field of scientific knowledge in the social sciences, it is possible to identify some moments of transformation and theoretical, methodological and epistemological ruptures. At the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth century, marking a critical position in relation to knowledge, somehow, based on reports and data collected by travelers, missionaries and administrators of colonized districts, the "direct participant observation", conducted by researchers with "rigorous scientific training", is presented and defended by modern anthropology as an appropriate method for the development of knowledge about culture and human beings. We have, then, the first moment from which it is understood that scientific ethnography is the specificity of anthropological work. Some anthropologists have made relevant contributions and are recognized by their peers as references in this process. For this reason, the analytical cut proposed here was made considering, on the one hand, the elaborations of an anthropologist who can be located as a participant in "modern positivist anthropology", namely: Bronislaw Malinowski, one of the main expressions of British social anthropology and the structural-functionalist paradigm. From this perspective, we argue that it is essential to reflect upon the social and historical context in which this anthropologist developed his conceptions of ethnography and the "object" of anthropological study, as well as his conceptions of the human being, of the world, and of how the elaboration of knowledge about established socio-cultural interactions occurred. In this sense, we start from the assumption that such conceptions are not the result of an individual elaboration detached from the historical-political-economic-cultural context in which the researcher is simultaneously constituted in an academic-intellectual and professional trajectory. Thus, a look at Malinowski's ethnographic work, *Argonauts of the Western Pacific: an account of the undertaking and adventure of the natives in the archipelagos of New Guinea Melanesia* ([1922] 1976), and his personal diary, *A Diary in the Strict Sense of the Term* ([1967] 1997), was made necessary as a source, from which we propose to apprehend such transformations and ruptures, and, also, a literature review that allows us a dialogue with authors who address the history of the formation of the theoretical-methodological and epistemological field of anthropology.

**Keywords:** History of Anthropology; Modern anthropology; Structural functionalist paradigm; Malinowski; Ethnography.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo I: As dualidades na trajetória intelectual de Bronislaw Malinowski.....</b>	<b>22</b>
1- Introdução.....	22
2- Ciências humanas na Inglaterra vitoriana.....	27
2.1. As ciências sociais, sociologia e antropologia, no período vitoriano....	30
3- A antropologia social britânica no século XX: colonialismo, o rompimento com a antropologia evolucionista e a etnografia.....	38
3.1. A antropologia social britânica e o colonialismo.....	44
4- A singularidade do método etnográfico de Bronislaw Malinowski e os caminhos trilhados até à antropologia social britânica.....	55
5- Considerações finais.....	80
<b>Capítulo II: Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.....</b>	<b>83</b>
1- Introdução.....	83
2- Os caminhos para um trabalho de campo relevante.....	84
3- O <i>Kula</i> e os aspectos socioculturais da vida nativa das ilhas Trobriand na perspectiva de Bronislaw Malinowski.....	92
4- A institucionalização do <i>Kula</i> como um conceito antropológico.....	120
5- Considerações finais.....	130
<b>Capítulo III :A repercussão da figura de Malinowski na comunidade científica de antropologia.....</b>	<b>131</b>
1- Introdução.....	131
2- A observação participante malinowskiana na antropologia contemporânea.....	132
3- <i>Um diário no sentido estrito do termo</i> ([1967] 1997): Malinowski e a realidade do trabalho de campo.....	144

4- As ideias e a influência de Malinowski que ultrapassaram as fronteiras da antropologia.....	176
5- Considerações finais.....	197
<b>Conclusão.....</b>	<b>199</b>
<b>Referências.....</b>	<b>204</b>

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do século XX, o antropólogo e etnógrafo Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) ressignificou a prática da antropologia ao introduzir uma nova maneira de realizar a coleta de dados, materiais físicos e simbólicos, sobre culturas não europeias. Essa prática contemplava a participação na rotina dos nativos e ficou conhecida como “observação participante”. Por causa do desempenho em introduzir um novo método na disciplina, Malinowski conquistou o reconhecimento da comunidade científica de antropólogos e, ainda, conseguiu reunir alguns alunos interessados em etnografia que colaboraram para a disseminação de suas teorias. Portanto, atualmente, podemos encontrar uma quantidade expressiva de artigos e livros de estudos discutindo as ideias do etnógrafo e as motivações que direcionou o pesquisador a elaborar uma proposta diferente dos colegas para o campo de estudo.

Nesta pesquisa, iremos analisar a vida, a obra e as contribuições de Malinowski para a disciplina supracitada. Durante a apuração das fontes, notamos que a trajetória do etnógrafo estava repleta de dualidades que não podiam ser ignoradas. Esses fatores refletiram nas ações do etnógrafo ao confrontar as dificuldades e, de certa forma, perante a algumas oportunidades. Portanto, em nossa perspectiva, a nacionalidade polonesa, a conquista da cidadania inglesa, a formação em física e, depois, a qualificação em antropologia são acontecimentos importantes que consideramos no processo de reconstrução da vida e do contexto no qual Malinowski estava inserido, apesar das dificuldades de analisar a duplidade da carreira do etnógrafo. Neste trabalho, como veremos nos próximos três capítulos, o foco está nas contribuições do autor que são pertinentes à sua carreira na Inglaterra e, especificamente, à antropologia social britânica. Apesar disso, consideramos, também, as influências e experiências acadêmicas que o polonês vivenciou na sua primeira formação e que, de certa forma, refletiram na sua etnografia.

O objetivo desta pesquisa é compreender, por meio de uma biografia científica, as tensões da dualidade na trajetória intelectual do etnógrafo que corroboraram para as mudanças no método etnográfico. A biografia científica que propomos construir é um pouco diferente da biografia clássica, caracterizada apenas por se comprometer a narrar as histórias de vida dos personagens considerados históricos. Por isso, consideramos relevante fazer uma breve apresentação de como construímos a estrutura narrativa do texto. O artigo de Oren Harman, *Scientific Biography* (2018), discute qual a relevância do gênero de biografia científica. Em suas pesquisas, o autor destaca que, por meio da biografia, podemos alcançar um passado distante de nós e enxergar uma diversidade nos modos de produzir e pensar a cultura. Para isso, o historiador da ciência elabora algumas questões que podem nortear o retorno a determinado período histórico, como: “O que é a ciência? E o que não é a ciência?”

Essas perguntas, conforme Harman, possibilitam o acesso às diferentes perspectivas culturais e aumentam as possibilidades de interpretar o papel da ciência. Com esse exemplo, a proposta do historiador foi apontar a diferença entre uma biografia tradicional e clássica. A biografia científica se compromete a desenvolver questões que favoreçam o desenvolvimento científico. O pesquisador, então, precisa se amparar em questões que estejam relacionadas com problemas científicos para, assim, acessar o passado do personagem que escolheu estudar e, ao mesmo tempo, produzir um material que corrobore com o progresso da ciência, diferente da biografia tradicional que não tem o compromisso de responder questões de cunho científico. De acordo com Harman (2018, p. 3, tradução nossa)<sup>1</sup> “[...] o gênero de biografia científica convida à reflexão sobre como escrevemos sobre ciência e cientistas, artisticamente, e por que isso importa”<sup>2</sup>.

A escrita biográfica não exige, necessariamente, que o pesquisador conheça o sujeito de pesquisa pessoalmente. Conforme Harman (2018), o ser humano possui uma capacidade grandiosa de se colocar no lugar do outro até mesmo por meio de fontes documentais. E esse processo de compreender os

---

<sup>1</sup> Todas as traduções ao longo do texto são da autora desta dissertação.

<sup>2</sup> “[...] the genre of scientific biography invites reflection on how we write about science and scientists, artistically, and why that matters.”



sentimentos e posicionamentos do sujeito de pesquisa dentro de um contexto social, político e cultural, é o que torna possível encontrar as respostas para as nossas perguntas sobre Malinowski. Além disso, ele afirma que as biografias podem ser pontes entre a memória e a história da ciência. (HARMAN, 2018).

O objetivo desta pesquisa é realizar uma biografia científica de Malinowski e apresentar como o conhecimento científico foi “obtido por um determinado cérebro em ação” ao elaborar teorias e trabalhos experimentais que trouxeram benefícios para a disciplina e a ciência. De acordo com Harman (2018, p. 15), “[...] a biografia pode e é escrita para explicar a ciência, não apenas a cultura, ou a cultura da ciência”. Assim, o papel desempenhado pela biografia científica vai além da descrição de figuras heroicas da história de uma disciplina. Temos a possibilidade de trilhar alguns caminhos para acessar os pensamentos do nosso personagem, como: “[...] examinar cuidadosamente as rotinas diárias e os processos mentais dos cientistas, seus talentos intelectuais e técnicos e suas vulnerabilidades” (HARMAN, 2018, p. 15). No entanto, Harman (2018) destaca que as influências dos cientistas podem transcender o espaço acadêmico, o que torna relevante analisar as ações dentro e fora do ambiente de trabalho. Além disso, acrescentamos a importância de investigar também as influências que o sujeito de pesquisa recebeu de outros colegas.

O trabalho de Malinowski ressoou ao longo da história da disciplina e, ainda, permanece sendo assunto de discussão, mesmo após cem anos da primeira publicação da obra *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* ([1922] 1976)<sup>3</sup>. Pensando nisso, consideramos pertinente trazer para a nossa exposição os comentários e algumas reflexões de autores que debruçaram sobre a história da antropologia, como os historiadores estadunidenses: George Stocking Jr. (1928-2013) e Henrika Kuklick (1942-2013). Além desses autores, os antropólogos brasileiros Mariza Peirano, Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) e Eunice R. Durham também desenvolveram estudos que consideramos pertinente mencionar. E manteremos um diálogo com textos de outros antropólogos, como Raymond Firth (1901-2002), Clifford Geertz (1926-2006), Adam Kuper, Jaro Stacul,

---

<sup>3</sup> A partir de agora, referida apenas como *Argonautas*.

James Clifford, entre outros, os quais o recorte teórico pauta-se numa análise histórica e crítica sobre o pensamento antropológico. Esses pesquisadores tecem relevantes considerações e contribuições sobre como a antropologia se pensa na elaboração do seu campo de conhecimento e, por conseguinte, como aprimora o seu arcabouço teórico e prático.

Além disso, também, priorizamos os artigos atuais sobre Malinowski reunidos pelo acervo *The Malinowski Forum for Ethnography and Anthropology* - MFEA, de Oberbozen na Itália. No entanto, gostaríamos de destacar que esses autores, e os textos que deles iremos utilizar, não são as fontes principais a serem analisadas. Ao longo do texto, citaremos apenas as ideias desses intérpretes que podem ajudar a refletir as questões do nosso trabalho e para contextualizar o cenário da antropologia. As fontes principais são três produções do etnógrafo, sendo estas: *Argonautas*, o diário pessoal, *Um diário no Sentido estrito do termo* ([1967] 1997) e a tese de doutorado *On the principle of the economy of thought* ([1906] 1993). Porém, utilizaremos, principalmente, os dois primeiros textos.

A nacionalidade de Malinowski era polonesa e foi na Polônia que ele conquistou o doutorado em filosofia da ciência. Contudo, após a influência de alguns eminentes intelectuais, como o antropólogo Sir James Frazer (1854-1941), Malinowski decidiu mudar-se para a Inglaterra e estudar antropologia. Na Polônia, o etnógrafo fez graduação em física (depois o doutorado em filosofia da ciência) e tinha um estilo de vida diferente do que ele construiu na Inglaterra. A física e a antropologia representam dois lados opostos da vida do autor, o que nos levou a questionar: (1) Quais foram as motivações intelectuais de Malinowski para transitar das ciências da natureza para as ciências sociais. Além disso, é possível identificar algumas teorias da primeira formação do autor na observação participante malinowskiana?

Além dessas questões que transcorrem sobre as dualidades na trajetória de Malinowski, elaboramos outras questões acerca da sua atuação como etnógrafo, sendo estas: (2) Qual é o papel de Malinowski na disciplina e como o status de “autor referência da etnografia” sobrevive acerca de um século? (3) Como podemos pensar e executar o método de Malinowski nos dias atuais? E é possível continuar realizando a observação participante, de Malinowski, mesmo com os desafios apresentados pelas ressignificações da disciplina,

como o avanço da tecnologia e a abordagem etnográfica? No decorrer do texto, pequenas perguntas podem surgir para nortear o trabalho, mas consideramos essas três o cerne da pesquisa.

Diante disso, no capítulo I, o leitor terá acesso a uma explicação breve sobre o contexto da Inglaterra vitoriana, do final do século XIX e início do século XX, e os seus aspectos socioculturais, políticos e científicos. O contexto inglês foi privilegiado, em vez da Polônia, pois foi nesse momento que Malinowski se estabeleceu na antropologia social britânica e construiu sua carreira como etnógrafo. Destacamos que a Inglaterra era considerada o berço da civilização, nesse período, e um país almejado por muitos intelectuais. Portanto, Malinowski não escapou de seus encantos, ao ponto de recorrer à cidadania inglesa para se sentir menos um “outsider”, estrangeiro, que ocupava um lugar que não era dele. (KUPER, 1978). Pensando nisso, apresentaremos, ainda nesse capítulo, a antropologia social britânica e as influências pessoais e intelectuais na trajetória de Malinowski.

Assim, para compreendermos a primeira questão (Quais foram as motivações intelectuais de Malinowski para transitar das ciências da natureza para as ciências sociais. Além disso, é possível identificar algumas teorias da primeira formação do autor na observação participante malinowskiana?), no capítulo I, utilizaremos como fonte primária a tese de doutorado de Malinowski e textos que abordem a história da primeira formação do polonês, como o livro de Robert Thornton e Peter Skalník, *The Early Writings Of Bronislaw Malinowski* (1993). Nesse livro, encontramos informações sobre a sua vida de estudante na Polônia e Alemanha. Na tese para a obtenção do título de doutor em filosofia da ciência, ao discutir sobre “economia de pensamento” de Mach e Avenarius, temos um indício de que Malinowski foi influenciado e manteve diálogo com as teorias de Ernst Mach (1838-1916), um importante físico, historiador e filósofo da ciência e o principal inspirador para a posterior formação do Círculo de Viena (inicialmente, chamada de sociedade Ernst Mach), ao implementar uma nova corrente de pensamento que influenciou o funcionalismo na antropologia.

O funcionalismo malinowskiano fundamentou sua teoria em constantes biológicas e psicológicas. Malinowski acreditava que, ao analisar as instituições sociais de todas as sociedades, as necessidades biológicas e psicológicas

deveriam ser parecidas. Ele ainda se atentou para os motivos dos indivíduos. O princípio da economia de pensamento de Mach tem a autopreservação como o objetivo do homem. Isso, de acordo com Malinowski ([1906] 1993, p.106), refere-se a todas as funções cognitivas e psicológicas do organismo para se adaptar ao ambiente e às leis da natureza. Por causa disso, ao deparar-se com uma situação desconfortável ou em um momento de interação com o mundo e as coisas ao seu redor, as funções biológicas do homem são ativadas, como uma forma de se proteger. A ideia de Mach sobre a função orgânica é o que caracteriza o funcionalismo de Malinowski.

No decorrer da análise bibliográfica, deparamos-nos com autores austríacos e alemães, além dos ingleses, que influenciaram a trajetória do polonês. Por isso, na nossa perspectiva, estudar os caminhos trilhados por Malinowski, enquanto construía sua carreira acadêmica e moldava seu olhar sobre o mundo, contribui para entendermos determinados posicionamentos científicos, sociais e políticos. Apesar de ter conquistado cidadania inglesa, a cultura polonesa ainda estava presente em suas ações, como, também, as ideias de intelectuais que manteve contato enquanto estava na Universidade de Jagiellonian, na Cracóvia.

No capítulo II, será apresentado alguns trechos da obra *Argonautas* que reforçam as contribuições de Malinowski para a disciplina. E, ainda, consideramos relevante destacar alguns pontos que o autor discute sobre magia, mito, sistema de trocas e parentesco. Assim, a estrutura de apresentação será dividida em três momentos: a introdução ao método etnográfico de Malinowski; as características da estrutura social e política dos nativos de Trobriand, e, por fim, a institucionalização do *Kula*, sistema econômico nativo, em um conceito antropológico. Por isso, o texto de *Argonautas* é priorizado como a fonte principal desse capítulo. O livro de Edmund Leach e Jerry Leach, *The Kula: new perspectives on massim exchange* (1986), será usado como referência para atualizar informações sobre a história do surgimento do circuito *Kula*.

No terceiro e último capítulo, a proposta é apresentar as permanências do trabalho de Malinowski, que transcendem a disciplina de antropologia, com o propósito de responder a segunda e terceira pergunta que propomos. Como dito anteriormente, Malinowski foi uma figura importante para a antropologia

social britânica do início do século XX. Esse sucesso pode ser percebido também em outras áreas de estudos. Portanto, no capítulo III, abordaremos sobre o reflexo da etnografia malinowskiana no trabalho de antropólogos contemporâneos, e como o trabalho de Malinowski contribuiu para o surgimento de outras formas de praticar a etnografia, como a etnografia multissituada. Além disso, o diário pessoal é a fonte principal para apresentar as dificuldades enfrentadas pelo etnógrafo enquanto permanecia isolado entre os trobriandeses. Ademais, abordaremos alguns trabalhos do pesquisador que transcendem a antropologia e dialogam, em certa medida, com a arte, linguística, literatura, totalitarismo e teorias filosóficas.

Desse modo, em busca de responder a segunda pergunta (Qual o papel de Malinowski na disciplina e como o status de “autor referência da etnografia “sobrevive acerca de um século?”), usaremos as informações fornecidas no livro dos antropólogos Frederico Delgado Rosa e Han F. Vermeulen, *Ethnographers before Malinowski: pioneers of anthropological fieldwork, 1870–1922* (2022), e o artigo de Giuseppe Tateo *Viktor Shklovsky, Bronislaw Malinowski, and the invention of a narrative device: implications for the history of ethnographic theory* (2020) para compreender o impacto que o estilo descritivo de *Argonautas* causou na disciplina. Malinowski, ao incorporar na sua escrita aspectos da narrativa literária, criou um novo dispositivo para a antropologia, que foi a teoria da descrição.

A proposta do etnógrafo estava além de produzir relatórios técnicos sobre o campo. Ele tinha a ambição de transformar a observação participante em teoria e, assim, reforçar que a prática antropológica estava dentro dos critérios de cientificidade. Por causa desse esforço, o trabalho do etnógrafo continua recebendo atenção e certo prestígio no ensino de história da antropologia. Além disso, podemos encontrar pesquisadores da antropologia, história, sociologia, linguística, entre outros, desenvolvendo pesquisas que envolvem as práticas de Malinowski. Esta pesquisa, pautada na história da ciência, é um desses exemplos que podemos citar. Por meio dos estudos de Malinowski, podemos apreender quais foram as contribuições da antropologia para a ciência do século XX.

A obra *Argonautas* e o diário pessoal do etnógrafo são as principais fontes para apresentar o ponto de vista do etnógrafo. Portanto, no decorrer do

texto, pretendemos citar trechos dessas fontes, que foram escritas pelo próprio Malinowski, para a compreensão de como o etnógrafo construía suas ideias. Assim, algumas citações que reforçam a ambiguidade da sua personalidade serão destacadas. Na obra *Argonautas*, diferente do diário, podemos encontrar um antropólogo comprometido com o objeto de pesquisa e induzindo a maneira de coletar as informações dos nativos.

Esses preceitos e outras informações úteis na coleta de dados podem ser localizados na introdução de *Argonautas* e no decorrer da narrativa. O diário pessoal, diferente do diário que os antropólogos mantêm no campo para fazer anotações, foi mantido pelo etnógrafo no privado na tentativa de manter suas frustrações com as pessoas e o ambiente de trabalho. Malinowski não pretendia tornar público os sentimentos, às vezes, hostis e os pensamentos de desânimo em relação ao trabalho de campo. Na busca pela compreensão da estrutura social e econômica dos nativos da Nova Guiné melanésia, Malinowski se viu desanimado e sem motivação. Esses relatos favorecem e fornecem para leitores e estudiosos do antropólogo o acesso aos pensamentos mais íntimos do pesquisador e ajuda a preencher algumas lacunas sobre sua maneira de enxergar a antropologia. Somente a leitura da tese e da obra não são suficientes para tal propósito.

Além desses pontos que levantamos, a terceira e última questão que propomos responder (sobre a atualidade do método de Malinowski ou a observação participante diante das ressignificações da disciplina), dialoga com o artigo de Jaro Stacul, *The end of Informality? A few thoughts on Malinowski's legacy and craftsmanship* (2018) e o texto de George Marcus *Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography* (1995). Esses textos irão auxiliar na percepção de como podemos manter o legado e a permanência do método de Malinowski na era das tecnologias avançadas e, principalmente, da globalização. Na perspectiva de Stacul (2018), podemos continuar praticando a observação participante malinowskiana ao colocarmos em práticas os métodos utilizados pelo etnógrafo. No artigo, Stacul também menciona que conseguiu “ler nas entrelinhas” as informações que precisava sobre a comunidade que estudava, ao incorporar o estilo de trabalho de campo de Malinowski. Após essa experiência, Stacul argumenta e apresenta, por meio

do artigo, a possibilidade de ainda praticarmos a etnografia clássica malinowskiana na atualidade.

Contudo, diferente de Stacul (2018), na perspectiva de Marcus (1995), e a sua contribuição para o pensamento crítico da disciplina, a resposta, para atender uma demanda de estudo globalizado, está na etnografia multissituada. Essa proposta transcende a etnografia praticada por Malinowski, mas, não a desqualifica. O papel desempenhado pela etnografia multissituada não é a apresentação holística ou representação etnográfica do sistema mundial como um todo. Apesar de realizar um mapeamento do terreno como parte do seu exercício e ainda preocupar-se com o reconhecimento do idioma local, como a etnografia clássica. Nesse sentido, por mais que surjam novas formas de praticar a etnografia, o trabalho de Malinowski, na nossa perspectiva, sempre será lembrado e reaproveitado, seja para o reconhecimento do idioma local, mapeamento da sociedade e a interação intersubjetiva entre pesquisador e a comunidade. A apresentação dessa nova etnografia, como veremos no capítulo III, seção I, é apenas para apresentar uma das possibilidades de realizar trabalho de campo, criada pela comunidade de antropólogos para coletar informações sobre o objeto de pesquisa que fosse diferente do modelo malinowskiano.

## Capítulo I

### As dualidades na trajetória intelectual de Bronislaw Malinowski

#### 1 Introdução

A reconstrução de um período histórico, de certa forma, distante das nossas habilidades sensoriais (tato, olfato, paladar e a visão), e, principalmente, a legitimação da presença do indivíduo nas práticas cotidianas de determinada sociedade, impulsionou o desenvolvimento de práticas teóricas e metodológicas dentro da História. As fontes históricas, como são conhecidas, sendo estas documentos, vídeos, áudios, testemunhos e, não menos importante, o trabalho de campo, remetem a um caminho de possibilidades que historiadores podem recorrer para acessarem o passado.

Os caminhos teóricos e metodológicos trilhados por historiadores, na reconstrução do passado da humanidade e da disciplina, inspiraram outros campos de estudo como a antropologia, sociologia e demais áreas das ciências humanas e ciências exatas a buscarem por suas origens. Para além disso, os historiadores passaram a contribuir com os trabalhos de outras disciplinas e, ultrapassando as barreiras epistemológicas, expandindo a sua visão de mundo (*Gestalt*)<sup>4</sup>.

Neste capítulo, uma das questões que buscamos refletir, amparados pela perspectiva historiográfica, é compreender o passado no qual as ciências humanas e sociais estavam em ascensão, como a Inglaterra vitoriana das últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX; especialmente as nações europeias que passavam por avanços tecnológicos e industriais, ou seja, um momento que mudanças de cunho cultural, político e social avançavam rapidamente. Diante disso, a necessidade de controlar a sociedade

---

<sup>4</sup> Conforme Thomas Kuhn (2010, p. 202): “As bem conhecidas demonstrações relativas a uma alteração na forma (*gestalt*) visual evidenciam-se muito sugestivas como protótipos elementares para essas transformações. O que eram patos no mundo do cientista antes da revolução posteriormente são coelhos. Aquele que antes via o exterior da caixa desde cima depois vê seu interior desde baixo. Transformações dessa natureza, embora usualmente sejam mais graduais e quase sempre irreversíveis, acompanham comumente o treinamento científico.”



trouxe, ao auxílio do Estado, disciplinas como a sociologia, psicologia e antropologia para lidarem com as mudanças.

Contudo, o objetivo desta pesquisa é compreender, por meio de uma biografia científica, as tensões da dualidade na trajetória intelectual do etnógrafo Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) que corroboraram para a consolidação no método etnográfico. Malinowski era polonês, mas foi na Inglaterra que ele se estabeleceu e intensificou sua formação como antropólogo. Na Polônia, o etnógrafo estudava física e tinha um estilo de vida diferente do que ele construiu na Inglaterra. A física e a antropologia representam dois lados opostos da vida do autor, o que nos levou a questionar: (1) Quais foram as motivações intelectuais de Malinowski para transitar das ciências da natureza para as ciências sociais? (2) É possível identificar algumas teorias da primeira formação do autor na observação participante malinowskiana?

Neste capítulo, como veremos adiante, esses contrapontos tomam forma conforme analisamos sua trajetória, e, sobretudo, responderemos essas questões na seção III, aonde falaremos sobre sua carreira.

Assim, diante desse dualismo nacional, priorizamos contextualizar os aspectos socioculturais e político da Inglaterra vitoriana e o momento que ele passa a fazer parte do corpo de estudantes de antropologia da London School Economics – LSE, universidade de Londres. Esse breve entendimento de como operava a sociedade inglesa, em nossa perspectiva, esclarece algumas escolhas feitas por Malinowski dentro da antropologia. Entretanto, ao mesmo tempo, o contato com determinados intelectuais na Polônia e na Alemanha, antes da antropologia, como veremos na seção III, contribuiu para que o etnógrafo, de certa forma, optasse por um trabalho de campo mais imersivo e, principalmente, influenciou a escolha do tema de pesquisa.

O processo de elaboração de uma biografia científica permite a articulação das fontes documentais em direção ao passado, presente e futuro do sujeito de pesquisa. Por isso, será retratado as experiências da Polônia que remetem à carreira dele como cientista, em vez de adentrar no contexto político e social dessa sociedade. O fato de Malinowski ser um cidadão polonês, ter características e influência dessa cultura, mas, também, de outras sociedades que conviveu ao longo da sua vida pessoal e profissional, em nossa

perspectiva, dificulta a reconstrução desses cenários vivenciados por ele devido à quantidade e densidade descritiva que cada fase exige. Por causa disso, escolhemos trazer para a discussão as influências externas da Inglaterra que dialogam com a sua carreira na antropologia. No entanto, sem explorar minuciosamente o assunto, apenas quando houver necessidade.

As reflexões acerca das contribuições de Malinowski podem ser exploradas por alguns caminhos. Sendo assim, começaremos com as considerações de dois autores renomados que auxiliarão o processo interpretativo do passado do sujeito desta pesquisa: o primeiro, Carlo Ginzburg, historiador da micro-história italiana, e o segundo, Ludwik Fleck (1896-1961), historiador da ciência. No caso de Ginzburg (2006), a escolha por um autor da micro-história foi apenas para tomar emprestado uma questão que ele levanta para discutir sobre a história dos subalternos. Nas discussões elaboradas dentro da obra *O queijo e os vermes* (2006), Ginzburg discute um ponto importante da história da Europa, a inquisição, pelos relatos de um moleiro italiano, conhecido como Menocchio. Em certo trecho, que nos interessa para pensarmos o lugar social de Malinowski, o autor menciona:

Aos olhos dos contemporâneos Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes- uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um. (GINZBURG, 2006, p. 20)

Nesse trecho, o que nos interessa não é Malinowski como um agente subalterno da história da antropologia, uma vez que o etnógrafo possui um papel de destaque na disciplina e uma quantidade significativa de fontes a seu respeito. Mas, ao comparar Malinowski com Menocchio, consideramos que ambos eram figuras distintas de seus contemporâneos e, ao mesmo tempo, presos a uma sociedade que os condicionavam a seguir regras, padrões e comportamentos. Diante disso, retomar ao contexto do período vitoriano e apresentar algumas mudanças na estrutura social inglesa, como os interesses políticos e de viés acadêmico, auxiliará a entender o momento que o antropólogo se insere na disciplina, e, sobretudo, os limites impostos pela cultura inglesa ao articular e tomar decisões científicas.

A distinção de Malinowski, comparado aos colegas da antropologia social britânica, estava na maneira como ele elaborava o trabalho de campo, conhecido como etnografia, e, de certa forma, a descrição minuciosa e a escrita envolvente que desenvolveu sobre os nativos que estudava. (DURHAM,1986). Contudo, como nos lembra Ginzburg (2006), a singularidade de um agente da história possui seus limites, no caso de Malinowski, por trás de sua intelectualidade havia influências. Essas influências "exotéricas" - sociedade e política - e "esotéricas" - comunidade científica (FLECK, 2010) - fizeram parte da elaboração acadêmica do antropólogo e o influenciou a seguir determinados caminhos.

O diário pessoal do antropólogo, a saber, *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997), descreve com precisão as relações e os interesses que foram construídos em vida, por Malinowski, para que chegasse ao status de pai da etnografia. O apoio da comunidade científica da antropologia social britânica, a obra etnográfica, o material de campo, as teorias e os métodos que o amparavam criaram um caminho de possibilidades para a pesquisa. Conforme algumas reflexões de Fleck:

Querendo ou não, não conseguimos deixar para trás o passado-com todos os seus erros. Ele continua vivo nos conceitos herdados, nas abordagens de problemas, nas doutrinas das escolas, na vida cotidiana, na linguagem e nas instituições. Não existe geração espontânea dos conceitos; eles são, por assim dizer, determinados pelos seus ancestrais. (FLECK, 2010, p.61)

O progresso de Malinowski em relação à etnografia, especialmente com questões teóricas e metodológicas da disciplina, que apresentaremos sobre a antropologia social britânica nas próximas seções, adere ao pensamento de Fleck, que afirma existir uma ancestralidade nas ações do pesquisador. De certa forma, o que corresponde à segunda questão: É possível identificar algumas técnicas da física na observação participante malinowskiana? De acordo com Fleck (2010), um conhecimento anterior influencia o novo. Assim, ao olharmos para as influências intelectuais de Malinowski, como veremos na seção III, encontramos conceitos que foram herdados de pensadores que não estão necessariamente ligados ao campo da antropologia, mas, sim, da física e filosofia.

As relações históricas e estilísticas dentro do saber comprovam a existência de uma interação entre o objeto e o processo do conhecimento: algo já conhecido influencia a maneira do conhecimento novo; o processo do conhecimento amplia, renova e refresca o sentido do conhecido. Por isso, o processo de conhecimento não é o processo individual de uma “consciência em si” teórica; é o resultado de uma atividade social, uma vez que o respectivo estado do saber ultrapassa os limites dados a um indivíduo. (FLECK, 2010, p.81-82)

A tentativa de Fleck é chamar nossa atenção para o papel desempenhado pela comunidade acadêmica e as relações estabelecidas com a sociedade. Com isso, o autor denomina esse conceito, como “coletivo de pensamento” (FLECK, 2010). Esse coletivo de pensamento torna possíveis discussões e reflexões acerca de determinada disciplina. Assim, o também polonês historiador da ciência descreve essa conceituação da seguinte forma:

Tal coletivo de pensamento existe logo que duas ou mais pessoas trocam ideias. Um mau observador é aquele que não percebe como uma conversa animada de duas pessoas leva a um estado em que cada uma delas manifesta ideias que não seria capaz de produzir sozinha ou em outra companhia. Surge uma atmosfera particular, que nenhum dos envolvidos consegue captar sozinho, mas que volta quase sempre logo que as duas se encontram. (FLECK, 2010, p.87).

Diante dessas considerações, caminharemos pelos cenários vivenciados por Malinowski em busca de entender esse coletivo de pensamento e as influências exotéricas que corroboraram para a formação da sua personalidade como etnógrafo, a saber: a comunidade científica de antropologia e aspectos da vida pessoal do polonês. A contextualização da Inglaterra vitoriana, espaço ocupado pelo antropólogo, em nossa perspectiva, torna-se importante para que o leitor possa se situar no tempo e entender o que estava acontecendo naquele período na ciência. Sendo assim, não haverá um aprofundamento nos comportamentos culturais dos ingleses.

Além disso, consideramos relevantes destacar que o que torna um trabalho historiográfico são as questões problemas presentes no texto, a articulação das fontes, o diálogo com outros autores e uma construção

narrativa permeada por conceitos próprios da história<sup>5</sup>. Por isso, ao optarmos por somente ilustrar o cenário inglês, uma vez que o interesse desta pesquisa é debruçar sobre a persona de Malinowski, a falta de densidade descritiva de um período, logo, não descaracteriza o trabalho de um historiador. (CORDEIRO, 2015).

## **2 Ciências humanas na Inglaterra vitoriana**

O período vitoriano, marcado pelo reinado da Rainha Vitória (1819-1901), ocorreu entre os anos 1837-1901. Nesse momento, acentuou-se os acontecimentos que marcaram a transição do século XVIII para o XIX, sendo estes: a Revolução Industrial, o avanço das tecnologias, os grandes comércios, as migrações do campo para a cidade, e uma economia mais urbana, o que sucedeu na transformação do estilo de vida dos ingleses. Como resultado, passou-se a existir uma tensão entre os vitorianos. As pessoas estavam assustadas com a velocidade do desenvolvimento cultural que, evidentemente, não estavam acostumados. Apesar das dificuldades e desafios do novo século, os vitorianos tornaram-se um modelo de modernização e crescimento para outras sociedades. (MORAIS, 2004; PALLARES-BURKE, 2005; PASSETTI, 2016).

O advento dessa nova era, e, com ela, as diversas faces do materialismo, desencadeou inseguranças religiosas na população inglesa, mesmo diante da modernização, e algumas pessoas sentiram resistência ao novo, a ponto de recorrerem às crenças antigas para se protegerem. Por causa disso, uma fé popular, alimentada por essas pessoas, enraizou algumas práticas do passado que se pautavam na relação da igreja com o cidadão cristão, ou seja, as respostas que procuravam sobre a complexidade da natureza, da humanidade e da moralidade, para determinados ingleses, ainda estava nas escrituras bíblicas. (MORAIS, 2004; PIRES, 1995).

---

<sup>5</sup> De acordo com Cordeiro (2015, p. 2): “ historiografia seria a construção narrativa dos resultados da pesquisa histórica, realizada a partir do controle metódico de investigação empírica e de crítica documental. É ela que dá forma e feitiço histórico aos elementos empíricos (objetivos) da pesquisa, inserindo-os na vida prática, atribuindo-lhes sentidos e significados. O importante é que, apesar das tentativas de dissociar objetividade e narratividade, chegando ao extremo de alegar a diametral oposição entre ambas, a narratividade histórica apresenta em si mesma “elementos de objetividade”, tornando possível caracterizá-la como um produto intelectual do historiador.”

Contudo, mesmo diante dessas práticas e influências religiosas que persistiam em permanecer, os ingleses, aos poucos (ou podemos considerar anos), passaram a depositar a confiança, sobre respostas de questões complexas, para os acadêmicos. Após se acomodarem na religião, essa mudança foi significativa, uma vez que tinham medo de perderem a moralidade inglesa ao trocar a crença por fatos científicos. A ciência, então, passava a dividir um lugar com a crença e aqueles que acreditavam no seu papel, como os cristãos que não questionavam os sermões da igreja. As pesquisas e posicionamentos de cunho científico não eram desacreditados por seus adeptos. (MORAIS,2004; PALLARES-BURKE, 2005).

Os vitorianos eram, ao mesmo tempo, temerosos e confiantes; havia o que podemos chamar de respostas internas e externas; internamente temiam as dúvidas que seu tempo fez surgir, e, como resposta defensiva externa, colocavam-se como senhores absolutos de uma época próspera, na qual a infalibilidade de seus líderes, tanto no campo das ciências como das Letras e da Filosofia, assegurava uma posição de privilégio ante as demais nações. Homens e mulheres viviam numa luta constante de autoconvencimento-precisavam acreditar naquilo que “pareciam” ser. (MORAIS, 2004, p. 23)

Nesse contexto do século XIX, a fé e a ciência passaram a lutar pelo mesmo espaço. Com os questionamentos gerados pela sociedade, em torno da nova era, a igreja começa a perder influência, em virtude dos progressos científicos. Desse modo, nota-se que a autoridade científica estava construindo uma nova visão de mundo. Contudo, essa transição, de uma crença fundamentada na religião para a confiança na ciência, não aconteceu de forma amistosa e pacífica. É importante entendermos que qualquer mudança na estrutura de uma sociedade provoca desconfortos, inimizades, insatisfações e, conseqüentemente, a formação de grupos que lutam pela preservação da tradição cultural e moral. (DUARTE, 2004; MORAIS, 2004).

A comunidade acadêmica, especificamente a ciências humanas e sociais, passa a ter um destaque perante a modernização e rompeu com o aspecto linear que era concebido os avanços de rigor acadêmico. Isso aconteceu devido à necessidade do Estado inglês de compreender as demandas de grupos que se formavam em busca de reivindicar pautas, como: a preservação da cultura e dos valores morais; os movimentos operários; a desigualdade social que aumentava diante do crescimento populacional; entre outras questões. E essa relação entre Estado e cientistas sociais e das

humanidades forneceu estratégias de administração e controle da população por meio dos sentidos e informações que coletavam.

Logo, a frente, veremos os vestígios do século XIX na ciência do século XX.

Com o crescimento urbano e as expansões territoriais, as descobertas científicas aumentaram e o governo britânico passou a ter interesse nos estudos acerca do homem e da sociedade, um modelo diferente do que os cientistas naturais ofereciam. Estavam em busca de uma perspectiva que trouxesse uma resposta que viesse de dentro da sociedade, e não da natureza. (BARBOSA, 2013; MORAIS, 2004; PALLARES-BURKE, 2005).

É necessário observar, sobretudo, como os problemas sociais, que virão a ser objeto das ciências humanas, eram concebidos nos séculos XVII e XVIII. E, com a passagem do tempo, o olhar é transformado para as necessidades do século XIX. Em primeiro lugar, essas ciências foram amparadas por um modelo mecanicista idealizado por autores como René Descartes (1596-1650) e, posteriormente, Isaac Newton (1643-1727). Além disso, os estudos acerca do homem seguiam uma ideia de *animal-máquina* (MORAIS, 2004, p.49). Tendo a física como a legitimação dos valores científicos, buscavam as respostas para perguntas complexas sobre a humanidade nas formas da natureza, nos astros, na geometria e matemática. Em resumo, desconsideravam o principal agente, o homem.

Em segundo lugar, o século XIX surge como a opção ideal para a solidificação das ciências humanas. O crescimento urbano desenfreado da Inglaterra contribuiu para o surgimento de fatores, como desigualdade social, miséria, desemprego, criminalidade, casas de prostituição, favelas e cortiços. Por causa disso, o Estado inglês e as ciências humanas consideraram os centros urbanos o objeto de estudo ideal para a compreensão do homem. Como se pode ver, “o homem torna-se a um só tempo sujeito e objeto da investigação dos problemas sociais em que vive”. (MORAIS, 2004, p. 48).

O século XVII caracterizava-se por meio de uma ciência mais mecanicista. No entanto, com o crescimento urbano do século XIX e o lançamento do livro *A origem das espécies* (1859), do naturalista Charles Darwin (1809-1882), a biologia passou a gerar fascínio nos ambientes acadêmicos e a influenciar na maneira que concebiam o objeto de estudo.

Nesse momento, passamos a ter um período investigado por pesquisadores naturalistas e historicistas. Por fim, novas vertentes interessadas em estudar a cultura e a sociedade emergiram, a saber: psicologia, demografia, estatística, sociologia e antropologia. Assim, trazendo com elas novas perspectivas para o século XX. (BARBOSA, 2013; DUARTE, 2004; PIRES, 1995).

## **2.1. As ciências sociais, sociologia e antropologia, no período vitoriano**

O interesse pelas ciências sociais se tornou popular no Ocidente, especificamente França e Estados Unidos, no final do século XVIII. Os primeiros pensadores buscavam por uma ciência que pudesse “administrar e mudar o mundo, assim como compreendê-lo” (PORTER, 2008, p.13)<sup>6</sup>. Primeiramente, essa ciência foi criada sob um corpo de disciplinas, sendo estas: filosofia, direito, medicina, política, administração e religião. Além disso, os estudos eram pautados sobre a compreensão do homem a partir dos documentos bíblicos. Mas, o advento do século XIX, com suas tecnologias e indústrias, gerou outras expectativas sobre a disciplina.

O momento de destaque para as disciplinas de humanidades, dentro do contexto vitoriano no século XIX, começa com a chegada das máquinas a vapor, a Revolução Industrial e o avanço das tecnologias. As cidades começaram a crescer com a migração das pessoas que viviam no campo para as regiões urbanas. Como resultado, o Estado inglês, precisando manter o controle dessa população e, também, dos seus desdobramentos sociais, buscou, por meio das disciplinas sociais, o apoio que precisava. (PORTER, 2008; YEO, 2008).

Diante disso, os encontros pelos corredores das universidades, com os colegas de outras áreas, eram conflitantes para quem estava ligado às disciplinas de humanidades. Por muitos anos, as ciências sociais permaneceu nas sombras de disciplinas, como a física, astronomia, matemática, sendo estas tendo como base as ciências da natureza, apesar de ambos interesses metodológicos e teóricos não serem semelhantes. Sobretudo, o surgimento de pesquisas de cunho biológico, no século XIX, contribuiu para que as ciências

---

<sup>6</sup> “*administer and to change the world as well as to understand it.*”



sociais, tomando emprestado suas teorias, despertasse o interesse de autoridades, como o Estado inglês.

As relações estabelecidas com o Estado inglês fizeram com que a disciplina perdesse, aos poucos, sua autonomia. Além disso, para desempenhar o papel de auxiliar do governo, outras disciplinas foram criadas, ao mesmo tempo, com o objetivo de coletarem informações sobre o comércio, indústria, saúde, recrutamento militar, entre outras atividades sociais, como a Estatística<sup>7</sup>. As pesquisas desenvolvidas nessa área faziam parte de uma coleta de materiais para serem apresentados ao governo.

As pesquisas foram concebidas para observar tais pessoas de cima, para produzir registros de seus comportamentos e descobrir caminhos para fazê-los mais responsáveis. Isto era talvez a missão mais importante da Ciência Social para resto do século XIX e além, não apenas da Grã-Bretanha, mas também da Europa e América do Norte.<sup>8</sup> (PORTER, 2008, p. 29)

A partir desses estudos sociais, áreas que possuíam interesse acerca do homem, cultura e a sociedade, a saber: antropologia, etnologia e sociologia, começaram a desenvolver pesquisas sobre povos considerados “primitivos” e, também, a expandirem seus horizontes epistemológicos, e esse papel foi desempenhado principalmente pela antropologia. Pensando nisso, as ciências sociais não arrogava mais para si o compromisso de coletar essas informações. Os materiais desenvolvidos pelas ciências biológicas possibilitaram que as ciências sociais e humanas tivessem acesso a um quadro interpretativo da diversidade humana e, com isso, à divisão da demanda de trabalho para o Estado inglês. (PORTER, 2008).

No entanto, destacamos que essas disciplinas (ciências humanas e sociais) estavam, nesse período, construindo o seu lugar na ciência, ao formularem uma base de dados e teorias concretas, ao mesmo tempo que desenvolviam pesquisa para o Estado. Assim, não podemos desconsiderar os

---

<sup>7</sup> De acordo com Bannister (2008, p. 334): “Na Grã-Bretanha, a industrialização precoce forçou a ‘questão social’ mais cedo do que em outros países, e com ela um interesse em coletar estatísticas.”

<sup>8</sup>“The surveys were designed to observe such people from above, to produce records of their behavior, and to find ways to make them behave more responsibly. This was perhaps the most vital mission of social science for the rest of the nineteenth century and beyond, not only in Britain but also in much of Europe and North America.”

percalços enfrentados pelos pesquisadores no momento que demilitavam seu campo de estudo, os confrontos com colegas acadêmicos de outras áreas e, às vezes, o confronto com a sociedade e o próprio Estado. Ademais, consideramos pertinente destacar que, como mencionado anteriormente, o aprofundamento de como se formou cada disciplina não interessa a essa pesquisa, mas apenas uma contextualização breve da cultura inglesa para chegarmos na discussão principal: as contribuições de Malinowski.

Os trabalhos dos sociólogos e antropólogos no século XIX contemplavam, em sua maioria, análise de documentos, questionários fornecidos por oficiais e missionários que trabalhavam nas colônias inglesas e, logo depois, o próprio pesquisador indo para o campo. Algumas personalidades intelectuais, como Auguste Comte (1798-1857), fundador do positivismo; David Émile Durkheim (1858-1917), fundador da sociologia, e Herbert Spencer (1820-1903), responsável pela sociologia evolutiva, fizeram parte da construção do novo cenário acadêmico, incentivando, assim, o estudo do comportamento social e psicológico das sociedades. (PEIRANO, 1995; PORTER, 2008).

Ao transitarmos pelo cenário inglês, autores como Durkheim e Comte, que pertencem à cultura francesa, aparecem com certa frequência nas discussões de alguns antropólogos (Malinowski, no seu diário, menciona Durkheim e, certamente, foi influenciado pelo positivismo durkheimiano). Intelectuais franceses foram utilizados pelos ingleses e por pesquisadores de outros países (EUA e Alemanha) como referência para produzirem um novo conhecimento, porém, adaptando as ideias a um contexto que atendesse as próprias necessidades. Essa inspiração e colaboração científica são recíprocas, uma vez que intelectuais alemães, estadunidenses e ingleses também exerceram influência sobre o outro. A antropologia inglesa, por exemplo, em seu estágio de formação, construiu e ressignificou o campo de estudo, a partir de referências intelectuais estrangeiras e nacionais, reproduzindo algumas ideias que pertenciam às outras áreas científicas (filosofia, sociologia e ciências naturais). O trabalho de campo imersivo, em certa medida, descende das ciências naturais. (KUKLICK, 2008; STOCKING, 1986).

Diante dessas informações, uma questão surgiu: ao elaborar uma biografia científica, é preciso mapear as influências que o sujeito de pesquisa

recebeu e exerceu, além do contexto político e sociocultural, para compreendermos como ele chegou a determinado status na disciplina. No entanto, qual medida deve ser tomada quando esse sujeito transitou entre alguns “estilos de pensamento” (FLECK 2010) e foi influenciado por outras culturas? Devemos escolher um ponto apenas de partida e desconsiderar autores importantes que contribuíram para determinado método, porque ambos não pertencem ao mesmo país ou campo de estudo? No caso de Malinowski, temos o embate entre a nacionalidade polonesa e a cidadania inglesa. Além disso, ele recebeu influência de intelectuais com diversas nacionalidades. Diante desse confronto, a decisão de elaborar uma biografia científica nos permite transitar entre as ambiguidades da sua formação intelectual e nacional. Por isso, em nossa perspectiva, limitar as ideias de pensamento apenas a um momento específico da vida do sujeito de pesquisa pode prejudicar a análise, a partir do momento que o conhecimento transgride as fronteiras ideológicas.

Essa questão surgiu no instante que deslocamos Malinowski de sua terra natal (Polônia) e o analisamos por meio de suas produções intelectuais na Inglaterra. Estudar um autor como Malinowski que transitou por mais de uma cultura e, de certa forma, uma disciplina, como a antropologia, que se constituiu na base de outras disciplinas, torna o trabalho mais complexo e difícil sem fazer esse movimento em direção aos outros campos de conhecimento e, às vezes, cultural. Dessa forma, ao estudar Malinowski, não estamos discutindo apenas a antropologia inglesa e o contexto da Inglaterra, mas há uma necessidade de explicar essas dualidades da formação do autor e da disciplina que transcendem as barreiras do pensamento antropológico inglês e que nos transportam para a Polônia, França, Alemanha e EUA quando necessário.

Nesse sentido, apresentar as ideias de Durkheim, Comte e Spencer é importante para compreendermos o conhecimento intelectual que transitou pelo tempo e o espaço até chegar às bases epistemológicas de algumas disciplinas, como a sociologia (que teve seu auge na França e, depois, em outros países) e, consequentemente, a antropologia (na Inglaterra).

As primeiras raízes do positivismo podem ser localizadas no empiricismo. No entanto, a base concreta e sistematizada está consolidada nos pensamentos, especialmente de Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679) e David Hume (1711-1776). Comte, no século XIX, formula uma

proposta que o difere do positivismo vigente, até então, e, com isso, passa a ser reconhecido como o fundador do positivismo moderno e, também, como fundador da sociologia. Naquele momento, tem-se um positivismo que servia para “designar toda teoria filosófica ou científica que reivindica para si o puro e simples conhecimento dos fatos ou que pretende apoiar-se em certezas de tipo experimental.” (CUIN et al., 1994, p. 31). Contudo, na perspectiva de Cuin:

Pragmático *avant la lettre*, Comte estabelece deliberadamente uma separação entre o estudo físico dos fenômenos e a metafísica. Afirma que a validade científica do saber deve se basear numa observação sistematicamente conduzida e, mais genericamente, na experiência, que supõe o recurso a uma experimentação. Esta experimentação caracteriza as ciências, naturais e sociais, que ele reúne num sistema coordenado de conhecimento, já que todos os fenômenos da natureza são, segundo ele, submetidos a leis invariáveis. (CUIN et al., 1994, p. 32)

Após desenvolver suas ideias, Comte escreve textos que refletem certa sensibilidade em torno da evolução do pensamento, sobretudo quando a ideia de religião da humanidade surge. No entanto, em 1846, com a morte de Clotilde de Vaux (1815-1846), escritora e uma paixão platônica de Comte, o filósofo, afetado pela perda, acaba se distanciando de um cientificismo que, aos poucos, fica evidente em seus escritos. Como resultado disso, os primeiros seguidores de Comte se recusam a deixar que o positivismo e a sociologia terminem na religiosidade, ou, até mesmo, no misticismo e, principalmente, à serviço de políticas autoritárias e reacionárias. (CUIN et al., 1994, p.34).

Apesar disso, o positivismo de Comte influenciou e ultrapassou fronteiras<sup>9</sup> chegando ao conhecimento de alguns intelectuais da Inglaterra, como o biólogo e antropólogo Herbert Spencer. Este antropólogo parte de uma ideia diferente da teoria comteana. Essa ideia, criada nas bases do darwinismo, torna-se a corrente de pensamento dominante do século XIX, conhecida como sociologia organicista e, posteriormente, evolucionismo cultural. Spencer acreditava que o ideal era:

Afastar-se da metafísica, que considera uma atividade um tanto vã. Recusando-se a entrar no eterno debate sobre a origem das coisas, afirma energicamente que os fenômenos humanos e culturais- como todos os outros fenômenos naturais- dependem da observação, da

<sup>9</sup> Para saber sobre a influência do positivismo no Brasil, conferir em: FERREIRA, Luiz Otávio. *O ethos positivista e a institucionalização das ciências no Brasil*. Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto - Nísia Trindade Lima e Dominichi Miranda de Sá (Organizadoras). ed. UFMG: Belo Horizonte; Fiocruz: Rio de Janeiro, 2008, p. 87-98.

experiência e prioritariamente de uma abordagem do tipo casual. (CUIN et al., 1994, p. 35-36)

Essa corrente de pensamento, evolucionismo cultural, possibilitou que a antropologia social britânica desenvolvesse um novo olhar para o seu objeto de pesquisa e, como veremos na próxima seção, contribuísse para a reelaboração de teorias e métodos praticados por alunos e professores da disciplina. Antes disso, é necessário mencionarmos a importância de Durkheim para a sociologia e, conseqüentemente, para a elaboração de estudos antropológicos.

O papel desempenhado pela sociologia surgiu por meio da ordem social na sociedade moderna, almejada pelo Estado inglês, e por algumas questões políticas e sociais que estavam ocorrendo naquele momento<sup>10</sup>. Explorando as estruturas sociais e o coletivo, a sociologia não reivindica um campo específico para si como estudo, isto é, Durkheim e seus discípulos acreditavam que o caminho para compreender um grupo social estava nas regras que alimentavam a estrutura, sendo esta regida por funções sociais. Nesse sentido, diante das influências de Comte naquele período, Gaona (1984) apresenta alguns exemplos que aproximam as ideias durkheimianas e comteanas:

Em termos gerais, além da ênfase na conservação da ordem social, outras preocupações que encontramos no trabalho de Durkheim emprestado do pensamento comteano são as seguintes: Em primeiro lugar, a convicção de que a sociedade tem uma tendência à ordem e, portanto, os conflitos sociais requerem apenas certos "reajustes" no sistema social, mas de forma alguma uma transformação radical da estrutura social existente; em segundo lugar, que o reajuste social é possível através da criação de normas morais de acordo com as novas circunstâncias que foram trazidas pelo desenvolvimento da divisão do trabalho. Em terceiro lugar, tanto Durkheim quanto Comte atribuem um papel predominante à sociedade; enquanto Comte luta por uma "renúncia sábia" dos indivíduos ao status quo, Durkheim, através de sua concepção dos fatos sociais, considera que a

---

<sup>10</sup>De acordo com Bannister (2008, p. 330), a "A sociologia teve suas raízes nas teorias de August Comte e Herbert Spencer e no trabalho empírico anteriormente conduzido por agências de censo, conselhos de trabalho estaduais e organizações de reforma. Uma tensão entre a teoria e o conhecimento prático persistiu ao longo das várias etapas de sua história: (1) uma era pré-acadêmica, durante a qual surgiu o conceito de "sociologia" (1830s-1860s); (2) a proliferação de modelos de sociedade organistas e evolucionistas (1870s-1890s); (3) tradições paralelas de estatística e investigação social (1830s-1930s); (4) um "período clássico" coincidindo com a industrialização madura e a formação de estados-nação modernos, durante o qual a sociologia se tornou uma disciplina acadêmica (1890s-1910s); (5) o florescimento entre guerras na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, paralelo na Europa por um declínio relativo e um desaparecimento virtual após a ascensão do fascismo; (6) um renascimento mundial sob influência dos Estados Unidos após 1945, quando, ironicamente, a teoria sociológica americana estava sendo europeizada; e (7) a fragmentação e a crise contínua após os ataques radicais dos anos 60."

subordinação dos indivíduos à sociedade é inevitável.<sup>11</sup> (GAONA, 1984, p. 4)

Assim, elaborando um caminho de reflexões sobre a sociologia, Durkheim escreve quatro livros que passam a ser relevantes para a compreensão do método sociológico. Essas obras retratam as principais ideias do sociólogo e se tornaram leituras canônicas da disciplina, sendo estas: *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), *As Regras do Método Sociológico* (1895), *O Suicídio* (1897) e *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912). Além disso, Durkheim foi o responsável por criar o periódico *L'Année Sociologique* (1896), primeira revista dedicada às discussões estritamente sociológicas.

A revista *L'Année Sociologique* possibilitou um amplo intercâmbio entre os autores interessados na temática de sociologia e nas publicações de Durkheim. Naquele momento, a disciplina não estava institucionalizada por toda Europa. A Alemanha foi uma das pioneiras a ter, nas universidades, estudos voltados para as “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), ou seja, ciências humanas (DUARTE, 2004, p.13). Os pesquisadores, em sua maioria, elaboravam textos e reflexões sociais por meio dos grupos de estudos privados, ou seja, dedicavam-se aos textos sociológicos sem estarem ligados a uma instituição acadêmica. Além disso, para que os trabalhos fossem disseminados nos círculos acadêmicos, os sociólogos publicavam nas revistas de filosofia.

Assim, pensando nessas dificuldades, Durkheim e seus discípulos, que cuidavam da revista *L'Année Sociologique*, criaram alguns objetivos:

Num momento em que a sociologia parece vagar numa maré de sucesso, os objetivos dos fundadores são três espécies: 1) desentocar os charlatões, assentando a disciplina em bases científicas; 2) reunir ao redor do projeto “trabalhadores” que Durkheim gosta de contrapor aos amadores, numerosos nas outras oficinas; 3)

---

<sup>11</sup> “En términos generales, además del énfasis en el mantenimiento del orden social, otras de las preocupaciones que encontramos en la obra de Durkheim retomadas del pensamiento comtiano son las siguientes: en primer lugar, la convicción de que la sociedad presenta una tendencia al orden y, por lo tanto, los conflictos sociales solamente hacen necesarios ciertos "reajustes" en el sistema social pero, de ninguna manera, una transformación radical de la estructura social existente; en segundo lugar, que al reajuste social es posible mediante la creación de normas morales acordes a las nuevas circunstancias que han sido provocadas por el desarrollo de la división del trabajo. En tercer lugar, tanto Durkheim como Comte asignan a la sociedad un papel predominante; en efecto, si Comte pugna por una "sabia resignación" de los individuos al status quo, por su parte, Durkheim, através de su concepción sobre los hechos sociales, considera inevitable la subordinación de los individuos a la sociedad.”

mais prosaicamente, seguir o exemplo de outros universitários (sobretudo na geografia e na psicologia) que são objetivamente concorrentes na corrida pelo reconhecimento acadêmico. (CUIN et al., 1994, p. 110).

Os trabalhos e a carreira de Durkheim eram reconhecidos por seus colegas acadêmicos, logo, esse fator facilitou a visibilidade da revista. No início, cerca de doze estudantes universitários, entre eles filósofos e antigos alunos da *École Normale Supérieure*, universidade de Paris, conhecidos como *normaliens*, foram recrutados para colaborar com as produções. Alguns membros notórios da revista ajudaram nesse processo de recrutamento, como Marcel Mauss (1872-1950), sobrinho de Durkheim, François Simiand (1873-1935) e Célestin Bouglé (1870-1940). Com o tempo, uma heterogeneidade na formação de cada membro e na distribuição de tarefas passou a fazer parte da equipe. O trabalho desses sociólogos pode ser considerado um dos esforços empreendidos em busca do reconhecimento acadêmico da disciplina e, também, da propagação de um campo do conhecimento que abrangesse um grupo de pessoas com formações heterogêneas. Além disso, os estudos de Durkheim influenciaram antropólogos ingleses, do século XX, a se distanciarem do evolucionismo e difusionismo vigente naquela época e a construir outras vertentes de estudo.

Quando antropólogos ingleses aderiram à Durkheim no início do século vinte (capítulo 3), eles descobriram um sem-número de aplicações da teoria durkheimiana ao estudo da religião, dos sistemas legais e do próprio parentesco. Assim, Durkheim é frequentemente descrito como o fundador do estrutural-funcionalismo, embora este seja de fato uma escola puramente britânica, desenvolvida por Radcliffe-Brown e seus alunos. Mas Durkheim e a “Escola Inglesa” concordavam em que os fenômenos sociais e as representações coletivas que os acompanham eram entidades com existência objetiva. (ERIKSEN. NIELSEN, 2007, p. 45)

O processo de reconhecimento e rigor acadêmico foi enfrentado por disciplinas, como a história, economia, ciência política (apenas na virada do século XX), antropologia, psicologia, geografia e, também, a sociologia. Nesse esforço em apresentar suas particularidades, buscavam “definir aquilo que as distinguiam das demais, e, em particular, o que as diferenciavam das que pareciam estar, quanto ao conteúdo, mais próximas ao estudo das realidades sociais”. (MALVEIRO, 2019, p.4).

Assim, temos a institucionalização da sociologia no final do século XIX e início do século XX. Sendo fruto dos acontecimentos sociais ocorridos nesses períodos, revolução francesa e industrial, teve, em sua estrutura epistemológica, diversas bases teóricas: positivistas, evolucionistas, marxistas, funcionalistas, formalistas, compreensivas, interacionistas e neofuncionalistas. No entanto, acerca das mudanças constantes da sociedade e dos contextos em que a sociologia se insere, o objeto de estudo, os métodos e as teorias foram atualizados no decorrer da sua história e utilizados por outras disciplinas.

A antropologia, a base desta pesquisa, utilizava-se de informações que eram coletadas e fornecidas pelos missionários, oficiais das colônias e os estudos de “sociedades primitivas” realizados pelos primeiros antropólogos. Além disso, revisavam as teorias e métodos de psicólogos e sociólogos que se interessavam pela temática. Esses primeiros antropólogos, conhecidos como evolucionistas culturais, são: Edward Burnett Tylor (1832-1917), Herbert Spencer, James George Frazer (1854-1941), Lewis Henry Morgan (1818 – 1881). Sendo estes os responsáveis por disseminar informações detalhadas do estilo de vida de outros grupos, principalmente, sobre sociedades “primitivas” que era objeto de estudo da disciplina no século XIX e início do século XX.

Nesse momento, os trabalhos eram elaborados direto de seus gabinetes. Por causa disso, ficaram reconhecidos, posteriormente, por *antropólogos de gabinete* (PEIRANO,1995). No entanto, três universidades da Inglaterra - a saber: London School Economics- LSE, Cambridge e Oxford - junto ao governo e instituições privadas, um dos financiadores era o Instituto Rockefeller, desenvolveram um projeto para a realização da primeira expedição a algumas regiões do pacífico. A expedição ficou conhecida como Estreito de Torres e foi realizada no ano de 1898. Esse empreendimento, de saírem de seus gabinetes e irem ao campo, ressignificou, como veremos adiante, a teoria e metodologia da antropologia. (STOCKING, 1992; KUPER, 2008).

### **3 A antropologia social britânica no século XX: colonialismo, o rompimento com a antropologia evolucionista e a etnografia**



A sociedade inglesa do século XIX presenciou mudanças significativas em alguns setores de sua estrutura social. Essas mudanças (Revolução Industrial e os avanços tecnológicos) contribuíram para instigar o interesse do Estado britânico de explorar e reivindicar os territórios colonizados. Interessados pela matéria-prima que esses lugares ofereciam, e, de certa forma, a oportunidade de inserir a cultura britânica nesses locais, expedições marítimas, sendo estas comandadas pelo governo, saíram da Inglaterra rumo à África e à Ásia. Alguns conflitos bélicos e estratégias de inserção no continente foram necessários para confrontar e controlar a população nativa. (GAONA, 1985; KUKLICK, 1986; PASSETTI, 2016).

O controle dessa população não aconteceu apenas por meio de conflitos. Algumas instituições científicas (a antropologia passa a ter uma atuação significativa nesse período) contribuíram para a coleta de informações sobre esses grupos (GAONA, 1985). Os dados coletados eram utilizados nas pesquisas de antropólogos e também pelo Estado britânico para uso dos escritórios coloniais. A atuação desses pesquisadores, conhecidos como antropólogos evolucionistas, trouxe reflexões epistemológicas para que outros seguimentos no campo emergissem no momento de exploração colonial. Como veremos adiante, existiram alguns antropólogos estabelecendo parcerias com o Estado britânico para acessarem os territórios e realizarem as pesquisas. (CASTRO, 2005; GAONA, 1985; KUKLICK, 1986).

Nesse período, em busca de compreender a diversidade cultural, a antropologia foi conquistando o seu espaço acadêmico e criando uma rede de adeptos que contribuíram com suas respectivas instituições acadêmicas: Oxford, Cambridge e London School of Economics. Para a institucionalização da disciplina e a construção de um curso que preparasse futuros estudantes de antropologia, pesquisadores com formações em biologia, psicologia, medicina e filosofia reuniram-se em busca de materiais, coletados por missionários e oficiais da colônia, na tentativa de criar uma base científica de dados. A graduação somente em antropologia passou a existir apenas após a Segunda Guerra Mundial. Antes desse período, cerca de onze universidades ofereciam alguma instrução em estudos antropológicos ao disponibilizar subcampos da disciplina que foram incorporados em alguns departamentos. (KUKLICK, 1986, 2008; STOCKING, 1992).

Os estudos sobre o processo evolutivo da humanidade e a busca por materiais de campo fizeram com que os antropólogos confrontassem teorias narradas, até então, pelos textos bíblicos. Abandonar essas teorias foi possível por meio das escavações e descobertas de fósseis humanos realizadas por arqueólogos em alguns continentes. As análises realizadas desses fósseis resultaram em uma datação mais antiga da vida humana, ou seja, contradizendo os textos da escritura. Ademais, identificaram que o estilo de vida dos fósseis estava próximo dos ancestrais pré-históricos dos europeus. (KUKLICK, 2008, p. 54).

Naquele momento, com o evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882), presente no imaginário dos cientistas, Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês, foi o responsável por influenciar os “antropólogos de gabinete”, a saber: Lewis Morgan (1818-1881), Edward Tylor (1832-1917) e James Frazer (1854-1941), principais expressões do paradigma evolucionista na antropologia. A ideia de evolucionismo de Spencer, diferente de Darwin, não analisava apenas algumas espécies, e, sim, dentro de uma perspectiva holística, principalmente, da humanidade. Sendo assim, os trabalhos desenvolvidos por esses antropólogos buscaram comprovar um padrão histórico evolutivo para todas as sociedades. (CASTRO, 2005).

O avanço do simples para o complexo, através de um processo de sucessivas diferenciações, é igualmente visto nas mais antigas mudanças do Universo que podemos conceber racionalmente e indutivamente estabelecer; ele é visto na evolução geológica e climática da Terra, e de cada um dos organismos sobre sua superfície; ele é visto na evolução da Humanidade, quer seja contemplada no indivíduo civilizado, ou nas agregações de raças; ele é igualmente visto na evolução da Sociedade com respeito a sua organização política, religiosa e econômica; e é visto na evolução de todos ... os infindáveis produtos concretos e abstratos da atividade humana. (CASTRO, 2005, p.13 apud Spencer,1857)

Contudo, essa ideia foi contestada, em um primeiro momento, pela antropologia cultural norte-americana no século XX. Franz Boas (1858-1942), físico e geógrafo alemão, após trabalhar por um ano entre os esquimós da Ilha Baffin, migrou para os Estados Unidos e, sob a influência dos estudos de Morgan e suas experiências de campo, criticou o trabalho dos evolucionistas. Após se estabelecer nos EUA, Boas criou o primeiro doutorado em antropologia da América, na universidade de Columbia, por volta de 1899.

Suas teorias e métodos passaram a ser conhecidos como o paradigma cultural norte-americano. (STOCKING,1990).

As discussões sobre a perspectiva metodológica dos antropólogos norte-americanos foram comentadas por Boas na obra *Antropologia Cultural* (2005).

O método que estamos tentando desenvolver baseia-se num estudo das mudanças dinâmicas na sociedade que podem ser observadas no tempo presente. Abstemo-nos de tentar solucionar os problemas fundamentais do desenvolvimento geral da civilização até que estejamos aptos a esclarecer os processos que ocorrem diante dos nossos olhos. (BOAS, 2005, p.47)

A tentativa de compreender os processos dinâmicos da sociedade, no tempo presente, levou os pesquisadores norte-americanos a terem resultados preliminares que foram fundamentais para contestarem os evolucionistas culturais. Nesse sentido, Boas prossegue:

A história da civilização humana não nos apresenta inteiramente determinada por uma necessidade psicológica que leva a uma evolução uniforme em todo o mundo. Vemos, ao contrário, que cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido. Tanto ocorrem processos de gradual diferenciação quanto a nivelamento de diferenças entre centros culturais vizinhos. Seria completamente impossível entender o que aconteceu a qualquer povo particular com base num único esquema evolucionário. (BOAS, 2005, p.47)

Como se pode ver, a ideia de um “esquema evolucionário”, para Boas, não seria o caminho para estudar a diversidade cultural. A experiência etnográfica entre os esquimós, certamente, possibilitou que o geógrafo elaborasse uma visão sobre o objeto de pesquisa diferente de seus contemporâneos. Aliás, os antropólogos evolucionistas eram conhecidos como “antropólogos de poltronas ou gabinetes” (PEIRANO,1995), em virtude de não terem ido ao campo, o que dificultaria teorias mais precisas. Morgan, um desses evolucionistas, chegou a conviver, por um curto período, entre os indígenas Iroqueses, mas os objetivos e as influências epistemológicas que o levaram a estudar esse grupo fizeram com que o pesquisador seguisse o caminho de seus colegas. (CASTRO, 2005).

O pensamento difusionista de Boas foi disseminado nos ambientes acadêmicos e influenciou pesquisadores, como William H. R. Rivers (1864-1922), médico, psiquiatra e antropólogo inglês, a repensar a forma como a

antropologia estava sendo praticada na Inglaterra e, conseqüentemente, também, a criticar os antropólogos de gabinete. Os pesquisadores que se interessaram pela antropologia inglesa fizeram parte do corpo de estudantes das universidades de London School Economics, Cambridge e Oxford, em meados de 1908-1914, e atuavam sob as orientações de Charles Seligman (1873-1940), Alfred C. Haddon (1855-1940) e Rivers. Esses três pesquisadores foram responsáveis por realizarem a expedição ao Estreito de Torres em 1898 e fizeram parte do grupo de transição que estava entre o paradigma evolucionista cultural e o paradigma estrutural funcionalista. Rivers se considerava um difusionista<sup>12</sup> e seu trabalho se assemelhava ao de Boas nos EUA, enquanto Seligman e Haddon tinham ideias parecidas com o difusionismo, mas, não se indentificavam como tal. Eles mantinham perspectivas científicas de suas formações de origem. Apesar das diferentes posições, esses três influenciaram pesquisadores, como Malinowski, a se submeterem ao método de campo imersivo e, conseqüentemente, a fundarem um novo paradigma. (KUKLICK, 2008; STOCKING,1992).

Apesar desses grupos de antropólogos terem realizados críticas aos evolucionistas culturais, o vocabulário utilizado para se referir aos povos considerados por esses antropólogos como “não civilizados”, ainda, estava presente nos textos antropológicos, a saber: “barbárie”, “primitivo” e “selvagem”.<sup>13</sup> Essa tentativa de classificar as sociedades em estágios de desenvolvimento, isto é, sociedades em estágios mais avançados que outras, com efeito, colaborou para a efetivação e a apropriação desses conceitos. Além disso, o rompimento com o paradigma evolucionista cultural não foi definitivo. Algumas das teorias e métodos foram reformulados pelos novos

---

<sup>12</sup> De acordo com Eriksen e Nielsen (2007, p. 39): “Os difusionistas estudavam a distribuição geográfica e a migração de traços culturais e postulavam que culturas eram mosaicos de traços com várias origens e histórias. As partes de uma cultura, portanto, não estão todas necessariamente ligadas a um todo maior.”

<sup>13</sup> Conforme Gaona (1985, p. 11): “Antes do surgimento da teoria funcionalista, a antropologia estava impregnada do pensamento evolutivo vitoriano, que considerava os povos primitivos em termos exóticos ou, de fato, como ‘amoral’ e ‘selvagem’, enfatizando frequentemente seu pensamento ‘pré-lógico’. Sobre a posição ideológica desta antropologia, o comentário de um presidente do Real Instituto Antropológico é ilustrativo quando diz: ‘o negro tem seu lugar na natureza e cabe aos antropólogos definir esse lugar’. Claramente, esta visão apoiaria o etnocentrismo e as pretensões coloniais, afirmando a superioridade do mundo ocidental ao colocar os negros na ‘natureza’, em oposição à ‘civilização’.”

paradigmas que sofriam, de certa maneira, influências de seus ancestrais. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000; STOCKING, 1992).

Em resumo, tivemos entre os séculos XIX e XX, na antropologia, o destaque de alguns paradigmas, ou seja, matrizes disciplinares, como aprofundaremos à frente, sendo estes: escola racionalista e estruturalista; escola evolucionista culturalista; escola histórico-cultural norte-americana; escola estrutural funcionalista; e escola interpretativa e hermenêutica. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 62-63). A escola racionalista e estruturalista é a escola sociológica de Émilie Durkheim (1858-1917). A escola hermenêutica foi uma resposta de Clifford Geertz (1926-2006), antropólogo norte-americano, às demais escolas na década de 1960. Além desses paradigmas, vale ressaltar que, atualmente, outras escolas foram incorporadas ao programa e fazem parte das correntes de pensamentos da disciplina, como veremos na tabela abaixo. Contudo, para a análise desta pesquisa, utilizaremos os desdobramentos teóricos e metodológicos da escola estrutural funcionalista.

Table I: Perspectives on society and on culture

PERSPECTIVES ON SOCIETY

Evolutionism  
 Functionalism  
 Structural-functionalism  
 Transactionalism  
 Processualism  
 Marxism  
 Poststructuralism (in most respects)  
 Structuralism (in some respects)  
 Culture-area approaches (in some respects)  
 Feminism (in some respects)

PERSPECTIVES ON CULTURE

Difusionism  
 Relativism  
 Cognitive approaches  
 Interpretivism  
 Postmodernism  
 Culture-area approaches (in most respects)  
 Structuralism (in most respects)  
 Poststructuralism (in some respects)  
 Feminism (in some respects)

**Fonte:** BARNARD, Alan. *History and theory in Anthropology*. ed. Cambridge Univeristy Press, 2000, p. 11.

### 3.1. A antropologia social britânica e o colonialismo

A compreensão do conceito de paradigma por Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), como matriz disciplinar, trouxe uma característica única e, de certa forma, adaptada para o contexto da antropologia ao reformular as ideias de Thomas Kuhn (1922-1996). O historiador da ciência e autor da obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962) foi o responsável por disseminar o conceito de paradigma, não só pelos corredores universitários, mas, também, para o público em geral, e, além disso, influenciou uma geração de intelectuais. Ao ler ou escutar sobre paradigma, o termo nos remete às suas teorias sobre “ciência normal”, “anomalia”, “soluções de quebra-cabeça”, “incomensurabilidade” e “revoluções científicas”. Esses conceitos encabeçam uma ideia de que o paradigma, segundo Kuhn:

[...] é o que prepara o estudante a ser membro de uma determinada comunidade científica no qual atuará mais tarde. Esse estudante irá aprender com pesquisadores que aprenderam as bases de seu campo de estudo a partir dos mesmos modelos concretos, sua prática raramente irá provocar desacordo sobre pontos fundamentais. (KUHN, 2010, p. 72)

Diante disso, o estudante será treinado para exercer teorias que estão sendo lapidadas por seus professores para criarem uma base de dados concretos sobre o campo de estudo e que possa validar sua cientificidade. Participar de um paradigma é condicionar o pesquisador a enxergar o mundo na perspectiva dos conceitos do grupo. Além do mais, os objetivos dos cientistas não são de criar novas teorias ou transitar por paradigmas em busca de soluções, mas, sim, reafirmar as teorias existentes, convertendo as “anomalias” que aparecem. (KUHN, 2010). Conseqüentemente, a existência de um ou mais paradigmas coexistindo não é possível. No entanto, Kuhn fala, com a seguinte colocação, especialmente para as ciências naturais, que, nas ciências sociais, é difícil sustentar somente um paradigma:

[...] fiquei especialmente impressionado com o número e a extensão dos desacordos expressos existentes entre os cientistas sociais no que diz respeito à natureza dos métodos e problemas científicos legítimos. (KUHN, 2010, p. 53)

O modelo de paradigma kuhniano reverberou por alguns grupos científicos. Ele teve um impacto no período em que a obra foi publicada e isso perpetuou por alguns anos. Além do mais, sofreu críticas e chegou a ser contestado pelo próprio Kuhn. Apesar dessa situação, podemos dizer que o conceito de paradigma contribuiu para que algumas disciplinas delimitassem suas fronteiras epistemológicas. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984). Destacamos que as teorias de Kuhn são mais complexas do que foi apresentado e as explicações realizadas foram apenas um resumo para o entendimento do conceito.

No caso da antropologia, o processo de adaptação para o modelo de matriz disciplinar, sendo este um conceito kuhniano que surgiu para superar os problemas trazidos com a noção de paradigma e que Cardoso de Oliveira o adaptou, contribui para a reflexão de que as escolas antropológicas coexistiram e coexistem ao mesmo tempo, e os cientistas transitam entre uma teoria e outra.

Para mim, uma matriz disciplinar é a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, à condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes. À diferença das ciências naturais, que os registra em sucessão — num processo contínuo de substituição —, na antropologia social, os vemos em plena simultaneidade, sem que o novo paradigma elimine o anterior pela via das “revoluções científicas”, de que nos fala Kuhn, mas aceite a convivência, muitas vezes, num mesmo país, outras vezes, numa mesma instituição. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1984, p.193).

O trabalho de campo implementado nos EUA, em um primeiro momento, por Boas e seus alunos, teve um caminho diferente na Inglaterra do século XX. Os antropólogos funcionalistas - Radcliffe-Brown e Malinowski - usavam o método etnográfico como fator principal do ofício de um antropólogo. Influenciados por Spencer e Haddon, que estiveram em campo na área da zoologia, transformaram a etnografia como o rito de passagem dos estudantes de antropologia para a profissionalização. A expedição multidisciplinar ao Estreito de Torres, possibilitou que tanto Rivers quanto Haddon

desenvolvessem materiais de estudo para o campo. Rivers publicou artigos sobre a viagem em *Notes and Queries*<sup>14</sup> e direcionou materiais para serem utilizados por seus alunos. (STOCKING,1990).

A expedição ao Estreito de Torres surgiu por meio de algumas necessidades, e uma delas foi a preocupação de Haddon em descaracterizar o significado abrangente que os antropólogos do século XIX criaram sobre a disciplina. Ademais, ele coletou informações e materiais suficientes para a implementação do curso profissional de antropologia nas instituições acadêmicas. E para isso acontecer, Haddon buscou pela parceria de profissionais que tivessem interesse na antropologia e fossem qualificados para a missão. O resultado foi a cooperação de colegas de Cambridge e LSE com formações em psicologia cognitiva, medicina, linguística e sociologia. Os principais atuantes ao lado de Haddon foram Seligman e Rivers.

Figura 1- Expedição ao Estreito de Torres de 1898



<sup>14</sup> *Notes and Queries* é um periódico acadêmico de antropologia fundado, em 1849, na Inglaterra. Nesse periódico, houve a publicação de artigos de diversos cientistas e, dentre eles, o antropólogo Rivers. Conferir em: <https://journals.scholarsportal.info/browse/00293970>



Esse empreendimento contou com o apoio do Estado britânico, principalmente, a *Indirect Rule*<sup>15</sup> (uma forma de governo utilizada, geralmente, pelos ingleses nas colônias) e de algumas instituições privadas, como o instituto Rockefeller. (GAONA, 1985). Portanto, após finalizarem essa expedição, os alunos da LSE, Oxford e Cambridge puderam contar com o apoio e financiamento desses institutos nas pesquisas futuras. Para compreender o contexto de ascensão da antropologia social britânica, é necessário entender a situação política envolvendo o Estado, as colônias e os antropólogos.

A seguir, haverá uma breve explicação sobre esse contexto:

A antropologia social britânica, e, mais tarde, a antropologia funcionalista malinowskiana, foi apontada como uma aliada do Estado britânico e colaboradora do processo de expansão do colonialismo em algumas regiões da África. Nesse contexto, a Ásia não chegou a ter os mesmos impactos desestruturais marcados pela disciplina, uma vez que os recursos naturais e materiais de pesquisa oferecidos pela região favoreciam os europeus, além de o clima não ser considerado favorável para o estabelecimento dos ingleses. (GAONA, 1985). Essa introdução nos territórios colonizados, por meio das relações de parceria com o Estado, não foi conquistada de imediato. Algumas tentativas, anteriores aos funcionalistas no século XX, foram empreendidas por alguns ancestrais da disciplina e não tiveram tanto sucesso.

Em 1896, temos a mobilização de alguns pesquisadores junto à *British Association for the Advancement of Sciences* (BAAS) (Associação britânica para o avanço da ciência) e ao *Anthropological Institute* (AI) (Instituto antropológico), apresentando petições ao governo britânico na perspectiva de criarem um departamento imperial de etnologia. Essa campanha foi instigada

---

<sup>15</sup> Conforme Gaona (1985, p. 6): “A Indirect Rule não foi uma política homogênea nas colônias britânicas. As modificações sofridas foram o resultado das características diferenciais dos territórios em que foi utilizado. Em termos gerais, a existência de um poder político centralizado na estrutura social dos grupos colonizados era necessária para que o governo indireto funcionasse com um certo grau de eficácia. Assim, o grau variável de centralização política dos grupos étnicos sob o domínio colonial fez sentir seus efeitos nesta forma de administração utilizada principalmente pelos britânicos. A forma mais comum de usar a Indirect Rule era através do controle das estruturas políticas tradicionais de dominação. Tal controle teve a vantagem de os chefes tradicionais se tornarem os principais promotores das políticas que a administração colonial havia elaborado.”

por Haddon e envolveu personalidades, como Tylor, John Lubbock (1834-1913) e Sir Hércules Read (1857-1929). Na tentativa de convencer o governo, eles apresentaram os seguintes argumentos: o departamento serviria para propósitos científicos, incentivaria a produção de relatórios sobre os povos “extintos” e também facilitaria as relações entre governante e governado ao simpatizar as relações e conseguir convercer os súditos das transformações nas instituições indígenas, como foi previsto na atuação posterior da implementação da *Indirect Rule*. Contudo, o máximo que eles conseguiram foi a criação de um escritório no departamento do Museu Britânico, que Read administrava, sem um financiamento adequado. (KUKLICK, 2008). Mas, em nossa perspectiva, a tentativa desses pesquisadores foi de mostrar que um cientista e, especificamente, um antropólogo estavam mais preparados para lidarem com situações que dizem respeito à vida social e cultural de uma sociedade do que os funcionários do Estado.

Posteriormente a essas tentativas, as universidades (LSE, Oxford e Cambridge), diferente dos pesquisadores e das associações, tiveram mais sucesso ao oferecerem seus serviços para as autoridades coloniais. Isso ocorreu diante da implementação dos diplomas em antropologia nas instituições de ensino superior por volta de 1913 a 1927. Os missionários, administradores e funcionários coloniais podiam participar dos seminários e cursos oferecidos, em busca de aperfeiçoarem suas práticas, o que favoreceu a participação dos antropólogos nos empreendimentos coloniais. (KUKLICK, 2008). Diante disso, podemos considerar que as críticas de alguns pesquisadores (Malinowski) sobre o despreparo desses funcionários coloniais e o convívio em campo com os antropólogos nessas regiões isoladas foram o principal motivo que levou o Estado a priorizar e reconhecer a importância de uma formação mais sistematizada?

De acordo com Kuklick (2008, p. 61), algumas autoridades coloniais enalteciam o trabalho dos antropólogos e prestigiavam reuniões oferecidas pela BAAS. Mas, de modo geral, as autoridades relutavam em pedir aconselhamento até a Segunda Guerra Mundial, que foi um período que a Grã-Bretanha estava interessada na descolonização e precisava da ajuda dos antropólogos para transformar as colônias em estados independentes. Em umas das reuniões da BAAS, Frazer, como o palestrante da vez, chegou a

mencionar a Guerra da Somalilândia e as perdas que o Estado teve ao entrar em conflito com os nativos da região. Isso aconteceu, na concepção de Frazer, devido à falta de conhecimento sobre os costumes dos nativos e que podia ser evitado com a ajuda de um profissional qualificado. Por esse motivo, o Estado, tentando evitar distúrbios na administração colonial, recorreu à ajuda de profissionais da antropologia até depois da Segunda Guerra Mundial. (KUKLICK, 2008).

No entanto, o que incentivou os funcionários a buscarem pela qualificação foi a obediência e o compromisso que o funcionário colonial tinha com a administração colonial, algo que faltava no antropólogo. O antropólogo, mesmo concordando em trabalhar para o governo, estava comprometido com a ciência e suas leis. O funcionário do governo enxergava os nativos pela visão do colonialismo, apesar do treinamento científico. O que facilitava o controle das informações sobre os nativos. Por isso, constantemente, os antropólogos entravam em conflito com os administradores coloniais. Apesar disso, podemos considerar que o convívio com os antropólogos e as críticas que receberam podem ter, de certa forma, corroborado para reforçar a necessidade de se profissionalizarem, visto que os administradores coloniais estavam incomodados com a presença de alguns pesquisadores, a ponto de buscarem o conhecimento científico.

O trabalho de campo realizado no Estreito de Torres por Rivers, Haddon e Seligman, é reconhecido como um dos mais importantes da disciplina e considerado o pioneiro da observação participante por alguns textos da literatura antropológica (KUKLICK, 2008; STOCKING, 1992). Esses pesquisadores recorreram às suas experiências pessoais para fomentarem a disciplina que pretendiam institucionalizar. As contribuições de Haddon incentivou os futuros alunos de antropologia a buscarem pelo ponto de vista do nativo. Diferente do colega, Rivers desenvolveu um método genealógico que foi utilizado por um período longo na disciplina. O trabalho multidisciplinar que desenvolveram com outras instituições continha interesses particulares de cada pesquisador, mas uma preocupação em comum: a coleta de materiais para estudo. Após a expedição, e ao avaliar as condições que o trabalho foi realizado, Rivers sugeriu que os estudantes realizassem pesquisa sozinhos, uma vez que a presença de uma equipe perturbava a rotina dos nativos e as

interações com os membros da comunidade. Conforme Kuklick (2008, p. 65), Rivers almejava que o estudo fosse realizado por um antropólogo solitário, que dedicasse ao grupo por um período de um ano, que a população não ultrapasse quinhentas pessoas e que o território estivesse, de alguma forma, limitado por fatores geográficos.

Apesar dessas contribuições em prol de favorecerem o trabalho de campo, os antropólogos, do final do século XIX e início do XX, não se preocuparam em criticar os postulados de teor colonialista, a saber “primitivos” e “selvagens”, uma vez que beneficiavam do privilégio de terem acesso às comunidades. Entretanto, ao estreitar laços com o Estado, de acordo com Gaona (1985, p. 11): “afirma a possibilidade científica de apreender a estrutura e o funcionamento dos povos ‘sobreviventes’, rejeitando a existência da ‘sobrevivência’”<sup>16</sup>. Conseqüentemente, essa postura reverberou uma fama negativa entre os antropólogos do final do século XX e início do XXI. Os antropólogos do século XX foram apontados como praticantes de uma antropologia colonial e não científica. Enquanto praticavam trabalho de campo, os antropólogos tinham consciência da intervenção dos colonizadores na descaracterização da cultura local? Em que medida o antropólogo conseguia realizar trabalho de campo em uma região que não havia sido corrompida pelo colonialismo?

De acordo com Stocking (1992, p. 217), desde o começo da tradição moderna, o trabalho de campo na antropologia foi marcado pela influência do poder colonial europeu. O historiador discorre sobre a consciência de Rivers sobre o fato. O “porta-voz do novo modo de estudo intensivo”, como Stocking se refere ao difusionista, havia comentado que o momento propício para realizar o trabalho etnográfico era de dez a trinta anos após a colonização da região. Após esse período, a população dominada estaria mais receptiva a presença de pesquisadores estrangeiros e o tempo não seria suficiente para descaracterizar as particularidades da cultura nativa. Além de Rivers, o próprio Haddon chegou a mencionar que, sobre o mapa do mundo, o governo britânico havia derramado sangue de homens que não aceitavam a dominação. No entanto, na tentativa de amenizar os impactos da presença colonial, a

---

<sup>16</sup> “afirma la posibilidad científica de aprehensión de la estructura y funcionamiento de los pueblos ‘sobreviventes’, a partir de rechazar la existencia de ‘supervivência.’”

antropologia foi no sentido oposto, favorecendo algumas práticas ao omitir essas questões nos textos.

O funcionalismo de Malinowski se aliou às práticas colonialistas. Antes de apresentar Malinowski, consideramos relevantes, nesse momento que abordamos o colonialismo, retratar a participação do etnógrafo nos empreendimentos coloniais. O governo colonial enfrentava dificuldades para controlar os nativos dominados por eles, e, com a afirmação dos antropólogos ingleses de serem aptos para lidarem com a situação, alguns pesquisadores foram contratados. O objetivo era de colaborar com a coleta de informações por meio de relatórios sobre as estruturas culturais de cada povo. Entretanto, isso trouxe uma indignação por parte dos antropólogos, já que não eram funcionários do Estado, e, sim, pesquisadores. Logo, diziam estarem, ali, em nome da ciência. Mas a antropologia funcionalista de Malinowski havia conquistado os administradores por ser considerada prática e objetiva.

A antropologia funcionalista oferece à administração uma compreensão dos sistemas sociais onde antes só existiam costumes "demoníacos", "promiscuidade" e "anarquia". A antropologia tem: "introduzido a lei e a ordem em seu domínio aparentemente caótico e extravagante". Ela transformou o mundo histórico, feroz e irresponsável dos "selvagens" em um número de comunidades bem ordenadas, governadas pela lei, que se comportam e pensam de acordo com certos princípios.<sup>17</sup> (GAONA, 1985, p.12)

A participação dos funcionalistas, nesses territórios, colocou em evidência a funcionalidade das estruturas sociais dos povos africanos. Algo parecido com o que realizaram entre os nativos das ilhas melanésias. Mesmo insatisfeitos com a falta de autonomia da pesquisa, a tensão ideológica entre os colegas de disciplina e a divergência intelectual entre os pesquisadores e funcionários do governo, conseguiram chegar a alguns resultados. Uma das características do trabalho desses antropólogos estava na maneira que trabalhavam com o tempo. Para eles, o que importava era o aqui e agora, o que nomearam como perspectiva sincrônica (suspendiam o tempo histórico),

---

<sup>17</sup> "La antropología funcionalista ofrece a la administración una comprensión de los sistemas sociales donde anteriormente solamente existían costumbres 'demoníacas', 'promiscuidad' y 'anarquía'. La antropología ha: 'introducido ley y orden en su dominio que parecía caótico y caprichoso'. Ha transformado el mundo efectista, feroz e irresponsable de los 'salvajes' en cierto número de comunidades bien ordenadas, gobernadas por leyes y que se comportan y piensan con arreglo a determinados principios."

sendo o oposto da escola de Boas, e, até mesmo, dos evolucionistas que analisavam o objeto por uma perspectiva diacrônica (consideravam o tempo histórico)<sup>18</sup>. A escola estrutural funcionalista de Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955) tinha como um de seus inspiradores o positivismo de Durkheim. O funcionalismo de Malinowski foi influenciado pelo positivismo de Ernst Mach, como veremos adiante, mas a maneira de pensar o tempo na disciplina assemelha-se à perspectiva de Durkheim. Antes disso, gostaríamos de reforçar que estamos priorizando o relacionamento entre colonizadores e antropólogos no continente africano, porque, diferente das expedições na Ásia, foi onde as relações se estreitaram e o interesse no trabalho do antropólogo para intervenções políticas significou um rumo diferente na disciplina. (GAONA, 1985; KUKLICK, 2008; STOCKING, 1992).

Se há um fato que a história tem demonstrado irrefutavelmente, é que a moral está diretamente relacionada com a estrutura das pessoas que a praticam. A relação é tão íntima que, dado o caráter geral da moralidade observada em uma determinada sociedade ... podemos deduzir a natureza dessa sociedade, os elementos de sua estrutura e a forma como ela está organizada. Dê-me os padrões conjugais, os padrões morais que dominam a vida familiar, e eu lhe direi as principais características de sua organização.<sup>19</sup> (GAONA, 1986, p.12 apud DURKHEIM,1961, p.118)

Ao utilizarem a ideia de função de Durkheim e, dessa maneira, desconsiderarem o tempo histórico do sujeito de pesquisa, os funcionalistas deixavam de analisar as questões externas que afetavam a dinâmica da cultura, por exemplo, o fato colonial e os desdobramentos de descaracterização da cultura dessas sociedades. (GAONA,1985). Ressalta-se que o governo britânico tentou incorporar alguns costumes europeus, como o

<sup>18</sup> Conforme Barnard (2000, p. 11): "Basicamente, as primeiras preocupações antropológicas foram com a natureza da sociedade: como os humanos se associaram uns com os outros, e como e por que as sociedades mudaram com o tempo. Quando interesses diacrônicos foram derrubados, a preocupação era com a forma como a sociedade estava organizada ou funcionando. Funcionalistas, estrutural-funcionalistas e estruturalistas debateram entre si se deveriam enfatizar as relações entre indivíduos, as relações entre instituições sociais, ou as relações entre categorias sociais que os indivíduos ocupam. No entanto, eles concordaram em grande parte sobre um interesse fundamental no social sobre o cultural. O mesmo se aplica aos transacionalistas, processualistas e marxistas."

<sup>19</sup> "Si hay un hecho que la historia haya demostrado irrefutablemente, es que la moralidad está relacionada en forma directa con la estructura del pueblo que la practica. La relación es tan íntima que, dado el carácter general de la moralidad observada en cierta sociedad... podemos deducir la naturaleza de esa sociedad, los elementos de su estructura y la forma en que está organizada. Dadme las pautas matrimoniales, las normas morales que dominan la vida familiar, y os diré las características principales de su organización."

comércio, agricultura e sistema político, com o intuito de dominar esses territórios. Além disso, os antropólogos declaravam que a ciência praticada por eles não estava ligada às ações políticas, e, sim, ao rigor científico, blindados pela neutralidade do pesquisador. Essa afirmação gerou um paradoxo entre as teorias que pregavam e o que colocaram na prática. Sem dúvidas, os relatos apontados sobre a ligação que tiveram com o Estado britânico são indícios de que estavam envolvidos com as questões externas ao ambiente acadêmico.

Perante a explicação acima sobre o contexto colonial e a antropologia, adiante, refletiremos sobre os empreendimentos antropológicos realizados pelos funcionalistas, a partir da expedição ao Estreito de Torres, e, principalmente, a contribuição do trabalho etnográfico, pela história intelectual, do polonês Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), um dos principais atores desse movimento.

Após retornarem da expedição, Haddon e Rivers promoveram o trabalho de campo como método definitivo para a antropologia. Sobretudo, ocuparam-se em produzir materiais de publicação com a ajuda de Seligman, enquanto Haddon atuava nas universidades de Cambridge e Dublin, na iniciativa de criarem uma base de dados envolvendo os resultados que coletaram em campo. Os alunos que ingressaram na antropologia, nessa época, passaram a fazer uso desses materiais. Como foi mencionado anteriormente, Rivers chegou a ser um contribuinte ativo em *Notes and Queries*. (KUKLICK, 2008; STOCKING, 1992).

O método empregado, de saírem dos seus escritórios e conviverem por um tempo entre os nativos, era explorado, anteriormente, por cientistas naturalistas e, também, por Spencer que, assim como Haddon, idealizou uma expedição envolvendo o reconhecimento de outras culturas. (CASTRO, 2005; STOCKING, 1992). Nota-se que a antropologia social britânica estava, de certa forma, aprimorando e expandindo o método para além das fronteiras das ciências naturais.

O resultado disso foi uma proposta elaborado por Haddon que envolvia a distribuição de estudantes para as ilhas da Melanésia. Então, uma segunda expedição foi realizada em 1910. O objetivo dessa viagem foi tanto a busca pela elucidação do processo evolutivo dos nativos quanto os discentes fazerem um trabalho mais focalizado e intensivo em uma região. (STOCKING, 1992, p.

27-28). Depois de certo período em campo, eles retornaram às universidades com os dados e materiais obtidos. Infelizmente, não foram todos os alunos que conseguiram alcançar êxito, apenas Malinowski entregou um material que ultrapassava as expectativas de seus orientadores. O que repercutiu, alguns anos depois, em apontamentos a respeito do sucesso da obra.

A reputação de Malinowski cresceu consideravelmente conforme publicava seus trabalhos. Os textos transmitiam densidade descritiva e uma narrativa envolvente que contrariava algumas teorias em voga. (DURHAM, 1986). Influenciado pelas discussões etnológicas da época, o polonês inteirou-se dos fundamentos da disciplina por meio das orientações de Seligman e passou a integrar o grupo de antropólogos da LSE. A trajetória intelectual de Malinowski, nesse processo de integração acadêmica, foi permeada por conflitos internos, reflexões epistemológicas e teóricas enquanto transitava de um campo de estudo a outro.

Naquele momento, conseguiu permanecer por cerca de cinco anos entre os nativos da Papua Nova Guiné. Decerto, período consideravelmente extenso comparado aos demais colegas. Logo que retornou à Inglaterra, teve algumas dificuldades financeiras para se estabelecer, mas, após finalizar o texto sobre Trobriand, publicava, o que viria a se tornar um clássico da disciplina, *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* (1922).

É válido ressaltar que, além das contribuições significativas de Malinowski para a continuação da geração de funcionalistas na disciplina, houve também a colaboração das pesquisas realizadas pelo antropólogo Radcliffe-Brown. No entanto, os dois funcionalismos eram distintos. O funcionalismo malinowskiano fundamentou sua teoria em constantes biológicas e psicológicas. Malinowski acreditava que ao analisar as instituições sociais de todas as sociedades, as necessidades biológicas e psicológicas devem ser parecidas. Ele ainda chamou atenção para os motivos dos indivíduos. Na visão de Malinowski, conforme Kuklick (2008, p. 73), “As forças sociais moldavam os desejos dos indivíduos de se desviarem das expectativas normativas, mas os indivíduos não eram escravos passivos das regras de suas sociedades”<sup>20</sup>. Ao

---

<sup>20</sup> “Social forces shaped individuals’ desires to deviate from normative expectations, but individuals were not passive slaves to their societies’ rules.”



contrário de Malinowski, o antropólogo Radcliffe-Brown incorporou as ideias de Durkheim em suas pesquisas sobre estudar as regras sociais que regem os indivíduos e conquistou uma quantidade significativa de seguidores. Ele acreditava que os fenômenos sociais não podiam ser reduzidos a um julgamento da psicologia individual. O que levou Radcliffe-Brown a criticar as pesquisas cognitivas do seu primeiro orientador Rivers e aumentar sua popularidade. (KUKLICK, 2008; STOCKING, 1992).

As experiências formativas e pessoais desses pesquisadores ajudaram a moldar pontos de vista diferentes. Apesar disso, as duas figuras mais importantes da escola funcionalista são Radcliffe-Brown e Malinowski. Contudo, na próxima seção, iremos debruçar sobre a trajetória intelectual e pessoal de Malinowski, que colabou para a ressignificação do método etnográfico.

#### **4 A singularidade do método etnográfico de Bronislaw Malinowski e os caminhos trilhados até à antropologia social britânica**

A singularidade do trabalho do polonês Malinowski demarcou uma nova fase para a antropologia. A etnografia praticada pelo antropólogo no período que navegava pelos trópicos permanece, nos dias atuais, sendo referência na formação dos estudantes de antropologia. Essa singularidade, ou seja, os caminhos escolhidos pelo etnógrafo em busca de respostas, está repleta de influências pessoais e intelectuais. Peirano (1995, p. 22), ao discutir sobre os desafios do trabalho etnográfico, afirma que “não é possível ensinar a fazer pesquisa de campo” para os estudantes de antropologia, uma vez que a relação do pesquisador e pesquisado, o suporte teórico e bibliográfico e as orientações podem influenciar na prática. No primeiro capítulo de *Argonautas*, o etnógrafo aparenta ter a intenção de apresentar o método que utilizou na coleta de dados, em certa medida, para familiarizar o leitor a sua prática e, também, contribuir para nortear os futuros etnógrafos no campo. Diante disso, com a afirmação de Peirano (1995), que não é possível ensinar a fazer trabalho de campo, qual é o papel de Malinowski na disciplina e como o status de autor referência da etnografia sobrevive acerca de um século?

A partir de alguns textos de Malinowski, como o seu diário pessoal *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967]1997), o primeiro capítulo de sua obra *Argonautas* e a sua tese de doutorado *On the principle of the economy of thought* (1906), iremos analisar alguns indícios (GINZBURG, 1989) da sua trajetória pessoal, intelectual e as experiências de vida que contribuíram para o sucesso de seu trabalho e refletir sobre o seu lugar na disciplina. Além disso, nesta seção, tentaremos responder e refletir também sobre as duas questões que propomos no início do capítulo, a saber: (1) Quais foram as motivações intelectuais de Malinowski para transitar das ciências da natureza para as ciências sociais? (2) É possível identificar algumas teorias da primeira formação do autor na observação participante malinowskiana?

O objeto de pesquisa de Malinowski consistiu em analisar os nativos por meio de um “segmento concreto da vida” (DURHAM,1986, p. 12), ou seja, por meio de uma instituição, um aspecto da vida social e, até mesmo, alguma atividade específica. Essa tríade de comportamentos foi o que motivou todo o processo de elaboração da pesquisa do etnógrafo. Não obstante, direcionou os estudos à compreensão das relações econômicas da vida nativa, isto é, o *Kula*.

O *Kula* é uma forma de troca e caráter intertribal bastante amplo; é praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado. [...] Ao longo dessa rota, artigos de dois tipos- e somente desses dois- viajam constantemente em direções opostas. No sentido horário movimentam-se os longos colares feitos de conchas vermelhas, chamados *soulava*. No sentido oposto, movem-se os braceletes feitos de conchas brancas, chamados *mwali*. Cada um desses artigos, viajando em seu próprio sentido no circuito fechado, encontra-se no caminho com os artigos da classe oposta e é constantemente trocado por eles. Cada movimento dos artigos do *Kula*, cada detalhe das transações é fixado e regulado por uma série de regras e convenções tradicionais; alguns dos atos do *Kula* são acompanhados de elaboradas cerimônias públicas e rituais mágicos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 75)

Ao estudar as relações econômicas, Malinowski conservou esse interesse de estudo de seus primeiros orientadores que conheceu por meio da física e filosofia da ciência. De acordo com Thornton e Skalník (1993), Malinowski não tinha consciência de que suas ideias mais importantes estavam conectadas a uma tradição intelectual europeia de prestígio. Apesar do reconhecimento da influência de alguns intelectuais, como Seligman, Westermarck, Frazer e Karl Bücher (1847-1930), que foi após assumir o

interesse em estudar antropologia, Malinowski manteve contato com intelectuais importantes da filosofia da ciência, antes da antropologia, que discutiam “economia de pensamento” e funcionalismo e, especificamente, intelectuais do círculo de Viena. Assim, argumentamos que o interesse de Malinowski por antropologia, em nossa perspectiva, possivelmente surgiu, em um primeiro momento, devido ao contato que manteve com alguns intelectuais austríacos e, posteriormente, essas teorias foram aprimoradas para o contexto da antropologia no estudo das sociedades “primitivas”. Com essa percepção, buscamos responder a seguinte questão: (1) Quais foram as motivações intelectuais de Malinowski para transitar das ciências da natureza para as ciências sociais?

O caminho para responder a essa pergunta está na trajetória de Malinowski como estudante e que tem início na Polônia. Em 1902, na Universidade de Jagiellonia (uma das universidades mais antigas do país), localizada na cidade de Cracóvia, na Polônia, o etnógrafo deu início aos seus estudos de graduação na matemática e na física. Na matemática, Malinowski estudou geometria analítica, cálculo e lógica, enquanto na física, a disciplina contemplava química e física elementar. O etnógrafo e outros alunos também possuíam acesso aos cursos especiais em calor, eletricidade, magnetismo, ondas e luz por meio de laboratórios e cursos teóricos. Além de estudar essas disciplinas, Malinowski frequentou aulas de filosofia ministradas por um padre católico romano chamado Padre Pawlicki, e foi nesse curso que escreveu um ensaio sobre a filosofia de Nietzsche. O contato com outras disciplinas das ciências humanas e sociais, como pedagogia, psicologia, ética, política social, etnologia eslava e filosofia do Estado, possibilitou a Malinowski uma inserção na literatura disponível sobre família, religião, trabalho e parentesco. Posteriormente, ele chegou a discutir essas temáticas em alguns textos que produziu entre 1904-1914. (THORNTON, SKALNÍK, 1993).

Após finalizar a graduação, Malinowski decidiu mudar para a filosofia da ciência para obtenção do título de doutor. Naquele período, o filósofo e físico Ernst Mach (1838-1916) estava no auge de sua carreira, atuando como professor em Viena, na Áustria, e influenciando alguns cientistas com seu empirismo positivista. Os cursos de teoria do calor, mecânica teórica, teoria dos elétrons, dinâmica dos elétrons, física atômica e positivismo crítico, de certa

forma, basearam-se nas teorias de Mach. Dentre os devotos de Mach, estavam alguns professores de Malinowski, sendo um deles o filósofo Maurycy Straszewski (1848-1921), que aderiu ao positivismo de Mach e estudava os princípios da "economia de pensamento". (STOCKING, 1986, p. 15).

O tema da tese de doutorado de Malinowski foi *On the principle of the economy of thought* (1906)<sup>21</sup>. Diante da influência de Straszewski e ambos influenciados por Mach e Richard Avenarius (1843-1896), esse tema e as questões que se propôs a responder na tese, levaram o antropólogo a abordar um diálogo crítico com Mach e suas ideias filosóficas. Consideramos pertinente ressaltar que Malinowski estava lendo ciências físicas em um momento que a física, na europa central, recebeu um destaque relevante nos laboratórios de pesquisa. Na bibliografia da disciplina sobre Malinowski, as informações que temos acerca do processo de transição para a antropologia ocorreu a partir do momento em que ele lê a obra de Frazer e sente-se motivado a tornar-se um antropólogo, sendo este um mito que foi propagado pelo próprio Malinowski em alguns textos e discursos. Contudo, quando analisamos o contexto de inserção do etnógrafo na filosofia da ciência e os intelectuais que ele acompanhava (alguns intelectuais de prestígio como March), além de discutirem sobre o papel da ciência, eles estavam discutindo sobre etnologia e a aplicação dela. Por isso, discordamos ao apontarem Frazer como a primeira influência do polonês. O início da sua carreira indica que essa influência veio de Mach. (THORNTON, SKALNÍK, 1993; STOCKING, 1986).

Contudo, de acordo com Thornton e Skalník (1993, p. 2), Mach não foi o único a ser identificado como o precursor das motivações de Malinowski a seguir para outro caminho. Ao mapear a trajetória de pensamento do antropólogo, os autores identificaram que o projeto de Malinowski para se direcionar à antropologia moderna contemplava os pensamentos de três intelectuais: o filósofo prussiano Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), a quem dedicou o ensaio *Observations on Friedrich Nietzsche's The Birth of*

---

<sup>21</sup> Conforme Gross (1986, p. 559): "A dissertação trata principalmente das teorias de Mach e Avenarius, e seu tema principal é a função da ciência. Aqui se encontra já o início do funcionalismo e sua teoria da função. Malinowski coloca a questão: Qual é a função da ciência? A resposta é tão curta quanto seminal: economia de pensamento. Nós nos tornamos cada vez mais econômicos, enquanto aperfeiçoamos nosso pensamento. A economia de pensamento é o mesmo que - ele argumenta - um gasto mínimo de trabalho para obter um resultado ou um resultado máximo dado os mesmos meios. Em seu raciocínio, Malinowski segue de perto (embora de forma crítica) as teorias de Mach e Avenarius."

*Tragedy* (1904-1905), as teorias de Mach sobre empirismo crítico e psicofísica, e os trabalhos de Frazer sobre religião e magia. Malinowski escreveu, em um primeiro momento, em polonês, o texto *Religion and magic: The Golden Bough* (1910) criticando as ideias de Frazer. Mas, principalmente, Nietzsche foi apontado como o responsável por essa mudança.

Os primeiros ensaios de Malinowski, portanto, tratam principalmente de três pensadores influentes: Nietzsche, Mach e Frazer. O ensaio de Nietzsche, *The Birth of Tragedy*, e a resposta de Malinowski a ele sugerem que esse, e não Frazer, pode muito bem ter sido o "ponto de virada" crítico na decisão de Malinowski de direcionar sua carreira para a ciência da sociedade. Nietzsche levantou para Malinowski o problema de como a ciência (*Wissenschaft*) é possível. Mach levantou a questão do conhecimento (*Erkenntnis*) e do erro (*Irrtum*) como o problema das técnicas e do processo de fazer ciência. Juntos, esses insights esclareceram os problemas fundamentais e as convenções da ciência europeia para Malinowski, de modo que, quando ele encontrou Frazer, estava intelectualmente preparado para ir além das limitações das teorias de Frazer por meio de um conjunto extremamente poderoso de métodos intelectuais<sup>22</sup>. (THORNTON, SKALNÍK, 1993, p. 5)

Na prática, como esses três intelectuais influenciaram o trabalho do etnógrafo na antropologia? Segundo Thornton e Skalník (1993), os primeiros trabalhos de Malinowski deixa evidente que ele tinha consciência das discussões que estavam acontecendo na antropologia por causa das leituras que havia realizado de Mach, Nietzsche e Frazer. Logo, destacamos que não foi a leitura do livro de Frazer, isoladamente, a responsável por essa mudança significativa de área, mas o impacto da filosofia de Nietzsche sobre o polonês. Assim, a resposta sobre a motivação intelectual que fez Malinowski transitar da física para a antropologia teria sido a filosofia de Nietzsche, apesar da forte influência de Mach e Frazer. Desse modo, a influência desses autores na prática de Malinowski pode ser percebida, na obra *Argonautas* e no diário pessoal, apenas após familiarizarmos com os pressupostos desses três intelectuais e o que exatamente o etnógrafo tomou emprestado para a

---

<sup>22</sup> "Malinowski's early essays, then, deal primarily with three influential thinkers: Nietzsche, Mach, and Frazer. Nietzsche's essay *The Birth of Tragedy* and Malinowski's response to it suggest that this, and not Frazer, may well have been the critical 'turning point' in Malinowski's decision to direct his career into the science of society. Nietzsche raised for Malinowski as the problem of how science (*Wissenschaft*) is possible. Mach raised the question of knowledge (*Erkenntnis*) and error (*Irrtum*) as the problem of the techniques and process for doing science. Together, these insights clarified the fundamental problems and conventions of European science for Malinowski so that when he did encounter Frazer he was intellectually prepared to leap beyond the limitations of Frazer's theories by means of an extremely powerful set of intellectual methods."

antropologia. A partir disso, as breves referências ao Nietzsche no diário, a maneira como Malinowski pensa e desenvolve o funcionalismo e as críticas em torno da disciplina começam a fazer sentido.

A leitura e o primeiro ensaio filosófico que produziu sobre Nietzsche, *Observations on Friedrich Nietzsche's The Birth of Tragedy* (1904-1905), possibilitou situar Malinowski em uma tradição filosófica e intelectual. E, ao criticar Nietzsche, apresentou o contraponto da sua versão de antropologia e de outros movimentos modernistas do século XX. Certamente, o polonês desconsiderou alguns pontos de vista de Nietzsche, mas considerou fértil o conceito de mito e a abordagem sobre história. Além desse ensaio, o antropólogo não chegou a aprofundar nas ideias do filósofo, apenas algumas menções que passam despercebidas em seu diário pessoal foram feitas. O que torna a conexão entre o trabalho de campo de Malinowski e Nietzsche um desafio, haja vista que o único documento existente é o seu ensaio e que não elucida a teoria sendo aplicada no estudo dos nativos. (THORNTON, SKALNÍK, 1993). Apenas uma menção superficial sobre essa influência foi encontrada na bibliografia pertinente a vida intelectual do etnógrafo.

O ensaio de Malinowski sobre *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, não fornece informações suficientes sobre o seu futuro como antropólogo, como dito anteriormente. Apesar disso, o conceito de mito ali presente foi herdado e utilizado na antropologia. Conforme Thornton e Skalník (1993, p. 22): “o mito, concebido como um modo de conhecimento (‘uma forma de apreensão’), tornou-se para Malinowski – e, depois dele, para a disciplina - um princípio central do método antropológico”. Nesse sentido, o mito passa a ter uma função e um papel na vida social ao fornecer informações para a disciplina acerca do passado dos nativos, ou seja, o mito se preocupa com a conexão entre o passado e o presente por meio das tradições.

Na obra *Argonautas*, Malinowski utiliza o mito trobriandês como uma maneira de apreender a realidade do nativo, uma realidade primitiva que, na sua perspectiva, existe na vida atual. (MALINOWSKI, [1922] 1976). No capítulo III, veremos como Malinowski tenta explicar o totalitarismo por meio do mito. Como não temos muitas informações sobre a teoria de Nietzsche na prática de Malinowski, consideramos relevantes mencionar somente a importância que o

etnógrafo atribui ao conceito de mito. O que, na nossa perspectiva, pode ser associada a uma teoria sendo colocada em prática.

O positivismo e monismo de Mach eram populares, na Europa, no final do século XIX, como, também, os conhecimentos do filósofo sobre física do calor, sistemas fluido-dinâmicos, mecânica e psicofísica (estudo da fisiologia da percepção). A sua adesão à teoria do relativismo geral do conhecimento inspirou disciplinas, como física, biologia, história, filosofia da ciência, psicologia e antropologia, a buscarem por avanços significativos em suas teorias. E isso aconteceu por intermédio do próprio Mach que chegou a fazer contribuições para algumas dessas áreas do conhecimento como a psicologia. Apesar da popularidade de Mach, Malinowski não absorveu como verdade absoluta seu positivismo e monismo. No entanto, a visão de que o mundo e a experiência humana desse mundo são as únicas possibilidades de encontrar o caminho para a verdade científica, de certa forma, salvou Malinowski das amarras do niilismo de Nietzsche, isto é, uma visão cética do mundo. (THORNTON, SKALNÍK, 1993).

Essa perspectiva de Mach, sobre um mundo totalmente humano, era alcançada, conforme Thornton e Skalník, (1993, p. 6-7), “localmente, não cosmicamente”. Assim, “as atividades diárias das pessoas”, as “formas de vida”, e “em termos de suas próprias histórias” era o que caracterizava uma visão pragmática e humana do mundo e fornecia uma finalidade para a ciência. O relativismo de Mach, e não o perspectivismo de Nietzsche, foi o que corroborou com a etnografia de Malinowski. Essa perspectiva machiana coaduna com o objetivo de Malinowski, em *Argonautas*, de compreender a visão de mundo dos nativos a partir de suas tarefas diárias. No entanto, há apontamentos de que Malinowski cometeu alguns enganos (não fica muito compreensível quais são) ao interpretar o funcionalismo fisiológico machiano. Como consequência do lançamento do livro de Darwin, *A origem das espécies* (1859), que revolucionou o pensamento biológico, Mach havia desenvolvido algumas ideias que fizeram Malinowski afirmar que a concepção de mundo do filósofo era predominantemente biológica<sup>23</sup>. Contudo, apesar de ter concordado

---

<sup>23</sup> De acordo com Malinowski ([1906] 1993, p. 108): “Todas as mentes ficaram fascinadas com a teoria de Darwin. Na própria formulação do problema, temos um claro traço da influência de Darwin na linha de pensamento de Mach. O homem é concebido como um organismo que luta

com as teorias de Darwin sobre teoria da descendência, a luta pela sobrevivência, a adaptação e a evolução, o discurso que Mach proferiu como reitor da Universidade de Praga, em 1883, não chegou a expressar o biologismo simples que Malinowski menciona na tese. (THORNTON, SKALNÍK, 1993; STOCKING, 1992, 1986).

Na economia de pensamento de Mach e Avenarius e, logo, depois, os estudos de economia primitiva de Bücher foi aonde Malinowski encontrou o objeto de pesquisa ideal para compreender a visão de mundo dos nativos. O etnógrafo, por meio de uma das instituições nativa, estuda as relações econômicas. Em sua tese de doutorado, ele estudou a função da ciência e o argumento central da pesquisa era as possibilidades e os limites da noção de uma economia de pensamento e o menor esforço. O etnógrafo usou ideias da matemática, psicologia e filosofia para defender o seu argumento central. A tese representa uma das fontes principais para entendermos como o pensamento de Malinowski acerca da estruturação da sociedade trobriandesa e seu modo de vida econômico progrediu, e, também, serve para auxiliar-nos a responder a segunda questão: É possível identificar algumas teorias da primeira formação do autor na observação participante malinowskiana?

Por isso, a seguir, iremos apresentar, brevemente, alguns trechos da tese do etnógrafo.

Logo no início do texto, Malinowski descreve o que é economia de pensamento e o menor esforço, baseado nas teorias de Mach e Avenarius:

O conceito de menor esforço pode ser imediatamente reduzido a um conceito de mínimo matemático; ele se refere a esforço, força, uma magnitude física completamente sujeita às leis de um tratamento matemático. Um máximo ou mínimo matemático também está contido no conceito de economia? O significado mais geral desse conceito, que corresponde à sua raiz etimológica grega, significa, em gerenciamento geral, o método de administrar ou dirigir uma organização ou organismo, seja ele gado, um grupo social ou um sistema físico; podemos até falar metaforicamente da economia da força vital em um organismo vivo ou da força mental em uma organização psíquica. Em um sentido específico, entendemos por

---

com a natureza e com outros indivíduos. Todas as funções desse organismo podem ser concebidas teleologicamente como as ferramentas mais adequadas para essa luta. O próximo passo nos leva a coordenar nosso pensamento, imaginação e memória com essas outras funções. Entretanto, aqui devemos repetir a observação que fizemos, no local apropriado, com relação a Avenarius. É precisamente do ponto de vista assumido por Mach que não podemos considerar as experiências subjetivas do indivíduo como fatores biológicos; não podemos nem mesmo colocá-las no mesmo nível dessas atividades no que diz respeito ao funcionamento exclusivamente lógico do organismo. A adaptação (*Anpassung*) é um conceito que também passa do darwinismo para a teoria cognitiva de Mach.”



economia não a administração em geral, mas a boa administração. Como o valor da administração é medido pela magnitude dos objetivos alcançados em relação aos meios utilizados, podemos chamar de economia, no sentido específico dessa palavra, ou seja, parcimônia, um gasto mínimo com o mesmo ganho, ou um ganho máximo alcançado com os mesmos meios; ambas as formulações chegam à mesma coisa. Dessa forma, a economia também pode ser reduzida ao conceito de um mínimo. Obviamente, esse mínimo terá propriedades matemáticas somente quando se referir a quantidades mensuráveis<sup>24</sup>. (MALINOWSKI, [1906] 1993, p. 91-92, tradução nossa)

O princípio do menor esforço, para Avenarius, é traduzido como uma visão filosófica do mundo. Esse princípio opera na psique humana, ou seja, nas interações do homem com o mundo e os efeitos dessa interação na sua visão de mundo. Assim, na perspectiva de Malinowski ([1906] 1993, p. 101-102): “cada homem, a cada momento, teria o ponto de vista mais filosófico”. Essa reflexão nos remete ao objetivo de Malinowski, no primeiro capítulo de *Argonautas*, de compreender o ponto de vista do nativo e a maneira que ele se relaciona com a vida e o mundo. (THORNTON, SKALNÍK, 1993). Conforme Gross (1986, p. 559), a função da ciência para Avenarius e Mach era a economia de pensamento, isto é, quanto mais conhecimento do mundo e das coisas o homem possui, mais econômico se torna. Podemos identificar esses dois princípios pragmáticos na obra *Argonautas*, uma vez que Malinowski esperava alcançar a psique trobriandesa ao estudar os aspectos econômico do *Kula*, uma atividade prática de trocas intertribais e permeada pela complexidade do pensamento nativo.

O princípio de economia de pensamento de Mach tem a autopreservação como o objetivo do homem. Isso, de acordo com Malinowski [1906] 1993, p.106), refere-se a todas as funções cognitivas e psicológicas do

---

<sup>24</sup> “The concept of least effort can immediately be reduced to a concept of a mathematical minimum; it refers to effort, force, a physical magnitude completely subject to the laws of a mathematical treatment. Is a mathematical maximum or minimum also contained in the concept of economy? The more general meaning of this concept, corresponding to its Greek etymological root, signifies, in general management, the method of administering or directing an organization or organism, whether it be livestock, a social group, or a physical system; we may even speak metaphorically of the economy of vital force in a living organism or of mental force in a psychic organization. In a specific sense we understand by economy not management in general, but good management. Since the worth of management is measured by the magnitude of the objectives achieved in relation to the means used, we may call economy, in the specific sense of this word, namely thrift, a minimum outlay with the same gain, or a maximum gain achieved with the same means; both formulations come to the same thing. In this way economy can also be reduced to the concept of a minimum. Obviously this minimum will have mathematical properties only when it refers to measurable quantities.”

organismo para se adaptar ao ambiente e as leis da natureza. Assim, quando o homem se encontra em determinada situação de desconforto ou em interação com o mundo e as coisas, as funções biológicas são ativadas, como uma forma de se proteger. Em seguida, o instinto de autopreservação do organismo passa por um processo de adaptação e direciona o indivíduo para o próximo estágio: o conhecimento filosófico, isto é, o princípio do menor esforço. A ideia de Mach sobre a função orgânica é o que caracteriza o funcionalismo de Malinowski e, também, afasta-o de Radcliffe-Brown e do funcionalismo comparativo de Durkheim. Na citação abaixo, o etnógrafo afirma que Mach não define como seria o processo de adaptação, mas faz sugestões de como o pesquisador identifica essa dinâmica nas sociedades.

Mach não dá a definição psicológica do processo de adaptação. Enquanto isso, a questão aparece na forma de um dilema: devemos definir o valor das leis científicas psicologicamente ou elas podem ser concebidas como algo existente objetivamente, ao qual podem ser aplicados critérios totalmente objetivos? Geralmente, é a primeira alternativa que é aceita. Falar, portanto, da validade universal de uma lei da natureza só tem sentido na medida em que nos referimos a um certo tipo de faculdade perceptiva, a saber, a de "um ser humano normal". Portanto, para definir a validade de uma lei, deve haver uma medida. Tal medida é "um ser humano normal", uma mente humana que funciona normalmente, um intelecto típico ou coletivo. Na verdade, se nos limitarmos a considerar uma mente individual, os resultados não terão valor. O que nos interessa é a ciência considerada socialmente, como um fenômeno da vida coletiva, e não como uma faceta do desenvolvimento de uma mente individual<sup>25</sup>. (MALINOWSKI, [1906] 1993, p. 110)

No funcionalismo de Malinowski, percebemos o impacto da teoria de Mach no processo de definir os critérios teóricos e metodológicos da função. Contudo, Stocking (1986, p.16) aponta que o polonês almejava mais da filosofia do que Mach poderia oferecer sobre realidade, lei e verdade. E o historiador chama nossa atenção ao apontar indícios de que o individualismo metodológico e o empirismo obsessivo de Malinowski foram herdados de

---

<sup>25</sup> "Mach does not give the psychological definition of the process of adaptation. Meanwhile, the question appears in the form of a dilemma: must we define the value of scientific laws psychologically, or may they be conceived as something existing objectively to which entirely objective criteria may be applied? Generally, it is the first alternative which is accepted. To speak, therefore, of the universal validity of a law of nature has only meaning in so far as we refer to a certain type of perceptive faculty, namely, that of 'a normal human being'. Therefore, in order to define the validity of a law, there must be a measure. Such a measure is 'a normal human being', a normally functioning human mind, a typical or collective intellect. Actually, if we limit ourselves to considering an individual mind, the results would have no value. What is of concern to us is science taken socially, as a phenomenon of collective life, not as a facet in the development of an individual mind."

Mach. Apesar disso, a adaptação para o contexto da antropologia das teorias filosóficas de Nietzsche e de Mach contribuíram para a notoriedade do trabalho singular do etnógrafo.

Então, qual foi o papel de Frazer no trabalho de Malinowski?

De acordo com Thornton e Skalník (1993), Frazer foi colocado como um modelo de péssimo profissional a não ser seguido. Mas Malinowski já pensava assim antes de se tornar amigo de Frazer e sua esposa.

A análise crítica de Malinowski sobre a obra *The Golden Bough* (1910) foi publicada em três partes no jornal *Lud*, Polônia, entre 1911 e 1913. Malinowski fez comentários severos ao antropólogo evolucionista por considerar sua ciência falha, além de questionar as suposições teóricas e o tratamento de dados do pesquisador sobre totemismo e exogamia. Nas palestras ministradas na London School of Economics, Malinowski expressou algumas de suas críticas para os alunos, mas, para a imprensa, devido ao financiamento de Frazer em alguns de seus projetos, o etnógrafo apenas elogiava-o. O trabalho de Malinowski publicado na Polônia não chegou a ser traduzido para o inglês, e, conseqüentemente, Frazer não chegou a ter conhecimento sobre essas críticas. Assim, a leitura da obra de Frazer incentivou o polonês a pensar em novas possibilidades para a disciplina. Como apontado anteriormente por Thornton e Skalník, (1993), Malinowski não chegou sem conhecimento das teorias de Frazer na LSE, uma vez que Frazer estava vivendo o auge da sua carreira e influenciando diversos pesquisadores. No entanto, discordava de suas teorias a ponto de tentar reformular novos meios de praticar antropologia.

O processo de formação de Malinowski foi permeado por diversas personalidades da época. Enquanto estava na Polônia, o contato com Mach, Nietzsche e Frazer proporcionou a Malinowski um novo modo de enxergar o mundo e a ciência. Em busca de expandir esses conhecimentos, logo após concluir o doutorado, ele seguiu, em 1908, para a Universidade de Leipzig, na Alemanha. Essa instituição foi frequentada, anteriormente, por seu falecido pai, Lucjan Malinowski (1839-1898), notório filólogo polonês. Em Leipzig, o antropólogo recebeu orientações do fundador da psicologia experimental, Wilhelm Wundt (1832-1920), e do historiador econômico e pai da abordagem *Volkerspsychologie*, Karl Bücher (1847-1930). A influência de Wundt está

refletida nos primeiros trabalhos de Malinowski, e, de certa forma, as ideias de Bücher moldaram o interesse do etnógrafo sobre economia primitiva<sup>26</sup> (STOCKING, 1986, p. 19). Mas foi o trabalho de Bücher que teve uma influência direta na escolha do objeto de pesquisa de Malinowski.

O estudo de Bücher sobre economia primitiva inspirou Malinowski a escrever *Argonautas* e a entender as atividades aborígenes australianas por uma perspectiva comparativa e não evolucionista por meio da divisão do trabalho. Bücher lecionava economia na universidade de Leipzig e foi um líder menor da “Escola Histórica Jovem” de economia no final do século XIX. Os intelectuais que participavam dessa escola, como Max Weber, atentavam-se aos detalhes da história local e evitavam teorias grandiosas, como de Hegel e Comte; histórias universais, como de Karl Marx; e eram contra a existência de leis históricas. O trabalho de Bücher contemplava a pesquisa etnográfica semelhante aos trabalhos de Boas, Tylor, Seligman e Westermack. Portanto, no final do século XIX, o estudo da *Volkswirtschaft* ou etnologia econômica foi amplamente explorado pelos pesquisadores alemães. Os membros da Escola Histórica empenharam-se para implementar o estudo da economia em seu contexto sociológico mais amplo e a entender a sociedade e o comportamento humano por aspectos econômicos. (THORNTON, SKALNÍK, 1993).

As ideias de Bücher culminaram nas formulações teóricas de Malinowski sobre economia. No entanto, Firth (1957, p. 210-211) afirma que o etnógrafo não conseguiu elaborar uma definição profissional do conceito ao reaplicar nos estudos das sociedades aborígenes a proposta de Bücher. Ainda, o antropólogo especula que isso ocorreu devido à falta de compreensão de Malinowski no emprego da teoria. O exemplo de Firth (1957) sobre a maneira como o etnógrafo aplicou a teoria foi um ensaio que Malinowski escreveu sobre o reconhecimento da organização do trabalho nas cerimônias intichiuma. Nele, o etnógrafo não reconheceu os aspectos da cerimônia como uma categoria econômica por considerar a cooperação nessas cerimônias e a cooperação econômica distintas. A preocupação de Malinowski era identificar no trabalho econômico da sociedade “primitiva” traços semelhantes ao trabalho realizado

---

<sup>26</sup> Para Malinowski ([1922] 1976, p. 60): “O ‘Homem Econômico Primitivo’, encontrada em alguns textos de ciências econômicas [...] é um homem primitivo ou selvagem imaginário, movido em todas as suas ações por uma concepção racionalista do interesse pessoal, atingindo seus objetivos de maneira direta e com o mínimo de esforços.”

em empresas industriais civilizadas. No entanto, a conclusão a qual o polonês chegou foi a mesma conclusão de Bücher, o trabalho primitivo era inadequado para fins econômicos. E qual foi, então, a contribuição de Malinowski para os estudos de economia na antropologia? Firth (1957), ex aluno do etnógrafo, fez a seguinte pontuação sobre as contribuições do polonês que responde a nossa questão:

Os defeitos em sua abordagem dos problemas econômicos se devem, em parte, à sua falta de conhecimento da literatura econômica e, em parte, à sua incapacidade de examinar os conceitos econômicos com o mesmo cuidado que ele dava a muitas outras ideias. Mas também se devem, em parte, à sua percepção, ainda que indireta e não formulada, de que o estudo econômico de um mundo real exigia uma parceria com princípios e técnicas de outras disciplinas sociais. Além disso, ele se considerava principalmente um praticante de "sociologia econômica" (1922, p. 167.), em vez de "economia etnológica" (1922, p. 82). É sobretudo na riqueza de sua análise institucional que reside a contribuição de Malinowski para a antropologia econômica. Embora em nenhum momento ele tenha finalmente apresentado seu material das Ilhas Trobriand na estrutura de um sistema econômico completo da comunidade, ele forneceu pela primeira vez, tanto nesse trabalho quanto nos anteriores, o conceito de uma importante instituição econômica primitiva como uma "empresa em funcionamento" e a relacionou intimamente à estrutura social que lhe deu significado e que ela reforçou. Não há nenhuma outra contribuição de campo detalhada comparável à de Malinowski naqueles primeiros anos.<sup>27</sup> (FIRTH, 1957, p. 212)

Após algumas complicações de saúde, Malinowski afasta de sua rotina acadêmica e retoma aos estudos em 1910. Nesse período que ficou afastado, as leituras diárias levou o antropólogo a ter contato com as discussões sobre antropologia que aconteciam nos corredores e gabinetes universitários da London School Economics, Cambridge e Oxford. Após ler a expressiva obra *The Golden Bough* (1890), de Sir Frazer, antropólogo evolucionista, e criticar o seu trabalho, Malinowski decidiu frequentar, como estudante de pós-graduação da antropologia, a universidade LSE.

---

<sup>27</sup> "The defects in his approach to economic problems were due partly to his lack of knowledge of economic literature, and partly to his failure to scrutinize economic concepts with the same care which he gave to many other ideas. But they were also due partly to his perception, however indirect and unformulated, that the economic study of a real world required a partnership with principles and techniques from other social disciplines. Moreover, he regarded himself primarily as practising 'economic sociology' (1922, p. 167), rather than 'ethnological economics' (1922, p. 82). It is above all in the richness of his institutional analysis that Malinowski's contribution to economic anthropology lies. While nowhere did he finally present his Trobriand material in the framework of a complete economic system of the community, he did give for the first time both in this and in his earlier work the concept of a major primitive economic institution as a 'going concern' and relate it intimately to the social structure which gave it meaning and which it reinforced. There is no other detailed field contribution comparable to that of Malinowski in those early years."

A partir disso, passa a integrar o corpo de estudantes orientados por Seligman, Haddon e Rivers, antropólogos consagrados da disciplina, e parte para sua primeira expedição antropológica na Nova Guiné, em 1914. Os orientadores de Malinowski na LSE, Seligman e Edvard Westermack (1862-1939), ampararam o pesquisador com os materiais de própria autoria e os que Seligman havia produzido dez anos antes com seus colegas Rivers e Haddon.

Como acompanhamos anteriormente, a trajetória intelectual de Malinowski, desde a sua formação inicial até o momento que entra para a antropologia, está marcada por "estilos de pensamentos" (Fleck, 2010) que moldaram a maneira como construiu a análise do seu objeto. Assim como Ginzburg (1989, p. 170) compara sua pesquisa com os fios de um tapete, compondo-se numa trama densa e homogênea de pensamentos e dando coerência para o desenho final, podemos dizer que o tapete, representado pelo trabalho etnográfico de Malinowski, reproduz ideias que conectam entre si e resultam em um estilo único e singular de fazer etnografia. As linhas tecidas verticalmente representam a filosofia de Mach, as ideias de economia de Straszewski, Wundt e Bücher; do mesmo modo que as linhas horizontais propõem a psicologia cognitiva de Rivers, as ideias de Seligman, Haddon, Westermack, e, principalmente, as experiências que vivenciaram entre os trobriandeses que, de fato, colaboraram para uma mudança do ponto de vista do etnógrafo.

O estilo singular de Malinowski fica evidente em alguns trechos do capítulo de *Argonautas* quando descreve sobre a observação participante e as dificuldades de se comunicar com os nativos. Dessa forma, a seguir, apresentaremos um pouco do pensamento do autor enquanto estava entre os trobriandeses. Logo, no início da obra, ele faz eco da sua primeira formação como físico. Apesar de não termos encontrado evidências concretas de que Malinowski tenha frequentado um laboratório de física, as colocações de Thornton e Skalník (1993), sobre as disciplinas que frequentou no curso de física e matemática, discorrem sobre os estudantes terem assistido aulas em laboratórios. Por causa disso, concluímos que Malinowski tenha participado, enquanto aluno, de algumas aulas e, conseqüentemente, adquirido experiência na parte experimental da física. Diante disso, o trecho abaixo, em nossa

perspectiva, faz alusão a uma experiência passada do pesquisador, ou seja, um eco da sua primeira formação.

Ninguém ousaria sonhar em fazer uma contribuição experimental às ciências físicas ou químicas sem relatar, detalhadamente, todos os arranjos experimentais; sem descrever, com exatidão, a aparelhagem utilizada, o modo pelo qual as observações foram conduzidas, o número de observações realizadas e o tempo dedicado a elas, bem como o grau de aproximação com que cada medida foi realizada. Nas ciências menos exatas, como na biologia ou na geologia, isso tudo não pode ser feito tão rigorosamente, mas qualquer estudioso fará o melhor possível para apresentar ao leitor todas as condições nas quais o experimento foi realizado. Infelizmente, na etnografia, onde uma apresentação franca dessas informações seria ainda necessária, esses dados não têm sido oferecidos com suficiente generosidade e muitos autores não recorrem ao farol da sinceridade metodológica para iluminar os fatos, que são apresentados como que surgidos do nada. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 26)

A busca pelo rigor científico esteve sempre presente em suas discussões. O que nos leva a concluir que esse rigor estava relacionado aos estudos sobre o papel da ciência discutido por Mach e o envolvimento de Malinowski com a filosofia da ciência. Separar os resultados da observação direta, materiais coletados e informações sobre os nativos, as reflexões do pesquisador, levantamento bibliográfico e o bom senso, é, na perspectiva do autor, o que vai legitimar o texto de um etnógrafo como científico e inquestionável. Com isso, ele prossegue indicando os passos de um bom trabalho científico e cita três princípios metodológicos.

Como sempre, só se pode obter sucesso através da aplicação paciente e sistemática de um certo número de regras de bom senso e de princípios científicos bem conhecidos e não pela descoberta de qualquer atalho maravilhoso que conduza a resultados desejados sem esforço ou problemas. Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três tópicos principais: em primeiro lugar, é lógico, o estudioso deve ter objetivos verdadeiramente científicos e conhecer os valores e critérios da moderna etnografia. Em segundo lugar, deve criar condições adequadas para o trabalho, o que significa, principalmente, viver realmente entre os nativos, longe dos outros brancos. Finalmente, deve aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de dados. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 29).

Esses métodos especiais do etnógrafo moderno são as tabelas de parentesco, genealogias, mapas, planos e diagramas que, para Malinowski ([1922]1976, p. 33-34), “mostra os nativos sujeitos a um código de comportamentos e de boas maneiras tão rígido que a vida nas cortes de Versalhes pareceria livre e informal”. Além desses princípios, a etnografia possui um propósito básico de pesquisa: “apresentar um esquema nítido e

claro da constituição social e separar as leis e regularidades de todos os fenômenos culturais do que for relevante”. O que levou Malinowski a refletir, não somente sobre o exótico da vida nativa, mas, também, sobre os fatos rotineiros e simples do dia a dia.

Assim, um dos pontos principais do método da pesquisa de campo é a coleta de dados concretos sobre uma ampla série de fatos. O que se deve fazer não é apenas enumerar alguns exemplos, mas levantar, exaustivamente, o maior número possível de casos; e, nessa busca de fatos, será mais bem-sucedido o investigador que tiver o esquema mental mais claro. Mas sempre que o material de pesquisa permitir, esse esquema mental deve ser transformado em um esquema real; deve materializar-se em diagramas, em planos, em um quadro sinótico exaustivo de todos os casos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 37).

Algumas metodologias elaboradas pelo antropólogo foram expostas em *Argonautas* para que o leitor pudesse consultá-las e o público acadêmico pudesse se certificar da cientificidade da coleta de dados. E, a seguir, responderemos a nossa última pergunta deste capítulo (Qual o papel de Malinowski na disciplina e como o status de autor referência da etnografia sobrevive acerca de um século?).

Certamente, um dos motivos que o deixou em destaque na disciplina foi essa riqueza de detalhes presente em seu texto, assim como a narrativa envolvente. Por causa disso, uma característica do seu trabalho que recebeu destaque e foi passado para as gerações futuras “é a habilidade com que consegue criar, para o leitor, a imagem viva e humana de um povo completamente diferente de nós” (DURHAM, 1986, p. 9). Além disso, de acordo com Rosa e Vermeulen (2022, p. 451-452), a transição de paradigmas dentro da etnografia foi um dos feitos importantes do trabalho de Malinowski e, também, a maneira que ele “vendeu” a observação participante por meio da sua escrita envolvente e seus discursos. Antes, tinha-se um programa de pesquisa descritivo e comparativo acolhendo relatos rigorosos de todos os tipos. A partir de Malinowski e Radcliffe-Brown, a etnografia passa a ter uma abordagem de trabalho de campo teoricamente estabelecida. A interdependência sincrônica das análises das instituições foi o marco da antropologia moderna desses pesquisadores. Essa nova antropologia rejeitava a história conjectural dos evolucionistas e difusionistas e reafirmou a importância do trabalho de campo profissionalizado pelos antropólogos. A obra *Argonautas* se tornou um clássico da literatura antropológica e, com efeito, um



exemplo de pesquisa de campo que pode introduzir o aluno a um trabalho etnográfico. Além disso, a obra continua fazendo parte da literatura da disciplina como texto complementar, e, em certa medida, conforme Kuhn (2018), uma fonte de autoridade científica da antropologia<sup>28</sup>.

Com base na experiência de Malinowski ([1922]1976), outros caminhos podem ser seguidos pelo pesquisador na coleta de informações. Para além do que apresentamos, tem-se: manter um diário de campo, aprender o idioma nativo, deixar os fatos falarem por si, e, de fato, sair da sua tenda para participar das atividades da comunidade. Contudo, as dificuldades de imersão da pesquisa podem apresentar imprevisibilidades, como aconteceu em alguns momentos com Malinowski e que veremos no capítulo III.

Após um direcionamento prático, o antropólogo tece algumas discussões teóricas sobre a vida nativa e como “os homens brancos” devem direcionar o seu olhar reflexivo para o grupo. A primeira impressão do pesquisador foi uma estrutura cultural tão complexa quanto a dos ocidentais, logo, a ideia de sociedades atrasadas havia sido descartada por Malinowski. Em seguida, conseqüentemente, identificou uma dinâmica de grupo em que cada membro tinha uma função dentro da estrutura da comunidade. Essas funções são um dos focos de trabalho do etnógrafo. Nesse sentido, sobre as atividades dos nativos, menciona:

O homem que se submete a várias obrigações costumeiras, que segue o curso tradicional de uma ação, o faz impelido por determinados motivos, para acompanhar determinados sentimentos, guiados por determinadas ideias. Essas ideias, sentimentos e impulsos são moldados e condicionados pela cultura em que os encontramos, e são, portanto, uma peculiaridade étnica de uma dada sociedade. Por conseguinte, devemos tentar estudá-los e registrá-los. (MALINOWSKI, [1922] 1986, p. 45)

As discussões teóricas sobre temas da antropologia começaram antes de *Argonautas*. No livro *The Family among the Australian Aborigenes* (1913),

---

<sup>28</sup> De acordo com Kuhn (2018, p. 232): “quando falo de fonte de autoridade, penso sobretudo nos principais manuais científicos, juntamente aos textos de divulgação e obras filosóficas moldadas naqueles. Essas três categorias- até recentemente não dispúnhamos de outras fontes importantes de informação sobre a ciência, além da prática da pesquisa- possuem uma coisa em comum. Referem-se a um corpo já articulado de problemas, dados e teorias, e muito frequentemente ao conjunto particular de paradigmas aceitos pela comunidade científica na época em que esses textos foram escritos. Os próprios manuais pretendem comunicar o vocabulário e a sintaxe de uma linguagem científica contemporânea. As obras de divulgação tentam descrever essas mesmas aplicações numa linguagem mais próxima da utilizada na vida cotidiana”.

Malinowski realizou uma pesquisa baseada inteiramente nos textos de biblioteca. E, por causa do excelente trabalho, foi elogiado por Radcliffe-Brown. Nele, o etnógrafo oferece exemplos do seu método sociológico ao examinar o papel da instituição social da família e o seu desempenho na ordem social, como, ainda, ignora, não explicitamente, as teorias evolucionistas e a história. Além desse livro, Malinowski escreveu palestras e artigos em polonês, inglês e alemão e contribuiu com uma série de resenhas para diversos periódicos. Portanto, quando partiu para a sua expedição na Austrália, com destino à Nova Guiné, o antropólogo já era conhecido na Grã-Bretanha por suas aulas e publicações. O fim desse período foi encerrado com um artigo apresentado na reunião da British Association for the Advancement of Science (Associação Britânica para o avanço da ciência), em 1914, com o título *A fundamental problem of religious sociology* (Um problema fundamental da sociologia religiosa). (THORNTON, SKALNÍK, 1993).

O etnógrafo estava preocupado com questões do aqui e agora, ou seja, suas análises se pautavam na perspectiva sincrônica. Estudar o coletivo por meio de algumas funções (economia, vida sexual, agricultura) e, principalmente, realizar uma compreensão da cultura sem considerar as interferências externas (colonialismo), gerou críticas ferrenhas sobre seu trabalho. Além das influências intelectuais que recebeu no decorrer da sua carreira, algumas motivações foram citadas no seu diário pessoal, na segunda fase da expedição, deixando evidente o seu interesse pela sociologia.

À noite, no bote, pensamento agradavelmente ambicioso: eu certamente serei “um eminente estudioso polonês”. Essa será minha última aventura etnológica. Depois disso, dedicar-me-ei à sociologia construtiva: metodologia, economia política etc., e na Polônia posso concretizar minhas ambições melhor do que em qualquer outro lugar. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 190).

As ambições de Malinowski não envolviam somente o ambiente acadêmico, algumas pessoas que fizeram parte do seu círculo pessoal motivaram o pesquisador a querer ter mais que uma carreira, como a construção de uma família. As bibliografias acerca da sua trajetória pessoal destacam três mulheres que receberam credibilidade na vida do polonês,

sendo estas: Józefa Malinowska (1848-1918), mãe do pesquisador, Elsie Rosaline Masson (1890-1935), a primeira esposa, e Anna Valetta Hayman-Joyce (1904-1973), segunda esposa.

Malinowski nasceu na Cracóvia, em 1884, em um período que a Polônia estava dividida e essa parte do país era um estado semiautônomo dentro do império austro-húngaro (WAYNE, 1985, p. 529). Após a morte do marido, Lucjan Malinowski, em 1898, Józefa dedica sua vida a cuidar da saúde e escolaridade do único filho fruto do matrimônio. A família, que morava nos terrenos da Universidade de Cracóvia, teve que se realocar para um apartamento no centro da cidade quando Lucjan veio a falecer. O pai do antropólogo foi um conhecido filólogo, e, por causa disso, receberam uma pensão que ajudou, em certa medida, com as despesas por um tempo.

A saúde de Malinowski era um problema constante. Aos 14 anos de idade, teve peritonite e quase veio a falecer. Logo após, teve problemas graves de visão que o impossibilitou a frequentar uma escola. Consequentemente, essas adversidades da vida, fizeram com que ele tivesse aulas particulares em casa. Józefa se tornou a tutora principal de Malinowski, buscando se inteirar dos conteúdos para auxiliar o filho nas disciplinas. Depois de um período de recuperação, por indicações médicas, mãe e filho realizam algumas viagens curtas para o sul da Europa em busca de climas amenos e sol (WAYNE, 1985, p. 531). Assim, os primeiros contatos com outras culturas foram estabelecidos. A família passou pela Itália, Mediterrâneo, países do norte da África e as Ilhas Canárias.

Nos anos seguintes, Józefa estava sempre presente, ajudando com a saúde de Malinowski, hospedando os amigos universitários do filho para aumentar a renda, e, além disso, colaborava com as traduções de textos que o pesquisador solicitava. A mãe do pesquisador possuía conhecimento da língua francesa, um pouco da inglesa e alemã, sendo esta uma habilidade que adquiriu sozinha. Uma das obras que traduziu, a pedido do antropólogo, foi *The Golden Bough* (1890), de James Frazer. (WAYNE, 1985).

Após Malinowski sair para a sua primeira expedição em 1914, o único contato com a mãe passou a ser por meio de cartas. Essas cartas foram intermediadas por alguns amigos e seu orientador Seligman. Em junho de 1918, faltando um ano para retornar à Inglaterra e reencontrá-la, ele recebe, seis

meses depois, a notícia do falecimento dela. A dor que assolou o antropólogo ficou imprimida nas páginas de seu diário pessoal e, provavelmente, contribuiu para que ele não escrevesse mais. Depois que o etnógrafo ficou sabendo sobre o falecimento da mãe, ele interrompeu a narrativa do diário, e, por causa disso, uma lacuna permaneceu nos relatos da segunda parte da expedição.

Talvez eu esteja incapaz de raciocinar, mas consigo escrever. Caminho via Kabululo, Kudokabilia, {Kanimuanimala}. Tempo fechado, a garoa vai e vem. – Eu estava tão cansado que quase adormeci enquanto andava. Durante todo o tempo, pesar- como se uma faca tivesse sido enterrada no meu coração-, desespero. Reflexões desencontradas sobre o meu trabalho. – Pensamentos metafísicos, um pessimismo irremediável. “*Warte nur, balde ruhest du auch*” – consolo no pensamento da mortalidade. Mal, destruição- durante a manhã, vi uma borboleta com asas multicores, e a forma deplorável como morreu. A beleza externa do mundo- um brinquedo sem importância. Mamãe já não existe mais. Minha vida atingida pela dor- metade da minha felicidade foi destruída. – Durante todo o tempo senti pesar e uma tristeza desesperada, tal como sentia em criança quando me separaram de mamãe durante alguns dias. Resisti a ela com a ajuda de fórmulas superficiais. Fecho os olhos- mas as lágrimas fluem constantemente. Barbeei-me. Comi pouco, dormi muito bem. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 311).

Figura 2- Malinowski e sua mãe



Fonte: <https://accuratepicturesofanthropologists.tumblr.com>

A parceria que encontrou ao lado da mãe refletiu nas suas relações futuras. Helena Wayne (1985), filha mais nova de Malinowski, sugere que essa relação materna contribuiu para que o pesquisador aceitasse, sem críticas, mulheres se tornando antropólogas, participando de discussões intelectuais e sendo ativas politicamente, uma vez que, naquela época, havia uma resistência por parte da sociedade inglesa. Por conseguinte, a sua popularidade entre as alunas cresceu no ambiente acadêmico, resultando em uma demanda de orientações do gênero feminino. Expressivas figuras da antropologia estiveram sob suas orientações, como Hilda Kuper (1911-1992), Lucy Mair (1901-1986) e Margaret Read (1889-1991) são algumas delas.

As estudantes mulheres de Bronio tinham grande afeição por ele, não só porque ele era atraente como homem, como disseram seus detratores, mas porque, pelo menos na Inglaterra, as mulheres não eram realmente aceitas na vida acadêmica, ainda era excêntrico ir à universidade, e esperava-se que a mulher de classe média fosse culta, mas não era realmente eficiente em nada. Como disse Audrey, havia um horror da mulher inteligente, mas Bronio não a tinha, e as mulheres floresceram nesta atmosfera de ser levadas completamente a sério.<sup>29</sup> (WAYNE, 1985, p. 537)

Durante o período em que ficou trabalhando na Austrália, o antropólogo conheceu a primeira esposa, a jornalista Elsie Masson. Esse encontro aconteceu por meio da intermediação de Sir David Orme Masson (1858-1937), pai de Elsie e professor de química da Universidade de Melbourne. Malinowski e os Masson foram apresentados por Baldwin Spencer (1860-1929) e, depois do encontro, o polonês passou a frequentar a casa da família. As primeiras aproximações de Elsie e Malinowski foram estritamente profissionais. Após ler o livro *An Untamed Territory* (1915), sobre os aborígenes australianos, Malinowski ficou impressionado com o trabalho e convidou a jornalista para ajudá-lo na análise de materiais e discussões sobre a vida nativa.

---

<sup>29</sup> “Bronio’s women students had great affection for him not just because he was attractive as a man, as his detractors have said, but because, in England at least, women were not really accepted in academic life, it was still cranky to go to university, and the middle-class woman was expected to be cultured but not really efficient at anything. As Audrey put it, there was a horror of the clever woman, but Bronio didn’t have it at all, and women blossomed in this atmosphere of being taken completely seriously.”

Naquela época, Masson era jornalista e escritora, mas estava trabalhando como enfermeira para ajudar na guerra, e, nas horas vagas de um plantão para o outro, participava de discussões socialistas. Por causa dessas discussões políticas, a jornalista decidiu ajudar Malinowski, mas, em troca, pediu a ajuda dele para elaborar os discursos das reuniões. O trabalho da escritora sobre os aborígenes foi resultado de uma pesquisa que havia realizado, entre 1913 e 1914, no recém-inaugurado território norte da Austrália. Essa parceria, num primeiro momento, gerou desaprovações entre os familiares de Elsie, devido à nacionalidade de Malinowski.

Contudo, alguns meses depois, o combinado que fizeram em torno de seus interesses profissionais, resultou em um compromisso simples no cartório, sem cerimônia, na presença de amigos e da família da noiva. Logo após o casamento, os dois viajaram para a Inglaterra e, desde então, mudaram com frequência em busca de um lugar ameno para se estabelecerem. Nesse processo, enquanto estavam em Terenife, na Espanha, Malinowski escreveu o texto de *Argonautas*, e Elsie atuou como ajudante, crítica e revisora dele. O conteúdo final da monografia foi escrito em um vilarejo do Tirol do Sul, uma região da Áustria que foi conquistada pela Itália durante a guerra, conhecida como Oberbozen (SALVUCCI; TAUBER; ZINN, 2019).

A casa que compraram em 1923, nessa região de Oberbozen, continua pertencendo à família e está sob os cuidados dos netos de Malinowski. O local havia tornado um ponto de encontro dos amigos e orientandos do etnógrafo. Discussões intelectuais, leituras de monografias e caminhadas ao ar livre, aconteciam com a ajuda de Elsie. Nesse momento, Malinowski já estava atuando como *lecture* (palestrante) na LSE e, por questões financeiras, ficava hospedado na Inglaterra durante os períodos de aulas, mas voltava para o vilarejo, onde a família estava morando, para aproveitar as férias.

Figura 3- Malinowski e Masson no Tirol do Sul com as filhas em 1925



Fonte: <https://accuratepicturesofanthropologists.tumblr.com/>

Figura 4- Fachada atual da casa dos Malinowskis em Oberbozen



Fonte: [https://mfea.projects.unibz.it/img\\_7092/](https://mfea.projects.unibz.it/img_7092/)

Depois de algum tempo ministrando palestras e orientando alunos da LSE, no ano de 1926, a fundação Rockefeller convida Malinowski para passar seis meses nos Estados Unidos visitando algumas universidades. O convite permitiu que o antropólogo fizesse a primeira visita ao México e abriu as portas para lecionar um curso de verão na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Além disso, um ano depois da sua viagem, a LSE oferece o cargo de professor de antropologia social à Malinowski, e, junto à família, mudaram-se, definitivamente, para Londres. O cargo de professor possibilitou que Malinowski conseguisse cidadania britânica.

O trabalho exigiu que o etnógrafo passasse temporadas nos EUA e na LSE. Nesse processo de adaptação, Elsie ficou doente (esclerose múltipla), o que a deixou limitada para realizar as tarefas domésticas, além de não conseguir contribuir para o trabalho do marido, como fazia antes, e veio a falecer em 1935. Após a morte de Elsie, Malinowski decidiu deixar o cargo na



LSE. Com isso, mudou-se definitivamente com as filhas para os EUA, passando a ministrar aulas na Universidade de Yale.

No período em que estava residindo nos EUA, as experiências, enquanto pesquisador e professor, foram diferentes do que havia experimentado entre os acadêmicos ingleses. As relações estabelecidas com os intelectuais estadunidenses estavam repletas de reciprocidade. Malinowski, naquele momento, não era um estudante de pós-graduação, mas, sim, um professor e etnógrafo de prestígio. O que facilitou estabelecer relações no país. Enquanto lecionava e participava de grupos de conversas, Malinowski conheceu Valetta Hayman-Joyce, artista inglesa, com quem se casou em 1939.

O segundo casamento do antropólogo, diferente do primeiro, foi intenso e conturbado. A cerimônia aconteceu sem o consentimento das filhas e sem a presença de pessoas próximas. Essa decisão de se casarem aconteceu devido ao fato de Valetta ser mais jovem que Malinowski e à repercussão negativa, que estava gerando na universidade, por ele ser um professor mais velho com uma carreira de respeito. A artista, como Malinowski, era conhecida por ter uma personalidade forte, independente e determinada, o que gerou alguns conflitos no relacionamento. Apesar disso, Valetta ajudava, constantemente, o etnógrafo em suas pesquisas de campo. Mesmo com pouco conhecimento em antropologia, ela colaborava dirigindo para os lugares que ele precisava ou separando materiais de campo. Por causa disso, após a morte de Malinowski, a responsável por seus pertences (testamento) passou a ser a pintora. (WAYNE,1985).

Malinowski faleceu em 16 de maio de 1942, aos 58 anos, de ataque cardíaco. Após a morte do antrópologo, Valetta decidiu dar continuidade em um manuscrito, quase completo, que Malinowski estava produzindo sobre os nativos no México e chega a publicá-lo, a saber: *Liberdade e Civilização* (1947). Feliks Gross (1906-2006), sociólogo polônes- americano, conhecido do etnógrafo, menciona:

Ela tinha uma compreensão aguçada e autodidata da antropologia, e era também uma boa editora. Foi Valetta quem completou, através de seu trabalho editorial, o volume sobre Teoria Científica da Cultura. Ela

também foi responsável pela publicação de suas memórias e pela escolha dos textos.<sup>30</sup> (Gross 1986, p. 567).

Além desses títulos, Valetta autoriza a publicação do diário pessoal de Malinowski, *Um diário no sentido estrito do termo* (1967), que gerou discussões e críticas sobre a persona do polonês na comunidade de antropólogos. Contudo, não podemos deixar de notar a habilidade e o cuidado no momento que precisava escolher quais materiais seriam publicados. Os conhecimentos que adquiriu sobre antropologia trabalhando ao lado do marido, a ajuda que recebeu de alguns alunos de Malinowski e suas habilidades como editora possibilitaram que o legado malinowskiano continuasse. Valetta faleceu no México, em 1973, e, devido a essa situação, o testamento de Malinowski passou a pertencer às três filhas dele: Wanda, Joséfa e Helena.

As contribuições das esposas, Elsie e Valetta, na pesquisa de Malinowski, e a dedicação de Józefa, mãe, na sua educação, fizeram parte de uma trama de indícios que compõem o caráter e personalidade do antropólogo. Essas contribuições ficaram evidentes quando destrinchamos as colaborações e posições que cada uma tinha na vida do pesquisador e, de uma forma singela, as participações estão presentes em seus textos, diários e cartas. Nesse sentido, investigar aspectos que transcendem a vida intelectual do pesquisador foi uma parte importante do trabalho desta pesquisa. Como vimos anteriormente, a vida de Malinowski foi marcada por figuras de prestígio que estavam ligadas ao ambiente acadêmico, e, também, por relações pessoais.

## 5 Considerações finais

Vimos, neste capítulo, que a sociedade inglesa vitoriana estava marcada por mudanças socioculturais e políticas no final do século XIX e metade do século XX. Com o advento da Revolução Industrial, o avanço das tecnologias, os grandes comércios, as migrações do campo para a cidade e uma economia mais urbana, tivemos uma transformação significativa no estilo de vida dos ingleses e, também, da ciência. Como resultado, passou a existir uma tensão entre os vitorianos. A velocidade do desenvolvimento cultural que,

---

<sup>30</sup> “She had a keen, self-taught understanding of anthropology, and was also a good editor. It was Valetta who completed-through her editorial work the volume on Scientific Theory of Culture. She was also responsible for publishing his memoirs and for the choice of texts.”

evidentemente, os ingleses não estavam acostumados, deixou alguns cidadãos assustados. Contudo, apesar das dificuldades e desafios do novo século, os vitorianos tornaram-se um modelo de modernização e crescimento para outras sociedades.

As ciências humanas, nesse período da modernidade, passaram a ter destaque ao lado das ciências naturais. Essa ascensão acadêmica acontece por causa do crescimento urbano - conseqüentemente, temos um aumento da desigualdade social - e as expansões territoriais, fazendo com que as descobertas científicas crescessem, assim, despertando o interesse do Estado nos estudos sobre o homem e a sociedade. Dentre as disciplinas que surgiram nesse período, tendo o homem e a sociedade como objeto de estudo, temos: psicologia, demografia, estatística, sociologia e antropologia. No entanto, a antropologia ocupou um lugar expressivo ao lado do governo colonial, como vimos na seção II, comparado as outras disciplinas. Alguns antropólogos receberam destaque no decorrer da nossa análise, como Haddon, Seligman e Rivers, representantes do difusionismo. Contudo, o ator principal deste trabalho, e também da antropologia social britânica do século XX, foi o polonês Bronislaw Malinowski.

O antropólogo, como foi apresentado nas seções II e III, ressignificou a disciplina no processo de elaboração da sua principal obra etnográfica *Argonautas*. Além disso, foi o trabalho de campo mais denso registrado até aquele momento. O objetivo do capítulo I era analisar, por meio de uma biografia científica, as tensões da dualidade na trajetória intelectual do etnógrafo Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) que corroboraram para a mudança no método etnográfico. Portanto, compreender o contexto vitoriano, colonial e social que ele estava inserido, logo, tornou-se elemento importante para interpretar suas ações dentro do ambiente acadêmico.

Na seção III, apresentamos, brevemente, a trajetória acadêmica de Malinowski destacando as principais influências do etnógrafo, como os autores austríacos, alemães, ingleses e franceses, sendo estes: Durkheim, Mach, Straszewski, Bücher, Seligman, Rivers, Haddon, Westermack. Além disso, três figuras femininas foram importantes na construção e formação do seu pensamento intelectual, sendo estas: Józefa (mãe), Elsie Masson (primeira esposa) e Valetta (segunda esposa).

O etnógrafo estava preocupado, em suas pesquisas, com questões do aqui e agora, ou seja, assuntos dentro de uma perspectiva sincrônica. Além disso, ao realizar uma compreensão da cultura, sem considerar as interferências externas (colonialismo), teve seu trabalho criticado por outros antropólogos. Apesar disso, podemos concluir que a obra etnográfica de Malinowski e as reflexões epistemológicas, acerca de como a antropologia analisava o seu objeto de pesquisa, romperam com as ideias vigentes do século XIX. Ainda no século XIX, havia a antropologia evolucionista que realizava seu trabalho por meio de documentos, relatórios e a colaboração de terceiros (missionários, oficiais da colônia e viajantes). A partir de Malinowski e a convivência com os nativos, temos uma antropologia que corresponde às demandas e particularidades da cultura do outro, apesar das lacunas.

No próximo capítulo, iremos apresentar alguns pontos principais da obra *Argonautas* e, assim, compreender, por meio da narrativa do etnógrafo, os desafios do trabalho de campo.

## Capítulo II

### Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia

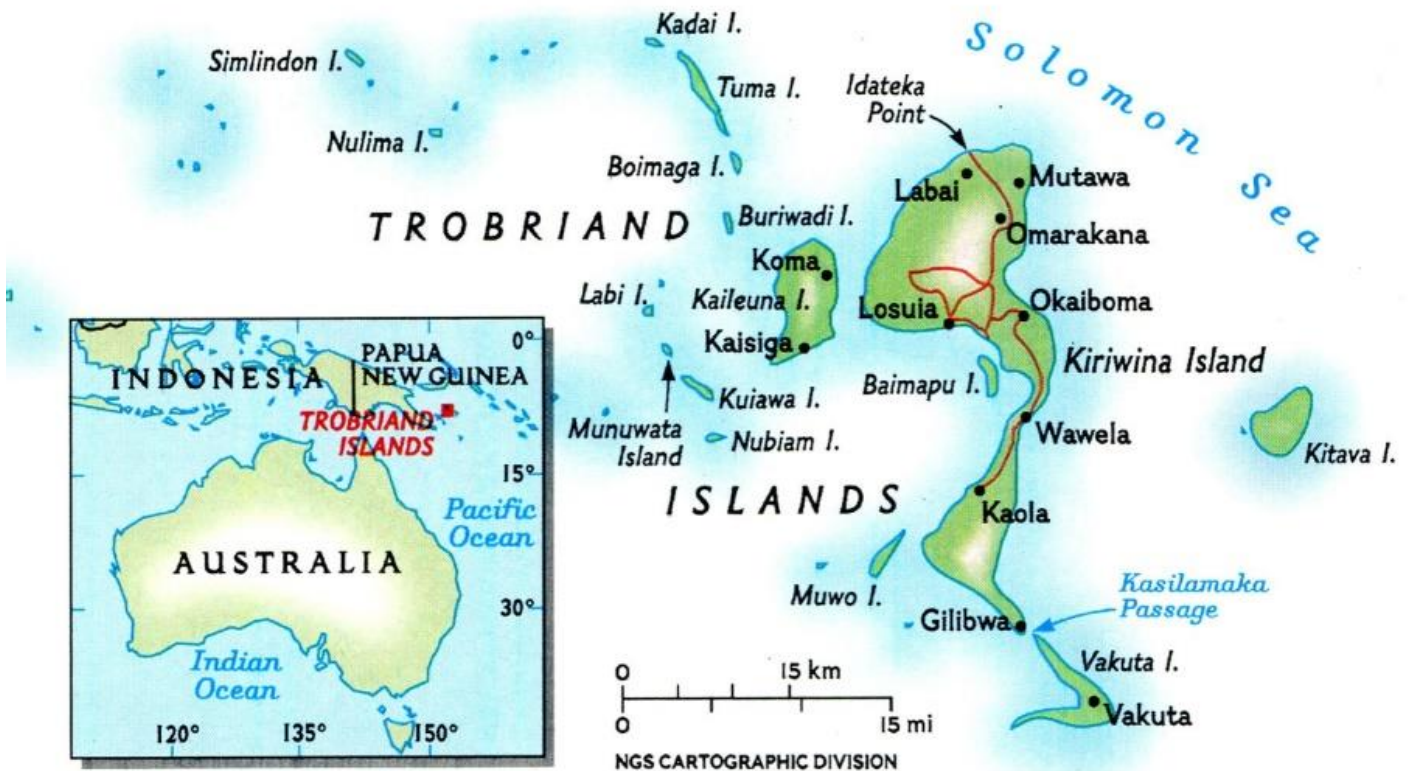
#### 1 Introdução

Neste capítulo, iremos apresentar uma exposição de alguns temas abordados na obra de Malinowski, como: o método do trabalho de campo, o sistema *Kula*, e a tentativa do etnógrafo de teorizar o *Kula* e torná-lo um conceito acadêmico. A divisão nesses três tópicos foi estabelecida a partir da leitura da obra que, com efeito, transmite para o leitor esses três momentos como os mais importantes no texto. Assim, os pensamentos do antropólogo serão abordados, nessa ordem, nas próximas seções.

Antes disso, gostaríamos de fazer breves considerações sobre a obra e o local que Malinowski realizou seu trabalho. O manuscrito foi elaborado em 1921 e publicado, pela primeira vez, em 1922, na coletânea *Studies in Economics and Political Science* da London School of Economics, na Inglaterra. O conteúdo do texto teve como objetivo relatar a vida nativa da sociedade trobriandesa, sendo esta, em um primeiro momento, população estudada por Seligman, orientador de Malinowski, e coletar informações sobre sua cultura e estrutura social. Assim, o etnógrafo divide o texto em vinte e dois capítulos, além dos elementos pré-textuais, pós-textuais e a introdução. Logo, temos um exemplar com mais de quatrocentas páginas e rico em detalhes.

A seguir, apresentaremos o mapa da região explorada pelo antropólogo. Situada ao norte da Austrália e leste da Nova Guiné e abrangendo a região da Melanésia, na Oceania, temos as ilhas Trobriand. Este foi o local que Malinowski se estabeleceu de 1915 a 1918.

Figura 5: Mapa das ilhas Trobriand



Fonte: <http://www.trobriandsindepth.com/>

## 2 Os caminhos para um trabalho de campo relevante

O trabalho de campo do etnógrafo ou da etnografia, como tratamos no capítulo I, nas seções II e III, exige do investigador um domínio das teorias da disciplina e, principalmente, do objeto de pesquisa. Os alunos de antropologia são condicionados, durante a graduação, a desenvolverem tarefas por meios de estágios e disciplinas de campo para dominarem o método etnográfico. Além disso, alguns autores são utilizados como pontos de referências para os alunos realizarem as pesquisas. A introdução escrita pelo próprio Malinowski à sua obra *Argonautas* se tornou um texto clássico e faz parte dessa bibliografia. Nesta introdução, o etnógrafo não só descreve o método que utilizou, como também apresenta os passos metodológicos de uma maneira didática, facilitando a compreensão dos estudantes.

Logo no início, Malinowski ([1922] 1976, p.24) faz o seguinte questionamento: “Qual seria a magia do etnógrafo?”. Na perspectiva do autor,

a magia do etnógrafo consiste na aplicação sistemática de princípios científicos, uma vez que não há atalhos que conduzam aos resultados almejados pelo pesquisador. Por isso, ele recomenda conhecer teorias e métodos de pesquisadores, com experiências anteriores semelhantes, para saber como obter informações dos nativos. Assim, ele começa a construir os caminhos para entendermos o trabalho que foi realizado. Nesse processo de conhecimento da aldeia nativa, o etnógrafo discorre sobre a importância de permanecer sozinho entre um grupo de pessoas com um estilo e maneiras de pensar diferentes. É nesse isolamento que ele encontra o conhecimento necessário da comunidade nativa.

Portanto, o primeiro apontamento para o sucesso do seu trabalho foi se isolar dos homens brancos ali presentes (missionários e oficiais do governo britânico). Essa decisão foi tomada por causa das divergências de pensamento que eles tinham sobre os nativos. A forma que seus colegas, não acadêmicos, observavam os nativos dificultava a conexão que Malinowski esperava ter com os trobriandeses. Para além do isolamento, temos três princípios básicos de pesquisa apontados pelo antropólogo.

Os princípios metodológicos podem ser agrupados em três unidades: em primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 24)

Esses princípios metodológicos são apenas uma parte do trabalho desenvolvido por ele. Como veremos, Malinowski parte para a vida nativa disposto a procurar pelos fatos. Além da pós-graduação em antropologia, o contato com a filosofia da ciência e as teorias de Mach preparou o pesquisador a buscar pelas evidências científicas dentro do rigor acadêmico. Ademais, Rivers havia declarado que o momento ideal para realizar o trabalho de campo era após a dominação britânica nesses territórios, um período suficiente para não descaracterizar a cultura local. Dessa maneira, o trabalho de Malinowski cumpre a profecia de Rivers. De acordo com Stocking (1992, p. 218), a

pesquisa do etnógrafo aconteceu após uma década da instalação de “uma estação governamental permanente, uma década e meia após a última luta interna, uma tentativa abortada de resistência violenta ao poder colonial e duas décadas após a sede da Missão Metodista Ultramarina ter sido estabelecida em Losuia”. Contudo, Malinowski não chegou a escrever sobre isso em *Argonautas*. Na obra, o pesquisador discorre sobre a importância da descrição de um método para a validação do argumento científico e desconsidera a intervenção colonial.

Os resultados da pesquisa científica, em qualquer ramo do conhecimento humano, devem ser apresentados de maneira clara e absolutamente honesta. Ninguém sonharia em fazer uma contribuição às ciências físicas ou químicas sem apresentar um relato detalhado de todos os arranjos experimentais, uma descrição exata dos aparelhos utilizados, a maneira pela qual se conduziram as observações, o número de observações, o tempo a elas devotados e, finalmente, o grau de aproximação com que se realizou cada uma das medidas. A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 22)

Essa insistência na validade objetiva da ciência e da civilização europeia, conforme Stocking (1992), não desconsidera a capacidade empática e o tom melancólico do antropólogo pelos nativos em *Argonautas*. As experiências do período de juventude de Malinowski, nas margens culturais da Europa, havia influenciado o antropólogo a se interessar pelo exótico, como veremos no capítulo III, e, conseqüentemente, foi um dos motivos que promoveu o interesse pela etnografia e o estudo do “primitivo”. Apesar do conhecimento teórico e metodológico, Malinowski tinha consciência de que os fatos não caíam em suas redes com facilidade, era preciso caçá-los. E como ele faria isso? Por meio da convivência com os nativos, aprendendo o idioma local, conquistando a confiança dos nativos e “caçando” os eventos particulares daquela sociedade. (MALINOWSKI, [1922] 1976). Em síntese, os passos indicados, até agora, pelo antropólogo são: afastar-se de todas as distrações impostas pelo homem branco; imergir na cultura nativa aprendendo seus hábitos e a língua; estar preparado para as questões científicas serem



contestadas; buscar pelas evidências e não esperar que elas caiam sobre sua tenda; e, por fim, utilizar de métodos de coletas de dados, como mapas, planilhas, vocabulário local, entre outros.

Ao conviver entre os nativos, Malinowski percebeu que a sociedade trobriandesa tinha uma estrutura econômica e social tão complexa quanto a dos ocidentais. Disposto a provar suas ideias e apresentá-las por meio de relatos de experiência, estabeleceu o que considera o objetivo fundamental da pesquisa etnográfica: “estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 28). No entanto, consideramos pertinente relatar que Malinowski, durante a estadia na Austrália e Nova Guiné, precisou da intermediação e apoio de algumas pessoas para realizar a pesquisa. Por mais que os relatos da obra descrevam o antropólogo, na maioria das vezes, sozinho, houve momentos que a presença de outros “homens brancos” foi necessária. Durante os quatro anos que esteve entre a Austrália e a Papua Nova Guiné, Malinowski esteve dependente dos funcionários responsáveis por assuntos coloniais australianos. Isso aconteceu, pois ele precisava de autorização para adentrar nos territórios que estavam sob domínio da Austrália e, também, para obter apoio financeiro. A dependência foi mediada pela comunidade científica australiana que, por acaso, salvou Malinowski de ir a um campo de concentração para estrangeiros inimigos, devido à nacionalidade polonesa. Os principais contatos que manteve para as negociações de financiamento e o passe para deslocar de uma região a outra foi com Atlee Hunt<sup>31</sup>, secretário do Departamento Australiano dos Assuntos

---

<sup>31</sup> De acordo com Stocking (1992, p. 242): “Formado em direito em Sydney, Hunt tornou-se secretário da Liga Federal da Australásia no final da década de 1890 e participou da campanha pelo status de *commonwealth* unida dentro do império britânico. Como chefe permanente do novo Departamento Federal de Assuntos Externos, ele esteve intimamente envolvido na implementação legislativa final da política da “Austrália Branca”. Hunt desempenhou um papel importante na elaboração da Lei de Restrição à Imigração racialista de 1901 e da Lei dos Trabalhadores das Ilhas do Pacífico de 1902, que previa o fim da importação de trabalhadores “kanaka” até 1904 e a deportação de todos que, em 31 de dezembro de 1906, ainda permanecessem nas plantações de Queensland. No entanto, quando se tratava de imigrantes europeus nas Ilhas do Pacífico, Hunt era um defensor consistente dos interesses econômicos dos colonos brancos em Papua, dos quais havia cerca de 1.200 em 1914”.

Externos, e Hubert Murray<sup>32</sup>, tenente-governador da Papua de 1908 a 1940. (STOCKING, 1992).

A percepção do nativo sobre tudo que está relacionado à sua cultura e visão de mundo foi levada em consideração no momento da pesquisa. A preocupação de Malinowski era que a sua visão de mundo e o processo interpretativo da cultura sobrepossem os fatos e enquadrassem a narrativa apenas na perspectiva do investigador. Essa percepção da distorção dos fatos, o próprio Malinowski chegou a destacar devido à dificuldade, por parte do pesquisador, de compreender o significado e sentido do mundo para os trobriandeses. O processo de conhecimento e interpretação cultural não acontece apenas por meio dos estudos teóricos, mas, também, pela convivência. O etnógrafo associa o erro de interpretação do pesquisador por causa da falta de material relacionada às determinadas civilizações. Logo, após se estabelecer entre os trobriandeses, o etnógrafo percebeu que se tratava de um povo que não tinha materiais físicos que explicassem sua cultura, assim, coube ao investigador coletar as informações, como foi apresentado anteriormente, para, dessa forma, dissertar sobre aquele grupo.

Malinowski apresenta, de uma maneira detalhada, a dificuldade enfrentada por ele ao ter que lidar com uma sociedade sem fontes. Diante da dificuldade, o etnógrafo estabelece que é a função do pesquisador descrever as “leis e regularidades que regem a vida tribal; apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 28). Essa tarefa não foi tão simples. Os trobriandeses não tinham consciência dessas regras, leis e regularidades, uma vez que viviam essas instituições no dia a dia. Diante disso, Malinowski precisou entrevistar os informantes com o propósito de conseguir as informações por meio da tradição oral, o que, de certa forma, poderia acarretar em falsos testemunhos ou distorções da memória. Apesar da possibilidade de distorções dessas lembranças, o pesquisador precisava confiar nas regularidades do discurso nativo. Ao longo da

---

<sup>32</sup> Conforme Stocking (1992, p. 243-244): “Murray tinha uma certa sofisticação em antropologia evolucionária e pós-evolucionária: ele havia lido Tylor e Maine, além de trabalhos de membros da expedição do Estreito de Torres; era amigo de Seligman e, mais tarde, contratou F. E. Williams como “antropólogo do governo”. Mas ele duvidava da teoria difusionista e, mais tarde, da funcionalista, e atribuía aos antropólogos um viés preservacionista contra a mudança social. E, embora respeitasse a capacidade de Malinowski, ele o considerava um ‘alemão’ e não gostava dele pessoalmente”.

pesquisa, Malinowski contou com a colaboração de vários informantes da ilha para compreender determinados comportamentos manifestados pelos nativos. Ademais, estudou a língua local e aprendeu a elaborar perguntas que estivessem dentro do entendimento do grupo. Por causa do estilo de vida desses povos, a comunicação direta, por meio do inglês *pidgin*<sup>33</sup>, não trouxe resultados. Assim, o pesquisador aproveitou certos acontecimentos na aldeia e, sempre que necessário, solicitava explicações dos informantes para sanar as dúvidas. Conforme o etnógrafo:

Embora os nativos jamais nos possam fornecer regras gerais e abstratas, há sempre a possibilidade de os interpelarmos sobre a solução que dariam a determinados problemas. Assim, por exemplo, se quisermos saber seu modo de tratar ou punir os criminosos, uma pergunta direta, do tipo “ Como são tratados e punidos os criminosos?” é inútil – e, além de tudo, impraticável, pois que não existem na linguagem nativa, ou mesmo, no inglês *pidgin*, palavras adequadas com que expressá-la. Mas um incidente imaginário- ou, melhor ainda, uma ocorrência real, estimula o nativo a expressar sua opinião e fornecer muitas informações. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 29)

O trabalho exaustivo que um antropólogo tem, de preencher os três princípios básicos da pesquisa elaborados por Malinowski, é o que vai diferenciar sua pesquisa científica da pesquisa de um amador. Nas ilhas Trobriand, a relação entre etnógrafo, oficiais e missionários foi, em grande parte da sua estadia, hostil. Isso aconteceu por causa do rigor acadêmico que o polonês expressava. Além disso, no seu diário pessoal *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997), que iremos tratar no terceiro capítulo, ele descreve os oficiais e missionários como pessoas despreparadas para fazer tais análises e incapazes de perceber, devido à ignorância, o que os nativos tinham a contribuir. Sendo assim, Malinowski afirma que os cientistas, principalmente os antropólogos britânicos, estavam capacitados para realizarem essa tarefa.

Contudo, perante os fatos, o etnógrafo admite uma vantagem que esses amadores possuem em relação à comunidade acadêmica: o contato direto e prolongado com os nativos. Os cientistas tinham a capacidade de fornecer um esqueleto sobre a estrutura da constituição tribal, mas, nessa estrutura, faltava sangue e carne. Diante do contato direto com os nativos, era possível capturar

---

<sup>33</sup> Idioma utilizado como meio de comunicação, não sendo língua materna de nenhum falante. Cf. <https://dicionario.priberam.org/pidgin>

informações precisas sobre a realidade da vida humana nativa por meio de acontecimentos do cotidiano, “as ocasionais demonstrações de excitação em relação a uma festa, cerimônia ou fato peculiar” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 31). A preocupação de Malinowski em preencher o esqueleto da constituição tribal de sangue e carne também conserva um espírito. Esse espírito que é alcançado por meio das conexões interpessoais, passado por gerações, presente na tradição nativa e no modo de enxergar o mundo, pode, sim, ser transformado em fatos e evidências sobre a cultura trobriandesa. Sendo assim, temos a constituição tribal como o esqueleto; a vida cotidiana e o comportamento habitual como o sangue e a carne; e, por fim, o espírito em forma do ponto de vista, as opiniões e as palavras dos nativos (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 36).

A quantidade de tempo que o pesquisador passa em campo refletia, conseqüentemente, na coleta de dados, na maneira de se relacionar com os nativos e, principalmente, na pesquisa de um modo geral. Ademais, diante da convivência diária com o pesquisador, a comunidade nativa não irá apresentar resistência ou desconforto com a presença do etnógrafo e, certamente, pode chegar a colaborar esclarecendo algumas dúvidas, uma vez que o investigador deve se atentar aos aspectos íntimos, às tarefas do cotidiano e participar das atividades. Esse processo de imersão, diferente da coleta de dados cristalizados que apresentamos, direciona um contraponto que seria a subjetividade do investigador. A subjetividade é um método, para Malinowski, que pode favorecer a pesquisa, a fim de chamar a atenção do investigador para detalhes que um olhar familiarizado com o ambiente não seria capaz de identificar. É preciso deixar que os fatos falem por si, essa é a percepção do etnógrafo. Assim que o pesquisador começar a caminhar na aldeia para a ronda diária, os acontecimentos espontâneos devem ser relatados ao diário. Antes que o olhar fique familiarizado e não perceba os fatos. Esses fatos atípicos devem acompanhar aqueles que o pesquisador considera recorrentes e normais (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 35).

Esses estados subjetivos dos nativos podem, com certeza, abrir para caminhos interpretativos distintos. Entretanto, Malinowski apresenta uma solução prática para a análise psicológica desses fatos:

Em primeiro lugar, devemos partir do fato de que o objeto de nosso estudo são os modos estereotipados de pensar e sentir. Enquanto sociólogos, não nos interessamos pelo que A ou B possam sentir como indivíduos no curso acidental de suas próprias experiências; interessamos-nos, sim, apenas por aquilo que eles sentem e pensam enquanto membros de uma dada comunidade. Sob esse ponto de vista, seus estados mentais recebem um certo timbre, formam-se estereotipados pelas instituições em que vivem, pela influência da tradição e do folclore, pelo próprio veículo do pensamento, ou seja, pela língua. O ambiente social e cultural em que se movem força-os a pensar e sentir de maneira específica. Assim, por exemplo, o homem que pertence a uma comunidade poliândrica não pode conhecer ou experimentar o mesmo tipo de ciúme comum no indivíduo de uma comunidade estritamente monogâmica, muito embora possa ter em si todos os elementos para isso. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 36)

A decisão de estudar a região de Trobriand foi de Malinowski. A orientação que havia recebido, em um primeiro momento, foi a instrução de Seligman para estudar a ilha Rossel, no sudeste do território, onde havia realizado pesquisa anteriormente. Contudo, Malinowski insistiu com o orientador que precisava seguir para Mambare, na costa norte da Nova Guiné, por causa da preocupação do governo em torno de alguns cultos proféticos que estavam acontecendo na região e que considerava promissor. O que nunca aconteceu. No caminho para chegar a Mambare, o etnógrafo parou nas ilhas Trobriand em busca de ajuda médica e de artefatos museológicos e, ali, permaneceu por todo o período seguinte. (MALINOWSKI, [1967] 1997; STOCKING, 1992).

Diante disso, no final da introdução ao método etnográfico, Malinowski termina, após fomentar os caminhos descritos até aqui, descrevendo três diferentes possibilidades que pode facilitar a realização da pesquisa de campo etnográfica, sendo estas: (1) a organização da tribo e a anatomia de sua cultura; (2) os fatos imponderáveis da vida real; e (3) o *corpus inscriptionum* (isto é, o corpo documental). Na perspectiva do etnógrafo ([1922] 1976, p. 37-38), a primeira possibilidade pode ser alcançada por meio da documentação concreta e da estatística; a segunda possibilidade, que complementa a primeira, pode ser coletada com o contato íntimo com a vida nativa, registrado no diário; e a terceira são as informações sobre o nativo obtidas por meio dos rituais, danças, folclore, idioma e fórmulas mágicas que podem ser transformadas em documentos. Assim, conforme Malinowski ([1922] 1976), alcançamos o objetivo de compreender o ponto de vista dos nativos.

Após a exposição dos métodos de Malinowski, estamos preparados para seguir com o próximo tópico: o *Kula* e os aspectos sociais e culturais da vida nativa. Na sequência, o etnógrafo apresentará, na prática, a convivência com uma cultura tão distinta da sua e o resultado do seu trabalho. Assim, consideramos que foi de importância ímpar a descrição dos procedimentos empregados na “observação participante” de Malinowski para entendermos a narrativa e a escolha dos dados.

### **3 O *Kula* e os aspectos socioculturais da vida nativa das ilhas Trobriand na perspectiva de Bronislaw Malinowski**

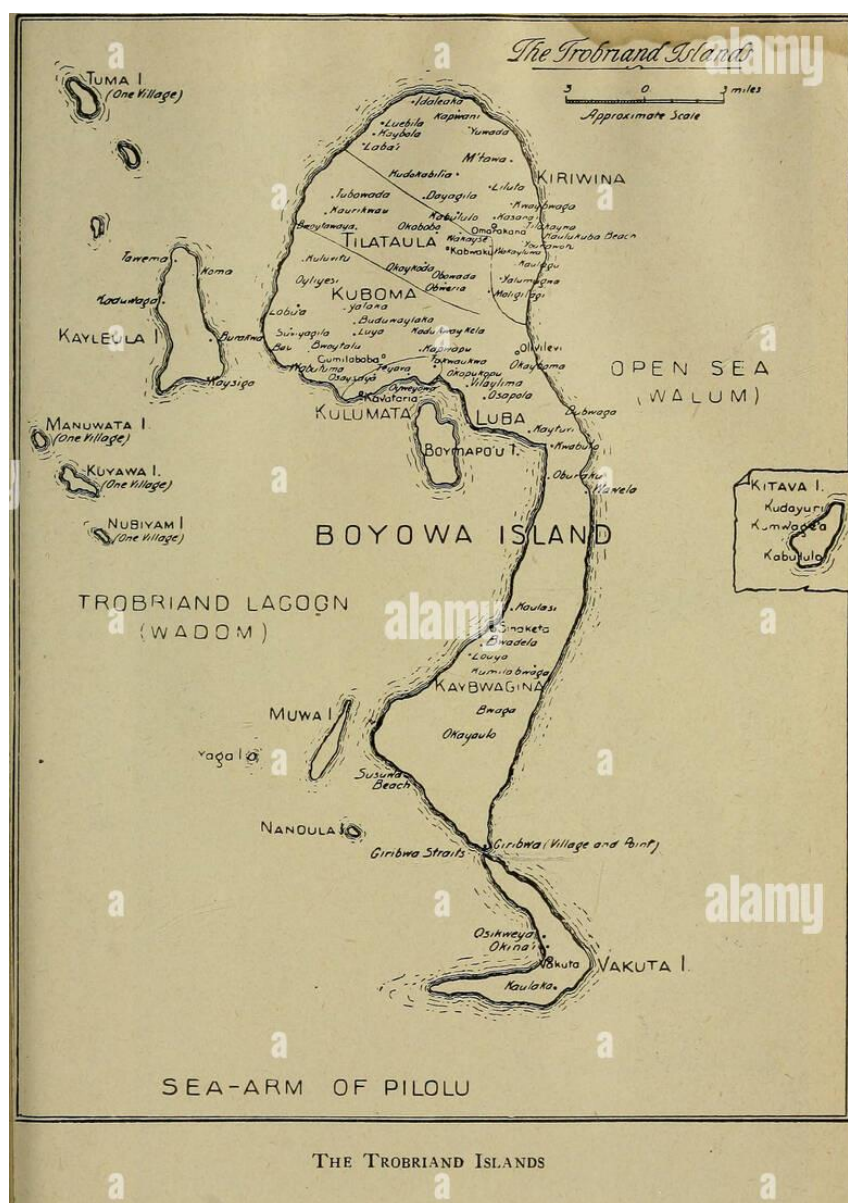
Nesta seção, iremos apresentar o ponto de vista de Malinowski sobre o objeto de pesquisa. O autor de *Argonautas* dedicou vinte e dois capítulos da obra aos aspectos sociais e culturais da vida dos trobriandeses, assim como considerou relevante mencionar a importância atribuída a algumas instituições, a saber: mito, magia e sistema de trocas. Além disso, ele identificou, entre os nativos, um sistema econômico que poderia ser considerado tão complexo quanto o dos ocidentais, o que o etnógrafo nomeou como *Kula*. Portanto, devido à extensão do conteúdo do manuscrito, os temas escolhidos para serem discutidos seguem a ordem cronológica do texto original, entretanto, dando ênfase nas partes mais relevantes.

De acordo com Stocking (1992), o trabalho etnográfico de Malinowski em Trobriand foi considerado revolucionário pela comunidade científica de antropólogos britânicos. Antes do etnógrafo, a pesquisa de campo era realizada por meio de um “método padrão de pesquisa etnográfica” que consistia em medir o nativo, fotografá-lo e entrevistá-lo. Após armar sua tenda entre as casas dos trobriandeses e participar de sua rotina, Malinowski institucionalizou um novo método mais imersivo. Esse método, como vimos na seção I, exigia uma dedicação participativa do pesquisador na vida diária do nativo. Dentre as prescrições do etnógrafo, o isolamento do “homem branco” foi o mais destacado.

No primeiro contato estabelecido com a comunidade nativa, Malinowski teve a oportunidade de explorar os distritos em torno da ilha. Antes de começar

a sua jornada, o polonês delimitou as áreas, fez um reconhecimento linguístico e de características físicas dos nativos para, assim, conseguir alcançar as particularidades de cada grupo. Contudo, durante esse período em campo, os vínculos criados e os dados que conseguiu coletar vieram, em grande parte, das ilhas Trobriand. Na tentativa de familiarizar o leitor com a língua nativa, o antropólogo recorre, em vários momentos do texto, como veremos adiante, à tradução do idioma, como o nome da ilha Trobriand para *Boyowa*, que é o nome nativo. Além disso, uma contextualização geográfica foi realizada de maneira descritiva a ponto de termos a percepção de que a intenção do escritor foi criar um cenário imagético para induzir a leitura. Assim, Malinowski, além de escrever sobre os distritos, desenhou um mapa da região.

Figura 6: Mapa das ilhas Trobriand feito por Malinowski



Fonte: <https://www.alamy.es/ingles-mapa-historico-de-las-islas-trobriand>

A identificação territorial se mostra útil para refletirmos sobre o trâmite realizado por Malinowski para conseguir as informações que precisava. O antropólogo mapeou e estudou as regiões que praticavam o *Kula*, como Trobriand e as ilhas Amphlett; Trobriand e Kitava; e Trobriand e Dobu. Na percepção do etnógrafo, o ponto de referência era sempre Trobriand. O que nos fez questionar: A transação *Kula* começava por Trobriand ou foi por causa do estabelecimento do antropólogo na ilha que ele resolveu utilizar como ponto de referência?

Na bibliografia disponível e no próprio texto de *Argonautas* não fica evidente o motivo, mas indícios mostram que foi por escolha do pesquisador, uma vez que acompanhar as expedições *Kula* por Trobriand, uma região movimentada, facilitava manter contato com os nativos de outras ilhas e coletar as informações. (MALINOWSKI, [1922] 1976; STOCKING, 1992).

Após desembarcar na praia que dava acesso à ilha e entrar em contato com os oficiais britânicos, o etnógrafo prosseguiu em busca dos fatos etnográficos, cada dia fazendo o reconhecimento local e tentando se relacionar com os trobriandeses. Logo depois de se estabelecer e fazer o mapeamento, Malinowski discorre sobre as primeiras impressões que teve sobre os nativos. Ele menciona que havia uma diferença entre os nativos que se localizavam na região oriental e os nativos da região ocidental. Despertado pela curiosidade de saber quais eram essas diferenças entre os nativos ocidentais e os orientais, na região ocidental de Mailu, ele identificou que viviam os “nativos de talento refinado, poetas e senhores dos mares e das selvas primitivas” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 43). Enquanto a população oriental, o etnógrafo classificou como “selvagens, cruéis e canibalescos” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 43). Essas distinções ocorreram após ele perceber a complexidade das características nativas e, de certa forma, do estilo de vida nativo.

Os relatos sobre a aparência física dos trobriandeses transmite, para o leitor, uma imagem viva desses povos, como, também, a cena marcante das paisagens que impressionaram o antropólogo, como veremos adiante. No



decorrer da narrativa, Malinowski não mediu esforços para encher de detalhes sobre a ilha que, evidentemente, era um mundo diferente do lugar que pertencia. Além disso, a descrição da paisagem reforça o discurso da narrativa que ele esteve entre esses povos. Assim, observando a estética física dos nativos, menciona:

Ao aproximar-nos dos nativos e examinarmos sua aparência, verificamos com surpresa- se os compararmos a seus vizinhos ocidentais- que são extremamente claros de pele, de pequena estatura, atarracados; sua aparência física produz uma certa impressão de suavidade, é quase lânguida. O rosto largo e gordo, o nariz achatado e os olhos amendoados os fazem parecer grotescos e estranhos, em vez de impressivamente selvagens. O cabelo crespo, embora não tanto quanto o dos verdadeiros papua, forma um tufo no alto da cabeça e é aparado dos lados para dar ao crânio uma conformação alongada, diferente da grande auréola exibida pelos motu. Esses nativos têm um ar tímido e desconfiado, mas não hostil- são sorridentes e quase servis, nisso diferindo bastante dos papuas, que são morosos, e dos mailu ou aroma do litoral sul, que são retraídos e pouco amistosos. De maneira geral, à primeira vista, eles nos dão a impressão não de selvagens bravios, mas de burgueses asseados e satisfeitos com a vida que levam. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 44)

As visitas feitas nas aldeias chamaram a atenção de Malinowski para o cenário ao seu redor. As cores do ambiente se mostravam mais vivas e intensas do que os tons de cinza que o céu nublado da Inglaterra projetava. A sensação era de uma natureza intocada, ou seja, “primitiva”, como apontou o etnógrafo. Os nativos usavam dos produtos ofertados dessa natureza “primitiva” e “exótica” para adornarem suas casas, fabricarem os alimentos, e, também, na confecção de acessórios pessoais. Com as visitas, o pesquisador conseguiu realizar uma descrição detalhada da rotina da aldeia. No entanto, vale lembrar que Trobriand e sua “natureza intocada e primitiva” estava vivendo um período de exploração colonial que Malinowski não menciona na obra, como vimos na seção II do capítulo I. No período em que ele se desembarcou em Mailu, conforme Stocking (1992, p. 269-270): “uma força expedicionária já estava ocupando a Nova Guiné Alemã”. Logo, a preocupação não era mais com a ocupação territorial europeia, e, sim com a divisão do poder colonial nas esferas em que as estruturas administrativas e econômicas estavam consolidadas. A cultura e a estrutura social de Trobriand não estavam muito comprometidas pelas dominações locais, o que não prejudicou a pesquisa de

Malinowski. Contudo, a expectativa do antropólogo de encontrar um “jardim intocado”, ou seja, “primitivo” foi contrariada, uma vez que a região foi violada muito antes da sua chegada às ilhas Trobriand.

Além disso, a omissão das atrocidades coloniais no texto de Malinowski, de acordo com Stocking (1992), ocorreu por motivos de sobrevivência. O pesquisador precisava receber a bolsa de pesquisa, ou salário, para suprir suas necessidades básicas. Ele estava praticando ciência, mas, ainda, era um trabalhador que precisava atender a uma demanda de mercado. Por causa disso, Malinowski não arriscou expor as atrocidades da colonização, pois ele precisava apresentar um conhecimento que agradasse os europeus e que atendesse às necessidades do mercado científico. Assim, o que ele pôde realizar sem prejudicar a carreira científica foi apenas criticar os fracassos da política colonial. O etnógrafo defendia o papel da ciência, declarava-se um primitivista romântico e tentou manter uma certa distância entre a antropologia da política e da prática colonial. No entanto, ele tinha um lado realista e político que o fez aceitar o sistema colonial. (STOCKING,1992).

Diante disso, perguntamos-nos: O quanto Malinowski reconstruiu do cenário para criar uma ambientação paradisíaca e reforçar o seu discurso de que estava sozinho, em uma ilha, com pessoas selvagens?

Esse discurso começou a desintegrar quando Stocking (1992), ao estudar a história da antropologia, menciona que Malinowski havia armado sua tenda entre os trobriandeses, mas dois comerciantes de pérolas (Billy Hancock e Rafael Brudo) estavam sempre por perto, separados apenas por alguns quilômetros de distância. Além disso, o diálogo com europeus era recorrente, um pouco mais frequente do que o etnógrafo recomenda na introdução de *Argonautas*.

Logo, abaixo, temos uma descrição da paisagem na aldeia. Nessa descrição, gostaríamos de chamar a atenção para a maneira que o etnógrafo desenvolve o processo de escrita. O pesquisador transforma os fatos etnográficos em uma história literária. Por causa dessa narrativa envolvente, em nossa perspectiva, fica difícil para um leitor sem conhecimentos científicos distinguir o que é fato e o que são, como escolhemos nomear, reconstruções de cenário.

Quando, num dia quente, penetramos nas sombras das palmeiras e das árvores frutíferas e nos encontramos em meio a casas maravilhosamente bem projetadas e ornamentadas, escondidas aqui e acolá em grupos irregulares, em meio ao vedor de árvores e plantas, rodeados por pequenos jardins decorativos de conchas e flores, com entradas ladeadas de pedrinhas e círculos com calçamentos de pedras onde se pode sentar – é como se repentinamente surgisse diante dos nossos olhos a breve visão de um mundo primitivo, selvagem e feliz. Canoas enormes, cobertas de folhas de palmeira, estão atracadas na areia, bem longe do mar; redes de pescar, a secar ao sol, estendidas sobre armações especiais; sentados nas plataformas, que se erguem frente às casas, homens e mulheres se entretem nalgum trabalho doméstico, fumando e conversando. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 44)

Apesar da narrativa literária e os questionamentos gerados em torno dessas descrições, consideramos relevante destacar que este capítulo tem como objetivo sintetizar para os leitores a obra *Argonautas*, abordando os pontos relevantes do texto. As descrições etnográficas e a característica literária de Malinowski foram analisadas por outros pesquisadores, como Stocking. Por isso, não consideramos pertinente retratá-los e aprofundar novamente nesta pesquisa, uma vez que o propósito do capítulo II é apresentar a obra como foi publicada. No entanto, precisamos mencionar que, de fato, o etnógrafo recorreu a esse recurso literário. (PEIRANO, 1995; THORNTON, SKALNÍK, 1993; STOCKING, 1992). Por causa disso, o método de escrita do antropólogo foi e ainda permanece como uma das características principais do seu trabalho. Assim, para o leitor pouco familiarizado com o conhecimento de antropologia e, especificamente, de etnografia, recomendamos uma leitura complementar atenta, em seu livro, em busca de perceber dois aspectos da contribuição etnográfica de Malinowski, a saber: 1) as ferramentas que ele utilizou na coleta de informações (planilhas, mapas, diário de campo e idioma); 2) a estrutura literária de *Argonautas*.

Durante o tempo que passou visitando algumas aldeias, Malinowski experimentou sensações diferentes ao chegar ao seu destino final, Boyowa. As expectativas do trabalho para os próximos meses, e, também, os resultados da primeira observação foram relatados ao leitor. Nesse relato, diante do primeiro contato com os nativos, o etnógrafo ressalta que conseguiu perceber características e situações que um pesquisador, estando a mais tempo no campo e acostumado com a rotina, já não mais teria notado. Esses detalhes podem indicar o grau de dificuldade do trabalho de campo que o etnógrafo vai

enfrentar. Dessa forma, Malinowski chama a atenção do pesquisador para os fatos sociológicos significativos. (MALINOWSKI, [1922] 1976). Após chegar em Boyowa e observar dois grupos de homens nativos, o polonês tentou adivinhar quais eram os relacionamentos entre eles. O palpite foi que “entre estes dois grupos de homens talvez haja uma relação de rivalidade ou vingança que poderá vir a esclarecer algum fato referente aos costumes e ao caráter dessa gente” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 54). Considerando, porventura, o período relativamente curto de sua observação, é de salientar que algumas menções feitas sobre as pessoas da aldeia soaram premeditadas e expeculativas.

A empolgação de Malinowski representava o comportamento do etnógrafo atento, apontado por ele, em busca de evidências. Logo que sentou-se entre o grupo de nativos, algumas características tomaram forma e se destacaram, como: a hierarquia da comunidade e o papel atribuído à mulher. O antropólogo destacou algumas regras de comportamentos impostas pelo líder ao seu povo. Além disso, ele observou que os nativos de melhor aparência ou que pertenciam a uma hierarquia mais alta eram tratados com cordialidade e respeito. Essas posições hierárquicas exigem que as pessoas tenham um comportamento diferente na presença de estranhos, como demonstrar possuir maneiras de se comportar excelentes. Na presença do chefe local, os plebeus precisavam ficar agachados, pois não podiam permanecer em pé ou fisicamente em uma postura que os deixassem mais altos. A instituição da chefia, segundo Malinowski ([1922] 1976, p. 54): “é de tal forma estranha ao temperamento das tribos melanésias que, à primeira vista, chega a transportar o etnógrafo para um mundo bem diferente”.

O contato entre o antropólogo e as nativas se deu, em grande parte da pesquisa, apenas por observações e relatos. A diversidade física e a personalidade variavam conforme o distrito que o pesquisador frequentava. Assim, em algumas regiões, havia mulheres mais amistosas, outras hostis ou reservadas. Apesar da subjetividade complexa das nativas, o etnógrafo escreveu acerca do protagonismo dessas mulheres no sistema de herança matrilinear da comunidade, como também sobre a presença feminina nos mitos locais. Logo, destacaremos aqui, apenas algumas dessas características citadas pelo autor. De acordo com Malinowski ([1922] 1976, p. 55), as mulheres

de cada região carregavam um traço distinto. Em Dobu, elas eram frias e se esquivavam na presença de estrangeiros. Nas ilhas Amphlett, as mulheres tinham um comportamento pouco convidativo e, em Boyowa, chocaram o pesquisador com um tratamento mais amistoso e gentil. Além disso, havia uma diferença de conduta entre as mulheres das classes mais baixas e as das classes altas. A maneira das nativas se vestirem representava a região que cada uma pertencia. Os saíotes feitos de fibra eram usados por todas as mulheres melanésias da Nova Guiné. Contudo, na região do massim do sul, os saíotes eram usados abaixo do joelho e, nas ilhas Trobriand, os saíotes eram curtos e largos.

Todo o processo de caminhar pelos locais em que os nativos frequentavam, tentando interagir com as pessoas, para Malinowski, tratou-se de um investimento de tempo significativo quando o assunto era a coleta de dados. As descrições sobre a rotina e organização de uma aldeia foram comparadas à vida das pessoas dos grandes centros urbanos. Como os europeus, os nativos tinham uma rotina. Eles trabalhavam em suas colheitas, praticavam rituais, produziam utensílios diversos que eram utilizados nas trocas intertribais, cuidavam da família, e, principalmente, cada indivíduo tinha um papel a desempenhar para o funcionamento da comunidade. Contudo, a diferença de um europeu para um trobriandês não estava apenas na maneira complexa de estruturar uma sociedade, mas, sim, de enxergar o mundo e dar sentido para as coisas.

Os primeiros indícios de organização social trobriandesa podem ser encontrados na liderança local, ou seja, o chefe tribal que era o representante do povo. Em seguida, temos a posição social das mulheres e, ainda, a organização do trabalho nativo. Sobre esse último, Malinowski, detalhadamente, esboçou como os membros da aldeia dividiam as tarefas diárias. A imagem de um nativo preguiçoso, descansando horas na sua tenda, foi desmistificada e também criou uma nova impressão de um povo ambicioso e dedicado às terras.

O nativo dedica à lavoura metade de sua vida de trabalho, pois é na lavoura que se centraliza grande parte de seus interesses e ambições. Na lavoura, por exemplo, os nativos produzem muito mais do que realmente necessitam, e, em média, no decorrer de um ano normal, chegam a colher o dobro do que precisam para alimentar-se.

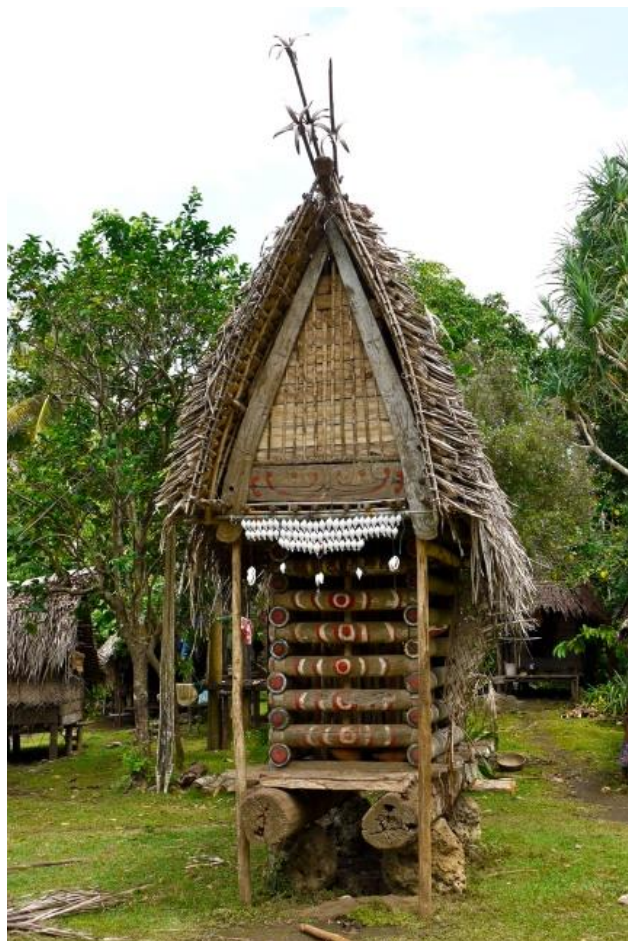
Nos dias atuais, esse excedente de alimentos é exportado por europeus para o consumo de trabalhadores agrícolas em outras regiões da Nova Guiné. Antigamente, simplesmente apodrecia. Além do mais, os nativos conseguem esse excedente por meio de um trabalho muito maior do que o estritamente necessário à obtenção de uma boa colheita: despendem muito tempo e energia em questões estéticas, conservando seus campos de cultivo sempre arrumados, limpos e desobstruídos de todos os detritos, construindo cercas bem-feitas e sólidas, colocando estacas especialmente fortes e grandes junto aos pés de inhame. Até certo ponto, tudo isso é mesmo necessário ao bom desenvolvimento das plantas; mas, não há dúvida de que os nativos levam sua meticulosidade bem além dos limites do estritamente necessário. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 58-59)

A dedicação excedida a agricultura, em específico, ficou evidente quando Malinowski comparou com outras atividades da aldeia. No trabalho agrícola, a magia desempenha o papel mais importante e exige a responsabilidade de um departamento independente comandado pelo feiticeiro agrícola. Ademais, para cada atividade praticada entre os trobriandeses, o etnógrafo identificou um ritual específico de magia. Assim, o feiticeiro, uma das personalidades local mais importante, era convocado para garantir o sucesso da safra. A posição de feiticeiro era hereditário e o seu trabalho consistia em realizar cerimônias e ritos em todas as etapas do trabalho da lavoura. O sucesso da colheita dependia da dedicação do feiticeiro no momento de praticar a magia. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 59).

Figura 7: Depósito utilizado para armazenar os alimentos da colheita



Figura 8: Detalhe do depósito utilizado para armazenar os alimentos da colheita



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/rietje/4207197332/in/photostream/>

Os motivos para os nativos de Trobriand se dedicarem, além do necessário, às colheitas foram por razões de natureza social e tradicional extremamente complexas. Portanto, na perspectiva de Malinowski, o conceito de “Homem Econômico Primitivo”, cunhado por especialistas em economia primitiva, precisava ser repensado e redefinido. Essa percepção impede o antropólogo de enxergar o sentido de trocas e produção desses povos. Assim, o etnógrafo explica que “Homem Econômico Primitivo” é “um homem primitivo ou selvagem imaginário, movido em todas as suas ações por uma concepção racionalista do interesse pessoal, atingindo seus objetivos de maneira direta e com o mínimo de esforços” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 60).

Na sequência, o antropólogo apresenta um exemplo que, na sua concepção, será o suficiente para contestar a teoria, “Homem Econômico Primitivo”, dos colegas acadêmicos. A ideia de que os nativos eram movidos por interesses particulares estava equivocada, pois, conforme Malinowski:

O nativo de Trobriand trabalhava movido por razões de natureza social e tradicional altamente complexas; seus objetivos certamente não se referem ao simples atendimento de necessidades imediatas nem a propósitos utilitaristas. Assim, antes de mais nada, como já vimos, o trabalho do nativo não é executado segundo a lei do menor esforço. Muito pelo contrário, em sua realização são despendidas grandes parcelas de tempo e energia que, do ponto de vista utilitário, são inteiramente desnecessárias. O trabalho e o esforço não constituem apenas meios para atingir certos fins, mas sob certo ponto de vista, um fim em si mesmo. Nas ilhas Trobriand, o prestígio de um bom agricultor é diretamente proporcional à sua capacidade de trabalho e à quantidade de terra que consegue lavar. O título de *Tokwaybagula*, que significa “bom (ou eficiente) lavrador” só é conferido após judiciosa escolha e sempre ostentado com orgulho. Vários dos meus amigos, conhecidos como Tokwaybagula, gabavam-se do quanto haviam trabalhado, de quanta terra tinham lavrado, e comparavam seus próprios esforços com os dos nativos menos capazes ou pouco trabalhadores. À medida que se processa o trabalho da lavoura, parte do qual é realizado comunitariamente, pode-se observar um grande espírito de competição. Há disputa para saber quem trabalha mais rapidamente, quem faz o trabalho mais completo, quem consegue carregar mais peso ao trazer para o campo as grandes estacas ou levar para a aldeia o produto da colheita. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 60)

Assim, nesse processo de compreender o lado laborioso da atividade agrícola trobriandesa, outro sentido dado a esse trabalho aparece para o



investigador. No final da citação, o etnógrafo menciona que havia um sentimento competitivo entre os agricultores em busca do título de *Tokwaybagula*. Com o sucesso da colheita, o chefe realizava um evento para que os lavradores apresentassem seus ganhos e recebessem os devidos cumprimentos. Essa exibição carregava um sentido singular da cultura nativa e confrontava as discussões expostas pelos estudos de economia primitiva. Além disso, Malinowski criticou o primitivo das fábulas ocidentais e também reafirmou o pensamento do nativo, de carne e osso, como um homem que tinha suas necessidades e maneiras de ver o mundo. O *Kayasa*, exibição cerimonial e competitiva de alimentos, foi estabelecido pelo chefe da aldeia como uma motivação aos competidores que buscavam o título de *Tokwaybagula*. O título despertava no nativo o interesse de se esforçar e se dedicar a colheita para obter maiores resultados. Por isso, a ideia de “Homem Econômico Primitivo” não foi sustentada pelo que é exposto no texto de Malinowski, haja vista que o nativo de carne e osso, além de atender aos seus desejos vitais, é guiado primordialmente “por um complexo sistema de deveres e obrigações, de forças tradicionais, de crenças mágicas, ambições sociais e vaidade” (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 61). O prestígio social que ele almeja vem por meio da lavoura e do status de bom trabalhador.

Após essa breve exposição sobre a organização do trabalho, Malinowski menciona como que os distritos se organizavam politicamente. Essa informação é extremamente relevante para o entendimento do *Kula*, sendo este o próximo tópico que iremos abordar. Assim, o etnógrafo descreve brevemente:

Todos os aspectos da vida nativa, a religião, a magia, a economia estão inter-relacionados, mas é realmente a *organização social* que os fundamenta a todos. Assim sendo, devemos sempre ter em mente o fato que as ilhas Trobriand formam uma unidade cultural e linguística, têm as mesmas instituições, obedecem às mesmas leis e regulamentos, estão sob a influência das mesmas crenças e convenções. Os distritos em que se subdivide o território Trobriand, distinguem-se uns dos outros apenas do ponto de vista político, e não do ponto de vista cultural. Em outras palavras, cada um deles possui o mesmo tipo de nativos, embora obedeça ou, pelo menos, reconheça ao seu próprio chefe, tenha seus próprios interesses e objetivos, e em caso de guerra cada um se empenhe em sua própria luta. As diversas comunidades existentes no âmbito de cada distrito são bastante independentes umas das outras. Cada aldeia tem um líder que a representa, seus membros realizam o trabalho da lavoura em conjunto, orientados por seu próprio feiticeiro agrícola; organizam suas próprias festas e cerimônias, pranteiam seus mortos em comum e realizam, em memória deles, uma série interminável de distribuições de alimentos. Em todos os assuntos importantes da tribo

ou do distrito, os membros de cada comunidade se mantêm unidos e atuam como um grupo independente dos demais. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 66-67)

Os dois primeiros capítulos da obra magna de Malinowski foram responsáveis por darem uma descrição do cenário e dos personagens explorados por ele. A partir do terceiro capítulo, o sistema *Kula* passa a vigorar em suas páginas. A narrativa do texto conduz o leitor a imaginar e processar a história como se estivessem participando do *Kula* com o antropólogo. O etnógrafo explica que se trata de um circuito marítimo que parte de um distrito com o objetivo de chegar a outro distrito para trocas comerciais. Logo, abaixo, temos a definição do *Kula* e a imagem de um mapa, feito por Malinowski, para demonstrar como os artigos circulavam pelos distritos.

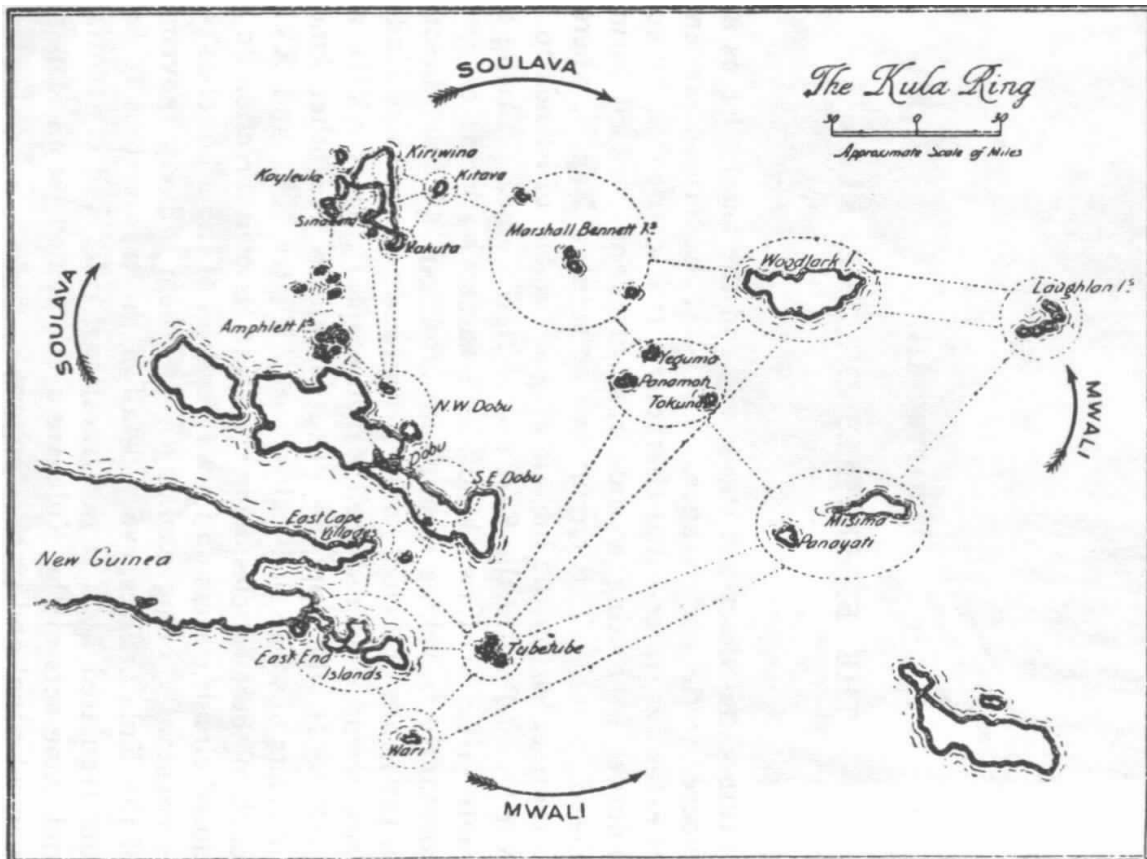
O *Kula* é uma forma de troca e tem caráter intertribal bastante amplo; é praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado. Ao longo dessa rota artigos de dois tipos- e somente desses dois- viajam constantemente em direções opostas. No sentido horário movimentam-se os longos colares feitos de conchas vermelhas, chamados *soulava*. No sentido oposto, movem-se os braceletes feitos de conchas brancas, chamados *mwali*. Cada um desses artigos, viajando em seu próprio sentido no circuito fechado, encontra-se no caminho com os artigos da classe oposta e é constantemente trocado por eles. Cada movimento dos artigos *Kula*, cada detalhe das transações é fixado e regulado por uma série de regras e convenções tradicionais; alguns dos atos do *Kula* são acompanhados de elaboradas cerimônias públicas e rituais mágicos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 75)

Figura 9: Modelo de colar e bracelete utilizado no *Kula*



Fonte: <http://antropologiaestudos.blogspot.com>

Figura 10: Mapa do circuito *Kula*



Fonte: <http://antropologiaestudos.blogspot.com>

A cultura trobriandesa estava permeada de ritos, magia, lendas e mitos. Por causa disso, o *Kula* se tornou, para Malinowski, mais que uma simples descrição da expedição econômica desses nativos, como, também, um caminho para apresentar a complexidade cultural do grupo. A definição do *Kula*, proposta pelo etnógrafo logo no início do capítulo, estreitou a pesquisa para um recorte específico da vida tribal. Além disso, a narrativa envolvente apresenta outros detalhes relevantes da estrutura social e cultural desses povos.

A percepção do nativo sobre o sistema *Kula* diverge da visão estritamente científica do antropólogo. Essa concepção estruturada e definida do *Kula* foi construída por Malinowski para explicar, a partir de suas observações, o que significa e como foi pensada, dentro da estrutura social trobriandesa, essa convenção. No entanto, precisamos levar em consideração o ponto de vista do nativo e o que o *Kula* em si significa para, assim, entendermos os limites entre o discurso do pesquisador e os relatos dos informantes. O autor expõe que os nativos não tinham consciência do *Kula*. Aos olhos de um antropólogo, a instituição econômica parecia organizada e estruturada, mas não passava de um empreendimento sem leis, objetivos e esquemas formulados. Os nativos tinham consciência dos motivos e objetivos individuais que os conduziam na expedição, contudo, não tinham capacidade intelectual para explicar a instituição coletiva em seu conjunto, porque não sabiam explicar o *Kula*. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 76). Como veremos na seção III deste capítulo, o *Kula* foi uma invenção ocidental para explicar esse aspecto da vida nativa de características econômicas. Por isso, por mais que Malinowski tentasse extrair informações da ilha inteira, ele não conseguiria obter tais informações, uma vez que não há possibilidade de um nativo descrever sobre algo que ele desconhece. Apesar disso, alguns nativos tentaram colaborar com a pesquisa, quando perguntados sobre o *Kula*, narrando suas experiências pessoais e pontos de vista subjetivos sobre a troca de artigos.

Malinowski deixa explícito a falta de consciência científica e, especificamente, sociológica da estrutura social trobriandesa por parte dos nativos. Eles conhecem a origem e história dos seus antepassados, seguem as regras que são impostas para determinado membro da comunidade e propagam os mitos para que eles cheguem às próximas gerações. Contudo, o antropólogo não encontrou registros sistemáticos que explicassem os comportamentos dos nativos. O ofício de documentar e arquivar esses eventos, atribuídos a um cientista das humanidades, não existia em Trobriand. Logo, não se tinha registros materiais que explicassem sua visão de mundo.

Uma das formas que Malinowski encontrou para explicar as peculiaridades dos trobriandeses foi utilizando referências da cultura europeia. Desse modo, em algumas partes da obra, o autor faz o esforço de traduzir a

cultura nativa para seus conterrâneos e gerar uma identificação cultural. O etnógrafo, inclusive, mencionou que, após voltar para a Europa, realizou uma visita ao castelo de Edimburgo, na Escócia, onde ele se deparou com uma situação que o lembrou dos trobriandeses e o *Kula*. Algumas joias, que perteceram aos reis e rainhas, estavam retornando ao país depois de ficarem em Londres. Esses objetos, ao retornarem para o país de origem, eram vistos com muito apressamento pelos escoceses. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 79). O primeiro relato sobre as joias da realeza europeia fez o pesquisador refletir sobre como um objeto, considerado de valor inestimado para uma sociedade, pode causar sentimentos de pertencimento cultural. Ainda, após lembrar de como foi apresentado aos colares e braceletes dos nativos, prossegue fazendo as comparações entre os artigos de ambas as culturas para explicar o protagonismo dado à riqueza e o poder atribuído aos objetos.

A analogia entre os *vaygu'a* (objetos de valor) europeus e os de Trobriand precisa ser definida de maneira mais clara: as jóias da Coroa britânica como quaisquer objetos tradicionais demasiado valiosos e incômodos para serem realmente usados, representam o mesmo que os *vaygu'a*; pois são possuídos pela posse em si. É a posse, aliada à glória e ao renome que ela propicia que constitui a principal fonte de valor desses objetos. Tanto os objetos tradicionais ou relíquias históricas dos europeus quanto os *vaygu'a* são apreciados pelo valor histórico que encerram. Podem ser feios, inúteis e, segundo os padrões correntes, possuir muito pouco valor intrínseco; porém, só pelo fato de terem figurado em acontecimentos históricos e passado pelas mãos de personagens antigos constituem um veículo infalível de importante associação sentimental e passam a ser considerados grandes preciosidades. O sentimentalismo histórico, que desempenha papel de importância no nosso interesse em estudar os acontecimentos do passado, existe de igual modo no Pacífico Sul. Cada um dos artigos realmente bons do *Kula* tem um nome próprio e encerra uma espécie de história ou romance nas tradições dos nativos. As jóias da Coroa britânica e os objetos tradicionais são insígnias de *status* social e símbolos de riqueza, respectivamente; no nosso passado, como na própria Nova Guiné até poucos anos, *status* social e riqueza existiam um em função do outro. O ponto mais importante de diferença é que os artigos do *Kula* são de posse temporária, ao passo que, para ter total valor, o tesouro europeu precisa ser de posse permanente. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 79-80)

A explicação do autor sobre o significado de um objeto de valor para um europeu e para um nativo conseguiu, com efeito, construir uma ponte de referências culturais entre as duas sociedades, sobretudo, mencionando os fatos históricos da história ocidental que compartilhavam. Por causa disso, os

leitores puderam compreender o sentido do *Kula*. Após explicar a importância dos objetos valiosos nativos, Malinowski descreve outros bens materiais, imateriais e de aspectos econômicos que são considerados significativos e simbólicos, de certa forma, para a concretização do *Kula*, como a canoa nativa.

A canoa construída como um meio de transporte para as navegações marítimas era um dos bens mais importantes do *Kula*. Desse modo, Malinowski chama a atenção do leitor ao mencionar que não podemos pensar em fazer da canoa um objeto de fetiche, ou seja, criar suposições de uso e sentidos. Os significados mais simbólicos estão implícitos no processo de construção e, principalmente, naquilo que a canoa representa para o nativo. Então, diferente do meio de transporte desenvolvido na Europa, as embarcações nativas são simples, mas tidas como grandes conquistas e preciosidades. Elas são adornadas com acessórios e pintadas com cores vibrantes. Nas palavras de Malinowski ( [1922] 1976, p. 91-92), para o nativo “a canoa representa o instrumento poderoso que lhe permite tornar-se senhor da natureza, capaz de singrar mares perigosos em demanda a terras distantes”. Os detalhes técnicos de confecção e tamanhos dessas canoas são mencionados nos capítulos que o etnógrafo descreve sobre as navegações. Assim sendo, as informações que apresentamos são aquelas que consideramos importantes retratar da obra *Argonautas*. Por se tratar de um texto extenso, logo, optamos por apresentar trechos que refletem, brevemente, o pensamento dos nativos e os métodos de Malinowski.

Figura 11: Canoas nativas







Fonte: <https://www.flickr.com/photos/rietje/4207197332/in/photostream/>

As canoas facilitavam o acesso aos outros distritos, como, ainda, contribuíram para a realização das trocas de mercadorias intertribais, isto é, o sistema econômico nativo. Esse sistema foi observado e descrito por Malinowski como um dos fatos intrigantes da sociedade nativa. Na comunidade, havia aqueles artigos e alimentos, que eram transportados pelas canoas, destinados, estritamente, para a expedição *Kula*, e, também, uma quantidade maior desses mantimentos era levada para serem trocados, com seus vizinhos por objetos e alimentos que não eram de produção local. Malinowski identificou um sistema econômico ímpar, com valores monetários que não estavam dentro do entendimento europeu. Existiam várias modalidades de trocas nas ilhas Trobriand, contudo, o antropólogo não identificou vestígios de lucro monetário, o que levou a concluir que a análise não poderia ser feita pela ótica da economia ocidental. Desse modo, conversando com os informantes locais, conseguiu mapear sete modalidades que representavam a forma que o nativo adquiria seus bens materiais e alguns alimentos.



Para entendermos esses setes modelos trobriandeses, a autora desta dissertação estruturou uma grade, e o conteúdo desta grade foi retirado da obra *Argonautas* do etnógrafo Malinowski.

Figura 12: Grade de transações nativas

<b>Grade de descrição dos modelos econômicos das ilhas Trobriand retirada da obra de Malinowski ([1922] 1976, p. 142 à 151)</b>	
<b>Modelos de transações nativo:</b>	<b>Descrição:</b>
1- O puro presente;	O ato que o indivíduo oferece determinado objeto a outro ou presta-lhe algum serviço sem pretender receber e sem, de fato, receber qualquer coisa em troca.
2- Retribuições costumeiras, feitas de maneira irregular e sem estrita equivalência;	Destas, as mais importantes são os pagamentos anuais recebidos na época das colheitas pelos nativos dos irmãos de sua esposa. Esses presentes, regulares e infalíveis, são de tal forma substanciais, que constituem a maior parte do suprimento alimentar de uma família. Sob o ponto de vista sociológico, constituem talvez o fio mais forte na trama da constituição tribal das ilhas Trobriand.
3- Pagamento por serviços prestados;	Esta categoria difere da anterior pelo fato de que, neste caso, o pagamento se efetua dentro de limites impostos pelo costume. Tem de ser feito cada vez que o serviço é prestado, mas não podemos falar aqui de equivalência econômica direta, visto que um dos termos da equação consiste de um serviço cujo valor não pode ser determinado a não ser através de estimativas convencionais.
4- Presentes retribuídos sob forma economicamente equivalente;	Do ponto de vista sociológico, esta categoria de presentes é típica do relacionamento entre amigos ( <i>luba'i</i> ). O <i>kabigidoya</i> realiza-se entre amigos, o Kula realiza-se entre os parceiros do além-mar e seus amigos do interior e, é claro, os parentes da esposa pertencem <i>par excellence</i> a esta categoria. Nesta categoria, deve também ser incluída a série de presentes recíprocos que tem lugar entre um indivíduo e o pai de sua mulher (parente não matrilinear, neste caso) imediatamente após o casamento.
5- A troca de bens materiais por privilégios, títulos e bens não materiais;	Nesta categoria, incluem as transações que se aproximam do comércio, pelo fato de que dois proprietários, cada um dos quais possui algo que valoriza muito, efetua a troca por alguma outra coisa que para ele é de maior valor ainda. Neste caso, o grau de equivalência não é tão estrito ou, pelo menos, não é tão mensurável quanto na categoria anterior, pois um dos termos desta transação é, em geral, um bem não material como, por exemplo, o

	conhecimento mágico, o privilégio de executar determinado tipo de dança, ou o título a um lote de terra para cultivo, o qual frequentemente não passa de mero título. Porém, apesar do menor grau de equivalência, a característica comercial, neste caso, é mais marcante pelo simples fato de que existe um elemento de mútuo desejo de efetuar a transação e de que há, nela, vantagens mútuas.
6- Troca cerimonial com pagamento diferido;	Nesta categoria, temos de descrever os pagamentos oferecidos cerimonialmente que precisam ser recebidos e, mais tarde, retribuídos. A troca baseia-se numa parceria permanente e os artigos têm de ser aproximadamente equivalentes em valor. Tendo em mente a definição do <i>Kula</i> , é fácil verificar que essa troca cerimonial e circulante pertence a esta categoria. Constitui uma troca em espécie cerimonial, baseada em parceria permanente, em que um presente oferecido é sempre aceito e depois tem de ser retribuído através de um contrapresente equivalente. Há também uma modalidade cerimonial de transação de produtos agrícolas por peixes, baseada numa parceria permanentemente e na obrigação de aceitar e retribuir um presente inicial. Chama-se <i>wasi</i> .
7- Comércio puro e simples.	A característica principal desta modalidade de transação se encontra no elemento de mútua vantagem: cada parceiro adquire aquilo de que precisa e dá em troca um objeto que lhe é de menor utilidade. Neste caso, também, a equivalência dos objetos é determinada durante a transação, através de regateio ou pechincha.

Fonte: Malinowski ([1922] 1976, p. 142 à 151)

Logo, gostaríamos de enfatizar a complexidade da estrutura social nativa e, sobretudo, como as relações e os modelos econômicos estão ligados às regras e às tradições locais. Diante dessa estrutura social complexa, permeada por, magia, ritos, tradições e regras, notou-se que as explicações de Malinowski diferiram, significativamente, dos antropólogos evolucionistas. A ideia de que os nativos tinham uma cultura atrasada, perspectiva dos antropólogos evolucionistas, não foi aderida nas análises do etnógrafo. Além disso, as teorias e métodos da antropologia social britânica avançavam enquanto os antropólogos evolucionistas tinham suas ideias superadas.

Depois de pensar sobre esses modelos econômicos, Malinowski se deparou com uma questão que estava fortemente ligada às suas análises, a saber: o parentesco. A estrutura familiar e as relações trobriandesas, como vimos na grade, exerceu influência simbólica em algumas transações. Por causa disso, o etnógrafo agrupou informações retidas sobre as relações nativas e elaborou um quadro apresentando os oito tipos que conseguiu identificar.

Malinowski explicou, na introdução, que um dos métodos para coletar esses dados e analisá-los foi colocando as informações em quadros ou planilhas explicativas. Assim, ao delinear as relações nativas, o etnógrafo conseguiu mostrar que essas informações ajudavam-no a processar o funcionamento dos papéis sociais a serem desempenhados quando um modelo econômico, apresentado na primeira grade, era ativado. O antropólogo estudou essas instituições sociais separadamente com o propósito de que o todo, isto é, a cultura, fosse compreendido. Logo, abaixo, encontra-se o quadro de Malinowski, sobre as relações nativas, que pode ser localizado na obra *Argonautas*.

#### Quadro I : Observações de Malinowski sobre os tipos de relações nativas

- 1- *Parentesco matrilinear*- A noção fundamental de que o parentesco matrilinear significa identidade de sangue e de substância não se expressa muito nitidamente nos aspectos econômicos. O direito à herança, a coparticipação em certos títulos de propriedade, e o direito limitado de usar implementos e objetos de uso diário pertencentes a parentes são, na prática, frequentemente prejudicados por ciúmes e animosidades particulares. Especialmente no que diz respeito aos presentes econômicos, encontramos aqui o costume notável de comprar em vida, a prestações, os títulos a lotes de terra para cultivo, árvore e conhecimentos de magia, os quais por direito devem passar, como o falecimento dos mais velhos, à geração mais jovem de parentes matrilineares, a identidade econômica dos parentes matrilineares aparece mais nitidamente nos *sagali*, distribuições tribais, em que todos têm de partilhar a responsabilidade de fornecer alimentos.
- 2- *Os laços matrimoniais*- (Marido e mulher; procedente disso, pai e filhos). É suficiente mencionar esse tipo de relação e lembrar ao leitor que se caracteriza pelo oferecimento de presentes gratuitos, minuciosamente descrito na classificação dos presentes, acima apresentada (categoria 1).
- 3- *Parentesco por afinidade* - Os laços desse tipo de parentesco são, em seu aspecto econômico, nem recíprocos nem simétricos. Em outras palavras, o marido é parte economicamente favorecida, ao passo que os irmãos da esposa recebem dele presentes que, em geral, são de menor valor. Como sabemos, esse tipo de relacionamento define-se, sob o ponto de vista econômico, por presentes regulares e substanciais de produtos da colheita, com os quais os irmãos da esposa abastecem o celeiro do marido todos os anos, além de lhe prestar determinados serviços. Em troca, recebem um presente de *vaygu'a* (objetos de valor) de tempos em tempos, como também uma certa quantidade de alimentos por serviços prestados.

- 4- *Relações clânicas*- A principal identificação econômica deste grupo se verifica durante o *sagali*, muito embora a responsabilidade pelo fornecimento de alimentos recaia apenas sobre os parentes consanguíneos do falecido. Todos os membros do subclã e, em menor grau, os membros do mesmo clã no âmbito de uma comunidade de aldeia têm de contribuir com pequenos presentes que oferecem aos organizadores do *sagali*.
- 5- *A relação de amizade pessoal*- via de regra, dois indivíduos unidos por laços de amizade efetuam o *Kula* entre si e, no caso de pertencerem a uma aldeia do interior e a uma aldeia da laguna respectivamente, atuam como parceiros no *wasi*, a troca de peixes por produtos agrícolas.
- 6- *Participação numa mesma comunidade de aldeia*- Há muitos tipos de presentes oferecidos por uma comunidade à outra. Sob o ponto de vista econômico, os laços de concidadania consistem na obrigação de contribuir para esses presentes. Além disso, nas distribuições mortuárias, *sagali*, os concidadãos pertencentes a clãs que não os do morto recebem uma série de presentes pela execução de seus deveres mortuários.
- 7- *Relacionamento entre chefes e plebeus*- São característicos desse tipo de relacionamento, de um lado, os tributos e serviços prestados ao chefe por seus vassallos e, de outro, os pequenos mas frequentes presentes que o chefe oferece, como também as grandes e importantes contribuições que ele faz a todos os empreendimentos tribais.
- 8- *Relação entre nativos de uma mesma tribo*- Este tipo de relacionamento caracteriza-se por pagamentos e presentes, por comércio ocasional entre dois indivíduos e por presentes esporádicos e gratuitos de tabaco ou noz de bétel, os quais nenhuma pessoa pode negar a outra, a menos que haja inimizade entre ambas.

Fonte: Malinowski ([1922] 1976, p. 153 e 154)

Após essa breve exposição do sistema econômico nativo, Malinowski compartilhou outra informação, sobre os nativos que praticam o *Kula*, que consideramos relevante mencionar. O sistema de trocas de braceletes e colares não podia ser praticado por qualquer pessoa e distrito. Por isso, existiam limitações sociológicas e condições que eram impostas sobre quem participava e permanecia durante toda a sua vida na expedição. Por motivos diversos, os nativos podiam escolher seus parceiros, contudo, aqueles que tinham prestígio social ou uma posição hierárquica elevada desfrutavam de um número maior de aliados. Assim, os distritos e pessoas que não estavam ligados à expedição eram as aldeias ao norte da ilha principal (Trobriand), as aldeias da ilha de Tuma, as aldeias industriais de Kuboma e as aldeias

agrícolas de Tilataula. Todas as pessoas que viviam nas aldeias de Sinaketa, Vakuta, Gumasila e Nabwageta praticavam o *Kula*. Além dessa divisão entre praticantes e não praticantes da expedição, Malinowski menciona que outras ilhas situadas fora do circuito, como Kitava, Iwa, Gawa e Kwayawata, Tubetube e Wari, também acompanhavam esse mesmo esquema. No entanto, havia regras impostas pelo *Guya'u* (chefe local) que limitavam o nativo a participar, como o plebeu que pertence a uma posição hierárquica mais baixa. Conforme Malinowski ([1922] 1976, p. 212), essas exclusões “são, em parte, locais, excluindo aldeias inteiras e, em parte, sociais, excluindo certos nativos de posição social mais baixa”. E as restrições para participar do *Kula* existem apenas nos grandes distritos (Dobu e Trobriand).

Os parceiros comerciais seguiam o princípio básico do *Kula*, dar e receber. Antes de tudo, vale ressaltar que as teorias sobre a dádiva (dar e receber) debatidas pelo sociólogo e antropólogo Marcel Mauss (1872-1950), foram possíveis de serem discutidas por causa dos resultados que Malinowski apresentou sobre esse sistema de trocas. Em seguida, alguns rituais eram realizados para a entrega dos presentes, como o soprar de uma concha por um nativo. O búzio, como era chamado, tocava para anunciar e finalizar essas trocas. Então, todas as vezes que os nativos escutavam o som da concha, significava que o *Kula* foi concretizado. Dessa maneira, os membros da expedição pegavam seus pertences e navegavam para os outros distritos do circuito para continuarem as trocas.

[...] a transação *Kula* consiste sempre de um *presente* seguido de um *contrapresente*; jamais pode ser escambo, uma permuta direta com avaliação de equivalentes e com pechincha. No *Kula* deve haver sempre duas transações diferentes quanto ao nome, quanto à natureza e quanto ao tempo. A transação se abre com um presente inicial ou de “abertura” chamado *vaga*, e se encerra com um presente final ou “retribuição” chamado *yotile*. São ambos presentes cerimoniais, têm de ser acompanhados do toque do búzio, e são oferecidos ostensivamente e em público. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 265)

No processo de navegação, os produtos que os nativos coletavam significavam, também, o sucesso da expedição. As iguarias e objetos recebidos tinham o seu valor simbólico, e, conforme a grade de sistema econômico, cada tipo de troca exigia uma negociação. Sendo assim, ao passar por um distrito vizinho do *Kula* e cumprir com suas obrigações de parceiro, o nativo podia, em

seguida, realizar trocas comerciais, ou seja, o comércio puro e simples que não estava ligado ao *Kula*. Entre esses produtos, tanto do *Kula* quanto do simples comércio, o objeto mais cobiçado por eles era as conchas de *spondylus*. O acesso a essas conchas era livre e elas estavam localizadas nas formações de coral da laguna de Sanaroa. No entanto, conforme Malinowski, elas não eram fáceis de coletar. Logo, os nativos de Sanaroa apanhavam esses objetos para os parceiros do *Kula* e para o comércio regional. Com essas conchas eram feitos os discos circulares (*kaloma*) que são transformados nos colares que circulam na troca de presentes. Além disso, as conchas eram usadas nos acabamentos artísticos da fachada do depósito que armazenavam os alimentos e usados para adornarem os distritos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 275-276).

O *Kula* pode ser comparado a um evento festivo, como as festas da colheita nos EUA. Durante o ano, os nativos preparam as provisões, as canoas e praticam suas magias para que cada etapa da expedição seja realizada com sucesso. Com isso, cada encontro com os parceiros são recebidos com euforia e ansiedade. Nos momentos de descanso de uma viagem a outra, as embarcações são atracadas, e, conforme o etnógrafo, a animosidade dos membros da expedição pode ser observada entre os risos e conversas sobre mitos e as experiências da jornada. Assim, Malinowski descreve uma das poucas oportunidades que teve de presenciar esse momento.

Durante sua permanência em Sinaketa a população de Dobu dormia na praia ou em suas canoas. Habilmente equipadas com abrigos de esteiras douradas que cobrem parte da embarcação, os cascos pintados brilhando ao sol sobre a água esverdeada, algumas canoas davam a impressão de um esplêndido e fantástico barco de recreio. Os nativos entravam na água e passavam de uma canoa para outra, animando a laguna com risos, conversas e movimentos. Havia grupos acampados à beira-mar, cozinhando alimentos nos grandes potes de barro, fumando e mascarando noz de areca. Grandes grupos de trobriandeses passeavam entre eles, observando-os discretamente mas com curiosidade. Não se observavam muitas mulheres em todos esses acontecimentos, e também não soube de nenhum escândalo a propósito de intrigas amorosas, embora possam ter ocorrido. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 291)

No diário, o antropólogo relatou que conseguiu acompanhar ou, até mesmo, participar das expedições durante poucas vezes. Os nativos, não todos, mentiam, na maioria das vezes, sobre o cronograma e informações de

algumas atividades para o pesquisador não participar. Por causa disso, Malinowski foi questionado e criticado sobre a veracidade dos relatos, pois quando o diário foi divulgado em 1967 e comparado aos relatos da obra *Argonautas*, os colegas perceberam que, diante da falta de informações, o etnógrafo pode ter recorrido a uma revisão bibliográfica sobre o assunto para preencher as lacunas do texto. O trabalho bibliográfico não prejudicou a qualidade do texto. Contudo, o que incomodou a comunidade científica de antropólogos foi o fato de Malinowski se posicionar como etnógrafo e defender a observação participante como o caminho ideal para escrever sobre os nativos e, no final, recorrer ao trabalho bibliográfico. (MALINOWSKI, [1967] 1997; STOCKING, 1992).

As viagens para praticar o *Kula* rendiam muitas estórias, portanto, os mitos e as lendas sobre navegações, bruxas, espíritos e feiticeiros, povoavam o imaginário local. Malinowski identificou, por meio dos seus informantes, que a magia era um elemento importante na vida dos nativos. Por causa desses mitos, a magia era essencial no *Kula*, como citamos anteriormente, para o sucesso da expedição. No entanto, o etnógrafo mencionou que, ao analisar outros aspectos da vida social nativa, a magia estava presente no *Kula* e também em todas as ações do cotidiano, principalmente, em casos de doenças e morte.

Todos os dados reunidos até agora demonstram a extrema importância da magia no *Kula*. Mas, se fôssemos tratar de qualquer outro aspecto da vida tribal destes nativos, ficaria evidente que eles sempre recorrem à magia ao lidarem com qualquer assunto de importância vital. Pode-se afirmar sem exagero que a magia, de acordo com suas ideias, governa os destinos humanos; que ela dá ao homem o poder de dominar a natureza; e que a magia é, para o homem, uma arma e couraça contra os múltiplos perigos que o ameaçam de todos os lados. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 292)

O antropólogo, ao tentar definir e encontrar informações sobre os fundamentos dessas crenças e tradições, pôde, certamente, encontrar desafios e armadilhas devido à diferença cultural. Conforme Malinowski, a comunidade nativa de Trobriand se encontrava em desenvolvimento, logo, não podia contar com um filósofo da própria comunidade que respondesse, de uma maneira precisa e abstrata, as questões do etnógrafo. Assim, o pesquisador teve que

aprender o sentido dessas instituições para o nativo, sem alterar e deformar o significado das palavras e conceitos. Na observação participante, o investigador, uma vez que teve contato com o informante sem a cautela necessária, inconscientemente, pôde alterar a visão do nativo ao tentar acessar essas instituições por meio de suas explicações. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 294-295).

No relato abaixo, Malinowski descreve como conseguiu a definição de magia:

Podemos começar perguntando como os nativos imaginam que se originou sua magia. Mesmo os informantes mais inteligentes permaneceriam necessariamente calados se lhe fizéssemos perguntas do seguinte tipo: "Onde foi criada a sua magia? Como você imagina que ela foi inventada?" Com tais perguntas não conseguiríamos nem mesmo uma resposta deformada e sugerida. Entretanto, existe uma resposta para essa pergunta, ou melhor, para sua correspondente mais geral. Ao examinar a mitologia de várias formas de magia verificamos que, em todas elas, existem ideias, claramente expressas ou apenas implícitas, acerca do modo como a magia se tornou conhecida para o homem. À medida que registramos e comparamos essas ideias e atingimos uma generalização, percebemos facilmente por que a nossa questão imaginária, colocada para os nativos, teria que permanecer sem resposta. Pois, de acordo com a crença nativa, enraizada em todas as tradições e instituições, nunca se concebe a magia como tendo sido criada ou inventada. A magia foi transmitida como algo que sempre existiu. É concebida como um ingrediente intrínseco de tudo que afeta vitalmente o homem. As palavras com que o feiticeiro exerce seu poder sobre uma coisa ou um processo são tidas como coexistentes a esta coisa ou processo. A fórmula mágica e seu objeto nasceram juntos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 295-296)

Desse modo, podemos entender que para algumas culturas, como a de Malinowski, a magia não passa de algo fictício. Então, quando o etnógrafo tentou elaborar questões que remetiam à existência abstrata da magia, resultou na falta de compreensão do nativo. Decerto, o pesquisador deve saber ponderar sobre as particularidades da sua cultura e da cultura do outro para, assim, ser assertivo em suas questões. Um fato interessante colocado pelo etnógrafo foi como o mito colaborou com o rastreamento da origem da magia. O mito, como a magia, tem uma representação diferente na cultura trobriandesa, como veremos adiante. Sobretudo, sabemos que, pela citação anterior, a magia sempre existiu entre os trobriandeses. Mas, como ela surgiu? Qual é, então, a sua origem? Após reunir informações por meio desses mitos e



destrinchá-los, Malinowski ( [1922] 1976, p. 297) afirma que a magia surgiu de três formas: (1) do subsolo; (2) foi dada aos homens em tempos remotos; (3) passada pelos ancestrais.

O mito, da mesma maneira que a magia, não foi algo fabricado. Pelo contrário, as descrições de Malinowski apontam para um passado da história nativa que, em certa medida, influenciou o presente. Essa realidade passada estava permeada por criaturas místicas e heroicas que existiram na perspectiva trobriandesa, mas que, atualmente, não existem mais. Além disso, esses mitos ajudaram a contar a história de seu povo. A percepção do mito pelo ocidente diverge significativamente da visão trobriandesa, enquanto que, para o nativo, a história de seus ancestrais estava sendo contada e sobrevivendo ao tempo. No ocidente, no entanto, o mito representava apenas um relato fantástico da tradição oral, isto é, o discurso pode ser verdadeiro ou não, mas, não exercia tanta influência sobre as pessoas.

Malinowski, no texto, comenta sobre como a paisagem foi transformada para contar a história desses mitos. Em um dos relatos nativos, um informante menciona a história de um ancestral e aponta para uma rocha onde ele nasceu como um mito verdadeiro, ou seja, um *lili'u*. Os nativos sabiam diferenciar o mundo dos mitos (passado remoto com seres sobrenaturais) e o mundo real (sem seres sobrenaturais). E, ainda, compreendiam que seres humanos não surgiam do solo e transformavam em animais, como antigamente. Contudo, essa natureza como a representação viva de alguns mitos, de fato, foi recorrentemente apontada, por meio de algum nativo, enquanto o pesquisador visitava os distritos. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 230).

O etnógrafo faz um breve resumo de como podemos diferenciar os *lili'u* e a realidade atual desses povos.

Para resumir, a distinção entre os *lili'u* e a realidade atual ou histórica é feita com firmeza e há, definitivamente, uma linha divisória entre as duas. *Prima facie*, esta distinção baseia-se no fato de que todo mito é rotulado como *lili'u* e conhecido por todos os nativos como tal. Outro sinal distintivo do mundo dos *lili'u* está no caráter supranatural, sobrenatural, de certos acontecimentos neles incluídos. Os nativos acreditam que o sobrenatural é verdadeiro, e essa verdade é sancionada pela tradição e pelos diversos sinais e vestígios deixados pelas ocorrências míticas e, de maneira especial, pelos poderes mágicos transmitidos pelos ancestrais que viveram na época dos *lili'u*. Essa herança mágica é sem dúvida o elo mais palpável entre o presente e o passado mítico. É, em vez disso, uma realidade passada, mas extremamente próxima, muitíssimo viva e verdadeira para os nativos. Assim sendo, podemos definir o mito como um relato

de acontecimentos que para o nativo são sobrenaturais, no sentido de que ele bem sabe que não acontecem nos tempos atuais. Ao mesmo tempo, ele acredita firmemente que eles aconteceram outrora. As narrativas socialmente sancionadas desses acontecimentos, os vestígios que deixaram na superfície da terra, a magia em que deixaram parte de seus poderes sobrenaturais, as instituições sociais que se acham associadas à prática dessa magia, tudo isso mostra que para o nativo o mito constitui uma realidade viva, embora tenha acontecido há muito tempo e numa ordem de coisas em que as pessoas eram dotadas de poderes sobrenaturais. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 232)

Para finalizar a seção III, gostaríamos de destacar sobre como Malinowski, ao descrever o *Kula*, conseguiu entrelaçar a narrativa sobre o sistema de trocas nativo com as características das outras instituições sociais. Por causa disso, o leitor pode conferir que, na obra *Argonautas*, não existe um capítulo que retrate estritamente de magia, mito, parentesco e sistema de trocas. Esses temas são apresentados no decorrer da explanação, assim, o leitor precisa se familiarizar com os detalhes e métodos apontados pelo antropólogo para, enfim, no final, entender a história que foi contada. Contudo, o objetivo desta seção foi apontar, de uma maneira breve, para as questões mais relevantes (magia, mito, parentesco e sistema de trocas) abordadas na obra magna de Malinowski. Dessa forma, consideramos que o leitor estará apto para seguir a leitura da seção IV. Nessa seção, o objetivo é apresentar como Malinowski tentou institucionalizar o *Kula* como um conceito acadêmico.

#### **4 A institucionalização do *Kula* como um conceito antropológico**

No capítulo vinte e dois de *Argonautas*, Malinowski, após relatar toda a experiência de campo que vivenciou entre os trobriandeses, levanta uma discussão estritamente científica direcionada aos colegas acadêmicos: o *Kula* como um conceito etnológico. O seu posicionamento, em sete páginas, deixa evidente o esforço empreendido pelo etnógrafo de provar que, de certa forma, o *Kula*, enquanto um sistema econômico primitivo, podia ser aplicado no reconhecimento de outras culturas.

Assim, o pesquisador tenta isolar o objeto principal, o *Kula*, das outras instituições que apresentou nos capítulos anteriores. Na perspectiva do autor, o

*Kula* era algo incomum, que ele não tinha encontrado nos estudos etnológicos até aquele momento. Por causa disso, Malinowski buscou encontrar o lugar dessa instituição entre os outros assuntos de etnologia sistemática. No entanto, antes de classificar o conceito, o etnógrafo considerou parte do trabalho de um cientista avaliar esse fato antes de incorporá-lo na disciplina. Na perspectiva de Malinowski ( [1922] 1976, p. 369), na ciência, um fato isolado não tem valor. Desse modo, os cientistas precisam “analisar e classificar fatos para colocá-los num todo orgânico, para incorporá-los a um dos sistemas nos quais tenta agrupar os vários aspectos da realidade”.

A análise desse fato etnográfico foi apresentada, por Malinowski, de uma maneira breve e precisa. O pesquisador sugere que esse sistema econômico complexo não se limitava apenas aos trobriandeses, tal estrutura poderia ser encontrada em outras sociedades. Contudo, para afirmar sua hipótese, os antropólogos precisavam desenvolver pesquisas que estivessem alinhadas ao conceito *Kula* para aplicá-lo em outros grupos culturais. Além disso, para o conceito prosperar na disciplina, os teóricos da antropologia precisavam também escrever sobre o *Kula*.

Depois de levantar essa discussão, Malinowski apresenta o motivo que o fez considerar o *Kula* como um fato etnológico:

Sua novidade reside em parte em sua enorme extensão, tanto sociológica como geográfica. O *Kula* - esta grande relação intertribal que une através de laços sociais definidos uma vasta área e um grande número de pessoas, atando - as com obrigações recíprocas específicas e, obrigando-as a observar regras e prescrições detalhadas de modo harmonioso - é um mecanismo sociológico de dimensão e complexidade insuperáveis, considerando-se o nível de cultura no qual o encontramos. Esta ampla rede de relações sociais e influências culturais não pode ser considerada nem por um momento como um fenômeno efêmero, recente ou precário. Sua mitologia altamente desenvolvida e seu ritual mágico mostram quão profundamente ela se enraizou na tradição destes nativos e como deve ser antiga a sua origem. Outro aspecto incomum é o próprio caráter de transação, que é a substância mesma do *Kula*. Uma troca semicomercial, semicerimonial é executada por si mesma, satisfazendo um profundo desejo de possuir. Mas trata-se aqui, não de uma posse comum, mas de um tipo especial, no qual um homem possui por um breve tempo, e de maneira alternada, espécimes individuais de duas classes de objetos. Apesar de a posse ser incompleta quanto à permanência, é em compensação intensificada quanto ao número de objetos sucessivamente possuídos, e pode ser chamada de posse cumulativa. Um outro aspecto de grande importância e que talvez revele melhor o caráter incomum do *Kula* é a atitude mental dos nativos com relação aos símbolos de riqueza.

Estes objetos não são usados nem considerados como dinheiro ou moeda e se assemelham muito pouco com estes instrumentos econômicos, se é que existe qualquer semelhança a não ser o fato de que tanto o dinheiro como o *vaygu'a* representam riqueza condesada. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 369-370)

Em seguida, o pesquisador chegou a comparar seu trabalho com o de outros colegas que, também, institucionalizaram conceitos primitivos, como: *tabu*, *mana* e *totemismo*. A proposta de Malinowski, de comparar esses conceitos, foi uma tentativa de dizer à comunidade acadêmica de antropologia que era possível utilizar o *Kula* como um conceito ou, pelo menos, tentar, como fizeram com os outros trabalhos. Então, o autor prossegue defendendo o seu argumento que afirma a complexidade mental e institucional dos nativos. Além disso, em seus argumentos, o etnógrafo sempre enfatiza que o papel da ciência é testar essas descobertas e não desconsiderá-las.

Assim, em vários aspectos, o *kula* apresenta-nos um novo tipo de fenômeno que se coloca na fronteira entre o comercial e o cerimonial e que expressa uma complexa e interessante atitude mental. Mas, embora isso seja novo, dificilmente será único. Pois não podemos imaginar que um fenômeno social em tal escala e evidentemente tão profundamente ligado com camadas fundamentais da natureza humana, seja apenas um esporte e capricho, encontrado em um único lugar da terra. Uma vez descoberto esse novo tipo de fato etnográfico, devemos esperar que fatos semelhantes ou afins sejam encontrados em outros lugares. Pois a história da nossa ciência mostra muitos casos em que um novo tipo de fenômeno descoberto, teorizado, discutido e analisado, foi depois encontrado em todo o mundo. O *tabu*, termo da Polinésia e costume da Polinésia, serviu como protótipo e epônimo para regras semelhantes encontradas entre raças selvagens e bárbaras, assim como entre civilizadas. O totemismo, descoberto pela primeira vez numa tribo de índigenas norte-americanos e revelado pela obra de Frazer, foi posteriormente documentado tão ampla e completamente com dados de toda parte que, ao reescrever seu pequeno livro original, seu historiado pôde encher mais quatro volumes. O conceito de *mana*, descoberto numa pequena comunidade da Melanésia, mostrou-se, através da obra de Hubert, Mauss, Marret e outros, de fundamental importância, e não há dúvida de que o *mana*, designado ou não, figura, e figura amplamente, nas crenças e práticas mágicas de todos os nativos. Esses são os exemplos mais clássicos e conhecidos, e poderiam ser multiplicados por outros, fosse isso necessário. Os fenômenos do “tipo totêmico” ou do “tipo mana” ou do “tipo tabu” são encontrados em todas as províncias etnográficas com relação à realidade. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 372)

O *Kula* tinha todos os pré-requisitos que o meio acadêmico exigia de um fato, conforme Malinowski. Decerto, sabemos que o *Kula* era um fato novo,

mas, não anômalo, e os nativos tinham atividades e comportamento mental estritamente humanos. Por causa disso, os fenômenos que foram mencionados pelo etnógrafo poderiam ser associados as outras províncias etnográficas. Assim, o antropólogo que tentasse afirmar essas suposições deveria se comprometer em encontrar as ideias fundamentais do *Kula* e seus arranjos sociais. Por isso, após apresentar o *Kula* aos etnógrafos interessados e que tinham familiaridade com o trabalho de campo, Malinowski discorre sobre como essa conceituação pode favorecer os teóricos da disciplina. O etnógrafo aponta o *Kula* como uma inspiração reflexiva sobre a origem da riqueza e do valor para os teóricos da antropologia que estavam interessados em problemas de evolução. Como, também, é possível elucidar alguns estudos sobre o desenvolvimento da vida cerimonial e ambições econômicas intertribais e direito internacional primitivo. Além disso, a diversidade cultural presente nas relações entre várias comunidades mostra um novo tipo de contato intertribal que pode beneficiar também os antropólogos preocupados com o estudo da cultura e difusionismo. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 372-374).

Dessa maneira, com o propósito de reafirmar o pensamento teórico, Malinowski chama a atenção para dois aspectos do *Kula*, a saber: a iniciativa econômica, e o ritual mágico. Assim, podemos notar que toda essa discussão, de como um teórico pode se beneficiar das teorias do *Kula*, encaixa-se, efetivamente, com as necessidades de alguns autores da antropologia e expressando que o objetivo do antropólogo era não ter suas ideias contestadas pela comunidade científica. Malinowski finaliza o capítulo fazendo breves considerações sobre a Ciência do Homem e deixa em aberto a discussão da institucionalização do conceito de *Kula*. Sendo assim, os argumentos colocados pelo etnógrafo sobre a conceituação e aplicação do *Kula* foram, em certa medida, relevantes e levados em consideração principalmente pelos antropólogos críticos das décadas de 1960 e 1970. Então, podemos dizer que o esforço de Malinowski de institucionalizar o *Kula* foi percebido e aceitado pela comunidade científica de antropólogos? Em partes. Como veremos a seguir, o que aconteceu foi a iniciativa de alguns antropólogos de aceitar a proposta de Malinowski e tentar encontrar a dinâmica do *Kula* em outras sociedades. No entanto, o resultado não atendeu às expectativas do polonês.

O antropólogo Edmund Leach (1910-1989) e o historiador (e também antropólogo) Jerry Wayne Leach publicaram, alguns anos depois de *Argonautas*, um livro que retratava sobre o *Kula* e os acontecimentos posteriores à visita de Malinowski. Nesse livro, deparamos-nos com um compilado de artigos interessados no circuito *Kula* que, até aquele momento, não havia propostas semelhantes. Os pesquisadores contaram com a colaboração de alguns antropólogos que estavam interessados em estudar a temática para fomentarem o assunto. Assim, após uma conferência ministrada na casa de Edmund Leach, o livro foi lançado com o título *The Kula: New Perspective on Massim Exchange* (1983). O nome do livro chamou a atenção da comunidade científica por causa da tentativa anterior de Malinowski de publicar o seu texto, sobre Trobriand, com o mesmo título, *Kula*. No entanto, a proposta do etnógrafo polonês não foi bem recebida pela editora naquela época e tiveram que modificar o nome.

A revisita às ilhas Trobriand, seja por meio de fontes documentais ou pelo contato direto, não tinha como destino os mesmos lugares visitados por Malinowski. Nessa nova proposta, os autores exploram regiões não estudadas pelo etnógrafo para que, de certa forma, os antropólogos pudessem localizar o *Kula* na dinâmica social dos trobriandeses e, ainda, estudar os padrões sobrepostos, mas, não idênticos de organização, crença e intercâmbio. Dessa maneira, a maioria dos pesquisadores direcionaram as investigações para as relações econômicas dos nativos e o que sobreviveu dos relatos de Malinowski. Por causa disso, o livro, em nossa perspectiva, transmite ao leitor uma descrição mais técnica sobre os fatores econômicos, em vez de relatar também sobre as relações interpessoais e culturais da vida nativa após *Argonautas*. Apesar disso, buscamos compartilhar algumas informações que consideramos relevantes sobre os trobriandeses.

De acordo com Jerry Leach (1983, p. 8-9), as informações sobre o *Kula* já estavam presentes na escrita ocidental há cerca de 125 anos. Então, Malinowski não foi o primeiro a relatar sobre essa instituição, e, sim, o primeiro a sistematizá-la. Os missionários que residiram, após a colonização territorial, observaram as trocas de objetos de valor e, em seguida, começaram a escrever relatos sobre o comércio experiódico na região. Um acadêmico alemão, que estudava no local, sentiu que as conchas *Spondylus* tinham um

profundo significado socioeconômico. Ademais, um dos missionários chamado Bromilow foi o primeiro, entre os observadores, a confirmar e conceituar o *Kula* como uma espécie de circuito ou anel.

Os nativos de Trobriand, após lerem a perspectiva de Malinowski, em *Argonautas*, sobre a cultura local e sua descrição sobre as trocas comerciais, disseram que o locus de competição nas trocas de objetos estava equivocado. Em 1970, conforme Jerry Leach (1983, p. 12), menos de vinte e cinco nativos havia lido ou tido algum tipo de contato com a obra de Malinowski. Assim, o autor descreve algumas das observações e impressões feitas pelos nativos:

Os parceiros do Kula, argumentou-se, competem com os transatores de sua área de origem, ou outras áreas próximas com igual acesso aos parceiros externos, pelos favores desses parceiros. Os homens devem evitar a aparência de competir com seus próprios parceiros no exterior. Ao solicitar conchas, diz-se que Malinowski enfatizou demais o papel da magia na movimentação da mente dos parceiros e subestimou o elemento de manipulação verbal e habilidade retórica, assim como os elementos de encanto e beleza. As técnicas de coleta de inteligência política antes de uma expedição, bem como os problemas de *timing* dos movimentos de grupo e de concha, são ditos necessários, mas quase ausentes, ao texto. Um nível religioso para o Kula, que os homens cujos nomes são preservados pelo sistema quebram o ciclo da reencarnação através do Tuma, para viver acima da terra para sempre, também é dito que está faltando. Apesar destes pontos, os trobriandeses estão orgulhosos da existência do livro<sup>34</sup>. (LEACH, 1983, p. 12)

A história do *Kula* sempre foi desconhecida para a comunidade científica. Por causa da escassez de registros e informações, os antropólogos e missionários do século XX desenvolveram pesquisas com a perspectiva do próprio século, sem a referência de especialistas do século XIX. No entanto, o contato de arqueólogos na região de Trobriand resultou na descoberta de que os colares e outros objetos circulavam entre os nativos há mais de 2000 anos,

---

<sup>34</sup> “Kula partners, it was argued, compete with the transactors of their home area, or other nearby areas with equal access to external partners, for the favours of those partners. Men must avoid the appearance of competing with their own partners abroad. In soliciting shells, Malinowski is said to have overemphasized the role of magic in moving partners’ minds and underemphasized the elements of charm and beauty. The techniques of political intelligence gathering prior to an expedition, as well as the problems of timing group and shell movements, are said to be necessary, but almost absent, to the text. A religious level to the Kula, that men whose names are preserved by the system break out of the cycle of reincarnation through Tuma, to live above ground forever, it also said to be missing. Despite these points, Trobrianders are proud of the existence of the book.”

e, além disso, as transações *Kula* estavam presentes na cultura local há, pelo menos, 1500 anos. (LEACH, 1983).

Após algumas considerações de Jerry Leach, o pesquisador menciona que ao perguntar para os antropólogos, que colaboraram com o livro, sobre o que acharam do *Kula* e se depois de muito tempo a instituição permanecia a mesma descrita por Malinowski, eles disseram que sim. De acordo com os especialistas (LEACH, 1983, p. 25), o *Kula* apresentava características conservadoras, uma vez que mudanças foram feitas após a colonização, mas, não o suficiente para gerar alterações significativas e simbólicas. Assim, os relatos de Malinowski puderam ser identificados na observação participante que realizaram.

O interesse desses antropólogos, como mencionado anteriormente, estava no fator econômico do *Kula* e, por isso, os textos, na sua maioria, discutem sobre as diferenças entre dinheiro primitivo e dinheiro moderno; *commodities* (mercadorias) e *gifts* (presentes); e, principalmente, o *exchange* (intercâmbio) entre uma comunidade à outra. Contudo, conforme Edmund Leach (1983, p. 536), o *Kula* não existe. O objetivo do antropólogo, Edmund Leach, foi introduzir a perspectiva malinowskiana nos especialistas melanésios, e, assim, eles serem mais funcionalistas, haja vista que Malinowski foi o seu professor e orientador na LSE. A hipótese do pesquisador é que na região geográfica que acontece essas trocas e que passou a ser considerada como o *Kula*, havia uma semelhança sobre a forma como os objetos de valor são trocados, ou seja, a existência de um certo padrão de trocas. Nesse intercâmbio de produtos, os itens podem adquirir valores econômicos. Mas uma variedade de tipos de valores complexos está ligada à transição de trocas. (LEACH, 1983).

As teorias de Marcel Mauss e as discussões de Malinowski apontaram para o valor simbólico trobriandês que, conseqüentemente, difere do valor econômico. Nesse sentido, temos as relações sociais entre nativos que implicam em obrigações e obrigatoriedade de doação. Edmund Leach afirma que há muitas variedades do *Kula*:

O que eu estou argumentando é que existem muitas variedades de kula. O 'jogo' kula é jogado de diferentes maneiras em diferentes partes do mapa, embora as 'peças' com as quais ele é jogado sejam,



em sua maioria, as mesmas. Em cada parte do mapa deve ser feita uma distinção entre o 'valor' de um kula considerado valioso como uma peça no jogo kula, e o 'valor' do mesmo objeto quando ele é utilizado em uma forma de troca não kula. Em diferentes partes do mapa, o grau de separação entre esses tipos de 'valor' varia; além disso, em diferentes partes do mapa existem diferentes mecanismos sociais para provocar uma transformação temporária e permanente de um tipo de valor no outro. Estas variações precisam ser enfatizadas e não encobertas<sup>35</sup>. (LEACH, 1983, p. 537)

Diante dessa breve exposição, Edmund Leach (1983) discorda de Jerry Leach (1983) e dos demais antropólogos ao apontar que há uma divergência nos estudos de 1917 para o estudo atual quando questionados sobre as semelhanças da pesquisa com os trabalhos de Malinowski. Nas pesquisas que esses investigadores realizaram foi identificado um novo tipo de concha que não foi relatado por Malinowski. Além disso, as exposições arqueológicas que datam a circulação do *Kula* pelo Massim, há cerca de dois mil anos, não representam, para Edmund Leach, uma afirmação de que havia, no passado, qualquer instituição funcionalmente relacionada aos atuais sistemas de trocas. Sobretudo, porque o passado recente está aberto às dúvidas. Assim, as informações contidas no livro de Edmund Leach e Jerry Leach sobre o *Kula* abriram uma discussão para os antropólogos e a comunidade acadêmica refletirem sobre as anomalias da instituição em áreas não investigadas por Malinowski. E, ainda, contribuiu para a nossa pesquisa ao fornecer informações históricas sobre o passado do anel *Kula*.

Por último, gostaríamos de refletir, de forma breve, sobre o papel da antropologia ou, nas palavras de Malinowski, "Ciência do Homem" para a ciência. No final do livro, o etnógrafo finaliza a narrativa reforçando o potencial da disciplina, mas, ao mesmo tempo, temendo pelo seu futuro. Malinowski discursa sobre a antropologia, "Ciência do Homem", ter o dever de proporcionar um conhecimento empático sobre outras sociedades e cultura. E, caso os antropólogos viessem a reconhecer esse dever e dedicar-se a ele, o

---

<sup>35</sup> "What I am arguing is that there are many varieties of kula. The kula 'game' is played in different ways in different parts of the map even though the 'pieces' with it is played are, for the most part, the same. In each part of the map a distinction needs to be drawn between the 'value' of a kula valuable considered as a piece in the kula game, and the 'value' of identically the same object when it is utilised in a non-kula form of exchange. In different parts of the map the degree of separation between these two types of 'value' varies; moreover in different parts of the map there are different social mechanisms for bringing about a temporary or permanent transformation of one type of value into the other. These variations need to be stressed not glossed over."

etnógrafo acredita que isso tornaria a antropologia, talvez, uma das disciplinas mais filosóficas, esclarecedoras e digna de pesquisa científica. No entanto, também, segundo Malinowski ([1922] 1976, p. 374-375): “o tempo é curto para a etnologia, e talvez esta verdade de seu real significado e importância não seja reconhecida antes que seja tarde demais”.

Esse receio de Malinowski, com o futuro da disciplina, fez-nos pensar em como ficou o status da antropologia na ciência após a publicação de *Argonautas*. De acordo com Stocking (1992, p.342-343): “na história da ciência, o estatuto da antropologia tem sido algo marginal”. Isso, porque, na perspectiva do historiador, desde o século XIX, a antropologia vem reivindicando a sua validade científica de forma ambivalente, estridente e, em algumas ocasiões, assertiva. E a participação de alguns antropólogos em outros nichos científicos, como das ciências naturais, das ciências sociais e das ciências humanas, com o objetivo de receber recursos financeiros, reforça o status de disciplina marginal. Na década de 1960, conforme Stocking (1992), enquanto a história das ciências comportamentais havia conseguido uma revista, as “Ciências do Homem” tinha um espaço pequeno e insignificante no número anual da maior revista de história da ciência, *Isis* (revista acadêmica publicada pela University of Chicago Press). Esse cenário foi modificando-se conforme as críticas contra o positivismo aumentavam, gerando uma dispersão dos historiadores para outros campos. Por causa dessas dispersões e discussões sobre o papel da antropologia, o trabalho sobre revoluções científicas de Kuhn chegou aos gabinetes de historiadores da antropologia.

Diante do impacto de Kuhn sobre outras áreas, Stocking (1992, p. 344) afirma que os editores da revista “escolheram originalmente ‘Revoluções na antropologia’ como a rubrica sob a qual representar o campo em microcosmos para a comunidade mais geral da história da ciência”. Nesse sentido, eles argumentaram que pesquisar sobre a história da antropologia era buscar compreender a tentativa de descrever, interpretar e explicar a alteridade das populações que, naquele período, foram encontradas pelas expansões ultramarinas europeias. Porém, o maior dilema enfrentado pela antropologia é a dificuldade da disciplina de conciliar racionalidade humana e unidade biológica da humanidade com a variedade das formas culturais (STOCKING, 1992, p. 344).

Esse dilema começou no final do século XIX enquanto a antropologia tentava dialogar com o estudo dos fenômenos humanos nas ciências naturais de viés positivista. A antropologia não era uma disciplina científica transnacional, o que dificultava a delimitação do campo para um setor específico da ciência. Por causa disso, o diálogo com outras áreas das ciências naturais, principalmente o darwinismo e pós-darwinismo, deu-se em períodos diferentes na França, EUA e Inglaterra. Como exemplo dessa fragmentação metodológica, a “revolução na antropologia” britânica, do início do século XX, foi o advento do trabalho de campo intensivo. Esse trabalho de campo diferia do modelo boasiano anterior a Malinowski e Radcliffe-Brown. (STOCKING, 1992, p. 351-352). E, nos EUA, o departamento de antropologia era dividido em quatro categorias e abrangia outras áreas, como: antropologia social e cultural, antropologia linguística, arqueologia e antropologia biológica. (KUKLICK, 1984; STOCKING, 1992).

Apesar dessas fragmentações, de acordo com o Stocking (1992, p. 360-361), por mais de um século a força da disciplina foi o conceito de cultura que moveu diversas estudos bibliográficos e trabalhos de campo, mesmo o conceito ter recebido críticas e reformulações. E, diante dessa força motriz, a disciplina não deixou de lado os estudos acerca das questões biológicas e evolucionárias. O historiador aponta que, no decorrer da história da disciplina, em busca de manter o status de ciência, o campo foi se adaptando ao tempo e às demandas socioculturais. (STOCKING, 1992).

Quando pensamos nos primeiros antropólogos, sabemos que eles vieram de outras áreas e começaram a aplicar métodos e teorias dos campos que tinham domínio. Diante disso, a interpretação que temos sobre a preocupação de Malinowski foi que a disciplina precisava adquirir sua independência de outros campos para ser reconhecida como ciência e não desaparecer por falta de objeto de pesquisa. Sobretudo, precisamos considerar que tem apenas, aproximadamente, 150 anos que a antropologia foi institucionalizada, comparada as outras disciplinas, como a física e biologia, e que ainda continua reconstruindo a história da disciplina e delimitando o campo de estudo. Por isso, os estudos acerca dos intelectuais e seus trabalhos, que foram realizados no passado da disciplina, contribuem para o entendimento do lugar da antropologia e quais são as contribuições da disciplina para a ciência.

Além disso, apesar do status de disciplina marginal, a antropologia preenche todas as categorias de um campo científico, uma vez que seus estudos são pautados em questões problemáticas, são testados, dialogam com a sociedade e comunidade científica, e o campo possui uma base teórica e metodológica que prepara novos estudantes a serem antropólogos.

## 5 Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos a obra *Argonautas* com o objetivo de elucidar para o leitor os processos de cada etapa do livro percorrido pelo antropólogo Malinowski. Por isso, os capítulos do livro foram divididos em três momentos, sendo estes: (1) a apresentação do método; (2) os aspectos sociais e culturais do sistema *Kula*; (3) a proposta do etnógrafo de transformar a instituição nativa em um conceito acadêmico.

No primeiro momento, o autor descreve, em detalhes, dicas para os futuros antropólogos de como realizar uma observação participante eficaz e, ainda, sugere métodos utilizados por ele na coleta de dados. Em seguida, a segunda parte da obra focaliza nas minuciosidades e particularidades da cultura trobriandesa, como: os rituais místicos, a fabricação de canoas, as trocas comerciais e diversas atividades empreendidas pelos nativos. Logo, deparamos-nos com uma narrativa envolvente que leva o leitor a participar do evento mais importante para os trobriandeses, o *Kula*. Assim, o etnógrafo, intrigado com a complexidade dessa instituição, na terceira e última parte do livro, tenta argumentar com a comunidade científica de antropólogos a possibilidade de tornar o *Kula* um conceito acadêmico.

Em conclusão, a apresentação da obra de Malinowski foi relevante para que estejamos familiarizados com o trabalho do etnógrafo e, assim, possamos prosseguir com a leitura e análise crítica do próximo capítulo. No capítulo III, diferente da apresentação factual do capítulo II, a proposta é apresentar as permanências das ideias malinowskianas na atualidade; apresentar o diário pessoal; e, também, discutir sobre a influência do antropólogo que ultrapassou as barreiras da antropologia.

## Capítulo III

### A repercussão da figura de Malinowski na comunidade científica de antropologia

#### 1 Introdução

Neste capítulo, abordaremos sobre a influência de Malinowski na antropologia contemporânea e, principalmente, sobre as permanências da observação participante na disciplina. Além disso, consideramos relevante ressaltar as modificações realizadas no método etnográfico a partir das mudanças que ocorreram nas sociedades e na disciplina nas décadas de 1960 e 1970, como: o avanço da tecnologia e dos meios de acessibilidades as outras culturas utilizados pelos antropólogos. No entanto, é preciso retomar a alguns autores que exploraram a escrita de Malinowski em busca de reforçarem o método do trabalho de campo, e, também, refletirmos, criticamente, sobre a postura acadêmica do etnógrafo.

Desse modo, para a compreensão das permanências das ideias de Malinowski, uma análise e interpretação dos textos de alguns autores foram necessários, a saber: James Clifford, George Marcus, Mariza Peirano, Jaro Stacul, Arturo Roldán e os artigos publicados entre 2017 e 2022 no *The Malinowski Forum for Ethnography and Anthropology Project*- MFEA (acervo destinado à vida e aos trabalhos de Malinowski).

A ideia de autor clássico e mito da disciplina começa a ter sentido quando temos contato com outras obras, posteriores à Malinowski, que, ainda, praticam a observação participante. O sucesso da obra *Argonautas* e do autor não se limitaram à antropologia, mas, também, as outras disciplinas, como a filosofia da linguagem e linguística<sup>36</sup>. Além disso, o antropólogo ministrou palestras contra o Totalitarismo, e, como veremos em seu diário pessoal, *Um*

---

<sup>36</sup> De acordo com Peirano (2021, p. 391-392) “Além da ‘teoria do dom’, Argonautas influenciou outras disciplinas. A proposição de Roman Jakobson (1990) sobre o evento linguístico tornou-se especialmente cara aos antropólogos depois que este definiu as seis funções da linguagem: a emotiva, a conativa, a referencial, a metalinguística, a poética e, utilizando a terminologia de Malinowski, a fática- aquela função que testa o canal de comunicação, e que os trobriandeses utilizavam com frequência na magia.” A autora ainda acrescenta que “Esse é um exemplo de como, na antropologia, algumas ideias transpõem limites disciplinares e depois voltam à sua origem, produzindo novas apreciações: as propostas *etnográficas* de Malinowski continuaram sua trajetória por décadas, expandindo-se via linguística e filosofia da linguagem antes de voltar à disciplina original.”

*diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997), tentou implementar a ideia de um Novo Humanismo. Veremos como o etnógrafo, ainda, foi influenciado pela literatura inglesa que marcou a identidade da sua escrita.

Logo, a vida e a obra do autor não se separam completamente e, para compreendê-lo, é preciso abordar sobre as influências que recebeu na comunidade científica e na vida pessoal. Malinowski foi e é conhecido como um autor que usava várias máscaras, isto é, uma pessoa versátil, singular, que gostava de explorar o mundo, e que teve contato com várias culturas e pessoas distintas. (ORREGO ARISMENDI, 2008, p. 348). Desse modo, ao lermos os autores citados acima, argumentamos que os críticos também tiveram que interpretar e considerar as várias facetas do polonês, dentro e fora do ambiente acadêmico, em virtude de que essas influências marcaram o seu trabalho.

## **2 A observação participante malinowskiana na antropologia contemporânea**

Os trabalhos posteriores à Malinowski reconhecem o impacto da observação participante no contato direto com o objeto. No entanto, de acordo com Clifford (2002, p. 19), diante desse mundo “ambíguo, multivocal, torna cada vez mais difícil conceber a diversidade humana como culturas independentes, delimitadas e inscritas”. O trabalho do etnógrafo era permeado por obrigações e regras a serem cumpridas, dentro do esquema malinowskiano, para o sucesso da pesquisa. Mas o método de coleta de dados de Malinowski, diante da experiência real cercada pelas imprevisibilidades, raramente sobrevive à sua ideia inicial. Desse modo, a relevância no trabalho do etnógrafo foi a relação intersubjetiva intensa entre pesquisador e objeto de pesquisa. Logo, conforme Clifford (2002, p. 20), devido a essa interação intersubjetiva, a observação participante mantém seu status exemplar na disciplina.

Com isso, a partir do contato direto com o objeto de pesquisa, os antropólogos se depararam com outra situação, não prevista por Malinowski, que Clifford (2002, p. 22) nomeou como “insistentes vozes heteroglotas e ruído da escrita de outras penas”. A imagem do etnógrafo sozinho, perante a uma

cultura desconhecida, foi quebrada nas descrições pós-malinowskianas e um novo paradigma surgiu para atender a nova demanda, a saber: antropologia interpretativa e hermenêutica. O novo modelo, associado aos antropólogos americanos da década de 1960, buscava destacar nos textos etnográficos as vozes dos pesquisadores e, principalmente, dos colaboradores e sujeitos pesquisados, logo, a ideia de neutralidade do pesquisador foi substituída. Além disso, os colaboradores/sujeitos de pesquisa começaram a própria jornada de qualificação acadêmica como antropólogos para contarem, eles mesmos, a própria história.

Assim, apesar das contribuições na observação participante pelos antropólogos pós-Malinowski, as modificações no método etnográfico foram possíveis a partir do primeiro contato direto com outra cultura, isto é, o trabalho de Malinowski. Haja vista que o etnógrafo realizou a primeira expedição intensiva na história da disciplina. A observação participante passa, então, a ser entendida como uma fórmula a ser utilizada para a imersão no interior da cultura e a interpretação dos dados pela visão exterior do pesquisador possibilitado pelo distanciamento do campo. Esse paradigma passa a ser conhecido como antropologia interpretativa e hermenêutica, e, de acordo com Clifford (2002, p. 34), foi “uma dialética entre experiência e interpretação”. Contudo, destacamos que a antropologia interpretativa, como outros paradigmas da disciplina, passou, também, por algumas reformulações teóricas e metodológicas. No entanto, não iremos aprofundar nessa discussão.

Como vimos anteriormente, a observação participante, atualmente, não estabelece os mesmos critérios de estudo e coleta de materiais de um grupo social, como no período de Malinowski, uma vez que a antropologia expandiu seu campo de pesquisa e começou a trabalhar com temáticas que, há alguns anos, não eram cogitadas. Por causa disso, conforme Stacul (2018, p. 97), o método de observação participante declinou em importância. Contudo, Stacul (2018) também menciona que alguns trabalhos de campo realizados na sede da União Europeia e estudos de organização, em geral, podem, ainda, exigir técnicas utilizadas por Malinowski. Desse modo, o autor apresenta uma proposta em seu artigo, *The end of Informality? A few thoughts on Malinowski's legacy and craftsmanship* (2018), que nos auxiliará a pensarmos em como

podemos manter o legado e a permanência do método de Malinowski na era das tecnologias avançadas e, principalmente, da globalização.

A clássica etnografia de Malinowski exige do pesquisador ir a campo, conviver com os sujeitos pesquisados, observar, interagir e fazer o reconhecimento local, ou seja, é preciso perceber o quanto o espaço geográfico, campo ou urbano, interfere, em certa medida, na dinâmica da cultura. No entanto, o acesso à internet, conseqüentemente, alterou o reconhecimento e delimitação do espaço, ao pensarmos que a tecnologia facilitou a conexão entre as pessoas de diversos lugares do mundo, e, de certa forma, a difundir informações culturais. Como resultado, os etnógrafos, agora, precisam lidar com informantes que estão fisicamente em seus territórios, mas, também, mentalmente conectados em outros lugares por meio das redes. (STACUL, 2018).

Nesse sentido, elaboramos duas perguntas para pensarmos nesse processo de ressignificação da metodologia da antropologia: 1- Como podemos pensar e executar o método de Malinowski nos dias atuais?; 2- É possível continuar realizando a observação participante, de Malinowski, mesmo com os desafios apresentados pelas ressignificações da disciplina, como o avanço da tecnologia e a abordagem etnográfica?

A primeira questão é muito importante para a continuação do legado de Malinowski. Ademais, observamos que autores clássicos e suas produções acadêmicas permaneceram e permanecem, de modo geral, como literatura obrigatória das disciplinas, como a antropologia e outras áreas, enquanto são revisitadas, questionadas e, de certo modo, conseguem contribuir para a elaboração de novas teorias e métodos de seus sucessores.

O artigo de Stacul (2018) e a maneira como ele encaixa a observação participante de Malinowski no seu objeto de pesquisa, ilustra o cenário ideal do que estamos buscando responder. Assim, o pesquisador, ao estudar as relações de nacionalismo, estado e ambiente em uma província italiana, descreve como utilizou da abordagem de Malinowski na sua investigação de campo. De acordo com o autor:

[...] o estilo de trabalho de campo introduzido por Malinowski me permitiu “ler nas entrelinhas”, ou seja, avaliar os modos como práticas e ideias que aparentemente têm muito pouco ou nada a ver com



processos políticos e econômicos formam o pano de fundo contra a qual tais processos são debatidos e compreendidos por uma ampla gama de pessoas<sup>37</sup>. (STACUL, 2018, p. 98-99)

Dessa maneira, Stacul (2018) procurou investigar os costumes da província italiana estudando, primeiramente, o funcionamento da sociedade como pequenas comunidades, desconsiderando a dependência recíproca dessas funções no dinamismo da cultura local. O primeiro passo de Stacul (2018) foi conversar com os moradores locais e escutar deles o que pensavam e sentiam em relação às burocracias impostas pelos órgãos governamentais e de apoio ao cidadão a nível municipal, sendo estas: cartório, delegacia e prefeitura. As respostas delas surpreenderam o pesquisador. As pessoas, em um primeiro momento, não recorriam a esses postos de atendimento para sanar as dúvidas, mas, sim, aos vizinhos, familiares e amigos que tinham passado por experiências parecidas para explicarem o que deveria ser feito.

Essa forma de lidar com as questões oficiais e burocráticas estava relacionada com duas questões: para os moradores, primeiro, era preferível pedir ajuda para uma pessoa de confiança, e, segundo, evitar o contato com os órgãos públicos, haja vista que consideravam perda de tempo por causa do vocabulário rebuscado utilizado pelos funcionários de atendimento (STACUL, 2018, p. 102). Além disso, o autor observou a dinâmica da população com o prefeito da cidade, sendo este uma figura que conseguia transitar pelos dois nichos sociais: as instituições com os vocabulários incompreensíveis e a comunidade com suas limitações intelectuais.

O discurso do prefeito em suas campanhas apelava por resguardar as tradições da comunidade e, também, de não permitir a compra de imóveis por estrangeiros que não carregassem a identidade local em seu sangue. Assim, uma delimitação espacial foi definida entre aqueles que perteciam à comunidade e os que não perteciam. Com isso, os moradores, incentivados pelo discurso, juntaram-se à causa colaborando com a reeleição do partido (STACUL, 2018). No entanto, o prefeito tinha seus próprios interesses e, mesmo alguns cidadãos conscientes disso, o apoio que deram no momento do

---

<sup>37</sup> “[...] style introduced by Malinowski enabled me to ‘read between the lines’, namely, assess the ways practices and ideas that apparently have very little or nothing to do with political and economic processes form the background against which such processes are debated and understood by a wide range of people.”

discurso facilitou para que ele, após ganhar as eleições, colocasse em prática as ideias de vender e derrubar um hotel que era considerado parte da história daquela sociedade.

Na sequência, conseqüentemente, alguns moradores revoltados com tal comportamento, que divergia do discurso do partido de proteger o patrimônio e a identidade cultural, recorreram à prefeitura em busca de explicações e denunciaram o prefeito. Imediatamente, a prefeitura se sustentou em um novo discurso, colocando a burocracia do Estado italiano como sua arqui-inimiga e da comunidade. Logo, o prefeito afirmou para a sua audiência que o “Estado italiano impõe leis que impedem que os locais e os negócios trabalhem eficientemente, e emprega uma linguagem burocrática que poucos ou ninguém consegue entender”<sup>38</sup> (STACUL, 2018, p. 105).

Por fim, Stacul (2018) conclui a coleta de dados com a seguinte colocação:

Em suma, o prefeito reiterou implicitamente um ponto que Berlusconi fez várias vezes em seus discursos, a saber, que as leis nacionais eram, na melhor das hipóteses, irrelevantes e, na pior das hipóteses, uma ameaça ao bom funcionamento da administração pública. Suas construções discursivas, então, destacam uma oposição percebida entre as relações de troca regidas principalmente pela moralidade e a suposta “indiferença” da burocracia estatal. Mas, aqui, reside o paradoxo: enquanto em cerimônias comemorativas o prefeito construiu o estado como uma entidade acima da sociedade e abrangendo suas localidades tanto em termos espaciais quanto em termos simbólicos, depois de ter sido processado, foi a complacência que se tornou objeto de contestação. A contestação envolvia negar o significado da lei como um sinal da soberania do Estado italiano. Enquanto a aplicação da lei representa uma das técnicas pelas quais a localidade é tornada “legível”, nos termos de James Scott (1998), foram as leis nacionais que foram apontadas como evidência da “distância” e da “ilegibilidade” do estado. Estas imagens eram muito poderosas, pois permitiam ao prefeito apelar para pessoas que perderam o interesse na política nacional e não estavam inclinadas a tolerar ideologias abstratas ou linguagens obscuras.<sup>39</sup> (STACUL, 2018, p. 105)

<sup>38</sup> “[...] the Italian state impose laws that prevent locals and business from working efficiently, and deploys a bureaucratic languages that few or nobody can understand.”

<sup>39</sup> “In sum, the mayor implicitly reiterated a point Berlusconi made several times in his discourses, namely, that national laws were at best irrelevant and at worst a threat to the proper running of public administration. His discursive constructions, then, highlight a perceived opposition between relationships of exchange governed primarily by morality and the supposed ‘indifference’ of state bureaucracy. But here lies the paradox: while in commemorative ceremonies the mayor constructed the state as an entity above society and encompassing its localities in spatial as well as in symbolic terms, after he had been sued it was encompassment that became the object of contestation. Contestation involved denying the significance of law as a sign of the sovereignty of the Italian state. While the enforcement of law represents one of the techniques whereby locality is made ‘legible’, in James Scott’s terms (1998), it was national

Após a breve apresentação do trabalho de Stacul, o desafio etnográfico foi, nesse processo de reconhecimento local e do objeto de pesquisa, compreender a espacialidade das diferentes formas de governo. Contudo, o antropólogo coletou informações que direcionaram o estudo para esses espaços e também para os atores políticos individuais que estão entre a comunidade e o Estado. Além disso, ele destaca a relevância de compreender os diversos pontos de vista, seja de sujeitos em postos mais altos até os cidadãos comuns. Para isso foi necessário uma imersão nas expressões idiomáticas locais e seus significados, e, também, um engajamento em conversas profundas com as pessoas para saberem quais eram seus sentimentos em relação ao Estado, suas instituições e seus representantes. Embora o autor reconheça que o dualismo estado / sociedade civil deve ser evitado, ele sugere que observar a espacialidade do governo significa reconhecer os atores locais e os processos sociais que interferem e toma forma nesse espaço, como, ainda, é parte dessa tarefa relatar a vida diária dessas pessoas. (STACUL, 2018, p. 106).

Desse modo, todo o posicionamento incisivo de Stacul sobre a observação participante, que nos remete à figura de Malinowski e que o próprio autor defende e aplica seu método em uma situação incomum de objeto de pesquisa antropológica política, demonstra que o método malinowskiano pode ser utilizado como referência para determinadas análises e momentos da pesquisa, dependendo do objeto. Logo, o autor acrescenta:

Não estou inferindo que uma Antropologia de efeitos estatais à la Malinowski sempre trabalha para captar as nuances das formas em que o poder do próprio Estado opera. Ao contrário, estou sugerindo que ela ajuda a compreender processos (incluindo processos mentais) através dos quais mensagens e símbolos emanados de centros nacionais, regionais e outros são acomodados a discursos de nível local. Estes processos podem ser mais complexos do que indicado por uma abordagem que toma as práticas cotidianas das instituições estatais como seu principal objeto de consulta<sup>40</sup>. (STACUL, 2018, p. 106)

---

laws that were pointed to as evidence of the state's 'distance' and 'illegibility'. These images were very powerful, for they enabled the mayor to appeal to people who lost interest in national politics and were not inclined to tolerate abstract ideologies or obscure languages."

<sup>40</sup> "I am not inferring that an Anthropology of state effects à la Malinowski always works to capture the nuanced ways in which the power of the state itself operates. Rather, I am suggesting that it helps understand processes (including mental processes) through which

As dificuldades encontradas no trabalho de campo, como afirmamos anteriormente, mudaram após o advento da tecnologia e das mídias sociais. O pesquisador precisa lidar com a possibilidade de não conseguir, de imediato, colaboradores dispostos para sua pesquisa, uma vez que esses sujeitos podem estar sentados em seus escritórios, em frente às telas de seus computadores e imersos nas suas atividades. O próprio Stacul (2018) relata que, depois de alguns anos, retorna para a cidade onde realizou sua pesquisa e não a encontrou do mesmo jeito.

O que nos leva a seguinte reflexão: Malinowski precisou romper com a antropologia de gabinete para entender a complexidade da estrutura social e cultural do nativo a partir dos próprios sentidos sensoriais. No entanto, os antropólogos contemporâneos precisam, de certa forma, retornar para alguns gabinetes, nesse caso, os lares ou locais de encontros privados dos informantes, para conseguirem as conexões e informações que precisam de seus colaboradores. Logo, não temos o antropólogo em seu escritório ou na varanda de algum oficial, conectado a uma gama de teorias, formulários e interpretações. Mas, sim, o informante, que encontrando o conforto no seu computador, no seu escritório, consegue interagir e se conectar com vários nichos sociais sem precisar estar presente, dificultando, assim, as conexões entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa.

Desse modo, entramos na segunda questão: É possível continuar realizando a observação participante, de Malinowski, mesmo com os desafios apresentados pelas ressignificações da disciplina, como: o avanço da tecnologia, as nuances da coleta de informações e a mudança na metodologia da disciplina?

As reflexões de Stacul (2018), também, conseguem nos direcionar para alguns caminhos na busca por essa resposta. Uma das sugestões do autor é que o código de ética, da qual os alunos precisam tomar nota para realizar o trabalho de campo, imobiliza o estudante a estabelecer conexões próximas das idealizadas por Malinowski para a disciplina. A partir do momento que nos

---

messages and symbols emanating from national, regional, and other centers are accommodated to local-level discourses. These processes may be more complex than indicated by an approach taking everyday practices of state institutions as its main object of enquiry.”

comprometemos a seguir as leis que limitam, regulam e controlam a interação do sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, o código de ética e os procedimentos que formalizam a relação impedem a coleta de informações significativas e retomam à coleta de “varanda”, ou seja, a apenas observação sem interação.

Além disso, o corte de bolsas de estudos e incentivo à pesquisa, que permitiam que os alunos se dedicassem ao trabalho de campo em tempo integral, decaiu, nos últimos anos, na Europa, América Central (STACUL, 2018, p.112), e, de certa forma, acrescentamos, a América Latina, a saber: o Brasil. Por causa disso, os estudantes, atualmente, precisam dividir a sua pesquisa com trabalhos remunerados, de carga horária integral ou parcial, para manterem as suas despesas pessoais (moradia, alimentação, transporte, lazer e vestimentas). Com isso, conseqüentemente, temos uma queda no desempenho de alunos indo a campo.

As universidades estão se adaptando a um novo modelo de estrutura acadêmica que tem como objetivo e responsabilidade, conforme Stacul (2018, p. 112): “[...] ‘a tarefa de produzir cidadãos que são pensadores críticos’, e, também, ‘comunicar conhecimento aos trabalhadores móveis e flexíveis cujas habilidades foram atreladas a uma nova lógica de mercado’”<sup>41</sup>.

O sucesso expressivo do trabalho de Malinowski foi caracterizado pelo autor como uma produção artesanal que buscava tomar nota de todas as suas experiências.

O artesanato mental também existe, como no esforço de escrever claramente, e o ensino das técnicas de trabalho de campo de Malinowski é projetado, entre outras coisas, para inculcar a ética de um artesão nos estudantes. No entanto, Sennett observa (2006, p.105) que o artesanato se encontra de forma desconfortável nas instituições do "capitalismo flexível", e a academia neoliberal não é exceção. Atualmente, o curso de trabalho de campo é um dos muitos cursos a serem escolhidos a partir de catálogos de cursos on-line, e não é necessariamente um desafio, especialmente em um sistema acadêmico cada vez mais focado no treinamento (em oposição à educação) e favorecendo a facilidade à custa de cavar fundo<sup>42</sup>. (STACUL, 2018, p. 113)

---

<sup>41</sup> “[...] ‘tasked with producing citizens who are critical thinkers’ and, also, ‘has to communicate knowledge to mobile and flexible workers whose skills have been pegged to a new market logic’.”

<sup>42</sup> “Mental craftsmanship also exists, as in the effort to write clearly, and teaching Malinowski’s fieldwork techniques is designed, inter alia, to instill a craftsman’s ethic in students. Yet Sennett

Por causa das tarefas pessoais excessivas atreladas à qualificação acadêmica, o trabalho de campo não é mais uma prioridade do aluno. A disciplina que concerne a observação participante, em alguns departamentos, está presente no currículo obrigatório, mas, devido à disposição de tempo necessário para executar tal atividade, o programa flexibiliza a atuação do aluno para que, dessa forma, ele consiga completar a carga horária necessária e retomar ao mercado de trabalho. Apesar desses casos apontados pelo antropólogo, tem-se realizado projetos de pesquisas que, ainda, prezam pelo trabalho mais artesanal e detalhado. Entretanto, o número de alunos com temas de pesquisas que buscam resolver problemas, e não identificá-los ou torná-los um problema de pesquisa, aumentou. Isso ocorre pela falta de tempo para processar um trabalho artesanal e a sua demanda. Então, a procura por temáticas práticas passa a ser a predileção de alguns alunos da antropologia. (STACUL, 2018, p. 112).

Apesar dos desafios presentes na observação participante, o efeito malinowskiano permanece e colabora para eventuais pesquisas de campo, em trabalhos como o de Stacul, mesmo o campo se adaptando às novas gerações de pesquisadores. Contudo, apenas declarar os resultados promissores que a disciplina obteve depois da implementação da etnografia, não é o suficiente. Conforme discutimos no decorrer do texto, as instituições de investimento à pesquisa, junto às universidades, também precisam colaborar com os estudantes e, de certa forma, apoiá-los financeiramente para que, desse modo, o interesse e desempenho na observação participante malinowskiana permaneça como modelo metodológico a ser utilizado pelos pesquisadores.

[...] praticar e ensinar a observação participante promove encontros com a diferença na esfera pública, e fomenta modelos participativos de vida cívica e política, bem como uma cidadania politicamente interessada. Entretanto, a preocupação das universidades com "ética" e "segurança" e o fato de que a informalidade se tornou um "recurso escasso" significa que o engajamento na observação participante está ficando cada vez mais difícil, e até mesmo desencorajado. Como

---

notes (2006: 105) that craftsmanship sits uneasily in the institutions of 'flexible capitalism', and the neoliberal academia is no exception. Nowadays the fieldwork course is one of the many courses to be chosen from online course catalogs, and is not necessarily meant to be challenging, especially in an academic system increasingly focused on training (as opposed to education) and favoring facility at the expense of digging deep."

resultado destes desenvolvimentos, os estudantes se retiram para preocupações particulares (uma das quais é o aumento das mensalidades) e se voltam para velhos amigos ou para as "varandas virtuais" da Internet e da mídia social como fontes de informação, assim como mais antropólogos empreendem projetos de pesquisa envolvendo a observação limitada dos participantes. (STACUL, 2018, p. 113-114)<sup>43</sup>

Assim sendo, como uma possível resposta à segunda questão levantada, concordamos com Stacul (2018) ao dizer que Malinowski implementou a observação participante na antropologia, mas, principalmente, contribuiu para que os antropólogos saíssem de seus gabinetes e começassem a ter uma relação direta com o seu objeto de pesquisa. Além disso, o prestígio do modelo etnográfico malinowskiano se mantém na sua utilidade como ferramenta de reconhecimento local, mapeamento, interações, descrições do campo por meio de diários, descrição densa no corpo do texto, conhecimento da língua local, participação das atividades e conversas com as pessoas que o antropólogo estuda, ou seja, na forma que o investigador coleta os dados. Essas são, em nossa perspectiva, a sustentação da herança metodológica que o etnógrafo deixou para a antropologia e o ápice do seu trabalho que o difere dos demais colegas.

Após respondermos as duas perguntas em torno do trabalho de Malinowski, deparamos-nos com uma terceira questão que dialoga, de certa forma, com a segunda pergunta sobre as práticas atuais de coleta de dados. Como vimos com Stacul (2018), a observação participante malinowskiana, atualmente, oferece para o antropólogo algumas ferramentas que podem auxiliar no reconhecimento do campo. No entanto, como dito anteriormente, estamos vivendo em um período globalizado em que as informações sobre

---

<sup>43</sup> “ [...] practicing and teaching participant observation promote encounters with difference in the public sphere, and foster participatory models of civic and political life, as well as a politically interested citizenry. However, the universities’ concern about ‘ethics’ and ‘safety’ and the fact that informality has become a ‘scarce resource’ mean that engaging in participant observation is getting harder and harder, and even discouraged. As a result of these developments, students withdraw into private concerns (one of which is the increase of tuition fees) and turn to old friends or the ‘virtual verandahs’ of the Internet and the social media as sources of information, just as more anthropologists undertake research projects involving limited participant observation. Obviously, I am not suggesting that this is not anthropology. This line of reasoning suggests that besides asking whether Malinowski’s fieldwork techniques remain valuable tools (they certainly do), we might also ask how we can successfully promote participant observation as a practice fostering both craftsmanship and participatory models of citizenship at a time when everything (including research and social interaction) is being bureaucratized. Perhaps it is time to take informality (broadly defined) more seriously.”

determinada cultura estão se difundindo rapidamente. Diante disso, qual o modelo de etnografia que a antropologia, precisando atender a essas novas demandas sociais e culturais, formulou para a análise de objetos de pesquisa globalizados? No texto *Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography* (1995), George Marcus aponta que a resposta está na etnografia multissituada. No capítulo I, seção II, vimos que, ao longo da história da antropologia, surgiram alguns paradigmas que, conseqüentemente, criaram novas formas de realizar a coleta de dados. Por isso, consideramos que a perspectiva de Marcus (1995) corrobora para nos ajudar a entender uma das novas maneiras de realizar a etnografia.

Ao longo do texto, discutimos que a pesquisa realizada apenas em um espaço está cada vez mais difícil diante das diversas maneiras que o ser humano encontrou para interagir com pessoas de outras culturas e que, por causa disso, dificultou o recolhimento de informações culturais sobre determinado local. O papel desempenhado pela etnografia multissituada não é a apresentação holística ou representação etnográfica do sistema mundial como um todo. Apesar de realizar um mapeamento do terreno como parte do seu exercício. Conforme Marcus:

Em vez disso, ela afirma que qualquer etnografia de formação cultural no sistema mundial é também uma etnografia do sistema e, portanto, não pode ser entendida apenas em termos da convencional cena de um único local da pesquisa etnográfica, assumindo que, de fato, o objeto de estudo é a formação cultural, produzida em vários locais diferentes, e não as condições de um conjunto específico de sujeitos<sup>44</sup>. (MARCUS, 1995, p. 99)

Nesse sentido, o antropólogo tenta explicar que essa etnografia realizada em múltiplos locais, na verdade, não contempla todos os locais do mundo como um campo de pesquisa. A proposta é que os pesquisadores não fiquem presos apenas em um único local enquanto há temáticas que podem ser desenvolvidas dentro de uma perspectiva mundial, como: “as bases sociais que produzem um determinado discurso de política [que] requer práticas e oportunidades diferentes do que o trabalho de campo entre as comunidades

---

<sup>44</sup> “Rather, it claims that any ethnography of a cultural formation in the world system is also an ethnography of the system, and therefore cannot be understood only in terms of the conventional single-site mise-en-scene of ethnographic research, assuming indeed it is the cultural formation, produced in several different locales, rather than conditions of a particular set of subjects that is the object of study.”



situadas que a política afeta” (MARCUS, 1995, p. 100). Desse modo, o pesquisador pode mapear outras sociedades, que estejam sofrendo impactos políticos semelhantes, e construir um mapa mental que possibilite uma visão geral do sistema, ao incluir os locais no mesmo quadro de estudo.

Esse processo empreendido pela etnografia multissituada não desqualifica características do modelo tradicional de etnografia. O reconhecimento do idioma local, ainda, corrobora para a interação do sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado como era no século XX. Contudo, conforme Marcus (1995), essa etnografia exige mais do antropólogo no conhecimento de outros idiomas, uma vez que a etnografia multissituada foi apontada como uma prática monolíngue. O antropólogo acrescenta que para o florescimento dessa etnografia em outras áreas, ela precisa também tornar-se multilíngue tanto quanto é multilocalizada. E, por fim, alguns postulados da etnografia multissituada são apontados, muitas vezes, como mais exigentes em suas demandas do que a etnografia tradicional.

A pesquisa multissituada, segundo Marcus (1995, p. 105-106): “é um renascimento de uma prática sofisticada do construtivismo”. Os construtivistas russos acreditavam que o artista era semelhante ao engenheiro e que a sua tarefa era criar e produzir objetos úteis para a construção de uma nova sociedade. O objeto de estudo da etnografia multissituada foi definido por técnicas diferentes. Ele foi projetado “em torno de cadeias, caminhos, fios, conjunções ou justaposições de locais”. Por isso, de acordo com Marcus (1995), essa técnica é a mais óbvia e convencional de materializar uma etnografia em vários locais. Ademais, o antropólogo acrescenta que, na interação cognitiva e intelectual entre o pesquisador e os sujeitos que estão situados no campo, a reflexividade passa a ser sinalizada como método que pode definir para recontextualizar ou deslocar um tipo de discussão. (MARCUS, 1995, p. 111).

Um aspecto interessante que ocorre ao pesquisador envolvido na etnografia multissituada são as mudanças no seu comportamento. Na perspectiva de Marcus (1995), a etnografia praticada em diversos locais, por ser conduzida dentro de uma consciência espacial da paisagem, corrobora para que a identidade do antropólogo seja renegociada conforme a paisagem e o espaço geográfico mudam, pois não é possível manter a mesma postura

diante de pessoas, culturas e problemas diferentes. No processo de escrita da etnografia, a autonomia e a personalidade do eu científico são assumidas novamente pelo pesquisador. Mas isso ocorre, porque o antropólogo precisa seguir os critérios metodológicos de publicação. E, por ser um antropólogo que realiza pesquisa em vários locais, ele se depara com vários tipos de adversidades que atingem o pessoal e também o profissional. De certa forma, esses conflitos são resolvidos de maneiras ambivalentes, uma vez que ele precisa negociar constantemente sua identidade com os locais de pesquisa que frequenta.

As mudanças no comportamento do antropólogo ocorrem conforme a necessidade do campo. Por causa disso, temos a sensação de que, em determinados lugares, o pesquisador está trabalhando a favor, e, em outros, parece que está contra. Isso são consequências das constantes mudanças dos sujeitos, seja o pesquisador ou o indivíduo que está sendo observado. Por último, Marcus (1995) menciona que o compromisso em torno do trabalho de campo em múltiplos locais fornece para o pesquisador uma “espécie de substituto psicológico para a sensação reconfortante de ‘estar lá’, da observação participante no trabalho de campo tradicional em um único lugar” (MARCUS, 1995, p. 114). Assim, por mais que surjam novas formas de praticar a etnografia, o trabalho de Malinowski, em nossa perspectiva, sempre será lembrado e reaproveitado, seja para o reconhecimento do idioma local, mapeamento da sociedade, e a interação intersubjetiva entre pesquisador e a comunidade. A apresentação dessa nova etnografia foi apenas para apresentar uma das possibilidades que o pesquisador constrói e coleta informações sobre o objeto de pesquisa na atualidade.

### **3- *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997): Malinowski e a realidade do trabalho de campo**

Os trabalhos de Malinowski ficaram reconhecidos, entre seus contemporâneos acadêmicos e leigos, por causa do impacto que a obra *Argonautas* e suas palestras geraram na comunidade científica de antropologia no século XX. No entanto, a publicação do seu diário pessoal *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997), após a sua morte, em 1942, causou

uma comoção entre os seus colegas devido ao conteúdo explícito de seus sentimentos em relação aos ilhéus de Trobriand. Esse incômodo foi gerado pelas observações sinceras do etnógrafo sobre o objeto de pesquisa que, de certa forma, desconstruiu a imagem do pesquisador sério, comprometido e imparcial. Nesse sentido, a comunidade científica, em nossa perspectiva, não esperava que determinadas situações e pensamentos íntimos fossem revelados, uma vez que opiniões pessoais divergiam do propósito e caráter dos textos científicos.

O pesquisador, ao escrever um diário com suas impressões pessoais, estava passível de receber críticas e o descontentamento dos colegas acadêmicos. Sobretudo, no caso de Malinowski, que as pessoas próximas ao etnógrafo sentiram que a sua privacidade havia sido invadida por sua segunda esposa Valetta e o ex aluno Raymond Firth (1901-2002). E, ainda, comprometendo as suas contribuições metodológicas para a disciplina ao publicarem o livro. Mas, Malinowski não tinha o objetivo de publicar o diário, e, sim, “mapear o transcurso de sua vida pessoal, emocional, bem como intelectual” (FIRTH, [1967] 1997, p. 22) no campo. Por isso, concordamos com Firth ao dizer que:

Os grandes diários da história, se não se destacarem pelos esclarecimentos que proporcionam sobre os eventos públicos, esclarecem os aspectos privados de uma personalidade que podem ser interpretados como possuidores de um significado geral para o estudioso do caráter humano. Sua importância está na interação de temperamento e circunstância, nas batalhas intelectuais, emocionais e morais dos homens e mulheres que lutam para expressar, para preservar sua individualidade, para avançar diante dos desafios, tentações e adulações da sociedade em que vivem. Para que um diário desses tenha significado e impacto, a habilidade literária pode ser menos importante do que a força de expressão, a modéstia é provavelmente menos eficaz do que a vaidade, a fraqueza deve ser exibida tanto quanto a força, e uma espécie de franqueza é essencial. Se algum dia vier a ser publicado para o leitor comum, o escritor deverá expor-se tanto à crítica quanto ao elogio; para se fazer justiça a ele também deverá ser concedido compreensão, e até mesmo piedade. (FIRTH, [1967] 1997, p. 21-22)

O aspecto literário da obra *Argonautas*, o comprometimento e a intimidade que desenvolveu com os nativos, de acordo com Kuper (1978), podem ter favorecido o etnógrafo a disseminar, entre os seus estudantes, uma imagem mítica sobre si que ecoaria nas futuras gerações. Essa figura mítica tinha o objetivo de contar a história de um herói que enfrentou vários desafios,

como: um polonês que realizou pesquisa em território inimigo no período da guerra; sobreviveu ao convívio entre os “selvagens” e “primitivos; enfrentou doenças e a solidão; mas, apesar das dificuldades, ele conseguiu criar uma nova metodologia para a disciplina e voltar para a “civilização”.

Contudo, a divulgação do diário pessoal trouxe especulações sobre a natureza do trabalho de Malinowski e sobre a figura mítica que construiu. Assim, de acordo com Geertz:

Como iconoclasta durante toda a sua vida, Malinowski, nessa obra póstuma, grosseira e cansativa, destruiu um último ídolo, que ele mesmo criou: o do pesquisador de campo com extraordinária empatia pelos nativos<sup>45</sup>. (GEERTZ, 1967, p. 2-3)

Ainda, o diário instigou alguns pesquisadores a interpretar e, de certa forma, a julgar as diversas facetas da personalidade do etnógrafo que revelavam o seu caráter. Firth, prevendo essas discussões e tentando amenizar o impacto que o texto poderia causar na comunidade de antropólogos, fez a seguinte observação na sua primeira introdução ao diário em 1967:

A sensação de confinamento, o desejo obsessivo de voltar mesmo que rapidamente a seu próprio meio cultural, o desânimo e as dúvidas sobre a validade do que se está fazendo, a vontade de fugir para o mundo fantasioso dos romances ou devaneios, a compulsão moral de se arrastar de volta para a tarefa da observação de campo – muitos pesquisadores sensíveis experimentaram estes sentimentos em algum momento, e raramente eles foram mais bem manifestados do que neste diário. Algumas emoções, sem dúvida, foram expressas por Malinowski de forma mais violenta do que teriam sido sentidas – ou, pelo menos, exprimidas – por outros antropólogos. A maioria dos pesquisadores, em algumas ocasiões, se sentiram entediados pelas suas próprias pesquisas, e experimentaram sentimentos de exasperação e frustração contra até mesmo seus melhores amigos no campo. Poucos podem ter estado dispostos a admitir isso, até para si mesmos. Poucos, a não ser talvez aqueles tão tensos quanto Malinowski, amaldiçoaram as pessoas que estavam estudando, tanto, quanto ele. Contudo, essa revelação do lado mais obscuro da relação de um antropólogo com seu material humano não deveria nos induzir a erro. (FIRTH, [1967] 1997, p. 19)

---

<sup>45</sup> “An iconoclast all his life, Malinowski has, in this gross, tiresome, posthumous work, destroyed one final idol, and one he himself did much to create: that of the fieldworker with extraordinary empathy for the natives.”

Apesar dessa tentativa de Firth de amenizar a reputação do antropólogo, a maneira que Malinowski descreveu os nativos, no diário, foi assunto de críticas principalmente pelos antropólogos que foram seus alunos, como Edmund Leach (1910-1989), Audrey Richards (1899-1984), Isaac Schapera (1905-2003), Talcott Parsons (1902-1979), Meyer Fortes (1906-1983), e, também, o próprio Firth. Esses pesquisadores, após a morte do professor, decidiram organizar o livro *Man and Culture: an evaluation of the work of Bronislaw Malinowski* (1957) que ressaltasse as contribuições do etnógrafo para o funcionalismo. No entanto, a exposição do diário pessoal corroborou mais para discussões sobre as lacunas e falhas existentes no método malinowskiano, em vez de destacarem pontos relevantes do seu trabalho (GEERTZ, 1967). Ainda, por causa disso, a neutralidade do antropólogo, ou seja, como ele deveria se comportar diante do seu objeto de pesquisa, passou a ser uma questão discutida por intelectuais nos círculos das escolas antropológicas pós- Malinowski.

De acordo com Firth:

A relativa falta de informação sobre as reações pessoais dos primeiros antropólogos no campo tendeu a conferir um ar de distanciamento olímpico aos relatos publicados – o antropólogo vinha, via, registrava e se retirava para redigir o material, aparentemente incólume diante de suas experiências, com no máximo um capítulo introdutório contendo comentários sobre relações com as pessoas e seu efeito sobre o pesquisador. Com a publicação do *Diário* de Malinowski este estereótipo foi destruído. Os pesquisadores de campo revelaram-se também humanos – muito humanos. (FIRTH, [1967] 1997, p. 32)

Apesar dos cuidados que Firth teve ao escrever a introdução para a publicação, o antropólogo Clifford Geertz (1926-2006) escreveu uma resenha, *Under the mosquito net* (1967), desaprovando a postura de Malinowski no diário e gerando uma debate em torno dos relatos íntimos de sua rotina. Diante da oportunidade de ler e criticar o trabalho do polonês, o antropólogo estadunidense depreciou a imagem do etnógrafo com a ideia dele ser “aparentemente incapaz de se relacionar com as pessoas” (FIRTH ([1967] 1997, p. 30-31). E, ainda, chegou a criticar a comunidade de antropólogos por utilizar o trabalho de Malinowski como um modelo de pesquisa de campo a ser seguido. Geertz, sobretudo, aponta algumas questões que o incomodou nas páginas do diário, como: a personalidade grosseira do etnógrafo.

Em um primeiro momento, Geertz (1967, p. 2) reclama de como a antropologia, uma disciplina que se colocava ter a mente aberta, aceitou como “arquetipo de pesquisador de campo” uma pessoa cuja personalidade, na sua perspectiva, não condizia com os objetivos que a disciplina almejava de um pesquisador. E o que exatamente a antropologia esperava de seus pesquisadores? Conforme o antropólogo estadunidense, a proposta da disciplina era que tivessem em campo uma pessoa empática e generosa que conseguiria atingir o coração dos nativos, no entanto, a persona de Malinowski, para Geertz, transmitia o oposto dessas qualidades. No diário, em vez disso, para o estadunidense, temos “ [...] um narcisista hipocondríaco, preocupado consigo mesmo, cujo sentimento pelas pessoas com quem vivia era extremamente limitado”<sup>46</sup> (GEERTZ, p. 2). Além disso, ao analisar todo o contexto do texto, Geertz considerou que a qualidade do trabalho de Malinowski não estava na relação que dizia ter estabelecido com os nativos, e, sim, na quantidade de material que conseguiu coletar. E, por isso, o antropólogo apontou algumas produções do polonês, que estavam direcionados estritamente para a observação participante, além de *Argonautas*, que foram responsáveis por salvar a sua carreira, sendo estas: *Coral Gardens* (1935), *Crime and Custom* (1926), *Sex and Repression in Savage Society* (1927), *The Sexual Life of Savages* (1929).

O que o salvou foi uma capacidade de trabalho quase inacreditável. Para um homem que se queixa em seu diário quase todos os dias de letargia, tédio, doença, desespero ou apenas de uma incapacidade geral de fazer qualquer coisa, ele coletou uma quantidade impressionante de dados. Não foi a compaixão universal, mas uma crença quase calvinista no poder purificador do trabalho que tirou Malinowski de seu próprio mundo sombrio de obsessões edípicas e autopiedade praticada para a vida cotidiana de Trobriand<sup>47</sup>. (GEERTZ, p. 4)

Em um segundo momento, Geertz menciona que a construção narrativa dos textos de Malinowski era uma façanha, uma vez que o etnógrafo retratava

---

<sup>46</sup> “ [...] a crabbed, self-preoccupied, hypochondriacal narcissist, whose fellow-feeling for the people he lived with was limited in the extreme.”

<sup>47</sup> “What saved him was an almost unbelievable capacity for work. For a man who complains in his diary almost every day of lethargy, boredom, illness, despair, or just a general inability to get anything done, he collected a staggering quantity of data. Not universal compassion but an almost Calvinist belief in the cleansing power of work brought Malinowski out of his own dark world of oedipal obsessions and practiced self-pity into Trobriand daily life.”

os nativos em *Argonautas* com uma estrutura social e humana complexa como a do ocidental, mas, no diário, os trobriandeses foram representados como “selvagens” e sem inteligência, constantemente, pelo pesquisador nos momentos de frustrações.

Sua façanha foi compilar um registro fiel, realista e, na verdade, comovente de um modo de vida primitivo, contra probabilidades psicológicas que teriam esmagado quase qualquer outra pessoa. Pois, se os trobriandeses são "negros sangrentos" em seu diário particular, em seus trabalhos etnográficos eles estão, por meio de uma misteriosa transformação operada pela ciência, entre os nativos mais inteligentes, dignos e conscientes de toda a literatura antropológica: homens, Malinowski insiste constantemente, assim como você e eu.<sup>48</sup> (GEERTZ, p. 6)

Depois dessa querela envolvendo a exposição dos pensamentos pessoais do etnógrafo, novos trabalhos foram produzidos pelos contemporâneos de Geertz que discutiam a neutralidade do investigador. Dessa vez, Geertz, aderindo-se ao movimento de discutir sobre a presença do pesquisador em campo, dedicou à Malinowski um capítulo em seu livro *Obras e vidas: o antropólogo como autor* (1988). Nesse texto, Geertz (1988) descreve Malinowski, diferente de sua resenha, sob uma perspectiva mais humana, ressaltando críticas pertinentes sobre o seu trabalho, e não sobre seu caráter. Ainda, conforme Peirano (2021, p. 392), o historiador George Stocking Jr., em *Empathy and antipathy in the Heart os Darkness* (1968), procurou amenizar a fama negativa sobre Malinowski. E, diante da segunda introdução de Firth ([1967] 1997, p. 31) para o diário em 1988, ele acrescenta que, após vinte anos da primeira publicação e as discussões geradas em torno do documento se arrefecerem, os contemporâneos de Malinowski não estão mais vivos. Por causa disso, a nova geração de antropólogos passa a encarar o diário como parte da bibliografia complementar da história da disciplina para entender uma parte do que foi a personalidade do etnógrafo. E como afirmou sua aluna Hilda Kuper (1984, p. 198-199): “o que sobreviveu de Malinowski foram seus métodos de trabalho de campo, suas brilhantes anotações de campo e sua escrita”.

---

<sup>48</sup> “His achievement was to compile a faithful, lifelike, and indeed moving record of a primitive way of life, against psychological odds that would have crushed almost anyone else. For if the Trobrianders are ‘bloody niggers’ in his private diary, in his ethnographic works they are, through a mysterious transformation wrought by science, among the most intelligent, dignified, and conscientious natives in the whole of anthropological literature: men, Malinowski is forever insisting, even as you and I.”

Com isso, gostaríamos de ressaltar que a proposta deste texto é apresentar os bastidores de um trabalho de campo, e não discorrer sobre o caráter do antropólogo impresso no diário. Além disso, iremos dialogar com o diário para refletirmos, apenas, sobre as dificuldades enfrentadas pelo antropólogo na construção da sua monografia e de um material estritamente científico. Desse modo, não iremos aprofundar e julgar o caráter do polônês e nos posicionamentos dos críticos para não criarmos uma imagem negativa do autor, uma vez que esses autores dissecaram esse assunto.

Contudo, consideramos pertinente destacar as informações acima, acerca da primeira recepção do livro, para que o leitor esteja consciente que determinados períodos e momentos da história da antropologia estão carregados de análises subjetivas, e, principalmente, de necessidades científicas específicas que podem modificar e condicionar a maneira que encaramos o objeto de pesquisa. A título de exemplo, foi o posicionamento de Geertz em 1967, um momento que se prezava pela neutralidade do pesquisador, e, em 1988, período que a antropologia passou a humanizar o antropólogo no trabalho de campo.

Na perspectiva de Geertz (1988), durante as discussões sobre a humanidade do antropólogo, ele menciona dois tipos de personalidades que ficaram evidentes e se contrapõem na obra do etnógrafo:

Por um lado, existe o Cosmopolita Absoluto, um personagem com uma capacidade tão ampliada de adaptação e sensibilidade ao próximo, com tal poder de se imiscuir em praticamente qualquer situação, que é capaz de ver como os selvagens veem, pensar como os selvagens pensam, falar como eles falam e, vez por outra, até sentir o que eles sentem e acreditar no que acreditam. Por outro lado, existe o Investigador Completo, um personagem tão rigorosamente objetivo, desapaixonado, minucioso, exato e disciplinado, tão dedicado à fria verdade, que chega a fazer Laplace parecer comodista. O Alto Romance e a Alta Ciência, jungidos com certo embaraço, captando o imediato com o ardor do poeta e fazendo abstrações a partir dele com zelo do anatomista. (GEERTZ, 1988, p. 102)

Nessa citação acima, podemos perceber que até os autores que se propuseram a escrever sobre Malinowski retrataram, talvez de forma inconsciente, a ambiguidade na personalidade do etnógrafo. Ao escrever sobre Malinowski, é preciso, de certa forma, destacar as dualidades que encontramos



ao longo de sua trajetória de uma maneira que não pareça se tratar de duas pessoas diferentes. Portanto, podemos identificar nos textos críticos e biográficos de alguns autores a preocupação de apresentar as diversas facetas da personalidade do etnógrafo. Assim, apresentar sua trajetória intelectual e pessoal tornou-se pertinente para entendermos as nuances de seu trabalho etnográfico. (KUPER, 1978; PEIRANO, 2021; STOCKING, 1992; FERNANDEZ, 2003).

Na obra etnográfica, como vimos no capítulo II, o autor começa a narrativa, na introdução, descrevendo o cenário da sua chegada como um naufrágio nas ilhas trobriandesas. Entretanto, como vimos anteriormente, essa narrativa foi construída pelo etnógrafo com o objetivo de tornar a leitura mais atraente e literária para o público acadêmico e leigo. Assim, quanto mais detalhes e situações fossem colocados no texto, mais o leitor se sentiria envolvido com a história.

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Tendo encontrado um lugar para morar no alojamento de algum homem branco- negociante ou missionário- você nada tem a fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar- pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você. Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné. (MALINOWSKI, [1922] 1976, p. 23)

O sentimento de estar sozinho e longe da sua cultura não é figurado com frequência no manuscrito. O lugar destinado a depositar suas frustrações, sonhos e certo desprezo pelos nativos passa a ser o diário que não pretendia publicar. No diário, podemos encontrar relatos da primeira e segunda viagem dele a Trobriand. As descrições da primeira estadia entre os nativos foi breve comparada à segunda. Mas, de acordo com Stocking (1992, p. 251), o diário “ não era tanto uma crônica do trabalho etnográfico, mas um relato do drama psicológico central de sua vida e uma tentativa de localizar o que ele chamava de ‘as molas mestras da minha vida’”. Assim, as sugestões que ele elabora sobre a observação participante, na introdução da obra, de que o pesquisador

precisava manter um diário de campo, conviver com os nativos, interagir nas atividades diárias, aprender o idioma local, entre outras sugestões (conferir no capítulo II, seção I), não foram conquistadas por meio de uma aventura amistosa, como a descrição literária de *Argonautas* transmite. Conforme Malinowski, escrever um diário de campo, sobretudo, exige um esforço reflexivo e saber disso foi possível, porque ele relatou apenas ao seu diário pessoal. Esse diário de campo é diferente do diário pessoal. Aqui, ele está se referindo ao diário de campo para anotar informações da comunidade e auxiliar o pesquisador na elaboração do texto.

Escrever o diário retrospectivo sugere muitas reflexões: um diário é uma “história” de eventos inteiramente acessíveis ao observador, e, mesmo assim, escrever um diário exige um conhecimento profundo e um treinamento meticuloso; mudança do ponto de vista teórico; a experiência em escrever leva a resultados inteiramente diferentes mesmo que o observador permaneça o mesmo- quanto mais se houver observadores diferentes! Consequentemente não podemos falar dos fatos objetivamente existentes: a teoria cria os fatos. Consequentemente, a “história” não existe como ciência independente. A história é a observação dos fatos à medida que o tempo dá origem a eles. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 145)

O exercício de acompanhar e observar, dentro de um rigor acadêmico, a rotina dos nativos, às vezes, não era suficiente para o investigador. Em alguns momentos, Malinowski se desprendia da função de etnógrafo, tentando enxergar o mundo como os nativos enxergavam: “[...] vi e senti a monotonia extrema das aldeias de Kiriwina; eu as vi através de seus olhos (é bom ter essa capacidade), mas esqueci de olhá-las com os meus” (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 192). Assim, nesse exercício, de se colocar no lugar do outro, ele conseguiu perceber situações rotineiras e entender que, às vezes, o olhar disciplinado do antropólogo possibilita destacar comportamentos que não são relevantes para um nativo. Mas, ao mesmo tempo, impede o antropólogo de enxergar a verdadeira natureza das coisas.

Apesar dessa experiência empática que o antropólogo manifestou pelos nativos, Malinowski compartilhou pensamentos hostis sobre algumas pessoas e, principalmente, sobre os nativos, como Geertz havia afirmado. E, diferente da obra, o diário expressa, muitas vezes, um sentimento dual de amor e ódio pelo trabalho e pelas pessoas com quem o pesquisador conviveu. As relações interpessoais que estabeleceu com os missionários, oficiais do governo e alguns nativos estão descritas, na maioria das vezes, com um tom de

ressentimento e desprezo. E os trobriandeses são colocados em uma posição de subalternos, apesar do discurso e alguns relatos do etnógrafo dizerem o oposto. Diante disso, podemos nos questionar: Malinowski, enquanto europeu, de certa forma, reproduziu o comportamento hostil dos colonizadores, para com a população de Trobriand, em momentos de insatisfação com o trabalho ou isso ocorreu devido às divergências e conflitos de opiniões?

Em nossa perspectiva, como o antropólogo teve contato frequente com três nichos sociais diferentes, argumentamos que a interação social e a transição de um nicho para o outro pode ter resultado na divergência de opiniões sobre a pesquisa e, conseqüentemente, gerando um descontentamento com o trabalho de campo, desgastando, devido às alterações de humor, algumas relações pessoais na convivência diária. Mas Stocking (1992, p. 252) afirma que Malinowski usufruiu das regalias proporcionadas pelo poder colonial. Enquanto europeu, ele teve momentos de “senhorio mesquinho”. E, quando ficava irritado por causa de algum nativo, o etnógrafo, várias vezes, deixou-se levar pela prerrogativa colonial de agressão física, como veremos adiante. Então, por mais que tentasse se colocar em uma posição superior a dos oficiais do governo e missionários, Malinowski reproduzia os mesmos comportamentos hostis para com os nativos quando achava necessário. Apesar dessa hostilidade, o etnógrafo considerava que tinha um relacionamento diferente com os nativos comparados aos colegas. Essa relação foi reforçada durante as aulas que ministrou na LSE e se tornou um arquétipo da disciplina ao incentivar os alunos brigarem com o oficial do distrito para conquistar a confiança dos nativos. (STOCKING, 1992). A citação, abaixo, descreve um dos momentos de estresse do antropólogo.

Depois do desjejum, sentei-me sob uma árvore e escrevi uma carta para E.R.M. Ogisa teimou em caçar as moscas. Eu me senti imensamente mais próximo dela; foi mais fácil escrever a carta. Sentimentos inteiramente diferentes. A seguir, passei para um local mais próximo da casa e continuei escrevendo. Almoço com Mick. Os bobos voltaram com Bill. Às 3, voltei à minha carta. Às 5, eu me vesti e fui para Olivilevi via Tukwa'ukwa. Senti-me muito bem, mais suei profusamente. Jantar. Passeio de canoa com Ginger e Gomera'u. Este último, me deu informações valiosas sobre *bwaga'u* e *Ta'ukuripokapoka*. – Aversão violenta a escutá-lo; eu simplesmente rejeitava intimamente todas as coisas mirabolantes que eles tinha a me dizer. A principal dificuldade etnográfica é superar isso. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 193-194)

Nesse trecho, podemos perceber que os discursos do informante nativo, Gomera'u, não soavam interessantes e provocavam aversão no investigador. As narrativas dos informantes, na maioria das vezes, eram acompanhadas dos mitos locais que, de certa forma, foram úteis na obra *Argonautas*. No entanto, apesar dos relatos excessivos, isso não foi motivo para ser desconsiderado uma dificuldade etnográfica. O autor apresenta momentos de insatisfação, também, em relação à etnologia e à realidade da profissão.

Pensamentos, sentimentos e humores: nenhum interesse em etnologia. Pela manhã, depois de preparar a bagagem e me pôr a perambular em torno de Gusaweta, um anseio constante por E. R. M (na noite anterior, um ataque violento de paixão quando olhei suas fotos). Forte sensação de estar em contato com sua personalidade; ela é minha esposa *de facto*, e devo pensar nela como minha esposa. Quanto à etnologia: vejo a vida dos nativos como totalmente destituída de interesse ou importância, algo tão distante de mim como a vida de um cão. Durante a caminhada, fiz questão de refletir sobre o motivo pelo qual me encontro aqui. Sobre a necessidade de colher muitos documentos. Tenho uma ideia geral sobre a vida deles e alguma familiaridade com sua língua, e se puder ao menos “documentar” isso de alguma forma, terei um material valioso. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 195)

Em outro momento, Malinowski refere-se a Ginger, um de seus informantes, de maneira depreciativa.

4 de março. Segunda. Despertado pelos gritos deles às 6:30. Ginger tornou a me irritar (*Tropenkoller?* {delírio tropical}). Levantei-me - resolvi-me livrar daquela cabeça de vento. Andei até o *sopi*. Estou mais forte fisicamente - pensei no trab. etnogr. Também pensei com orgulho no meu trabalho: melhor do que o de Sp. E G. {Spencer e Gillen}, melhor que o de todos os outros. Devia escrever para Frazer e Seligman? Recobrei meu domínio: o que importa é o que estou fazendo aqui neste momento. Desjejum: combate às térmitas; Mwagwaya e Medo'u; conversa; diário. O tempo todo pensei em E. R. M.; estou apaixonado por ela. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 240)

Os ataques de solidão e apatia, sobre a pesquisa e as pessoas de Trobriand, apenas reforçaram que Malinowski, ao isolar em uma cultura diferente, evidentemente, começou a questionar o seu lugar no mundo e, principalmente, a ter dificuldades de se conectar, em alguns momentos, com o seu objeto de estudo. Entretanto, esses momentos de conflito com a pesquisa

mostraram que o pesquisador estava sentindo o impacto daquela cultura nos seus valores e comportamentos.

Esse lado mais humano do antropólogo, como vimos anteriormente, destacou-se, após a publicação do diário, gerando debates e desconforto na comunidade científica. No entanto, o desconforto corroborou para que a disciplina refletisse e desenvolvesse pesquisas acerca da presença do antropólogo no campo como um sujeito que afeta as pessoas que estuda, com a sua presença, mas, ao mesmo tempo, é afetado. Além disso, precisamos considerar que os pioneiros da etnografia permaneceram no campo, comparado à Malinowski, por curtos períodos em contato com os nativos. Por causa disso, notamos que a antropologia social britânica, ao utilizar a abordagem de deslocar-se do escritório para coletar essas informações pessoalmente e ser influenciada pelo método de campo dos naturalistas, não previu que lidar com pessoas e suas alteridades fosse mais complexo e exigisse mais da objetividade científica do pesquisador, sobretudo ao pensarmos que o objeto de pesquisa de um naturalista difere, significativamente, de um antropólogo, uma vez que o segundo estuda o homem e suas produções culturais e o primeiro a natureza e suas formas. Por isso, a neutralidade do cientista não foi, em parte, alcançada, como ele almejava.

O rigor na coleta de materiais era o traço forte do seu lado cientista. Por causa disso, o polonês ficava decepcionado diante dos dias improdutivos. Mas houve relatos do próprio Malinowski que, mesmo sendo uma pessoa disciplinada, diante da monotomia, frequentemente, não conseguia manter o ritmo de trabalho e entregava-se à inércia. Por isso, no diário, deparamos-nos com algumas reflexões do etnógrafo sobre a necessidade de ter controle do tempo dedicado à pesquisa, ao mesmo tempo, que uma vontade de não fazer nada perdurava.

De manhã, trabalhei, mas também trabalhei no diário etc., sem qualquer necessidade de estímulo especial. *Costumeiramente*, faço isso de forma espontânea até certo ponto. O trabalho em si não vai bem. Talvez eu não seja um homem nota dez do ponto de vista físico. (Fiquei um tanto deprimido na quinta-feira. A coisa mais importante seria eliminar *elementos de preocupação do meu trabalho*. Ter uma sensação *de domínio absoluto sobre as coisas*. Ao anotar as informações tenho (1) a sensação pedante de que devo atingir uma

*certa meta (3 páginas, 2 horas, preencher um espaço em branco no capítulo X ou Y), (2) um desejo grande demais de deixar de fazê-lo sempre que possível. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 202)*

Além de escrever sobre as condições de trabalho que estava vivendo no diário, Malinowski comenta alguns aspectos da sua vida pessoal, como: os amigos, a família, os relacionamentos amorosos, as mudanças de humor, as lembranças de Londres, sua vida na Polônia, as angústias e medos. Logo, podemos considerar as descrições sucetíveis para compreender a individualidade do autor e como ele enxergava o mundo. Enquanto Malinowski pensava nos amigos, ele arrogava a necessidade de manter um diário pessoal para organizar os pensamentos, mas, também, criticar os comportamentos das pessoas que foram hostis com ele.

*Uma das minhas características é que penso mais nas pessoas que manifestam hostilidade para comigo do que nas amigas. Todos aqueles que tenho de convencer, violentar, subjulgar (Joan, Lady Sp., Baldie, Molly) em vez dos Khuner, Mim, os Peck, os Stirling.-Nesta manhã (6.1.18), ocorreu-me que o objetivo de manter um diário e tentar controlar minha vida e pensamento a cada momento deve ser consolidar a vida, integrar o pensamento, evitar fragmentar os temas.- Também confere uma oportunidade de reflexão, como minhas observações sobre pessoas que não gostam de mim. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 202)*

Na bibliografia sobre a vida e obra de Malinowski, em alguns momentos, os autores comentam sobre a postura hipocondríaca do etnógrafo e o quanto ele criava situações dramáticas em torno do seu estado físico. A preocupação excessiva com a saúde, de certa forma, pode ter corroborado as alterações de humor do antropólogo (KUPER, 1978). Além disso, precisamos considerar que a mudança de um ambiente frio para um lugar mais quente, os alimentos e as condições precárias de trabalho, com efeito, podem ter colaborado para os desconfortos e as doenças que Malinowski alegou. Por isso, destacamos dois trechos que apontam a enfermidade, e, conseqüentemente, as alterações de humor como um dos fatores que prejudicaram a adaptação do campo e, evidentemente, os comentários ríspidos sobre o lugar.

O primeiro trecho descreve a rotina de cuidados que ele tinha nos dias que estava doente. Podemos perceber que a possibilidade de não voltar para

Londres, por causa da enfermidade, foi cogitada durante a sua jornada, haja vista que ele acreditava que iria morrer entre os nativos.

Escrito na segunda-feira, 11.2.18. Quinta, 7.2. Um pouco de ginástica de manhã - mas, não estava disposto. A seguir, trabalho. À tarde, muito irritável - às 4 tive de parar, às 6 fui para cama. Imediatamente tomei uma quantidade grande de calomelano. No dia seguinte (ou talvez na mesma noite), tremores, depois febre - 40,5 C- apavorado - "*mijo escuro*". Temeroso da *hematúria*. Sentado na praia naquele dia pensei sobre E. R. M.- e me senti debilitado, senti uma dor aguda ao pensar que poderia nunca mais tornar a vê-la. Sexta-feira, 8.2. *Ut supra* - o dia inteiro, me senti depauperado. A temperatura baixou com a ajuda da aspirina, depois do quinino. Dor de cabeça. O dia inteiro acamado; sem dores. A febre diminui minha *vitalidade*. A morte (final, creio eu, bastante provável - hematúria) não me atemorizou. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 225)

Em outro trecho, referente ao dia seguinte do mal-estar, Malinowski apresenta, com certa intensidade, uma oscilação no seu humor. Partindo das oscilações de humor constantes, após sentir-se um pouco melhor, o autor descreve o apreço pela literatura feminina, como, também, associa trechos a vida que pretendia construir ao lado de Elsie Masson para conseguir um pouco de conforto diante da enfermidade. Portanto, na citação abaixo, podemos perceber a falta de esperança de Malinowski para com a recuperação da sua saúde que, diante da possibilidade de se encontrar com a morte, desperta lembranças de sua vida antiga na Polônia e entrega o receio dele de não poder voltar à Londres. O que, conseqüentemente, transforma-se em uma aversão pelo modo de viver dos nativos.

11.2. Melhor. Comi torrada no almoço. Li *Villette*; tem para mim o mesmo *encanto de tranquila fascinação que orgulho e preconceito*. Tato feminino, intuição, domínio do íntimo das coisas e ânsia pela vida. Pensei muito em E. R. M., em momentos sem entusiasmo, ocasionalmente com assomos de paixão. Chocante *humor de convalescença*, como nuvens *navegando ao sabor de ventos conflitantes*. Ausência de terra firme onde pisar. De manhã, um vento noroeste fresco, tempo bom, maresia maravilhosa; senti a vida sorrir outra vez, senti *os grilhões da vida; enfermidade*; e fiquei incerto se aquela promessa se cumpriria. Levantei-me, caminhei um pouco pela aldeia. Estava horrivelmente faminto: visões de *vol-au-vents de volaille*, restaurante de costeletas francesas no Soho etc., me atraem mais do que os mais elevados gozos espirituais. Momentos de um desejo tremendo de sair desse buraco fétido. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 226)

Os dias que apresentavam serem difíceis de permancer em Trobriand, Malinowski era assombrado por lembranças da civilização e dos lugares que costumava frequentar. Essas descrições são muito importantes para entendermos alguns posicionamentos políticos e sociais do pesquisador. Nos momentos em que o antropólogo sentia saudades da sua vida na Europa e escrevia no diário, talvez como uma forma de suprimir ou guardar para si o que estava sentindo, ele mencionou algumas reflexões teóricas e políticas que havia discutido com conhecidos na Austrália. Os relatos, de certa forma, podem orientar o leitor a entender as opiniões sobre o desenvolvimento político e cultural que o etnógrafo aspirava. Malinowski estava acompanhando os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial a distância, mas, apesar disso, ele chegou a comentar sobre a Alemanha e a Inglaterra, quando compara-as entre si no diário.

Escrevi cartas para Seligman, Mim, P. e H., E. R. M., e como sempre, a carta para ela despertou meus sentimentos adormecidos. Escrevi até as 6, depois o *bote*. Ocaso cor de sangue, vento, ondas. Senti-me fraco, não consegui remar até muito longe. Um pequeno trecho na direção de Kiribi. Reflexões sobre questões teóricas, não sentimentais - mais quais foram elas? Ah, claro - eu estava contando a Strong, na presença de E. R. M., que a Inglaterra era a personificação da auto-afirmação, do status quo, o mundo inteiro *na palma das mãos deles*. Falta de entusiasmo, de idealismo, de propósito, os alemães têm um propósito, possivelmente revoltante e perverso, mas há *élan*, há um sentido de missão. Os conservadores {pregando} aos "democratas"; os democratas {se aliando} ao prussianismo - é tudo uma tremenda confusão de ideias. O episódio com Baldwin etc. me faz decididamente um anglo - saxo - não "fobo", talvez, mas elimina minha "*filia*". (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 233)

Apesar das dificuldades de conviver com os nativos, o antropólogo acreditava que estava fazendo um trabalho adequado. Esse trabalho, em sua perspectiva, estava acima de algumas produções de seus colegas contemporâneos. Diante desse estado de consciência, podemos pensar que Malinowski havia premeditado todo o processo de trabalho de campo intensivo e de como ele precisava desenvolver a pesquisa para ter sucesso na disciplina. Sobretudo, porque ele estava atualizado sobre as teorias e métodos da disciplina que deram certo antes, e eles precisavam apenas de um aprimoramento. Malinowski chega a mencionar no diário que o objetivo dele era conquistar o prestígio intelectual e o respeito dos colegas. Como vimos



com Kuper (1978), a disseminação do mito “pai da etnografia” foi planejado pelo polonês antes do trabalho de campo e, após ser executado, a ideia foi comprada pela comunidade de antropólogos. Ademais, Stocking (1992) comenta que o etnógrafo tinha grandes habilidades de convencer as pessoas de aderirem as suas aspirações, e, com isso, o historiador compara a atitude do polonês com a de um vendedor.

Os registros de Malinowski que continham os pormenores do campo e como foi, de fato, coletar os dados etnográficos, decerto, couberam somente ao diário, e esses dados não foram revelados na obra, sendo um destes: a exaustão do trabalho para conseguir as informações. Na obra, o autor utiliza uma linguagem literária e convidativa que induz o leitor a participar da narrativa como um explorador em alto mar. Por causa disso, os detalhes que careciam de aventuras foram deixados apenas para o caderno de anotações que não pretendia publicar. Contudo, esses detalhes apresentam, em nossa interpretação, uma das oportunidades de refletir sobre as condições de trabalho de um antropólogo. Por isso, de certa forma, consideramos pertinente manter um olhar objetivo diante da leitura do diário que seja livre de julgamentos. Apesar das alterações de humores direcionadas aos nativos, às vezes, torna-se difícil não descredibilizar o trabalho e o caráter do antropólogo.

Nesse sentido, tentar interpretar o contexto e as condições que levaram o sujeito a manter uma postura hostil pode, em nossa perspectiva, facilitar o processo de análise e reflexão sobre o autor. Diante disso, um outro fator que consideramos relevante citar para entender sobre as alterações de humor e improdutividade foi um relato de um dia intenso de trabalho do etnógrafo. Com esse relato, podemos constatar que a fadiga pôde contribuir para uma confusão mental na hora de transcrever os dados e, sobretudo, desencadear um estado de estafa intelectual.

6 de março. *Sagali* em Kaytupi. No meu caminho para lá tomei nota mentalmente de detalhes íntimos e pitorescos. Pensei em E. R. M. e submeti material a ela. Em Kaytupi trabalhei honestamente durante 3 horas, com câmera e caderno, e aprendi um bocado de coisas, montes de detalhes concretos. Novo ponto teórico: (1) Definição de uma dada cerimônia, espontaneamente formulada pelos negros. (2) Chegaram a essa definição depois de terem sido “bombardeados” com *perguntas orientadas*. (3) Definição a qual se chegou por meio da interpretação de dados concretos. – Li *Cadoresse* durante uma hora; das 4:30 às 6 falei sobre o *sagali* com Morovato e Kadilakula.

Fadiga: esqueço termos, falo devagar; três segundos mais tarde já esqueci o que tinha em mente. Depois na *canoas*, no que pensei? Afinal de contas, não em cartas para potentados e N. S., pois eu me recordava deles e me irritei com isso. Voltei cansado demais para registrar {a história de} Digawina. Conversei com os companheiros sobre assuntos gerais. Morovato e Iluwaka'i. Li *Cadresses* durante algum tempo. Depois fui dormir. À noite, despertado por cães a uivar. Tomei pó de Dover. Vento matinal. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 241)

Além do cansaço, Malinowski precisou lidar com as dificuldades de navegar em alto mar. Os trajetos de uma comunidade a outra foram realizados por meio dos navios que o antropólogo conseguia embarcar nos locais de espera e, dependendo da distância, de barcos e canoas. O pesquisador relata também momentos que temia por sua vida quando precisava passar pelas turbulências da navegação. Por causa dessas situações, o etnógrafo não conseguia refletir e dar a devida atenção ao seu trabalho diante dos contratempos (chuva, enjoos, mal-estar).

Portanto, enquanto Malinowski explorava a região de Sanaroa, ele compartilha sobre o medo de acontecer algo com a embarcação quando percebe a mudança no clima.

Domingo, 17. Acordei. Resolvi realizar uma reforma moral: não é difícil ser honesto num estado de graça. Só quando não temos forças e os pensamentos sujos nos atacam - só então a fibra moral é posta à prova. – Depois do desjejum, subi o regato de barco com Ogisa. Linha de altos troncos brancos acima de um verde intenso. Depois, a selva; *capim* {*lalang*} à direita, sagu. Observei um pântano de sagu e abrigo temporário. Retorno. Escrevi para E.R.M. Li. Almocei, depois tornei a ler até anoitecer - é verdade, eu li {Rev. C.W.} Abel e {Poch}, mas, mesmo assim! - À noite, *canoas*. Ao norte (Acima de Sanaroa), sul (acima do {Monte} Bwebweso), e ao leste, cúmulos brancos rodopiantes sobrepueram-se em diversas camadas, tendo ao fundo estratos negros. Remamos para a extremidade oeste de Sanaroa. Temi que um vento forte de noroeste pudesse me afastar da praia. A corrente também. Podia escutar o ruído das marés espumantes. Acima de Bwebweso trovões e relâmpagos constantes. Senti o pânico me invadir. Tentei “reforçar meu ânimo”, mas sem pleno êxito. Sentei-me durante longo tempo observando as nuvens escuras e as centelhas coruscando entre elas. Pensei um pouco no trabalho - mas como? Depois de ter voltado conversei com Monauya sobre *Kula*. Recolhi-me às 9. Dormi bem. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 247)

O objetivo do antropólogo era de acompanhar a expedição *Kula*, então, em busca dos registros, pôde acompanhar, de determinada distância, as trocas intertribais. Mas todo o trâmite de deslocar de uma região para outra era

dificultado pelo tempo e pelo nativo. Os trobriandeses, conforme o autor, não colaboravam e contavam mentiras para que ele não continuasse a investigação. Assim, Malinowski perdia os momentos que os nativos embarcavam e partiam de uma determinada aldeia para outra. Em dois trechos, o autor aponta para duas situações que presenciou enquanto acompanhava a expedição *Kula* (relato detalhado em *Argonautas* nas páginas 269 a 272): (1) a descrição dos encontros no *Kula* sem a parte da estória indutiva de *Argonautas*; (2) a frustração de lidar com os nativos que omitiam os fatos.

Por se tratar de informações que diferem da experiência contada na obra, consideramos pertinente retratar da maneira que o antropólogo discorre no diário para que o leitor consiga perceber o contraste entre os dois textos. Assim, as descrições, a seguir, não têm o objetivo de criticar e aprofundar nas omissões do etnógrafo. A proposta é compartilhar os desafios que Malinowski enfrentou enquanto pesquisador estrangeiro que precisava coletar dados para a universidade.

Assim, em um primeiro momento, temos o etnógrafo conseguindo executar a observação participante e fazendo uma descrição detalhada do *Kula*:

De manhã todos os companheiros saíram para o *poulo*. Kipela e o ancião - muito devagar. Mais ou menos à 1, homens Kaduwaga e Kuyawa - Kula. Chegaram a Nab (wageta) ontem. Vieram {em} uma pequena canoa: 2 bu. De taioba, 1 inhame. Indiferença ao chegar; indiferença ao recebê-los, apresentados pelo ancião. Depois eles vêm e se sentam na canoa. Conversa: Discussão chistosa, mentira sobre os soulava. A seguir, entregam-nos. Depois vão até a outra ponta e {taloi} os homens. (Eu como meu arroz e arrenque e leio meu Kipling nos intervalos). Sento-me com eles e escuto suas conversas, depois procuro obter algumas informações.- A seguir, bote (esboço do mapa), inspeção do jardim: muito trabalho de terraplanagem, drenagem e limpeza de terrenos deles. Depois, continuo ao luar. Luminosidade inesperada da lua, saindo de trás do morro. Acompanho a costa. Torno a formular uma descrição sobre a "distinção suave de Gumaw" e o ritmo áspero, porém tranquilizante de Domdom. "luzes e sombras nas formas suaves e cheias parecem ter intensidade e peso e pressionam-se umas contra as outras. As sombras flutuam em locais acima da superfície da mata densa, em alguns pontos afundam, em outras rasgam grandes cavidades."- Em seguida, encontro um homem que dá um exemplo de monikiniki ( em Boyowan) e fala {sobre} o kula de amanhã. Voltando as costas para a rocha (remo) ao longo da aldeia, de volta a nosso abrigo. À noite (das 10 às 11), Tobawona. Explicação sobre o kula, estrelas, alguns mitos.

– Noite cheia de sonhos, Cracóvia. Pensamentos, ternos e apaixonados, sobre E.R.M. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 256)

Na sequência, o autor menciona os atos de mentiras cometidos pelos nativos, mas ele explica que esse comportamento estava associado à insegurança ou, de certa forma, superstição de compartilhar aspectos do *Kula*. A citação conta, ainda, com revelações do estado de espírito do etnógrafo e as reflexões espirituais que teve sobre os trobriandeses. No último ponto, Malinowski remeteu, em nossa compreensão, a uma interpretação do sonho que teve e o que ele revelava sobre a postura dos nativos. Por isso, consideramos relevantes ressaltar a influência dos escritos de Sigmund Freud (1856-1939) nas leituras de Malinowski<sup>49</sup>. Essa influência da teoria freudiana foi explorada pelo historiador Stocking no livro *Malinowski, Rivers, Benedict and others: essays on culture and personality* (1986), portanto, não aprofundaremos essa abordagem nesta pesquisa. Apenas, precisamos ressaltar que Malinowski era adepto à psicanálise de Freud e chegou a desenvolver pesquisas que retratassem sobre a vida sexual dos nativos, o que resultou na publicação de alguns livros, como: *The sexual life of savages* (1929) e *Sex and repression in savage society* (1927).

Segunda, 25.3. Naquele dia, homens de Gumasila e Nu'agasi partiram para fazer o *Kula* em Boyowa. Seja em razão da *discrição* ou da *surperstição*, eles sempre escondem suas partidas de mim (Mailu, Omarakana, aqui). Levantei-me às 9, como sempre. Não percebi nada (no dia anterior, Kipela havia se lavado - seria para uma última visita a sua noiva ou parte do programa do *kula*?). Fui a Gumawana (agastado, porém, não {desanimado}). As mulheres se esconderam, como sempre. Vi algumas de longe. Não houve muita confusão. Fui até os {bwaymas} e observei como embalavam as peças de cerâmica! Apenas utensílios, sagu e *nuya*. Não consegui convencê-los a saírem, *bogana sago*. Tirei algumas fotos. Vi Bumawana de manhã pela primeira vez. Nem sinal de magia, nem de despedidas. Os meninos vão, inclusive os de 2 e 3 anos. Os botes são impelidos para o promotório, onde as velas são desfraldadas (eu não vi isso). Voltei às 12:30 - os nu'agasi estavam acabando de sair - não

<sup>49</sup> Em outro trecho, após pensar no seu relacionamento com Elsie Masson, Malinowski ([1967] 1997, p. 267), faz uma comparação do seu atual estado com a teoria freudiana: “ Terça, 10.4. {sic.}. Durante o dia inteiro, sentimentos muito fortes por E. R. M. Ao anoitecer, ansiei por ela. Pensei em como iria vê-la e apertá-la de encontro ao meu coração; na felicidade de estar com ela outra vez, *intimement*. Ontem fiquei imaginando se ela estaria mais feliz com seu amor absolutamente monógamo; não consigo imaginar {outras mulheres no meu passado}. Erradicar isso, como se erradica lembranças desagradáveis e humilhantes. Minha realidade cotidiana é permeada por E. R.M. Pensei no meu casamento, como Marnie o receberia, Leila, a família Peck (contínuas fantasias tomânticas). Os mesmos pensamentos quando fui para a cama, e despertando à noite. Identificação deste sentimento com sentimentos de uma criança pela mãe (vide teoria freudiana).”

consegui nem fotografá-los. Fadiga. Deitei-me - fechei a mente, e neste momento tive revelações: pureza espiritual. *“Procure observar com delicadeza a alma das outras pessoas, mas não se envolva com elas. Se forem puras, refletirão a Beleza eterna do mundo e, portanto, por que fitar o reflexo, se pode ver a própria coisa face a face? Ou então estarão repletos da intrincada {trama} das intrigas mesquinhas e de coisas sobre as quais é melhor nada saber”*. Tive revelações (muito familiares) dos fios intermináveis e mesquinhos que vão de homem a homem, consistindo de ódio, intriga, intromissão. Depois do almoço, ainda cansado; li Kipling; descansei. Às 4, comecei a trabalhar com Mataora- jardins. Eles mentiram, esconderam os dados, e me irritaram. Aqui, estou sempre cercado de mentiras. – Às 6, descobri que os homens haviam retornado. Barcos e Anaibutuna. Noite maravilhosa. Barcos no promotório. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 256-257)

As alterações de humor e conflitos, às vezes, aconteciam apenas entre os nativos, missionários e oficiais, sem a interferência do investigador. No diário, temos breves descrições do etnógrafo comentando sobre os dias que os informantes não estavam de bom humor, mas colaboravam com a pesquisa. Dessa forma, a leitura atenta do diário é importante para captar esses detalhes que remetem ao contexto no qual o antropólogo estava inserido. Ainda, na fase final da coleta de dados, podemos perceber que registros de reflexões sobre o objeto de pesquisa e os teóricos, que o pesquisador estava familiarizado, aparecem com mais frequência. Logo, abaixo, temos um trecho que, mais uma vez, Malinowski retorna às reflexões para um alinhamento das ideias.

Quinta, 26. Planejei excursão a Domdom. Despertado por Tobawona com um peixe. Levantei-me, apressei-me para ir a Domdom. – A seguir, descobri que eles não tinham a menor intenção de ir. Tobawona estava de mau humor, mas foi cortês - um excelente informante. Trabalhamos até a hora do almoço. Depois, li desnecessariamente R e B. e terminei um conto de Kipling. Fadiga. À tarde, *poulo*, mas o trabalho andou muito devagar. Terminei às 6; remei no bote ao redor da ilha. Muito cansado. Observei e *analisei*: (1) Considero a descrição deles, a relutância deles em definir seus planos (Mailu, Boyowa, aqui). Percebo que estou fazendo isso e procuro atingir uma “isenção intelectual”. (2) Penso - no momento de ver o Koya?- no valor de um dicionário desta língua, na *prisão* de Samarai, *Muvinabayo* em Samarai- *trabalho final de descrição da Papua- despedida de Sam{arai} e Papua - será que vou me arrepender? E, assim, toda a espécie de “associações” em termos de interesse explícito, desejo, sentimento. “O pensamento tira seu ímpeto da vida, não a vida do pensamento”, ou melhor, os pensamentos são as bóias que marcam a corrente e não são eles que direcionam a corrente, mas o contrário. - (Na manhã seguinte pensei naquilo de novo. O *Vitalreihe {série de vida} de Avenarius é ainda melhor do que o Erinnerung von Komplexen {Lembranças de padrões psicológicos} de Cornelius.*) Os *princípios de associação por espaço, tempo, similaridade são apenas as categorias mais externas,**

*que nenhuma pista nos oferece.* (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 258-259)

Em outro determinado momento, o etnógrafo expressa o plano de elaborar uma dissertação que retrate o “Valor dos estudos etnográficos para a administração” (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 260). No trecho, encontramos a declaração de Malinowski de que havia problemas na administração colonial e que ele pretendia produzir um material sobre essas questões, mas, como vimos antes o envolvimento dele com o governo, o etnógrafo não chega a desenvolver essas ideias. Diante disso, reforçamos o seguinte argumento: o relacionamento que a antropologia firmou com o governo colonial impediu alguns antropólogos de escreverem críticas sobre o impacto das intervenções e explorações coloniais. Conforme as anotações, ele pretendia abordar tópicos, como posse da terra, saúde, deslocamento de ambiente e o impacto disso na vida dos nativos e no relacionamento deles com o governo colonial.

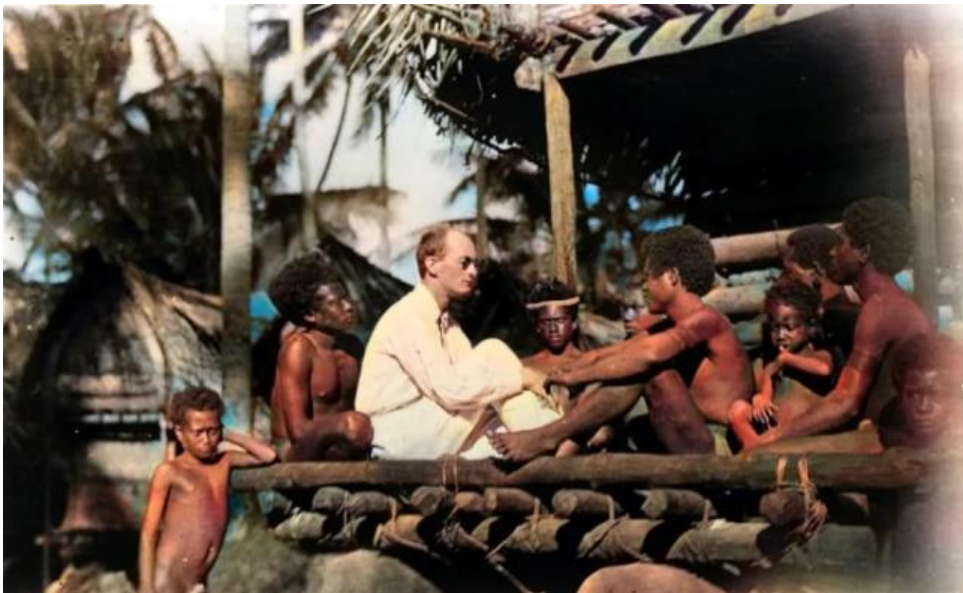
Revisei o material de Amphlett mentalmente; depois, por associação, compus uma dissertação sobre o “valor dos estudos etnográficos para a administração”. Quero escrever essa dissertação ao retornar.- Pontos principais: *posse da terra; recrutamento; saúde e mudança das condições (tal como removê-los do alto dos morros); acima de tudo, o conhecimento dos costumes de um povo permite que {se} crie simpatia por eles, e que se lhes dê uma orientação de acordo com suas idéias. Este ponto de vista do Gov.: uma força louca e cega, agindo como uma farsa, outras como uma tragédia - nunca podendo ser consideradas como componente da vida tribal. Se o Gov. pudesse adotar esse ponto de vista, muito bem. Mas, não pode. – Solicitação final: valor puramente científico; antiguidades mais destrutíveis do que um papiro e mais expostas do que uma coluna exposta, e mais valiosas para nosso real conhecimento de história do que todas as escavações do mundo.* (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 260-261)

Um dos momentos empolgantes da aventura etnográfica, para Malinowski, foi capturar imagens dos indícios do *Kula* e a rotina dos nativos. Na disciplina de antropologia, os alunos têm contato com algumas dessas cenas captadas pelo pesquisador e que leva-os diretamente para o passado. A imagem transmite, para o observador, uma parte da história dos nativos que foi congelada pela máquina fotográfica e, principalmente, um cenário selecionado do ponto de vista do antropólogo, confira abaixo. Além disso, a fotografia se torna a confirmação de que o etnógrafo esteve, lá, entre os nativos. Conforme

Malinowski, esse acontecimento consiste em um momento de felicidade etnográfica.

5.4 Sexta. De manhã, escrevi algumas cartas e tomei o desjejum com George. Por volta das 12 fui ver Kunubanukwa. Depois do almoço, fui à aldeia, comi *paku*, conversei com os meninos, quando os *dobus* chegaram. Corri para fora (e na pressa não peguei rolos *extras* de filme!) Impressões do *Kula* (uma vez mais sentimentos de alegria etnográfica). Sentado no barco de *Tovasana*, apreciei as cerimônias do *Kula*. *Raffael* olhava da praia. *Sinaketa* parece quase uma estância de veraneio, com todas essas pessoas *gumanuma*.- Fiquei absorto - como um de etnógrafo - em todos os acontecimentos. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 265-266)

Figura 13: Malinowski entre os trobriandeses

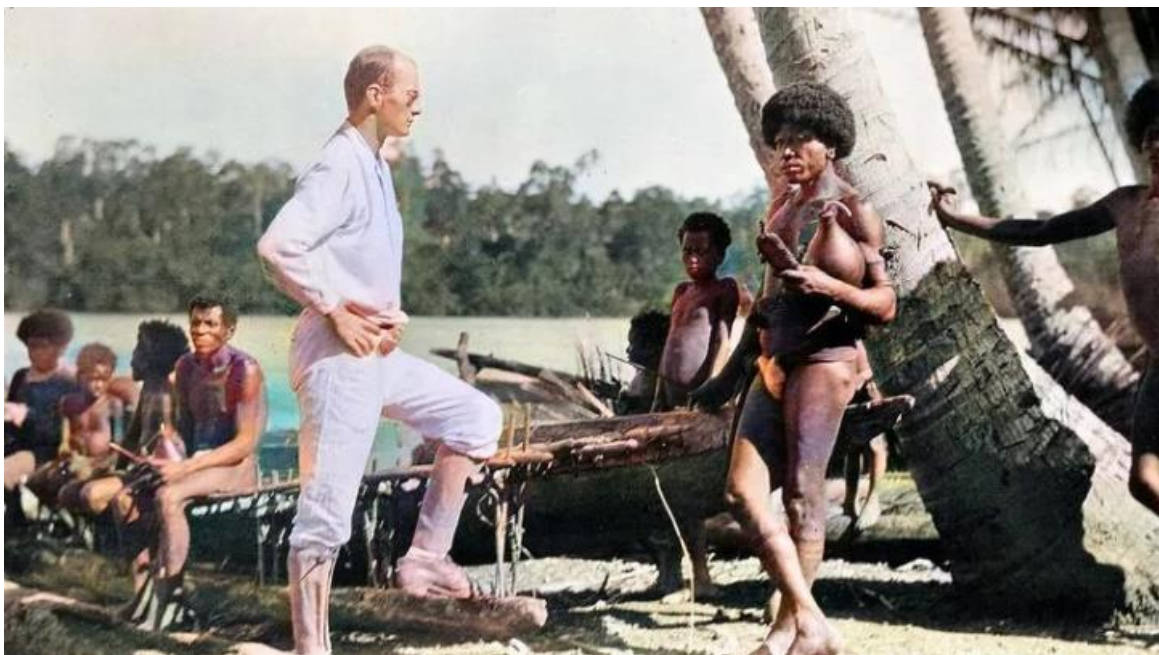




Fonte: <https://www.notaantropologica.com>

Figura 14: O etnógrafo em posição heroica diante dos nativos





Fonte: <https://www.notaantropologica.com>

O processo de investigação etnográfica era laborioso e não havia garantia de que o antropólogo, tirando fotos, participando da rotina dos nativos e conversando com os informantes, forneceria fatos novos para o meio acadêmico. Malinowski, evidentemente, estava consciente disso ao escrever a introdução da obra *Argonautas*. Na introdução, ele fez algumas sugestões de como o pesquisador deveria proceder ao reforçar a atenção para os pequenos acontecimentos, e não aos extraordinários. No entanto, o etnógrafo não compartilhou com os leitores os momentos osciosos, mencionados anteriormente, que enfrentou. A “lei do menor esforço” foi o subterfúgio para o polonês suportar ficar longe de casa. Assim, a citação, abaixo, direciona a reflexão para o lado humano do autor que, com frequência, ficava cansado, sem inspiração e, quando necessário, voltava a sua atenção para outras atividades, como a leitura, com o propósito de se distrair do peso do trabalho. E outra questão que chamou a nossa atenção foi os instantes de contemplação do pesquisador. O autor aproveitou os momentos que não conseguia trabalhar na pesquisa para refletir sobre a disciplina e a vida por meio de uma perspectiva mais filosófica.

À tarde, em vez de ler um romance ou vadiar, li meu diário antigo. Reflexões: perguntei-me se minha vida atual atinge o máximo de intensidade que se pode obter diante da minha saúde e boas condições do sistema nervoso. *Não*: interpretei a doutrina de que o melhor trabalho é feito nas *horas de lazer* como uma doutrina de se obedecer à lei do menor esforço, de se *pegar leve*. Dúvida à S. I. W. {Stanislaw I. Witkiewicz} - será que vale a pena eliminar as fontes compensadoras de inspiração (que cada pensador e artista encontrará obedecendo à lei do menor esforço)? Mas é fato que, quando se elimina uma forma de inspiração, ganha-se outra, e que eliminar a lei do menor esforço é, antes de mais nada, eliminar o *puro* desperdício do tempo (leitura de romances, ficar durante *um tempo excessivo* sentado conversando com alguém, etc.) Por exemplo, meu atual ritmo da vida: recolho-me tarde demais, levanto-me em horários irregulares. Pouquíssimo tempo dedicado à observação, contato com os nativos, tempo demais concentrado em coleta improdutivo de informação. Descanso com muita frequência, e me permito ser vítima de “desmoralização” (por exemplo, em Nabwageta). (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 268-269)

O relacionamento de Malinowski com os informantes nativos, infelizmente, avançou, no decorrer da narrativa, para uma vivência constante de irritação e hostilidade. No texto de *Argonautas*, o autor discorre sobre o ambiente cortês e amistoso em que ele realizou a pesquisa. Entretanto, o diário apresenta uma realidade oposta. Diante das dificuldades que apresentamos, até o momento, o relacionamento foi ficando cada vez mais difícil e intenso. Em alguns relatos, o antropólogo, irritado por não conseguir as informações que precisava, chegou a atacar fisicamente o seu informante, Ginger. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 272). Em virtude dessa postura, podemos considerar os seguintes questionamentos: Tal atitude do antropólogo foi ocasionada pelo ambiente de trabalho, o estresse em se conectar com as pessoas e o isolamento? Ou essa atitude é apenas um traço do caráter de Malinowski como apontou Geertz?

A jornalista Helena Wayne (1985, p. 539-540), filha mais nova de Malinowski, em um artigo dedicado ao etnógrafo afirma sobre a interpretação inadequada dos *insights* do diário por parte da comunidade acadêmica de antropologia. As características distorcidas sobre sua personalidade gerou a disseminação de uma fama negativa sobre seu caráter. Isso ocorreu, conforme a jornalista, por duas razões: a dificuldade para traduzir o diário que foi escrito originalmente em polonês com notas em outros idiomas, como italiano, alemão,

francês e inglês. E, ainda, o interesse dos antropólogos de obterem informações sobre o caráter do etnógrafo. A antropóloga Mariza Peirano (2021, p. 393) acrescenta que “talvez porque na época da publicação não se conheciam as cartas então trocadas entre Malinowski e sua noiva, Elsie Masson, perdeu-se muito dos elementos-chave para a compreensão do diário”.

A reação de Malinowski, no decorrer da sua jornada com os nativos, porventura, comparada ao seu comportamento em outros ambientes, foi considerada divergente por intelectuais, amigos e familiares. O que podemos observar é que as reclamações direcionadas para os nativos vinham, na maioria das vezes, acompanhadas de crises de ansiedade e cansaço mental, ou seja, um estado físico e mental resultado de um isolamento cultural e familiar, e, não necessariamente, de uma característica fixa de sua personalidade.

Terça, 17.4 {sic}. Sensação geral: um forte nervosismo e agitação, e intensidade intelectual superficial, *combinados com incapacidade de concentração, irritabilidade excessiva e sensibilidade demasiada na epiderme mental, além de uma sensação de estar permanentemente exposto, numa posição incôm.* Aos olhos de uma via pública movimentada: *incapacidade de obter privacidade interior.* Estou em pé de guerra com os meus *meninos* (ou seja, com Ginger), e o povo de Vakuta me irrita por sua insolência e atrevimento, embora estejam colaborando totalmente com meu trabalho. Ainda fazendo planos de subjugar Ginger, e ainda me sinto irritado com ele. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 274)

O estado de irritação do etnógrafo provocou nele, muitas vezes, uma necessidade de partir das ilhas Trobriand antes do que havia combinado com a instituição acadêmica, mas, diante do peso da responsabilidade daquele trabalho, o antropólogo entendia que a pesquisa precisava ser concluída. Assim, essa insatisfação de estar isolado no meio de pessoas que, às vezes, não colaboravam com o trabalho resultou no desejo da sua sensibilidade humana de, em algumas situações, literalmente: sentar e chorar.

Terça, 24.4. {sic}. Na noite passada e esta manhã procurei em vão por acompanhantes para o meu barco. Isso me deixa furioso e sinto ódio pela pele cor de bronze, combinado com depressão, um desejo de “sentar e chorar”, e uma vontade violenta de “*dar o fora daqui*”. Por tudo isso, resolvo resistir e trabalhar hoje - “*negócios como sempre*”, apesar de tudo. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 282)

Diante dos dias desconfortáveis entre os nativos, Malinowski buscou refúgio, também, na presença de estrangeiros que viviam na região. Isso ocorreu devido à necessidade de se conectar com as pessoas. Um dos conhecidos que abrigou o antropólogo, na sua peregrinação pela ilha, foi um francês chamado Raffael. Por causa dessas amizades, houve momentos em que o etnógrafo considerou ter dispersado dos ofícios etnográficos. E, pensando no rendimento da sua pesquisa, Malinowski chegou a ponto de se repreender para continuar mantendo o foco. Ademais, ele acrescenta que a leitura de romances foi, decerto, um dos motivos da sua abstração. O interessante desse posicionamento são as ambiguidades presentes no discurso do antropólogo. Em alguns momentos, ele reconhece que precisa descansar, porque, na perspectiva dele, é por meio da “lei do menor esforço” que o pesquisador consegue alcançar um alto índice de produtividade. Mas, por outro lado, o etnógrafo chega a questionar os instantes de descanso a ponto de contradizer o próprio pensamento, ao julgar as leituras de lazer e a interação com pessoas que não sejam os informantes.

Reflexões sumárias: desde quinta estou num estado de perturbação extrema. Preciso acabar com isso definitivamente. A causa é um contato muito violento e apaixonado com pessoas, uma comunhão desnecessária de almas. Não resta dúvidas de que a presença de um homem inteligente com passado parisiense é muito importante e encantadora para mim. Mas, não devo fazer disso meu principal assunto. Podemos conversar à noite, mas devíamos guardar silêncio durante o dia. O mesmo com George: não devo ser brilhante, não devo lhe repreender o brilhantismo e a ambição dele. Se eu o deixar falar e me limitar a ouvi-lo, ambos nos daremos melhor um com outro. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 284-285)

Um dos episódios que marcou a peregrinação do etnógrafo pela ilha foi a maneira que descreveu sobre os seus impulsos sexuais. Logo, no início do diário, Malinowski descreve sobre algumas relações que deixaram na Inglaterra antes de partir para a Austrália. Nesse relato e em outros momentos do texto, o antropólogo transmite, para o leitor, a sensação de ser uma pessoa sexualmente ativa e, de certa forma, aberto a experiências diversas, como o relacionamento a três que manteve entre o seu amigo Witkiewicz e uma amiga inglesa (casada) (MALINOWSKI, [1967] 1997). No entanto, enquanto estava em isolamento em Trobriand, as possibilidades de se relacionar e manter uma conexão com pessoas que atraíam sua atenção foram reduzidas e,

consequentemente, fez com que ele confrontasse a ética e a moral do trabalho de campo. Em um determinado momento, Malinowski chega a ter pena de si e comenta o desejo de ser um “selvagem” ao se sentir atraído fisicamente por uma nativa:

Quinta, 19.4 [sic]. Dia bonito; trechos ensolarados, um pouco de chuva. Levantei-me às 8, pretendendo escrever o diário e copiar anotações soltas, mas meus informantes vieram e colhi informações em vez de copiar as já feitas. Trabalhei bem, sem apressar as coisas. À 1, descansei, embora não estivesse cansado. Câmara carregada. Às 3 voltei a trabalhar. *Guma' ubwa libagwo*. – Às 5, fui a Kaulaka. Uma menina linda, com um corpo de formas perfeitas, caminhou à minha frente. Observei os músculos de suas costas, a silhueta, as pernas e a beleza do corpo tão oculta para nós, brancos, me fascinou. Provavelmente, não terei a oportunidade de observar a movimentação dos músculos das costas nem de minha própria mulher durante tanto tempo quanto observei os movimentos dessa femeazinha. Em certos momentos, tive pena de não ser um selvagem e não poder possuir aquela linda menina. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 276-277)

O desejo reprimido do antropólogo não chega a ser encarado de forma positiva por seus colegas acadêmicos. A crítica em torno desses trechos em que ele relata, mais de uma vez, o desejo de copular com as mulheres que conheceu na ilha e, principalmente, as mulheres trobriandesas recai sobre a maneira pejorativa que se referiu a algumas. Após ter mencionado a vontade de se tornar “selvagem”, Malinowski ([1967] 1997, p. 277) descreve que houve um momento na aldeia de Kaulaka que teve a oportunidade de acariciar uma garota nativa. Esses impulsos foram vistos pelo próprio pesquisador como repulsivos e desrespeitos. Contudo, o etnógrafo, mesmo ao sentir o peso de suas ações, não ponderou sobre o impacto que isso poderia causar na sua relação com os nativos e informantes. Sobretudo, ele não contava com a exposição do diário para a comunidade de antropologia. Nessas situações, o etnógrafo pensava apenas em Elsie Masson, com quem trocava cartas e manteve uma relação a distância, e o quanto estava sendo irresponsável.

Depois de ter acariciado a nativa na aldeia, Malinowski, apesar de não ter chegado a concretizar os impulsos sexuais, sente-se culpado pela situação e direciona a responsabilidade das suas ações à mulher trobriandesa, rotulando-a como uma “prostituta Kiriwina”. O que fomentou, consequentemente, as críticas acerca do seu caráter duvidoso. O fato de um

antropólogo estar em trabalho de campo e diante de outra cultura, não impede que ele sinta desejos e vontades de relacionar-se com as pessoas locais, e, de certa forma, de dispersar a atenção da pesquisa para as necessidades físicas e pessoais. No entanto, cabe à consciência ética profissional assegurar que determinados pensamentos não evoluam para violações do corpo, ofendendo e desrespeitando, assim, o “outro”, e, de certa forma, criando desconfortos nas relações.

Comentários gerais: trabalho excelente. Mas o comportamento mental com relação a E.R.M. foi péssimo. Aquela garota nojenta {...} – tudo foi muito bem, mas eu não a devia ter acariciado. Depois (manhã de 20/4) pensei em Lila Peck. Ao mesmo tempo pensei muito em N.S., com fortes sentimentos de culpa. Resolução: jamais tocar nenhuma prostituta Kiriwina. Ser mentalmente incapaz de possuir ninguém que não E.R.M. *Efetivamente*, apesar dos lapsos, não sucumbi às tentações e as dominei, cada uma delas, *em última instância*. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 277)

O historiador Stocking (1986) discorre que Malinowski foi um indivíduo extremamente erótico. Contudo, o desejo que descreveu pelas nativas permaneceu apenas na sua imaginação. O etnógrafo havia optado manter-se fiel à Elsie Masson e isso contribuiu para que ele segurasse os impulsos sexuais. Além disso, o historiador argumenta que o desejo de Malinowski pelas nativas “é, de fato, um tema psicológico primário do diário” (STOCKING, 1986, p. 25-26). Esse último ponto foi levantado pelo historiador, porque, na sua concepção, as referências a *niggers*, que Malinowski proferiu sobre o tom de pele dos nativos, ocorreram enquanto pensava em Elsie e na vida amorosa. E, diante do confronto entre a necessidade biológica e a ética, o antropólogo percebeu que tinha alcançado o fundo de sua consciência.

Sozinho no coração das trevas, tentou penetrar na escuridão do seu próprio coração e aí foi confrontado com forças instintivas comuns a todos os homens: Agora tenho frequentemente a sensação de estar "no fundo da consciência" - a sensação do fundamento físico da vida mental, da dependência desta última em relação ao corpo, de modo que cada pensamento que flui sem esforço num qualquer meio psíquico foi laboriosamente formado no interior do organismo" (294). Ali, no "fundo da consciência", por detrás daquilo a que mais tarde chamou "o muro sempre imperfeito da cultura" (1925a:81), todos os homens eram motivados pelos mesmos impulsos de base biológica

que ele sentiu de forma tão aguda no decurso do seu próprio drama psicológico nas Ilhas Trobriand<sup>50</sup>. (STOCKING, 1986, p. 26-27)

Após perceber que estava perdendo tempo com frivolidades, o etnógrafo estabelece alguns pontos que ajudariam-no a manter a disciplina e a concretizar o trabalho. A prioridade era a pesquisa, ou seja, coletar o máximo de informações e materiais para encaminhar à universidade LSE, em Londres. Por isso, mesmo que estejamos diante dos conflitos do pesquisador, o rigor científico e o compromisso foram mantidos no formato do texto final. As dificuldades fizeram com que Malinowski adotasse um lema pessoal: “uma das mais importantes formas de trabalho é o repouso” (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 291), que foi compartilhado pelo diário enquanto tentava manter o equilíbrio emocional.

Desse modo, sempre que havia necessidade, Malinowski reduzia a carga horária de trabalho, descansava, respeitava o tempo gasto em cada atividade e, conseqüentemente, conseguia fluidez nas atividades. Esse descanso físico e mental, ele considerava importante para manter o ritmo de trabalho.

Durante a caminhada, à tarde, tentei me concentrar em obter “*corpo mental*”, “força espiritual”, ser completamente inacessível a influências externas perturbadoras, seja de escuridão, das multidões, ou do ambiente. Ser capaz de trabalhar na varanda com todo o tumulto em torno de mim. Trabalhar devagar, sem pressão nervosa, mas sem interrupções efetivas no fluxo do trabalho. Preciso tentar não perder nem um único minuto no meu trabalho atual. Agora que elaborei um sistema para conseguir os materiais linguísticos e etnográficos, preciso selecionar dois ou três pontos - Wawela, Tubowada, Sinaketa - e me contentar em concentrar-me neles. *Movimentação demais* não dará bons resultados. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 289)

Após a publicação da sua obra etnográfica, os antropólogos contemporâneos a Malinowski e a futura geração, durante as décadas de 1960 a 1980, encarregaram-se de elaborar reanálises como homenagem ao

---

<sup>50</sup> “Alone in the heart of darkness, he tried to penetrate the darkness of his own heart, and was confronted there by instinctual forces common to all men: “Now I often have the feeling of being ‘at the bottom of consciousness’-the feeling of the physical foundation of mental life, the latter’s dependence on the body, so that every thought that flows effortlessly in some psychic medium has been laboriously formed inside the organism” (294). There, at “the bottom of consciousness,” behind what he later called “the ever-imperfect wall of culture” (1925a:81), all men were motivated by the same biologically based drives he felt so acutely in the course of his own psychological drama in the Trobriands.”

etnógrafo. Algumas críticas foram direcionadas à falta de generalização comparativa do autor e, por outro lado, ele chegou a ser considerado o maior e mais original antropólogo de todos os tempos (PEIRANO, 2021, p. 394). Nesse sentido, após a publicação do diário, o que restou do autor de *Argonautas* no século XXI, conforme Orrego Arismendi (2008, p. 347), foi a superação de todas as dificuldades de campo pelo etnógrafo, ou seja, o mito que criou sobre a sua imagem, e, acrescentamos, o método etnográfico como herança para a disciplina.

Compartilhamos do pensamento de Orrego Arismendi (2008) ao afirmar que Malinowski foi uma pessoa que vestia várias máscaras. O antropólogo, diante das circunstâncias, da morte do pai e a sua condição de saúde, teve a oportunidade de conhecer outras culturas que impactaram a maneira dele de enxergar o mundo por meio de suas viagens, recomendado por médicos, em busca de climas amenos. Por causa disso, Malinowski, evidentemente, tornou-se uma pessoa desprendida da sua cultura. Ele admirava a Polônia e sentia falta dos costumes, como vimos no diário, mas, também, gostava de explorar o mundo. Além disso, as ambições do etnógrafo, de certa forma, estavam permeadas pelas experiências de sua juventude em Zakopane, onde vivenciou os melhores momentos ao lado dos amigos e também onde construiu uma parte da sua percepção intelectual. Além dos amigos, o etnógrafo foi também influenciado pelo movimento intelectual polonês que estava em vigor, como veremos na próxima seção. Com isso, a busca por qualificação acadêmica o levou a expandir os horizontes para além da sua primeira formação em física e a aderir um estilo de vida de um inglês vitoriano; e, posteriormente, a conquistar uma cadeira de antropologia em outro continente.

Em nossa perspectiva, resiliência foi a palavra que definiu Malinowski. Diante das adversidades e mudanças culturais, o polaco enfrentou positivamente as situações e conquistou o que almejava, ser um antropólogo reconhecido por seus pares. E, fazendo referência ao personagem criado pelo amigo de juventude de Malinowski, Stanislaw Witkiewicz (1885-1939), Edgar, Duque de Nevermore, Arismendi define as várias facetas do pesquisador:

A figura do Príncipe Nevermore, um elemento fundamental para tornar a vida e a obra de Bronislaw Malinowski inteligíveis, sugere que, além de um teórico, um metodologista ou um escritor, há um



homem desenraizado em cena. Pois, de fato, o destino de Malinowski era de mobilidade impenitente: em sua infância doentia, ele suportou a rotina de viajar entre Cracóvia e Zakopane, a capital de verão da Polônia; como jovem antropólogo, contra suas expectativas, ele foi forçado a se estabelecer na Oceania no início da guerra; e em sua maturidade não teve outra escolha senão renunciar a seu pontificado acadêmico em Londres para se estabelecer no clima mais salubre dos Estados Unidos. E um homem desenraizado aproveita a oportunidade oferecida pela profissão de antropólogo: isto é, brincar de ser qualquer homem - um nativo de alguma coordenação cultural do mundo ou seu infalível intérprete - quando já se tem certeza de que nunca mais será (nunca mais, nunca mais) o que foi, talvez um químico e físico polonês ou o filho de um estudioso do folclore pacificamente estabelecido em seu bucólico país<sup>51</sup>. (ARISMENDI, 2008, p. 348)

A personalidade intensa identificada pelos colegas do etnógrafo, ao lerem o diário pessoal, pode estar associada às experiências de vida do pesquisador, o que, de certa forma, conforme Arismendi (2008, p. 348-349), “carrega uma nuance especial de intesidade”. Diante disso, consideramos que essas múltiplas faces podem ter colaborado para que o antropólogo repercutisse dentro e fora da comunidade científica. Pensando que Malinowski recebeu homenagens cinematográficas de uma das séries de TV que marcou uma geração de pessoas e continua impactando os fãs da Cultura Pop, como o primeiro *blockbusters*<sup>52</sup> da história: *The Young Indiana Jones Chronicles* (1992). Na série, os diretores tinha o objetivo de fazer o personagem principal interagir com personalidades históricas e, dessa forma, produzir entreterimento com um conteúdo educativo. O antropólogo foi retratado no episódio de 1994 (*The Treasure of the Peacock's Eye*, London/Egypt, novembro de 1919) como um herói aventureiro. Sendo assim, estudar essas múltiplas personalidades

<sup>51</sup> “La figura del príncipe Nevermore, elemento fundamental para hacer inteligible la vida y obra de Bronislaw Malinowski, sugiere que, más allá de un teórico, un metodólogo o un escritor, hay en escena un hombre desarraigado. Porque, de hecho, el de Malinowski fue un sino de impenitente movilidad: en su enfermiza infancia sobrellevó la rutina de viajar entre Cracovia y Zacobane, la capital veraniega de Polonia; joven antropólogo, contra sus previsiones, se vio obligado a radicarse en Oceanía al estallar la guerra; y en la madurez no tuvo otro remedio que renunciar a su pontificado académico en Londres para instalarse en el clima más salubre de Estados Unidos. Y un desarraigado aprovecha la oportunidad que le ofrece el ejercicio de la profesión de antropólogo: esto es, jugar a ser cualquier hombre —un nativo en alguna coordenada cultural del mundo o su infalible intérprete— cuando se tiene ya la certeza de que nunca más (Nevermore, never more) se volverá a ser lo que se era, acaso un químico y físico polaco o el hijo de un estudioso del folclor instalado pacíficamente en su bucólico país.”

<sup>52</sup>Blockbuster é um livro, filme, exposição ou outro objeto cultural que atinge grande popularidade ou sucesso. Para mais informações, conferir em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/blockbuster> [consultado em 19-05-2023].

nos ajuda a refletir sobre as transformações da teoria antropológica. Na próxima seção, mostraremos as ideias de Malinowski que ultrapassaram as fronteiras da antropologia.

#### **4 As ideias e a influência de Malinowski que ultrapassaram as fronteiras da antropologia**

Os estudos de História da antropologia (como os de Stocking Jr., Henrika Kuklick, James Clifford, Michael Young, Adam Kuper, entre outros) apontam para uma interpretação da obra e vida de Malinowski. Na perspectiva desses estudiosos, os estudos acerca da vida intelectual do etnógrafo podem ajudar a compreender as influências que o etnógrafo recebeu e que fizeram ele modificar a maneira de trabalhar no campo. No entanto, o antropólogo Arturo Roldán (2003, p. 143) menciona que a influência responsável por Malinowski estabelecer um novo método de trabalho de campo foi o convívio com os nativos. E, por causa disso, ele ressignificou a práxis e, conseqüentemente, condicionou o seu comportamento no campo. Com isso, Roldán (2003) chama a nossa atenção para analisarmos a práxis de Malinowski e o gatilho que colaborou para a mudança de perspectiva do autor e, ao mesmo tempo, critica os historiadores que debruçaram sobre a vida particular do antropólogo para compreenderem a observação participante.

A ideia de “práxis particular”, discutida por Roldán (2003), apresenta argumentos sobre os caminhos que Malinowski percorreu na análise do seu objeto. Conforme Roldán (2003, p. 143), o período extenso em que o polonês permaneceu em Kiriwina, diferente de Mailu, trouxe uma demanda distinta da primeira observação participante do etnógrafo e, por isso, Malinowski precisou adaptar o método para conseguir realizar o trabalho. Logo, conforme o antropólogo, o método etnográfico ideal foi lapidado no campo, e não por causa das influências intelectuais que recebeu ao longo de sua trajetória acadêmica. As diferenças culturais dos ilhéus de Trobriand impactaram o trabalho de Malinowski a ponto de estimular o pesquisador a usar uma nova abordagem etnográfica.

Além disso, Roldán (2003, p. 146) analisa que as teorias que Malinowski estudou, antes de realizar sua pesquisa de campo, não foram suficientes para ampará-lo no processo criativo de um novo método. Esse argumento surge

quando Roldán compara a práxis realizada entre Mailu e Kiriwina. Ele notou que o etnógrafo não obteve os mesmos resultados e precisou modificar as estratégias. Assim, o antropólogo conclui que Malinowski foi condicionado por seu objeto de pesquisa. As suposições de Roldán (2003) apresentam reflexões que, de certa forma, temos que considerar. Decerto, é possível que o trabalho de campo tenha condicionado Malinowski, por meio da experiência, a construir uma nova narrativa sobre os nativos e a buscar novos meios de coletar dados além das teorias que seus orientadores (Seligman e Westermack) passaram para o pesquisador. No entanto, as experiências anteriores, como a primeira formação em física e em filosofia da ciência, o contato com a educação polonesa, a apreciação da literatura e suas reflexões sobre política e ciência, em certa medida, exerceram, também, uma influência sobre o etnógrafo, além da experiência de campo exposta por Roldán (2003). Por isso, certamente, estamos diante de um trabalho singular.

O autor de *Argonautas* estava engajado em algumas discussões e atividades que transcendiam a disciplina de antropologia, principalmente, após retornar à Inglaterra em 1918, como veremos a seguir. A popularidade do polonês e o seu interesse por algumas áreas pôde ser reconhecido em alguns trabalhos e campos de estudo, como as palestras que ele ministrou sobre antropologia e totalitarismo; os textos do dramaturgo, amigo e artista Stanislaw Witkiewicz (1885- 1939) sobre sua personalidade; a inspiração de Joseph Conrad (1857-1924) e a literatura no processo de escrita de *Argonautas*; e o impacto que ele deixou na visita aos nativos de Trobriand. Essas questões, sobre as quais iremos fazer uma análise pormenorizada, é o que nos ajudará a reconhecer que Malinowski, na sua condição de antropólogo, não desconsiderou a sua personalidade individual e as experiências de vida, e, sim, unificou seus conhecimentos que refletiram, conseqüentemente, no seu trabalho. Entretanto, é preciso analisar nas entrelinhas esses traços de personalidade, uma vez que o antropólogo anotava em seu diário pessoal algumas de suas intenções.

Na leitura do seu diário pessoal, *Um diário no sentido estrito do termo* ([1967] 1997), é possível localizar no texto, sem muitos esforços, as reflexões de Malinowski acerca da disciplina e de suas intenções como etnógrafo. Além disso, ele deixa explícito, em determinados momentos, mais de uma vez, o que

pretendia fazer ao retornar à Inglaterra e ao ambiente acadêmico. Em uma de suas descrições diárias sobre a rotina e as pessoas, Malinowski elaborou a primeira ideia que deu origem ao livro *Sex, Culture and Myth* (1962) e a algumas de suas discussões:

Depois pensei no meu trabalho sobre psicologia social, que visa uma abordagem basicamente nova da sociologia comparativa. Imediatamente, ao retornar a Melbourne preciso me dedicar a isso - farei trabalho preliminar, e tentarei convocar E. R. M. para me auxiliar nessa tarefa. - No caminho de volta: a impressão extremamente desagradável em mim causada pelos missionários: artificialidade, culto da superficialidade e mediocridade. *Caráter: "sociedade secreta"*. Nas preces deles, eles mencionam o *Governador e o G. em conselho e a legislação (= propositos práticos)*; oram a Deus para que seu trabalho possa ser bem-sucedido, que seu exército seja vitorioso e bom - sempre "nós", " para nós" e utilitarismo. Isso me fez pensar sobre religião: este espírito do clã; "Deus" como uma instituição para auxílio mútuo, para erguer um muro entre si mesmo e perigos metafísicos e econômicos. A ideia básica de Durkheim é verdadeira, mas sua formulação desprovida de crédito. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 303)

Em outra passagem, o etnógrafo expõe em mais detalhes a sua vontade de criar as próprias teorias filosóficas e, principalmente, na elaboração de materiais de estudo que estivessem distante da "neutralidade" acadêmica. Gostaríamos de ressaltar alguns aspectos desse último ponto para refletirmos sobre a neutralidade do investigador. Malinowski, enquanto membro da comunidade científica, de certa forma, tinha consciência do rigor e a coerção implícita no treinamento científico dos pesquisadores. Logo, os pesquisadores, uma vez condicionados, realizavam os estudos fundamentados na neutralidade e objetividade. Por isso, a publicação do diário de Malinowski gerou uma querela. Além de um contato mais direto e íntimo com a personalidade pessoal e a carreira acadêmica do etnógrafo, as declarações de Malinowski possibilitaram que a comunidade de antropologia enxergasse a própria estrutura e postura acadêmica e, também, repensasse a lógica de funcionamento do ponto de vista do pesquisador. Mas romper com essa neutralidade científica não aconteceu de um dia para o outro. Portanto, o próprio Malinowski não se beneficiou dessa discussão em torno do seu diário. O impacto positivo dessa discussão pôde ser percebido, como vimos na seção II deste capítulo com Firth e Geertz, por volta da década de 1980.

Segue, abaixo, mais uma das reflexões do etnógrafo sobre a disciplina:

De manhã, havia terminado de revisar meus papéis e estava pronto para começar a trabalhar, quando Billy propôs uma caminhada até Olivilevi ou Tukwa'ukwa. Fomos. Billy tirou fotos, eu perambulei pela aldeia. Depois, observamos *va'otu*.- Isso me deixou excitado, desequilibrado. Li Rivers; o trabalho teórico me atrai. Pensei, ansioso: quando serei eu capaz de meditar tranquilamente em alguma biblioteca e revolver ideias filosóficas? Fui a Kudukway Kela e resolvi formular minhas ideias teóricas. Mescliei isso continuamente com as críticas de Rivers *ad hominem* de Seligman. Pensei em formular isso para E. R. M., e acabei pensando em escrever "*Introdução à sociologia comparativa*" (*Introdução ao estudo da sociologia comparativa*), que teria um tom diferente dos livros-textos comuns- muito mais livre, mais informal, *dando dicas e perfis*. Livre da "*neutralidade*" acadêmica e contendo muito mais coisas *sub beneficio inventarii*. Escrito em um estilo forte, impressionante, divertido. Se eu precisar passar mais um ano em Melbourne com Paul e E. e Mim, vou escrever um rascunho deste livro e dar um seminário uma vez por semana sobre o assunto. Esta Introd. deve ser diferente do tratado completo, que também devo escrever, e no qual vou desenvolver a concepção básica (Tono Bungay): "*correspondências sociopsicológicas*" = *o estudo principal consiste em compreender como as ideias (sociais) e instituições sociais reagem umas sobre as outras. O estudo do mental (que é sempre individual, diferencial) se torna objetivo, consolidado em uma instituição e isso volta a atuar sobre o indivíduo*. Seria ótimo escrever um artigo de cerca de 100 páginas e publicá-lo no J.A.I. ou em algum periódico científico americano. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 304-305)

A ansiedade de poder ter o seu próprio momento e espaço físico de contemplação filosófica não impediu que Malinowski iniciasse esse processo, ali mesmo, entre os nativos. Como apresentamos anteriormente, o antropólogo chegou a escrever sobre algumas questões científicas que o incomodavam, ou seja, ele produziu essas reflexões por causa dos conhecimentos anteriores ao trabalho de campo, e não na convivência com os nativos. Com isso, um dos temas que interessava o etnógrafo era a possibilidade de desenvolver a ideia de um Novo Humanismo.

No caminho de volta, planejei um artigo, "*O novo humanismo*", no qual mostraria que (1) o pensamento humanista, em oposição ao pensamento morto e petrificado, é profundo e importante; (2) associar esse pensamento com os "clássicos" é um erro fatal; (3) eu analisaria a essência do humanismo e esboçaria um novo plano no qual o homem vivo, a língua viva e os fatos vivos e convincentes seriam o âmago da situação, e *o mofo, a pátina e a poeira* não seriam como *uma auréola sobre a cabeça de um santo, transformando uma coisa quebrada, pútrida e morta no ídolo de toda uma comunidade pensante, uma comunidade que monopoliza o pensamento. Um homem de gênio dá vida a estas coisas, mas porque não poderia ele se inspirar para isso na própria vida, por que não deveria ele*

*considerar a vida como o primeiro tema a ser analisado e entendido, e depois, à luz dela, deslindar as outras coisas? - Para começar, a piada sobre os 2 assiriólogos. - Como corolário, se queremos banir esta coisa de nossas escolas, devemos bani-la primeiro de nosso pensamento amadurecido. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 276)*

Malinowski estava marcado empiricamente pela epistemologia de Ernst Mach. O etnógrafo se autodominava, conforme Fernandez (2013, p. 76), um empirista ingênuo com um sistema de método científico que prezava pela análise honesta e direta de como as coisas são. Além disso, a percepção de que os nativos enxergavam o mundo assim como ele enxergava surpreendeu Malinowski e o fez desconsiderar apenas as distorções e refrações da língua. Esse projeto de Malinowski nos levou a questionar: Como o autor conciliaria as ideias sobre Novo Humanismo e a prática etnográfica?

Parece que o etnógrafo remodelou a teoria humanista para contextos diferentes. Assim, o humanismo de Malinowski, na prática antropológica, estava preocupado com estudar religião, sexo e assuntos de cunho internacional. Em contrapartida, na atuação no campo da antropologia aplicada, ele compartilhava a postura dos humanistas liberais daquela época e acreditava no governo colonial e em seus empreendimentos filantrópicos e de desenvolvimento. Contudo, o etnógrafo tinha consciência das injustiças do governo colonial e, ao encarar os debates e a movimentação em torno do sistema de autogoverno, ele preferiu lidar com a situação acreditando que o melhor a ser feito era ter um governo eficiente do que um governo autônomo (FERNANDEZ, 2013, p.77).

Além disso, o polonês planejava, ao retornar à Inglaterra, fundar uma sociedade que ele e outros estudiosos pudessem discutir sobre o humanismo<sup>53</sup>, no entanto, isso não foi concretizado. Apenas um artigo foi

---

<sup>53</sup> De acordo com Fernandez (2013, p. 78): “Em contraste com o antigo, o 'Novo Humanismo' seria baseado em um conhecimento realmente específico e empírico da natureza humana, para o que 'o tempo nos escondeu para sempre, o espaço continua preservado por um tempo', esperando pelo 'etnólogo de campo' (ibidem: 216). Ele foi o único sociólogo capaz de fazer qualquer coisa como uma experiência, observando as 'diferenças na constituição mental humana e no comportamento social humano sob as diversas formas de ambiente físico e mental' (ibidem: 217). Evitando o sensacionalismo, buscando, em vez disso, um 'tratamento abrangente de todos os aspectos da vida tribal e sua correlação', 'a etnologia poderia se tornar a escrava de uma teoria geral da sociedade humana' (ibidem: 218). A etnologia deveria obter uma compreensão mais profunda da natureza humana e da história humana. Seria também - e isto não é de menor valor - útil para criar uma atitude mais sã, um ideal mais fino e mais amplo nas mentes humanas. Pois os destinos da humanidade são moldados, não apenas pela política

publicado em 1922, pela revista *Econômica*, baseado no Novo Humanismo e escrito durante o intervalo pós-guerra que permaneceu nas Ilhas Canárias. Ainda, o antropólogo discute sobre as ciências humanas se tornarem mais úteis quanto as ciências naturais<sup>54</sup> (FERNANDEZ, 2013), e, conforme Stocking (1992, p. 257): “Malinowski viu a antropologia moderna como a etapa final do desenvolvimento histórico do humanismo”. Na citação, abaixo, temos um trecho em que Malinowski chega a mencionar, no diário, sobre a possibilidade de criar um círculo privado de intelectuais para discutirem sobre o Novo Humanismo:

- Cartas de Gardiner e Robertson me animam. Estou planejando, ao retornar à Inglaterra, formar uma sociedade ou academia com todos que pensam como Gardiner e eu. Uma espécie de R.S humanística {Royal Society}, muito exclusiva e estritamente científica e internacional (*M.S.H.= Member Society of Humanists - Sociedade de Membros Humanistas*) (*Sociedade de Humanismo Moderno*). (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 287)

O projeto de Malinowski era conectar a antropologia com outras discussões que estivessem além das fronteiras da disciplina. Por isso, um outro empreendimento do etnógrafo chamou a nossa atenção. Malinowski promoveu, em 1930, palestras nos Estados Unidos que debatiam sobre a política nazista e totalitária. O objetivo desses seminários foi conscientizar as pessoas americanas sobre as ameaças que o nazismo representava, e, também, ele acreditava que a sua missão era construir um mundo mais humano (GROSS, 1986; STONE, 2003).

---

de cima, mas também pelas mudanças lentas e invisíveis que estão sempre em ação em todos os indivíduos de uma comunidade.”

<sup>54</sup> Conforme Fernandez (2013, p. 79-80): “Malinowski propõe uma reavaliação do papel da ciência e do cientista na sociedade e diz que, independentemente dos resultados da ciência, sejam eles bons ou maus, desejosos ou lamentáveis para a civilização moderna, nenhuma nação que deseja se afirmar deve desconsiderar a ciência ou deixar de dar aos ‘homens da ciência’ sua devida apreciação e recompensa financeira. Como aqueles que dão à sociedade seu poder são os ‘homens da ciência’, enquanto não exercem esse poder, deve ser aceito sem reservas que o conselho de cientistas especializados é absolutamente necessário tanto em questões práticas, quanto em assuntos financeiros. E este trabalho é muito mais árduo no campo dos estudos humanistas, onde o conhecimento deste tipo parece ser um artigo de luxo. Assim, a palavra ‘ciência’ em seu sentido mais estrito e exclusivo, ou seja, ciência natural, sem nada a ver com ‘as artes’ ou ‘humanismo’, torna-se uma palavra perigosa, e, em vez de fomentar e promover o espírito e os métodos da ciência, luta contra nós. E ele diz isto por duas razões: primeiro, para que a ‘Ciência da Humanidade’ esteja sujeita ao mesmo critério de utilidade final - no sentido mais amplo - que a ciência natural; e segundo, para que as ciências humanistas tenham a mesma importância que a ciência natural.”

Mas o que motivou Malinowski a entrar nessas discussões sobre política autoritária?

De acordo com Stone (2003, p. 205), Malinowski era sensível a esse tema por causa da Polônia e a perseguição que aconteceu a alguns de seus colegas acadêmicos. O país sofria constantes ameaças da União Soviética por causa do embate entre fascismo e comunismo, mas as discussões das palestras do etnógrafo atacavam apenas o nazismo, pois, na concepção de Malinowski, ele representava um perigo maior para a estabilidade da civilização europeia. Portanto, Gross (1986, p. 562-563) acrescenta que, no período entre as guerras, o posicionamento do etnógrafo contra o totalitarismo foi percebido pela imprensa fascista italiana. E, ao lado de pensadores eminentes, como Freud, Hirschfeld e outros, foi rotulado como um “corruptor da juventude”.

Os jornais que divulgaram difamações sobre Malinowski foram, conforme Gross (1986, p. 562-563), o jornal italiano *Corriere della Sera*, do professor Cipriano Crispi, intitulado *Il Problema di Semitismo*, e *Il Popolo d'Italia*, um jornal fascista. Neles, Malinowski foi fortemente atacado como um corruptor judeu da sociedade. No diário, o antropólogo já se posicionava contra o governo totalitário, e, também, chegou a escrever para Elsie Masson reflexões de cunho socialista. Essas discussões auxiliaram a jornalista Masson a levantar debates no grupo que participava contra os governos autoritários (MALINOWSKI, [1967] 1997; WAYNE, 1985). A nacionalidade polonesa de Malinowski e as consequências do nazismo sofridas pelos colegas acadêmicos de Lwow e cidadãos poloneses também podem ter reforçado o etnógrafo a debater sobre essa pauta.

Logo após a ocupação alemã, conforme Gross (1986, p. 568), todos os professores da Universidade de Cracóvia, instituição frequentada por Malinowski durante a graduação e o doutorado, foram convocados pela Gestapo a comparecerem no auditório da universidade. O reitor da universidade, Streicher, que era um conhecido do etnógrafo, foi convidado a assumir a presidência da província de Quisling, mas foi imposto que ele teria apenas meia hora para decidir se aceitaria o convite. Como o reitor era contra o nazismo, ele respondeu imediatamente que não aceitaria. Por causa disso, o corpo docente de Lwow foi levado para o campo de concentração e grande parte deles executados. Um dos amigos de Malinowski, Witkacy, suicidou-se



logo após a entrada dos alemães em Varsóvia. Como podemos perceber, o autoritarismo e os desdobramentos dele na sociedade polonesa tocaram o íntimo do antropólogo ao sentir a perda dessas pessoas.

As discussões políticas contra o nazismo foram baseadas na sua experiência de campo entre os trobriandeses. O etnógrafo fez uma análise antropológica ao comparar o sistema de mito e magia com os aspectos comportamentais dos seguidores de Adolf Hitler (1939-1945), que o idolatravam como algo sagrado e religioso. Como vimos no capítulo II, o mito estava ligado à magia e, conseqüentemente, à visão de mundo do nativo e suas crenças. Diante dessa experiência de campo, ele compara Hitler a um produtor de chuva, um curandeiro ou, até mesmo, a um xamã; e a promessa de que ele entregaria para o seu povo o que eles precisavam, o pesquisador compara a “um curandeiro que promete fazer chuva para os necessitados” (STONE, 2003, p. 203). O mito que estava ligado à magia, para Malinowski, representava o sagrado e, também, a religião quando olhamos para a cultura ocidental. Assim, ele utiliza dessas instituições para descrever sobre magia, religião e nazismo.

Na obra *Argonautas*, o etnógrafo descreveu sobre como a magia era forte para os interesses vitais dos nativos e seus pontos positivos. Por isso, gostaríamos de destacar que a magia analisada no nazismo difere da magia nativa, pois a segunda não induzia os trobriandeses a praticarem atividades que fossem destrutivas para o grupo. Ao comparar a doutrina nazista com esse sistema trobriandês, ele mostra que, diferente da magia nativa, a magia do nazismo corrompia o espírito das pessoas e sua inteligência. De acordo com Stone:

Sob o nazismo, a magia se torna a própria essência do sistema: ela exige a negação integral da verdade, da consciência e da ética religiosa... A magia nazista não se limita à cooperação construtiva para tarefas positivas limitadas. Seus fins declarados são o domínio mundial e a imposição do nacional-socialismo sobre a humanidade como um todo... A nova solidariedade e a unicidade de espírito são espúrias e não confiáveis, pois são produto de constrangimento, e não de convicção.<sup>55</sup> (STONE, 2003, p. 205-206)

---

<sup>55</sup> “Under Nazism, magic becomes the very essence of the system: It demands the integral denial of truth, of conscience, and of religious ethics... Nazi magic is not confined to constructive cooperation for limited positive tasks. Its avowed ends are world dominion and the imposition of

Essa comparação de Malinowski foi a tentativa de provar que as civilizações ocidentais estavam propensas a desenvolverem magia como as sociedades “primitivas”, entretanto, adaptando o modelo para as suas necessidades políticas e socioculturais. Além disso, “a alegação do nazismo de que a guerra é uma necessidade humana fundamental foi demonstrada por Malinowski como sendo falsa”<sup>56</sup> (STONE, 2003, p. 206). Essa necessidade de provocar uma guerra, na perspectiva de Malinowski, estava ligada à perversão do povo alemão<sup>57</sup>. O etnógrafo dedicou o capítulo final de *Freedom and Civilization* (1944) ao Totalitarismo e abriu uma possibilidade para que outros antropólogos dialogassem sobre política e antropologia. No entanto, Stone (2003, p. 211) menciona que, apesar do interesse em política, poucos antropólogos se debruçaram, de fato, sobre a temática nazismo e holocausto. Mas que a ideia de nazismo como “religião política”, manifestado por Malinowski e outros pensadores da disciplina, foi o que promoveu os estudos acerca do assunto. Esse conceito “religião política” surgiu na antropologia, embora não arroguem para si o conceito, e exerceu influência na metodologia histórica.

Uma outra discussão entre os historiadores da antropologia é a associação da figura de Malinowski com o escritor, e também polonês, Joseph Conrad (1857-1924). O autor de *Coração das Trevas* (1899) foi indicado como o responsável por influenciar o etnógrafo na escrita de *Argonautas*. É certo que

---

National Socialism on humanity as a whole...The new solidarity and single-mindedness are spurious and unreliable, for they are the product of constraint, and not conviction.”

<sup>56</sup> “Nazism’s claim that war is a fundamental human need was shown by Malinowski to be false.”

<sup>57</sup> Conforme Stone (2003, p. 206-207): “ Em seu estudo das sociedades primitivas, Malinowski afirmou, o que levou à conclusão de que a guerra não é determinada biologicamente, e que a violência era anormal, sinalizando ‘um colapso da personalidade ou da cultura’. Não havia nenhum impulso agressivo embutido que levasse os seres humanos a se engajarem em lutas em larga escala; ao contrário, eles ‘se organizam para lutar, porque, através da tradição tribal, através dos ensinamentos de um sistema religioso, ou de um patriotismo agressivo, eles foram doutrinados com certos valores culturais que, estão então, preparados para defender, e com certos ódios coletivos sobre os quais eles estão prontos para atacar e matar’. No caso do nazismo, especialmente, a guerra não representou o funcionamento dos impulsos primordiais do povo alemão, mas a perversão da cultura alemã: ‘A Alemanha nazista desenvolveu um sistema de valores que poderia, através da técnica da propaganda moderna e sob a sanção de uma polícia perfeitamente organizada, se tornar a doutrina de toda a nação’. ‘Embora isto parecesse irresistível, Malinowski admitiu que os sucessos iniciais da *Blitzkrieg* dos nazistas o fizeram presa do sentimento’ de que, afinal, o totalitarismo ‘é um regime melhor e maior’ do que as ‘demo-plutocracias decadentes’ - ele insistiu que ‘se a pugnacidade não é um fator inerente da natureza humana, mas algo artificialmente fabricado, ela pode ser evitada e promovida’.”

Malinowski havia levado, junto ao seu material de campo, algumas obras do escritor (MALINOWSKI, [1967] 1997). Além disso, ele manteve contato com uma prima de Conrad com quem trocou cartas enquanto estava em Londres. Em alguns trechos do diário pessoal, podemos perceber que a literatura era considerada algo vital na vida de Malinowski. Apesar das reclamações do etnógrafo sobre como a literatura tirava a sua concentração, os livros eram sua principal companhia nos dias entediados de Trobriand.

Princípios morais: eu nunca devo me permitir perceber o fato de que outras mulheres têm corpos, que elas copulam. Também resolvo evitar a lei do menor esforço na questão dos romances. Estou muito satisfeito por não ter caído outra vez no hábito de fumar. Agora devo cumprir o mesmo com respeito à literatura. Posso ler poemas e coisas sérias, mas devo evitar a qualquer preço os romances de má qualidade. E *devo* ler obras etnográficas. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 270-271)

Malinowski apreciava as histórias de autores, como as irmãs Brontë, o polonês Conrad, o inglês Joseph Kipling (1865-1936) e a autora, da obra clássica *Orgulho e Preconceito* (1813), Jane Austen (1775-1817). Com esse arsenal da literatura do século XIX e início do século XX, o antropólogo conseguia aliviar a tensão do trabalho de campo. No entanto, ele chega a referir-se a essas literaturas como “romances de má qualidade”, certamente, por causa do gênero literário de romance e ficção que considerava, em certa medida, inúteis para a análise etnográfica.

O lado pragmático do antropólogo ficava dividido entre ler conteúdos estritamente científicos e literatura. Mas, de acordo com Thompson (1995, p. 61), o autor de *Argonautas* conquistou um público de leitores ao conectar a narrativa do texto etnográfico com o estilo dos escritores de ficção e viagens de aventura do século XVII, na Inglaterra. Os ingleses que estavam passando pela guerra consideravam a obra como um romance sobre os Mares do Sul. Além disso, a estrutura do texto estava carregada das características que os autores costumavam usar, a saber: um homem branco e ocidental que, convivendo entre os nativos “selvagens”, presenciou momentos de dificuldades e perigos, contudo, conseguiu sobreviver a essa aventura. Essas características nos remetem à introdução e ao capítulo I da obra *Argonautas*.

A publicação do diário reforçou dois estereótipos construídos a partir da figura do polonês: a imagem de um aventureiro clássico e a de um escritor com um poder de escrita envolvente. Desse modo, o diário pode ser interpretado como um esboço do que o etnógrafo pretendia escrever no texto. Conforme Thompson (1995, p. 61), isso se torna ainda mais interessante, uma vez que “os diários contam o que ele estava fazendo e pensando enquanto ele criava suas identidades literárias e antropológicas”<sup>58</sup>. Ainda, os romances também contribuíram para a construção da sua identidade. Além dos autores que citamos acima, Thompson (1995, p. 67) lista outros literários que consideramos relevantes ressaltar, a saber: Thackeray, Hardy, Diderot, Dotoyevsky, Shakespeare, Maupassant, Cooper, Dumas, Chateaubriand e romances populares. As literaturas clássicas da Inglaterra também fizeram parte do seu repertório, como os escritores Rider Haggard, Rudyard Kipling, Robert Louis Stevenson e, principalmente, Joseph Conrad que era polonês, mas migrou-se para Londres.

Esses livros considerados de segunda categoria povoavam o imaginário dos jovens ingleses e imigrantes com as histórias de aventuras, despertavam a sede pelo exótico e, sobretudo, pelo que era considerado diferente e bizarro. De certa forma, podemos considerar que o estilo de escrita inglesa, inspirado nas aventuras marítimas, foi também um dos responsáveis por dar vida à narrativa de *Argonautas*?

Conforme Thompson (1995, p. 67), esses livros “[...] deu a Malinowski um modelo para seu próprio comportamento”<sup>59</sup>. Por isso, consideramos que a narrativa de *Argonautas* foi inspirada nesse modelo literário inglês, uma vez que a narrativa de Malinowski coaduna com a dos escritores ingleses, como Conrad, de criar uma imagem do homem branco sozinho vivendo uma aventura em terras desconhecidas. A célebre frase do antropólogo, comparando Rivers com o escritor Haggard e ele sendo o Conrad da antropologia, pode ser encontrada em diversos textos de história da antropologia.

---

<sup>58</sup> “the diaries tell what he was doing and thinking about while he was concocting his literary and anthropological identities.”

<sup>59</sup> “[...] gave Malinowski a model for his own behaviour.”

A conexão imediata de Malinowski com Conrad poderia estar relacionada ao fato de que os dois eram cidadãos poloneses (isto é, cresceram educados dentro de um mesmo sistema cultural)?

Conrad, nascido na Polônia, conseguiu cidadania inglesa, o que possibilitou que ele aderisse ao estilo de vida dos vitorianos. Apesar disso, o escritor expressava na história de seus personagens o ceticismo que tinha em relação aos empreendimentos coloniais, diferente de Kipling e Haggard. E esse sentimento estava ligado à aversão da dominação russa no território da Polônia. No entanto, ele compartilhava, também, como Malinowski, da visão aristocrática sobre o mundo. Para eles, o império britânico tinha uma lógica implacável (THOMPSON, 1995, p 72). Essa lógica de alcances territoriais do império britânico foi incorporada pelos escritores que citamos acima, e, principalmente, Conrad que retratava, muitas vezes, o europeu solitário seduzido pela escuridão de alguns territórios geográficos que combinava com o que guardava dentro de si (THOMPSON, 1995, p. 74). A história de um homem se isolar sozinho em outra cultura e viver diversas alteridades, como vimos, foi o que seduziu Malinowski a apreciar os textos de Conrad e, ainda, construir uma narrativa semelhante no livro *Argonautas*. Por isso, em nossa perspectiva, a nacionalidade polonesa não foi a única conexão entre os dois, mas, também, o fato deles compartilharem de alguns ideais.

Após essa exposição, notamos que a narrativa literária foi uma forte aliada do etnógrafo no processo de elaboração final do texto de Trobriand.

Nesse sentido, ao unir a literatura e os materiais da observação participante, Malinowski, de certa forma, criou uma nova maneira de escrever sobre fatos antropológicos?

Para refletirmos sobre essa questão, as discussões de Giuseppe Tateo, no texto *Viktor Shklovsky, Bronislaw Malinowski, and a the invention of a narrative device: implications for a history of ethnographic* (2020), foi necessária para nos orientar a chegar a uma possível resposta. De acordo com Tateo (2020, p. 815), Malinowski tinha a ambição de transformar os estudos de literatura e antropologia social em empreendimentos científicos. O pesquisador seria, na visão de Malinowski, um profissional em busca de leis que regulam, respectivamente, a produção literária e a interação social. E para explicar essa

revolução malinowskiana na antropologia social, Tateo (2020) recorre ao formalismo russo que inspirou Witkiewicz e, conseqüentemente, Malinowski.

O formalismo russo, que assegurava os estudos literários no final do século XIX e início do século XX, estava mais preocupado com o conteúdo e a ideia do autor, ao invés dos mecanismos que a organizavam. Por isso, os formalistas tendiam a estudar mais a forma do que o conteúdo. Esse princípio orientou a vanguarda formista na Polônia e que Stanislaw Witkiewicz (1885-1939), artista e amigo de Malinowski, foi um dos membros fundadores. O artista tinha o objetivo de estabelecer uma teoria científica da arte e que flertava com a ideia de *Art as device* (a arte como dispositivo). Por causa disso, Tateo (2020) considera que Witkiewicz foi “o elo perdido” entre a mudança ocasionada pela chegada da vanguarda modernista e a revolução malinowskiana na antropologia. No entanto, o que encontramos nos textos sobre Malinowski é a influência do etnógrafo sobre o amigo.

A novidade no trabalho etnográfico do polonês estava em “eivar o método a uma teoria” (STRATHERN, 1990, p. 96 apud. TATEO, 2020, p. 816). Portanto, conforme Tateo, a revolução malinowskiana aconteceu por causa do tipo de texto que *Argonautas* representa: uma “monografia baseada em trabalho de campo em que o autor não está sujeito aos dados etnográficos de outra pessoa, mas usa seus próprios dados para construir uma narrativa complexa” (TATEO, 2020, p. 816). Assim, como resposta à pergunta que fizemos (Malinowski, de certa forma, criou uma nova maneira de escrever sobre fatos antropológicos?), Malinowski, evidentemente, diante da influência do amigo e da literatura, foi o primeiro antropólogo moderno a criar um novo dispositivo específico que se preocupava com o impacto do escritor na imaginação do leitor.

A amizade entre Witkiewicz e Malinowski marcou o etnógrafo, com isso, podemos encontrar algumas menções sobre o artista no diário pessoal. O trabalho designado para o antropólogo de ir para a Papua Nova Guiné, em um primeiro momento, seria realizado na companhia do seu amigo Stanislaw ou “Stá”, como Malinowski o referia. O objetivo era que Witkiewicz contribuísse com a pesquisa capturando fotos dos nativos, haja vista que ele tinha habilidades técnicas na fotografia. Contudo, o advento da guerra interrompeu a jornada da dupla assim que atracaram do navio, na Austrália. O pintor sentiu a

necessidade de lutar na guerra ao lado dos poloneses e, por isso, retornou para a cidade natal. Essa decisão mudou o curso da amizade de ambos, pois Malinowski havia ficado decepcionado com a decisão do amigo. Algumas passagens do diário retratam os sentimentos do etnógrafo e o quanto a relação era intensa e conturbada. (MALINOWSKI, [1967] 1997).

Witkiewicz e Malinowski se conheceram, pela primeira vez, em Zakopane, no sul da Cracóvia, quando foram passar as férias. O início dessa amizade foi marcado por discussões sobre filosofia, arte, política e sobre a vida boêmia dos jovens poloneses. A Polônia, na juventude de Malinowski, não existia oficialmente. O território havia se dividido entre a Rússia, a Prússia e a Áustria em 1794. Apenas em 1846, em busca da independência, a República de Cracóvia foi incorporada ao Reino da Galícia e Lodoméria pela Áustria. Por causa disso, Conforme Stocking (1992, p. 11-12), “a Polônia havia se tornado um ‘produto da imaginação’”.

Witkiewicz foi um jovem prodígio que começou a pintar aos seis anos de idade, escreveu a primeira peça aos oito anos e o primeiro ensaio filosófico aos dezessete anos. O pai, um arquiteto eminente da Polônia, e tutores privados foram responsáveis por sua educação. No romance autobiográfico que escreveu, *Downfalls of Bungo* (1972), Witkiewicz retrata a amizade intensa que viveu ao lado do antropólogo por meio de alguns personagens. (SKALNÍK, 1995). A narrativa discorre sobre a vida de três pessoas, sendo elas: Bungo (Witkiewicz), Edgar, Duque de Nevermore (Malinowski), e Barão Brummel (Chwistek), ou seja, referência ao seu círculo de amizades. A história transcorre sobre a paixão de Bungo por uma mulher. No entanto, o dramaturgo faz alusão a um amor homossexual entre Edgar, Duque de Nevermore, e Bungo.

A escolha para o personagem de Malinowski nos lembra a figura de outro escritor, do final do século XIX, Edgar Allan Poe (1809-1849). O lado sombrio, frio e distante do homem seduziu a persona de Bungo e, por causa disso, alguns desarranjos inquietantes ocorreram entre os dois. É evidente que Witkiewicz, a todo instante, descrevia a relação que manteve com Malinowski. Os dois permaneceram próximos e compartilhando a vida de 1900 a 1914, completando quinze anos de amizade, e, ainda, seguiram juntos para a mesma universidade, entretanto, com objetivos diferentes. (SKALNÍK, 1995). A

separação dessa amizade veio com o advento da guerra e as carreiras distintas que ambos, Malinowski e Witkiewicz, seguiram. Ademais, podemos dizer que a personalidade intensa de Malinowski corroborou, também, para a diminuição do contato entre eles. Mas podemos perceber, pelas descrições do diário, que essa amizade foi simbólica tanto para o antropólogo, quanto para o artista.

Logo, abaixo, temos uma pintura, dedicada ao etnógrafo pelo amigo, e alguns relatos do diário.

Figura 15: Retrato de Malinowski feito pelo artista Stanislaw Witkiewicz



Fonte: <https://commons.wikimedia.org>



Em uma das cartas que Witkiewicz encaminhou para Malinowski, o antropólogo repensou a relação dos dois e martirizou-se sobre o valor, de fato, de uma amizade. O sentimento de ser incompreendido demonstrava que Witkiewicz havia abraçado o seu lado insensível e inflexível ao lidar com o etnógrafo, o que desagradou Malinowski e, por causa disso, o fez direcionar a responsabilidade daquele sentimento de antipatia e afastamento para o pintor.

Nos trechos que remetem ao amigo, podemos notar que Malinowski guardava rancores do pintor. O motivo foi porque o artista escolheu lutar na guerra, em vez de continuar na Austrália ao seu lado. Nota-se, também, que o etnógrafo era exigente, de um modo geral, com todas as pessoas próximas. Portanto, Firth ([1967] 1997), Hilda Kuper (1984) e Gross (1986), ex-alunos do etnógrafo, chegaram a relatar sobre o quanto Malinowski prezava pela lealdade dos alunos e amigos. O etnógrafo tratava bem os alunos, mas, quando um deles decepcionava o pesquisador, ele costumava guardar rancores.

Assim, pensando nessas relações e no contexto que o antropólogo cresceu, podemos afirmar que a lealdade que o etnógrafo esperava das pessoas próximas estava associada ao senso de comunidade dos poloneses?

Como vimos antes, a Polônia, por muito tempo, existia apenas na imaginação da população. E, para manter a cultura deles “viva”, os cidadãos poloneses precisavam ser leais a sua origem. Por causa disso, em nossa perspectiva, isso acabou refletindo na maneira como eles passaram a construir relacionamentos futuros. Contudo, estamos apenas especulando, pois, após o contato com as fontes sobre a vida de Malinowski na Polônia, não encontramos documentos que confirmem esse questionamento.

A citação, abaixo, descreve os sentimentos que Malinowski preservava do amigo de Zakopane.

29.10. (Escrito no dia 30 à tarde.) Levantei-me antes das 8 da manhã e escrevi no diário. Estava ocupado escrevendo quando S. me trouxe a correspondência. Cartas de N. (5) e várias da Austrália. Cartas encantadoras, carinhosas, dos Mayo e {Le sonos} me deixaram realmente feliz. Também uma carta extremamente agradável da sra. Golding. A carta de Stá me aborreceu profundamente. Ao mesmo tempo me censurei por não ter procedido de uma maneira absolutamente irrepreensível, e senti profundo ressentimento e ódio pelo comportamento dele em relação a mim. Meu sentimento por ele foi quase totalmente arruinado pela sua carta. Quase não vejo a possibilidade de reconciliação. Também sei que, por mais faltas que eu tenha cometido, ele foi muito desumano para comigo; durante todo o tempo teve atitudes e ares de uma grandeza paranoica e moralizando em tons de sabedoria profunda, madura e objetiva. Não

houve um só resquício de amizade na conduta dele para comigo.- não, objetivamente, na balança do certo e do errado, o prato dele pesa mais... estou horrivelmente deprimido e desanimado pela derrocada de minha mais essencial amizade. A primeira reação de me considerar responsável por tudo predomina, e me sinto *capitis diminutio* - um homem inútil, de valor reduzido. Um amigo não é só uma quantidade adicionada, é um fator, multiplica nosso valor individual. Infelizmente, a responsabilidade do rompimento está, antes de mais nada, no orgulho inflexível dele, na sua falta de consideração, na sua incapacidade de perdoar os outros por qualquer coisa, embora ele consiga se perdoar um bocado. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 65)

Conforme os dias foram passando entre os trobriandeses, Malinowski ficava remoendo o sentimento de insatisfação com o amigo. E, por causa disso, o etnógrafo considerou relevante separar o lado profissional e pessoal da figura de Witkiewicz. Assim, uma barreira começa a ser erguida entre os dois, embora houvesse momentos de saudades e pensamentos que fizeram Malinowski se confortar nas lembranças da juventude ao lado do amigo e a compadecer-se com a situação do pintor na guerra.

Desembarquei alquebrado; não me deitei de imediato, tomei o café da manhã e dei uma olhada nos jornais com ilustrações sobre a guerra. Procurei alguma notícia da Polônia - nada. Muito cansado. Logo, após o jantar, fui para a cama. Dormi das 2 às 5. Não me senti bem depois. Sentei-me à beira-mar- não tive acesso de melancolia. O problema de Stá me atormenta. Na verdade, a atitude dele para comigo foi inconcebível. Não houve nada de errado no que eu disse na presença de Lodge; ele estava errado em me corrigir. Suas queixas são injustificadas, e a forma pela qual ele se expressa impede qualquer possibilidade de reconciliação. *Finis amicitiae*. Zakopane sem Stás! Nietzsche rompendo com Wagner. Respeito a arte dele e admiro-lhe a inteligência, louvo-lhe a individualidade, mas não suporto o modo de ser dele. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 69)

A conexão afetiva que Malinowski estabeleceu com Witkiewicz, em certa medida, interferiu no trabalho do artista e, conseqüentemente, as repreensões de Stá permitiram que o etnógrafo repensasse suas ações e a maneira de lidar com as pessoas. Dessa maneira, podemos supor que o brilhantismo de Malinowski pode ser apreciado por meio das telas feitas pelo pintor e da sua autobiografia que representam essa relação íntima. Assim, as impressões sobre a figura de Malinowski podem ser apreciadas na antropologia, mas, de uma maneira indireta, também na arte, ou seja, ultrapassando as fronteiras do conhecimento mais uma vez. No entanto, é de suma importância ressaltar que

esse vínculo começou antes da imersão do etnógrafo em Trobriand, e as discussões podem ter influenciado no humor do pesquisador, na sua maneira de relacionar com as pessoas e, principalmente, no trabalho de Malinowski.

Esses relatos que apresentamos remetem a algumas figuras que participavam, de certa forma, da comunidade intelectual e científica do polonês. Além do contexto europeu, Malinowski tornou-se popular também entre os trobriandeses e, após anos de sua visita, as características do seu trabalho estão, ainda, expressas como uma homenagem na vida da comunidade. Desse modo, consideramos relevantes apresentar, brevemente, como os nativos estavam antes da chegada do antropólogo, e a atual (2017) situação deles após a intervenção do etnógrafo. De acordo com Gontijo:

No final do século XVIII, já no contexto de “invenção” da modernidade (ou da expansão do colonialismo, do eurocentrismo e do globocentrismo – Dussel, 2005), o navegante francês Antoine Bruni d’Entrecasteaux, de passagem pela região em expedição à Austrália, nomeou o conjunto de ilhas em homenagem a um de seus tenentes, Denis de Trobriand. Ao longo do século XIX, diversos mercadores de pérolas e caçadores de baleias passaram pela região, sem se estabelecer. Na última década do século, missionários metodistas wesleyanos se tornariam os primeiros elementos alógenos a se instalar em Kiriwina, seguidos no início do século XX por agentes da administração australiana e alguns poucos comerciantes que formariam uma pequena colônia e um núcleo urbano, Losuia. A partir daí, foram instalados postos de atendimento de saúde, uma primeira escola primária sob a responsabilidade da Missão Católica do Sagrado Coração, alguns negócios, construída uma pista de pouso que muito serviu durante as Guerras e mais tarde, outras escolas, inclusive uma secundária, principalmente após a independência de Papua Nova Guiné (Campbell, 1984). (GONTIJO, 2017, p. 267)

O antropólogo, em 1914, esperava encontrar, nas ilhas Trobriand, um território cheio de incógnitas a serem exploradas. Contudo, ao chegar em Port Moresby, os nativos estavam vivendo 40 anos de exploração colonial e 30 anos do governo colonial que visitavam as terras locais e realizavam intervenções culturais. Após os 30 anos de intervenção colonial, a Papua contava com uma parte do território inexplorado e a outra parte, uma parcela pequena, reconhecida pelo governo. Além disso, a Nova Guiné era maior que a Grã-Bretanha e consistia de uma floresta densa por todo a área, por isso, a dificuldade de fazer um mapeamento. A migração australiana estava em grande número de pessoas que colaboravam na exploração e comercialização

de obra-prima dos lugares que os ingleses tinham acesso. (YOUNG, 1984, p. 3-5).

Os primeiros exploradores foram os missionários e mineiros que fizeram registros incompletos das descobertas. Antes da chegada dos antropólogos e de cientistas de outras áreas, a exploração era realizada por oficiais do governo. Apesar da falta de rigor acadêmico, os materiais coletados, mesmo que superficiais, colaboravam para o conhecimento etnológico. Sendo assim, naquele período, havia quatorze artigos publicados sobre etnologia e, dentre esses, nove foram escritos por missionários. A divulgação do material aconteceu por meio do *Journal of the [Royal] Anthropological Institute* entre 1877-1913. Ainda, o sistema *Kula* estudado por Malinowski teria surgido há quinhentos anos (GONTIJO, 2017, p. 267). Então, na virada do século XIX para o século XX, existia um amplo conhecimento etnológico produzido por missionários, oficiais do governo e outros tipos de exploradores. (YOUNG, 1984).

As impressões de Malinowski sobre os exploradores coloniais, que não tinham um treinamento rigoroso estritamente científico, foram de completo desagrado e permeado por relações conflituosas. No relato do diário pessoal, ele chega a referir-se a esses “pseudo pesquisadores” como prejudiciais aos nativos.

As confidências entre Saville e Armit me pertubam, bem como a perseguição de pessoas que não veem com bons olhos a missão. Mentalmente reúno argumentos contra as missões e idealizo uma campanha antimissões realmente eficaz. Os argumentos: estas pessoas destroem a alegria de viver dos nativos; destroem sua *raison d'être* psicológica. E o que eles ganham em troca está completamente fora do alcance dos selvagens. Lutam coerente e implacavelmente contra tudo que seja antigo e criam novas necessidades, tanto materiais quanto morais. Simplesmente são prejudiciais. (MALINOWSKI, [1967] 1997, p. 76-77)

O artigo do antropólogo brasileiro Fabiano Gontijo (2017) sobre sua breve visita às ilhas Trobriand está carregado de novidades atuais acerca dos nativos. O objetivo do pesquisador foi realizar uma viagem turística no local que alguns antropólogos eminentes fizeram trabalho de campo. No entanto, a viagem a turismo foi ressignificada quando o investigador percebeu que o seu olhar de turista foi, várias vezes, permeado pelo seu olhar treinado de

antropólogo pesquisador. Assim, ele elabora uma breve apresentação de como esses nativos se encontram após cem anos da presença de Malinowski.

O arquipélago de Trobriand, conforme os dados de Gontijo (2017), é composto por vinte e duas ilhas coralíneas entre o Mar de Coral e o Mar de Salomão, no Oceano Pacífico. E com outros arquipélagos (d'Entrecasteaux, Louisade e Marshall Bennett) forma o território chamado Massim, que pode ser localizado na obra *Argonautas* e em outras literaturas da antropologia. Nos anos 2000, a população nativa estava em torno de trinta mil pessoas que viviam em mais de sessenta aldeias e vilas. Atualmente, conforme informantes locais, chega a ser cerca de quarenta mil habitantes em Trobriand e, principalmente, Kiriwina (GONTIJO, 2017, p. 266). Além disso, Kilivila é o idioma mais falado pelos nativos, apesar das quinhentas línguas que integram o grupo austronésio.

Por causa do turismo local, a região de Port Moresby conta com uma linha aérea própria chamada Airlines PNG (Papua Nova Guiné) que realiza voos para outras áreas próximas, como Kiriwina. O antropólogo pôde presenciar alguns acontecimentos semelhantes às descrições de Malinowski há cem anos. No entanto, a diferença entre os trobriandeses do passado e os do presente estava na consciência da presença do antropólogo e, também, no interesse deles de contarem a própria história. Os relatos de Gontijo (2017) demonstram que os nativos começaram a contar sua própria história por meio de instituições museológicas, produções científicas e conversas descontraídas com os turistas. Ademais, os próprios cidadãos se disponibilizavam, na presença de um estrangeiro e principalmente antropólogo, a contar sobre as mudanças locais e aspectos da cultura. (GONTIJO, 2017).

Com algumas poucas horas de diferença, eu estava presenciando uma série de atividades preparatórias de rituais, como a coleta de pandanus pelas mulheres, a oferenda de inhame ao chefe e, agora, os preparativos masculinos de um funeral feminino – e isso tudo, 99 anos depois da presença de Malinowski, aparentemente tal qual ele mesmo havia observado. Era a realidade atual das Ilhas Trobriand se impondo a mim, não mais os textos dos antropólogos tornados “clássicos”. Era isso o que eu sentia quando atravessava uma aldeia, quando era perseguido por crianças sorridentes pela estrada, quando via os “jardins” e as pessoas neles trabalhando, homens e mulheres colhendo inhames, taros e bananas ou quando cheguei à aldeia do “paramount chief”. Antes de partir de Kaibola em direção à aldeia de Omarakana, onde reside o grande chefe, Tokula propôs uma parada em Losuia para a compra dos presentes que íamos levar: noz de

areca e produtos (semi) industrializados, tais como óleo de cozinha, arroz, fósforo, doce enlatado, atum enlatado e cigarros. (GONTIJO, 2017, p. 290-291)

Alguns dos rituais descritos por Malinowski em relação ao chefe local ainda permanecem intactos, como a oferta de presentes. Contudo, um taxista nativo, e informante do antropólogo brasileiro, que frequentava uma igreja evangélica, mencionou que o chefe não tinha o mesmo poder espiritual do passado e que o taxista considerava a própria cultura atrasada. A população se encontra, atualmente, dividida entre a modernidade e a preservação das tradições. Mas, apesar disso, conforme Gontijo (2017, p. 298-299), o informante taxista considera a presença dos antropólogos como algo positivo que pode colaborar para o progresso da cultura local, a partir do momento que leva os nativos a refletirem sobre o seu lugar no mundo<sup>60</sup>.

Malinowski, ao escrever sobre a cultura de Trobriand, promoveu a popularidade da região e, conseqüentemente, aumentou a demanda para o turismo. Além disso, a região continuava interessante para os antropólogos devido ao turismo e trabalho de campo. Assim, os trobriandeses ganharam uma visibilidade global por meio das discussões do etnógrafo e da publicação de *Argonautas*.

Concordamos com Gontijo sobre a seguinte reflexão:

Mas, para que é que as pessoas precisavam saber da existência dessas ilhas? Ora, para adquirir a consciência de que as sociedades organizam e dão sentido a sua existência de maneira diversificada pelo mundo afora e que todas essas maneiras tornam os seres humanos, humanos: os humanos se organizam e significam suas ações e o mundo a sua volta. Logo, as pessoas, embora tão diferentes em suas culturas, são todas iguais em sua humanidade. Malinowski poderia não ter escrito sobre o kula e seus sujeitos, os nativos das Ilhas Trobriand, mas qualquer que fosse a sociedade escolhida por ele, os resultados e a problemática *in fine* seriam sempre os mesmos: do particular ao universal. (GONTIJO, 2017, p. 293)

A experiência etnográfica de Malinowski permitiu que ele colocasse em prática os ensinamentos teóricos da antropologia; ressignificasse o modelo

---

<sup>60</sup> De acordo com Gontijo (2017, p. 298): “Depois, falou de Malinowski, de Weiner e de Tonunga. Para ele, os antropólogos ensinaram e ainda ensinam muita coisa aos trobriandeses, em particular coisas sobre seus próprios hábitos e costumes passados, fazendo com que os ilhéus reflitam sobre suas práticas cotidianas atuais e a necessidade de preservá-las.”

científico de coletar dados e informações sobre outros povos; ele, ainda, repensou sobre o seu lugar no mundo; começou a refletir sobre assuntos transversais, como: política, filosofia, monogamia, casamento; ficou de frente com a solidão e precisou lidar com o lado sombrio de estar sozinho em uma cultura diferente; e, também, expôs, sobretudo, o lado humano e vulnerável do pesquisador.

Essas questões foram possíveis de serem estudadas ao analisarmos a vida particular, profissional e o contexto histórico do investigador. Todas as questões estão, de certa forma, conectadas a um aspecto da vida do polonês e, por isso, não podemos considerar somente, conforme Roldán (2003), o processo de transformação do pesquisador no campo. Por fim, destacamos, no decorrer do texto, as influências de Malinowski que reforçam o nosso argumento de que, para compreender essa mudança significativa no método etnográfico, é preciso investigar o autor, o contexto e a obra.

## **5 Considerações finais**

No capítulo III, ressaltamos as influências de Malinowski e como a observação participante e suas contribuições podem ser estudadas na atualidade. A história de uma disciplina, principalmente contada por meio de seus atores, não é linear e cheia de rompimentos, mas, sim, espiralada. Na verdade, trata-se de uma relação contínua de transformações e ressignificações que são adaptadas para atender as necessidades do presente. Sendo assim, ao discorrermos sobre a jornada de Malinowski na antropologia, estamos, de certa forma, revisitando o passado da disciplina e colocando em destaque métodos e teorias que podem nos auxiliar a refletir sobre questões atuais, mas que, de certa forma, fizeram sentido naquele momento.

Nossa jornada, nesta pesquisa, foi apresentar a antropologia como colaboradora da produção científica do século XX, e, como qualquer ciência, ela continua ressignificando, constantemente, seu campo de pensamento. Atualmente, temos a consciência de que a observação participante, como vimos anteriormente, pode ser aplicado no território do próprio pesquisador. Por isso, hoje, de acordo com Geertz (1973), somos todos nativos. Assim, a perspectiva de Malinowski, de conviver e ter uma relação intersubjetiva com o

objeto de pesquisa, possibilitou que enxergássemos outras culturas com suas complexidades, mas, também, o pesquisador refletindo sobre a própria cultura.



## Conclusão

Nesta dissertação, a estrutura do texto contemplou três capítulos sobre a trajetória pessoal e profissional de Malinowski. O objetivo desses capítulos foi contextualizar o cenário em que o nosso personagem principal estava inserido; apresentar quais foram os intelectuais europeus que influenciaram o seu trabalho; salientar pontos relevantes da sua obra *Argonautas*; e discorrer sobre o impacto da etnografia malinowskiana na atualidade. Refletir sobre essas questões, possibilitou-nos a entender as dualidades na personalidade e estilo de vida do etnógrafo, e, além disso, a reconhecer que o trabalho de Malinowski teve uma contribuição ímpar para o desenvolvimento da antropologia enquanto ciência.

No capítulo I, em busca de compreender o trabalho de Malinowski, priorizamos a contextualização da Inglaterra vitoriana do final do século XIX e início do século XX, da antropologia social britânica e dos intelectuais que influenciaram o etnógrafo.

A Inglaterra foi considerada, por outros países, como o berço da civilização, devido ao progresso nas estruturas socioculturais e políticas do país que, comparado aos outros países da Europa, era expressivo. No entanto, ocorreram algumas mudanças, com o advento do progresso, que transformaram a ciência e impactaram no estilo de vida dos britânicos. A Revolução Industrial, o avanço das tecnologias, o surgimento de grandes comércios, as migrações do campo para a cidade e uma economia mais urbana foram o que contribuiu para o avanço do país, e, ao mesmo tempo, para o surgimento de novos problemas. Apesar das dificuldades e desafios do novo século, os vitorianos representavam, para outras sociedades, o modelo ideal para alcançar a modernização e o desenvolvimento.

O crescimento da população favoreceu os estudos científicos que se preocupavam com o estudo do homem. Ao abordar a sociedade, as ciências naturais já não dominavam mais os campos de estudos da comunidade científica. Nesse período da modernidade, diante do crescimento urbano desenfreado e das expansões territoriais, as ciências humanas passaram a ter destaque ao lado dos naturalistas. Essa ascensão acadêmica aconteceu por causa do interesse do Estado nos estudos sobre o homem e a sociedade.

Assim, algumas disciplinas, tendo o homem e a sociedade como objeto de estudo, surgiram nesse período, destacam-se: psicologia, demografia, estatística, sociologia e antropologia. No entanto, entre essas disciplinas, vimos que a antropologia ocupou um lugar expressivo ao lado do governo colonial. Com isso, privilegiamos alguns antropólogos desse período, como Haddon, Seligman e Rivers, representantes do difusionismo, para compartilharem brevemente sobre os trabalhos que foram realizados antes da chegada de Malinowski.

Malinowski, como foi apresentado, ressignificou a disciplina no processo de elaboração da sua obra etnográfica *Argonautas*. Além disso, foi o trabalho de campo mais denso registrado até aquele momento. O objetivo do capítulo I foi discutir as tensões da dualidade, na trajetória intelectual do etnógrafo, que corroboraram para a mudança no método etnográfico. E, como previmos, alguns intelectuais austríacos e alemães impactaram no processo de elaboração de um novo método para a disciplina. Além disso, o contexto vitoriano, colonial e social que ele estava inserido também tornou-se um elemento importante para interpretar suas ações dentro da comunidade de antropólogos da antropologia social britânica. E, conseqüentemente, diante das ambigüidades na carreira do polonês, surgiram outros intelectuais que, em algum momento de sua vida, Malinowski leu ou teve contato, como: Durkheim, Mach, Straszewski, Bücher, Seligman, Rivers, Haddon, Westermack. Além dessas figuras, três mulheres ligadas à vida pessoal do antropólogo foram importantes na construção e formação do seu pensamento intelectual, sendo estas: Józefa (mãe), Elsie Masson (primeira esposa) e Valetta (segunda esposa).

A marca registrada do funcionalismo de Malinowski foi a preocupação, em suas pesquisas, com questões do aqui e agora, ou seja, assuntos dentro de uma perspectiva sincrônica. Desse modo, ao decidir omitir as intervenções do governo colonial e compreender apenas os aspectos da cultura que não tinham ligações com as políticas externas, teve seu trabalho criticado por outros antropólogos. Apesar disso, a criação de um novo modelo de trabalho de campo e as reflexões epistemológicas sobre uma teoria da descrição, acerca do material coletado no campo, superaram o paradigma evolucionista, uma vez que a antropologia evolucionista realizava seu trabalho por meio de

documentos, relatórios e a colaboração de terceiros (missionários, oficiais da colônia e viajantes).

Com a chegada de Malinowski ao departamento e a sugestão de uma observação participante imersiva, a antropologia foi revolucionada, apesar de algumas lacunas.

No capítulo II, apresentamos a obra *Argonautas* com o objetivo de elucidar para o leitor os processos de cada etapa do livro percorrido pelo antropólogo Malinowski. Nesse processo de reconhecer as particularidades das descrições do etnógrafo, descobrimos, por meio de Stocking (1992), que o discurso do polonês, de permanecer sozinho entre os nativos, não foi totalmente verdade. A presença de outros “homens brancos” acompanhou o trabalho e a rotina do pesquisador.

Ademais, o capítulo II foi dividido em três momentos que consideramos importantes para fornecer uma ideia geral da obra, sendo estes: (1) a apresentação do método; (2) os aspectos sociais e culturais do sistema *Kula*; (3) a proposta do etnógrafo de transformar a instituição nativa em um conceito acadêmico.

No primeiro momento, Malinowski discute sobre os detalhes de um método que possibilita o sucesso da coleta de dados para os futuros antropólogos. Ele descreveu as estratégias utilizadas por ele na coleta de dados e elencou a elaboração de mapas, planilhas, conhecimento da língua local e um diário de campo, como os recursos primordiais para um etnógrafo conseguir realizar uma observação participante eficiente.

Na segunda parte da obra, o polonês focalizou a atenção nas minuciosidades e particularidades da cultura trobriandesa, como: os rituais místicos, a fabricação de canoas, as trocas comerciais e diversas atividades empreendidas pelos nativos. A característica ímpar das descrições narrativas de Malinowski ganhou peso durante esse momento, e podemos perceber o quanto o etnógrafo se esforçou para recriar o cenário e o espaço geográfico de Trobriand. Por causa dessa construção narrativa, o leitor pode confirmar que a narrativa de Malinowski, como apontou alguns pesquisadores, é, de fato, envolvente a ponto de parecer que estamos diante dos trobriandeses e vivenciando o *Kula*. E essa percepção foi possível por meio de trechos do próprio Malinowski que disponibilizamos no capítulo.

Na última parte, o etnógrafo, afetado pela complexidade da instituição trobriandesa, tentou argumentar com a comunidade científica de antropólogos sobre a possibilidade de tornar o *Kula* um conceito acadêmico. As sugestões de Malinowski, para os pesquisadores estudarem o *Kula* em outras regiões, foram discutidas apenas alguns anos depois, com Edmund Leach, e não chegaram aos resultados previstos pelo etnógrafo. A proposta de manter um capítulo que descrevesse os pontos apresentados por Malinowski foi necessária para introduzir, brevemente, o leitor na construção narrativa envolvente do polonês e para apresentar o seu ponto de vista enquanto etnógrafo.

Vimos que o convívio com os nativos permitiu que Malinowski colocasse em prática os ensinamentos teóricos da antropologia e ressignificasse o modelo científico de coletar dados e informações sobre outros povos. Ainda, por ter ficado muitas vezes sem a companhia de pessoas conhecidas e distante dos prazeres da vida, o polonês repensou sobre o seu lugar no mundo; começou a refletir sobre assuntos transversais, como: política, filosofia, monogamia, casamento; e teve que confrontar a solidão. Essa experiência possibilitou que o lado humano e vulnerável do pesquisador, por meio do diário pessoal, repercutisse na comunidade científica de antropólogos e expusesse a realidade e dificuldade do trabalho de campo.

No capítulo III, ressaltamos o impacto de Malinowski em outras áreas e temáticas de estudo. E também abordamos sobre dois importantes autores, Jaro Stacul e George Marcus, que discutem sobre a aplicação do método de Malinowski nos dias atuais. Nesse processo de manter a visibilidade dos feitos do etnógrafo na disciplina, Stacul (2018) afirmou que é possível realizar a observação participante clássica por meio das técnicas utilizadas pelo antropólogo que ainda contribuem para o reconhecimento do campo. O discurso de Marcus (1995) foi apontar que novas etnografias surgiram, como a etnografia multissituada, a partir da etnografia malinowskiana. Assim, o empreendimento e a dedicação de Malinowski continuam construindo possibilidades e ressignificando a prática da disciplina.

Diante disso, consideramos relevante destacar que foi possível a concretização da proposta desta pesquisa ao analisarmos os diversos pontos do contexto do autor, como: as influências pessoais, as influências intelectuais,

os contextos socioculturais e político da Inglaterra e Polônia (mesmo que brevemente), e o contexto acadêmico.

Portanto, o resultado nos levou às diversas faces do etnógrafo e às contribuições do seu trabalho que influenciaram e continuam influenciando outras disciplinas. Com isso, concluímos que estudar autores clássicos, como Malinowski, inspira-nos a refletir sobre os caminhos que a disciplina está seguindo e sobre as transformações que foram realizadas a partir do seu trabalho. Assim, desejamos que esta pesquisa possa inspirar outros pesquisadores a olharem para o passado histórico de uma disciplina, a partir da perspectiva de um autor, e a escreverem sobre sua história por meio das diversas subjetividades que pensam, transformam e colaboram com o conhecimento científico.

## Referências

### Fontes

MALINOWSKI, Bronislaw K. *Um diário no sentido estrito do termo*. In: FALK, Celina Cavalcante (org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipelágos da Nova Guiné Melanésia*. In: CAR, Anton P.; MENDONÇA, Lígia A.C.; DURHAM, Eunice. **O trabalho da tradução**. São Paulo: Abril Cultural, 1 ed., 1976.

\_\_\_\_\_. *On the principle of the economy of thought*. In: THORNTON, Robert; SKALNÍK, Peter (organizadores). *The early writings of Bronislaw Malinowski*. 1993, p. 89-117.

### Bibliografia

BANNISTER, Robert C. *Sociology*. The Modern Social Sciences- Theodore M. Porter e Dorothy Ross (Organizadores). ed. Cambridge: Cambridge University Press, v.7, 2008, p.329-352.

BARBOSA, Renata Cerqueira. *Algumas considerações sobre a educação clássica na Inglaterra vitoriana*. Londrina: História e Ensino, v. 19, n. 2, jul./dez., 2013, p. 221-240.

BARNARD, Alan. *History and theory in Anthropology*. ed. Cambridge University Press, 2000.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Celso Castro (organizador). ed. Jorge Zahar:Rio de Janeiro. 2.ed., 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A antropologia e a "crise" dos modelos explicativos. In: \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. ed. UNESP: São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Tempo e Tradição: interpretando a Antropologia*. In: Anuário Antropológico,1984, p. 191-203.

CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. José Reginaldo Santos Gonçalves (Organizador). 2 ed. Rio de Janeiro, ed. UFRJ, 2002.

CORDEIRO, Cecília Siqueira. *Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos*. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 27-31 Jul., 2015, p. 1-15.

CUIN, Charles- Henry; GRESLE, François. *História da Sociologia*. ed. Ensaio: São Paulo, 1994, p. 21-117.

DUARTE, Luiz Fernando. *A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente*. RBCS- Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 55, jun., 2004, p.5-19.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *Uma nova visão da Antropologia*. Malinowski, Coleção Grandes Cientistas Sociais- Florestan Fernandes e Eunice Ribeiro Durham (Organizadores). ed. Ática: Rio de Janeiro, 1986, p.8-21.

DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). *Malinowski. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Coordenador Florestan Fernandes. Editora Ática: São Paulo, 1986, p. 7-21.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Tradução de Euclides Luiz Calloni; revisão técnica de Emerson Sena da Silveira. ed. Vozes:Petrópolis, 2007.

FERNANDEZ, Oscar. *Malinowski and the New Humanism*. Revista: History of the Human Sciences, vol. 26, n. 2, 2013, p. 70-87.

FIRTH, Raymond. *Introdução*. Um diário no sentido estrito do termo.In: FALK, Celina Cavalcante (org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FIRTH, Raymond. *Introduction: Malinowski as Scientist and as Man*. In: Man and culture: an evaluation of the work of Bronislaw Malinowski. Raymond Firth (organizador).ed. Routledge & Kegan Paul Limited, 1957,p. 1-14.

FIRTH, Raymond. *The Place of Malinowski in the History of Economic Anthropology*. In: Man and culture: an evaluation of the work of Bronislaw Malinowski. Raymond Firth (organizador).ed. Routledge & Kegan Paul Limited, 1957,p. 209-227.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

GAONA, Héctor Tejera. *Durkheim y los fundamentos teóricos e históricos de la antropología funcionalista*. Boletín de Antropología Americana, n. 10, dez., 1984, p. 69-84. Publicado por: Pan American Institute of Geography and History Stable.

\_\_\_\_\_. *Antropología funcionalista y colonialismo: un análisis de su relación*. Boletín de Antropología Americana, n. 11, jul., 1985, pp. 79-95. Publicado por: Pan American Institute of Geography and History Stable.

\_\_\_\_\_. *Bronislaw Malinowski y la antropología funcionalista*. Boletín de Antropología Americana, n. 14, dez., 1986, p. 115-126. Publicado por: Pan American Institute of Geography and History Stable.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1973.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. ed. Rio de Janeiro: UFRJ. (trabalho de tradução: Vera Ribeiro). 4. ed. 2018.

\_\_\_\_\_. *Under the mosquito net*. The New York Review of Books. New York, set., 1967.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Editora: Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

GONTIJO, Fabiano. *As Ilhas Trobriand, a Antropologia e os Dimdim: algumas considerações sobre etnografia, turismo e reflexividade em "lugares sagrados"*. Rev. Antropologia: São Paulo, vol. 60, n. 1, 2017, p. 263-308.

GROSS, Feliks. *Young Malinowski and his later years*. Comments and reflections- american ethnologist, 1986, p. 556-570.

HARMAN, Oren. *Scientific Biography*. rev. Springer, 2018, p. 1-23.

KUKLICK, Henrika. The British tradition. In. A new history of anthropology. Henrika Kuklick (organizadora), ed. Oxford and Malden, MA: Blackwell, 2008. P. 52–78.

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Coleção: Ciências Sociais. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (trabalho de tradução: A. Cabral), 1978.

KUPER, Adam. *Anthropology*. The Modern Social Sciences- Theodore M. Porter e Dorothy Ross (Organizadores). ed. Cambridge: Cambridge University Press, v.7, 2008, p.354-374.

KUPER, Hilda. *Function, history, biography reflections on fifty years in the british anthropological tradition*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *Functionalism Historicized: essays on british social anthropology*. ed. The University Of Wisconsin Press. v. 2, 1984, p.192-213.

LEACH, Edmund. *The Kula: na alternative view*. In: LEACH, J. W.; LEACH, Edmund. (ed). *The Kula: new perspectives on Massim exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 529-538.

LEACH, Jerry W. *Introduction*. In: LEACH, J. W.; LEACH, Edmund. (ed). *The Kula: new perspectives on Massim exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 1-26.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação*. In: DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). *Malinowski*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coordenador Florestan Fernandes. ed. Ática: Rio de Janeiro, 1986, p.24-48.



MALVEIRO, Ângela de Branco. *Da institucionalização das ciências sociais à perspectiva teórica da política social sobre a violência doméstica e a prática interventiva*. Quaderns d'animació i Educació Social- Revista semestral para animadoras y educadoras sociales, n. 29, p.1-13, jan., 2019.

MARCUS, George E. *Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography*. rev. Anthropology, 1995, p. 95-117.

MORAIS, Flávia Costa. *Literatura vitoriana e educação moralizante*. Campinas: Alínea, 2004.

ORREGO ARISMENDI, Juan Carlos, *Maestro de máscaras: cuatro imágenes de Bronislaw Malinowski en el siglo XX*. In: Boletín de Antropología Universidad de Antioquia, Vol. 22, N.º 39, 2008, p. 335-350.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. *Notes and Queries*, 1849. Portal que abrange a língua inglesa e literatura, lexicografia, história e antiquarianismo acadêmico. Página inicial. Disponível em: <https://journals.scholarsportal.info/browse/00293970>.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. ed. UNESP:São Paulo. 2005, p. 183-230.

PASSETTI, Gabriel. *Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano*. História (São Paulo), v. 35, p. 1-24, 2016.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume- Dumaré, 1995.

PEIRANO, Mariza. *Argonautas, cem anos depois*. rev. Horizonte Antropológico: Porto Alegre, ano 27, n. 61, set./ dez., 2021, p. 379-403.

PIRES, Ramira Maria Siqueira da Silva. *O romance britânico do século XX*. rev. Itinerários, n.8, 1995, p.199-209.

PORTER, Theodore M. *Genres and Objects of Social Inquiry, from the Enlightenment to 1890*. The Modern Social Sciences- Theodore M. Porter e Dorothy Ross (Organizadores). ed. Cambridge: Cambridge University Press, v.7, 2008, p.13-38.

ROLDÁN, Arturo Alvarez. *Malinowski and the origins of the ethnographic method*. Fieldwork and footnotes: studies in the history of European Anthropology- VERMEULEN, Han F.; ROLDÁN, Arturo Alvarez (Org.). ed. Routledge: Londres e Nova Iorque, 2003, p. 143-154.

ROSA, Frederico Delgado; VERMEULEN, Han F. *Conclusion: founders of anthropology and their predecessors*. In: ROSA, Frederico Delgado; VERMEULEN, Han F. (Org.). *Ethnographers before Malinowski: pioneers of Anthropological Fieldwork, 1870–1922*. 2022, p. 449-474.

SALVUCCI, Daniela; TAUBER, Elisabeth; ZINN, Dorothy L. *The Malinowskis in South Tyrol: a relational biography of people, places and works*. BÉROSE-enciclopédia internacional de história da Antropologia, 2019.

SKALNÍK, Peter. *Bronislaw Kasper Malinowski and Stanislaw Ignacy Witkiewicz: science versus art in the conceptualization of culture*. *Fieldwork and Foodnotes: studies in the History of European Anthropology*. VERMEULEN, Han F.; ROLDÁN, Arturo Alvarez (Org.). ed. Routledge: Londres e Nova Iorque, 2003, p. 129-140.

SKINNER, Quentin. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. *History and Theory*, vol. 8, n. 1, 1969, p. 3-53.

STACUL, Jaro. *The end of informality? A few thoughts on Malinowski's legacy and craftsmanship*. *Universidade de Victoria. ANUAC*. 7, n.2, dez., 2018, p. 95-117.

STOCKING, Jr., George W. *Anthropology and the science of the irrational: Malinowski's encounter with Freudian psychoanalysis*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *Malinowski, Rivers, Benedict and Others: essays on culture and personality*. ed. The University of Wisconsin Press, v. 4, 1986, p.13-45.

\_\_\_\_\_. *The Ethnographer's Magic: Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*. ed. The University of Wisconsin Press, 1992, p. 12-59.

\_\_\_\_\_. *Maclay, Kubary, Malinowski archetypes from the dreamtime of anthropology*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*. ed. The University of Wisconsin Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Paradigmatic traditions in the history of anthropology*. In: *Companion to the History of Modern Science*. R. C. Olby, G. N. Cantor, J. R. Christie e M. J. S. Hodge (organizadores). ed. Routledge: Londres e Nova Iorque, 1990, p. 712-727.

\_\_\_\_\_. *Malinowski, Rivers, Benedict and others: essays on culture and personality*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *Malinowski, Rivers, Benedict and Others: essays on culture and personality*. ed. The University of Wisconsin Press, v. 4, 1986, p. 3-50.

STONE, Dan. *Nazism as Modern Magic: Bronislaw Malinowski's Political Anthropology*. *Revista: History and Anthropology*, vol.14, n. 3, 2003, p. 203-218.

STRATHERN, Marilyn. *Out of context: The persuasive fictions of anthropology*. In: *Modernist anthropology: From fieldwork to text*, edited by Marc Manganaro. ed. Princeton University Press: Princeton. 1990, p. 80-130.

TATEO, Giuseppe. Viktor Shklovsky, Bronislaw Malinowski, and the invention of a narrative device: implications for the history of ethnographic theory. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 10, n. 3, 2020, p. 813-827.

TAUBER, Elisabeth; ZINN, Dorothy L. *Back on the verandah and off again: Malinowski in South Tyrol and his ethnographic legacy*. *Anuac*, v.7, n.2, p.9-25, dez., 2018.

THOMPSON, Christina A. Anthropology's Conrad: Malinowski in the tropics and what he read. *The Journal of Pacific History*, vol .30, n. 1, 1995, p. 53-75.

THORNTON, Robert; SKALNÍK, Peter. Introduction Malinowski's reading, writing, 1904-1914. In: In: THORNTON, Robert; SKALNÍK, Peter (organizadores). *The early writings of Bronislaw Malinowski*. 1993, p. 1-67.

WAYNE, Helena. *Bronislaw Malinowski: the influence of various women on his life and works*. *American Ethnologist*, 1985, p.529-540.

YEO, Eileen Janes. *Social Surveys in the Eighteenth and Nineteenth Centuries. The Modern Social Sciences-* Theodore M. Porter e Dorothy Ross (Organizadores). ed. Cambridge: Cambridge University Press, v.7, 2008, p.83-98.

YOUNG, Michael W. *The Intensive Study of a Restricted Area, or, Why did Malinowski go to the Trobriand Islands?*. *Jornal: Oceania*, vol. 55, n. 1, set., 1984.

### **Bibliografia complementar**

CASTANEDA, Luzia Aurelia. *Eugenia e casamento*. rev. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos - Rio de Janeiro*, v. 10, set./dez., 2003, p. 901-930.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Prefácio de Matti Bunzl. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HOBBSAWM, Eric J. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2000.

KABERRY, Phyllis. Malinowski's Contribution to Fieldwork Methods and the Writing of Ethnography. In: *Man and culture: na evaluation of the work of Bronislaw Malinowski*. Raymond Firth (organizador).ed. Routledge e Kegan Paul Limited, 1957,p. 71-91.

KUKLICK, Henrika. *Tribal Exemplars: images of political authority in british anthropology, 1885-1945*. In: STOCKING, Jr., George W (Org.). *Functionalism Historicized: essays on british social anthropology*. ed. The University Of Wisconsin Press. v. 2, 1984, p. 59-82.

MELO, Francisco Dênis; VASCONCELOS, José Brendo Cruz. *A crítica social no romance: o médico e o monstro na era vitoriana*. rev. *Homem, Espaço e Tempo*. v. 13, n. 1, 2019, p.161-176.

MOREIRA, João Paulo Aprígio. *Semântica da História nos clássicos evolucionistas da antropologia – séc. XIX e início do XX*. rev. Teoria da História, ano 1, n. 2, dez., 2009, p. 86-101.

ORTIZ, Renato. *As ciências sociais e a cultura*. rev. Tempo Social de Sociologia. 2002, p. 19-32.

PEREIRA, Roseana Sathler Portes. *O corset como objeto de fetiche na Inglaterra Vitoriana e as crises de valores nas dinâmicas entre classe e gênero*. rev. ModaPalavra, Florianópolis, v. 13, n. 29, jul./set., 2020, p. 14–42.

PINTO, Renato. *Uranismo em Cilurnum? Apanhados e conjecturas de homossexualidades masculinas na Inglaterra vitoriana*. rev. Veredas da História, v. 10, n.1, jul., 2017, p. 119-153.

SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. *Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX*. rev. Diálogos Mediterrânicos, n. 10, 2016, p. 189-215.